





Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em
Estudos de Lazer
EEFTO/UFGM

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ANDRÉ DA SILVA DUTRA

**O *KITESURF* EM BARRA GRANDE, MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA –
PIAUÍ-PI, BRASIL, ENTRE 2000 E 2024: bons ventos para velejar**

BELO HORIZONTE

2025

ANDRÉ DA SILVA DUTRA

**O *KITESURF* EM BARRA GRANDE, MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA –
PIAUÍ-PI, BRASIL, ENTRE 2000 E 2024: bons ventos para velejar**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer. Versão corrigida.

Linha de Pesquisa: Memória e História do Lazer

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Cristina Rosa

BELO HORIZONTE

2025

D978k Dutra, André da Silva
2025 O *kitesurf* em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – Piauí, Brasil, entre 2000 e 2024: bons ventos para velejar. – 2025.
249 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Rosa

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 220-239

1. Lazer - Teses. 2. Esportes aquáticos – Teses. 3. Esportes radicais - Teses. 4. Esporte – História – Teses. 5. Prancha a vela. I. Rosa, Maria Cristina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
ATA DA 113ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
ANDRÉ DA SILVA DUTRA

Às **09:00** horas do dia 31 de janeiro de 2025, reuniu-se de maneira virtual, através da plataforma *Google Meet* a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "O KITESURF EM BARRA GRANDE, MUNICÍPIO DE CAJUEIRO DA PRAIA – PI, BRASIL, ENTRE 2000 A 2024: bons ventos para velejar", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Maria Cristina Rosa, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)	X	
Prof. Dr. André Riani Costa Perinotto (UFDPAR)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)	X	
Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas (UFC)	X	
Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)
Prof. Dr. André Riani Costa Perinotto (UFDPAR)
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias (UFMG)
Prof. Dr. Eustógio Wanderley Correia Dantas (UFC)
Profa. Dra. Flavia da Cruz Santos (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias, Professor do Magistério Superior**, em 07/02/2025, às 12:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 08/02/2025, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **André Riani Costa Perinotto, Usuário Externo**, em 10/02/2025, às 15:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eustógio Wanderley Correia Dantas, Usuário Externo**, em 18/02/2025, às 10:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flávia da Cruz Santos, Professora do Magistério Superior**, em 19/02/2025, às 11:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3922328** e o código CRC **02CAB888**.

Não deixe que as pessoas ao seu redor te definam. Você sabe quem é e do que é capaz. Siga seu destino com confiança e deixe sua marca neste mundo, para melhor.

AGRADECIMENTOS

Esta é mais uma de tantas histórias de famílias brasileiras, especialmente nordestinas. A história de um filho de dois pais simples, oriundos do interior do estado do Piauí. Meu pai, José de Ribamar Dutra do Nascimento, atualmente com 86 anos, nasceu no município de Brejo, onde estudou até a 5ª série do ensino básico e, em Teresina, a capital do estado, trabalhou desde muito cedo na construção de estradas. Minha mãe, com 80 anos, ex-quebradeira de cocos, nasceu no município de União e, com muita dedicação, conseguiu mudar-se para Teresina, onde estudou e se formou em Pedagogia pela UFPI, precisando morar em uma casa de família para alcançar seus objetivos. Eles conheceram-se, constituíram uma família e tiveram três filhos, dos quais eu sou o caçula.

Meus primeiros agradecimentos são para eles, que me deram régua e compasso para desenvolver autonomia e perseverança em minha dedicação aos estudos, além de me inspirarem a ser uma pessoa melhor a cada dia. Sempre estiveram ao meu lado, oferecendo suporte emocional, amor incondicional e compreensão. Sem o apoio e o incentivo de minha família, especialmente de meus pais, certamente, este percurso teria sido muito mais desafiador. A presença deles foi uma fonte constante de força e de motivação durante todo o processo.

Aos meus amigos, que foram verdadeiros companheiros em todos os momentos, tanto nos desafios quanto nas vitórias, meu *muito obrigado*. A amizade de vocês foi uma base fundamental que me deu equilíbrio, consolo e alegria ao longo desta jornada.

À UFMG, que tem sido imprescindível no desenvolvimento de minha pesquisa e na formação acadêmica que hoje compartilho com todos vocês. E ao Instituto Federal do Maranhão (IFMA), onde atuo como professor de Educação Física desde 2008 – especialmente ao IFMA *Campus Timon*. O apoio dessas instituições foi essencial para a concretização deste novo ciclo em minha vida.

Aos grupos de pesquisa dos quais tenho a honra de ser membro. À Rede Integrada dos Professores de Educação Física do IFMA (Rede PROEF), pela troca constante de conhecimentos e pelo incentivo à reflexão e ao desenvolvimento da área da Educação Física em nosso contexto institucional. E ao Caparaó – Grupo de Pesquisa sobre Natureza da UFMG, com quem compartilho investigações interdisciplinares e que tem sido crucial para aprofundar a compreensão sobre as interações entre o ser humano e o meio ambiente, ampliando a dimensão de minha pesquisa. A colaboração com esses grupos tem sido uma

fonte constante de aprendizado e de crescimento, enriquecendo minha jornada acadêmica e profissional.

À Professora Dra. Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira (*in memoriam*), por ter tido a sensibilidade de inspirar-me a investigar o *kitesurf* em Barra Grande, no município de Cajueiro da Praia, litoral do meu amado Piauí, durante o meu mestrado na Universidade Vale do Itajaí (Univali).

Por fim, não posso deixar de expressar meu agradecimento especial à minha orientadora nesta tese, Professora Dra. Maria Cristina Rosa, pela orientação incansável, pela paciência, pela visão crítica e pela dedicação durante todo esse processo. Sua *expertise* e seu apoio constante foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Sou imensamente grato pela confiança depositada em meu trabalho.

*Se todos cantam eu também quero cantar
Quero falar de Barra Grande o meu lugar
É Barra Grande, barra mansa, barra limpa
É Barra Grande, barra linda do amor.*

*(Lucia Maria Cabrinha Costa, 67 anos de idade,
nativa de Barra Grande).*

RESUMO

O *kitesurf* é um esporte aquático em que o praticante usa uma prancha e uma pipa para deslizar sobre a água, realizando manobras como giros e saltos. Embora tenha se tornado popular no Brasil e no mundo, as pesquisas históricas sobre o esporte, especialmente em locais como Barra Grande, no município de Cajueiro da Praia, litoral do Piauí, ainda são escassas. Considerando essa realidade, esta pesquisa tem como objetivo investigar a constituição e o enraizamento do *kitesurf* em Barra Grande, entre 2000 e 2024. Especificamente, almeja-se: compreender quando e como ocorreu a inserção do *kitesurf* no contexto sócio-histórico de Barra Grande; investigar de que maneira o *kitesurf* passou a ser organizado e desenvolvido no povoado, e quais foram os fatores que contribuíram para a sua constituição; identificar e analisar os principais fatores que colaboraram para o processo de enraizamento do *kitesurf* em Barra Grande e a valorização do espaço praiano ao longo das últimas décadas; examinar as implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande, relacionadas aos moradores locais, ao turismo e à natureza; evidenciar como Barra Grande está configurada na atualidade, em face da constituição e enraizamento do *kitesurf* no povoado; explicar como as características naturais de Barra Grande, incluindo a paisagem local e os ventos alísios, contribuem para a prática do *kitesurf* na região. Para tanto, empregaram-se diferentes estratégias metodológicas, a exemplo da revisão integrativa de literatura sobre o *kitesurf*, por meio do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e da base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes; pesquisa de campo, com 20 entrevistas semiestruturadas com moradores locais, empresários do turismo e *kitesurfistas*, além de observação direta em Barra Grande; e pesquisa documental, realizada em *sites* de notícias piauienses. Os resultados evidenciaram que a constituição do *kitesurf* em Barra Grande caracteriza-se pela chegada do esporte e início de consolidação dele, entre 2000 e 2007, período essencial para a formação das primeiras práticas e manifestações do esporte, como também para o surgimento de conflitos relacionados à sua prática. O turismo local começou a ganhar notoriedade devido ao *kitesurf*, cujo enraizamento, entre 2008 e 2024, marcou a popularização e a consolidação do esporte na cultura local, com diversas manifestações apropriadas por turistas e moradores, sob a organização de empresários do turismo, nativos e outros envolvidos. Esse processo levou Barra Grande a firmar-se como um destino turístico reconhecido nacional e internacionalmente pelos praticantes do esporte. Assim, esta pesquisa permitiu compreender como uma pequena vila de pescadores, tradicionalmente ligada à pesca e ao comércio, tornou-se valorizada pelo fluxo de *kitesurfistas* de diversas partes do Brasil e do mundo. Esse processo integrou Barra Grande à valorização dos espaços litorâneos, transformando-a em um destino turístico popular, tendo em vista as práticas de lazer, com ênfase no *kitesurf*, e o aumento contínuo do número de turistas, tanto locais quanto internacionais, interessados nesse esporte.

Palavras-chave: história; *Kitesurf*; Barra Grande; turismo; esporte e lazer.

ABSTRACT

Kitesurfing is a water sport in which the practitioner uses a board and a kite to glide over the water, performing maneuvers such as spins and jumps. Although it has become popular in Brazil and worldwide, historical research on the sport is still scarce, especially in places like Barra Grande, in the municipality of Cajueiro da Praia, on the coast of Piauí. Considering this reality, this research, with a historiographical approach, aims to investigate the constitution and rooting of kitesurfing in Barra Grande, between 2000 and 2024. Specifically, it aims to: understand when and how kitesurfing occurred in the socio-historical context of Barra Grande; investigate how kitesurfing came to be organized and developed in the village, and what were the factors that contributed to its establishment; identify and analyze the main factors that contributed to the process of taking root in kitesurfing in Barra Grande and the appreciation of the beach space over the last few decades; examine the implications of kitesurfing in Barra Grande, related to local residents, tourism and nature; highlight how Barra Grande is currently configured, given the constitution and rooting of kitesurfing in the village; explain how the natural characteristics of Barra Grande, including the local landscape and trade winds, contribute to the practice of kitesurfing in the region. To this end, different methodological strategies were used, such as the integrative review of literature on kitesurfing, through the Periodical Portal of the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (Capes) and the Capes Catalog of Theses and Dissertations database; field research, with 20 semi-structured interviews with local residents, tourism entrepreneurs and kitesurfers, in addition to direct observation in Barra Grande; and documentary research, carried out on Piauí news websites. The results showed that the constitution of kitesurfing in Barra Grande is characterized by the arrival of the sport and the beginning of its consolidation, between 2000 and 2007, an essential period for the formation of the first practices and manifestations of the sport, as well as for the emergence of conflicts related to its practice. Local tourism began to gain notoriety due to kitesurfing, whose taking root, between 2008 and 2024, marked the popularization and consolidation of the sport in local culture, with several demonstrations organized by tourists and residents, under the organization of tourism entrepreneurs, natives and others involved. This process led Barra Grande to establish itself as a tourist destination recognized nationally and internationally for those who practice the sport. Thus, this research allowed us to understand how a small fishing village, traditionally linked to fishing and commerce, became valued by the flow of kitesurfers from different parts of Brazil and the world. This process integrated Barra Grande into the valorization of coastal spaces, transforming it into a popular tourist destination, considering leisure practices, with an emphasis on kitesurfing, and the continuous increase in the number of tourists, both local and international, interested in this sport.

Keywords: history; Kitesurfing; Barra Grande; tourism; sport and leisure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 -	Litoral piauiense, com destaque para a Praia de Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil.....	20
Figura 2 -	Prática de <i>kitesurf</i> na atualidade.....	24
Figura 3 -	Estuários em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – PI.....	50
Figura 4 -	Disposição espacial das barracas de praia na rua da Praia, em Barra Grande – PI.....	58
Figura 5 -	Beira-mar da Praia de Barra Grande – PI, com destaque para as barracas de praia.....	59
Figura 6 -	Práticas de lazer na beira-mar e no mar de Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil.....	62
Figura 7 -	Movimentação de turistas em uma localidade na rua Pontal da Barra, em Barra Grande – PI.....	64
Figura 8 -	Movimentação de turistas e de moradores locais no Farol, em Barra Grande – PI.....	65
Figura 9 -	Núcleos de povoamento em Barra Grande na década de 1980.....	68
Figura 10 -	Teresinha Aragão.....	72
Figura 11 -	Teresinha Aragão na varanda de sua casa, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, na década de 1970, antes de transformá-la em pensão.....	72
Figura 12 -	Praia de Barra Grande na década de 1980 e início dos anos 2000.....	75
Figura 13 -	Acesso a Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, de 1980 ao início dos anos 2000.....	77
Figura 14 -	Hotel Pousada do Muálem, em Barra Grande- PI (2012).....	79
Figura 15 -	Rodovia vicinal que conecta os povoados costeiros do município de Cajueiro da Praia.....	83
Figura 16 -	Ariosto Monte Fontes Ibiapina na Pousada BGK, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil.....	85
Figura 17 -	Casa de veraneio da família Ibiapina, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil, no início dos anos 2000.....	86
Figura 18 -	José Antônio Soares de Almeida em sua residência em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil.....	88

Figura 19 -	Certificação de instrutor de <i>kitesurf</i> emitida pela IKO para José Antônio Soares de Almeida, o Zé do <i>Kite</i> (2002).....	91
Figura 20 -	<i>Kitesurfistas</i> estrangeiros e brasileiros levados por Zé do <i>Kite</i> para hospedagem na <i>kite house</i> , em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil.....	101
Figura 21 -	<i>Kite House</i> , em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia.....	103
Figura 22 -	<i>Kite Escola Paraíso</i> , na rua São José, em Barra Grande – PI (2012).....	107
Figura 23 -	Certificação de instrutor de <i>kitesurf</i> emitida pela IKO para João Bosco Castello Branco, o Bosco (2008).....	108
Figura 24 -	Hélio Cabrinha em entrevista cedida para o documentário <i>Filhos da Terra</i> (2023).....	109
Figura 25 -	Hélio Cabrinha competindo na etapa piauiense do <i>Kite Xtreme Brasil</i> (2007).....	113
Figura 26 -	Hélio Cabrinha após competir na etapa piauiense do <i>Brasil Kite Tour</i> em 2008, na Praia do Coqueiro, em Luís Correia – PI.....	113
Figura 27 -	Regiões turísticas do estado do Piauí.....	118
Figura 28 -	Pontos de referência da estrutura urbana de Barra Grande (2008).....	119
Figura 29 -	Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande (2008-2013).....	122
Figura 30 -	<i>Doctor Kite</i> , na rua Pontal da Barra, em Barra Grande, Cajueiro da Praia – PI	125
Figura 31 -	<i>Go-Fly Kitesurfing School</i> , em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – PI (2012).....	127
Figura 32 -	Indicação do local na Praia de Barra Grande – PI onde os instrutores da <i>Go-Fly Kitesurfing School</i> ensinavam <i>kitesurf</i>	128
Figura 33 -	Instrutores da <i>Go-Fly Kitesurfing School</i> ensinando <i>kitesurf</i> na Praia de Barra Grande (2016).....	129
Figura 34 -	<i>Kite School</i> na Pousada Rota dos Ventos, em Barra Grande – PI, na década de 2000.....	130
Figura 35 -	Locais na Praia de Barra Grande onde as primeiras escolas de ensino de <i>kitesurf</i> funcionam/funcionavam.....	132
Figura 36 -	Alunos do Projeto Vivo (2014).....	138
Figura 37 -	Irmãs Brena e Bruna Veras no pódio do Campeonato Brasileiro de <i>Kitesurf</i> , realizado no município de Luís Correia – PI (2014).....	141

Figura 38 -	Alunos do Projeto Vivo assistindo ao Barra Grande <i>Kiteboarding Grand Slam</i>	142
Figura 39 -	Pódio na etapa maranhense do Brasil <i>Kite Tour</i> (2014).....	143
Figura 40 -	Manoel Soares, o Piçarrinha, na premiação do Campeonato Mundial Juvenil de <i>Kiteboarding Slalom</i>	144
Figura 41 -	Vaquinha <i>on-line</i> , organizada para viabilizar a participação de Piçarrinha em uma etapa do Circuito Mundial de <i>Kitesurf</i> (2022).....	145
Figura 42 -	Festa de recepção da comunidade de Barra Grande para Manoel Soares, o Piçarrinha, após se tornar campeão mundial de <i>kitesurf</i> na Colômbia, (2022).....	146
Figura 43 -	Piçarrinha, bicampeão mundial de <i>freestyle</i> , na Arábia Saudita.....	147
Figura 44 -	Maria Beatriz, a Bia, com dez anos, na sede do Projeto Vivo, na <i>Kite Escola Paraíso</i> , em Barra Grande – PI, ao lado de Cássio, cantor da banda piauiense Cablesativa, seu grande ídolo.....	148
Figura 45 -	Maria Beatriz, a Bia, na cerimônia de premiação da etapa mundial da categoria <i>Race TT</i> , realizado em 2008, na Itália.....	149
Figura 46 -	Maria Beatriz, a Bia, no pódio do Festival GKO Velas Trairi, realizado no município de Trairi – CE.....	150
Figura 47 -	Maria Beatriz, a Bia, com o representante da Kalor Produções, em Barra Grande – PI (2022).....	151
Figura 48 -	Maria Beatriz, a Bia, agradecendo em sua rede social a Core <i>Kiteboarding LATAM</i> , sediada em Parnaíba – PI.....	152
Figura 49 -	Feira da Prodart na Praça da Nossa Senhora da Conceição, durante o Mundial PKRA, em Barra Grande – PI (2014).....	157
Figura 50 -	Certificado de instrutor de Isabel Lupiañes, emitido pela ABK, em julho de 2015.....	159
Figura 51 -	Escolas de ensino de <i>kitesurf</i> instaladas em Barra Grande – PI.....	162
Figura 52 -	Disposição das escolas de ensino de <i>kitesurf</i> instaladas em Barra Grande – PI.....	163
Figura 53 -	Estrutura da BG <i>Kite School</i> em Barra Grande – PI.....	165
Figura 54 -	Aulas de <i>kitesurf</i> no Projeto Vivo, conduzidas por Isabel Lupiañes, em Barra Grande – PI.....	166
Figura 55 -	Pacote básico de ensino para iniciantes na <i>Kite Escola Paraíso</i>	167

Figura 56 -	Hanryque Cabrinha Veras aprendendo a velejar de <i>kitesurf</i> com seu tio, Heliardi Cabrinha.....	170
Figura 57 -	Hanryque Cabrinha Veras no Projeto 1 BG Kite 2023 e no Campeonato Macapá de <i>Big Air</i> (2024).....	171
Figura 58 -	Hanryque Veras ensinando <i>kitesurf</i> para seu primo, Lorenzo, em Barra Grande – PI.....	172
Figura 59 -	Festival Viva o Vento, realizado no restaurante La Cozinha, em Barra Grande – PI.....	176
Figura 60 -	Placa de conscientização <i>Veículo na praia é um grande papelão</i> , ao lado da <i>Go-Fly Kitesurfing School</i> , na Praia de Barra Grande – PI (2012).....	179
Figura 61 -	I Colóquio de <i>Kitesurf</i> do litoral piauiense, realizado em Barra Grande – PI (2018).....	181
Figura 62 -	Áreas na Praia de Barra Grande – PI destinadas à prática de <i>kitesurf</i>	183
Figura 63 -	Pacto para zoneamento da prática de <i>kitesurf</i> , estabelecido em setembro de 2021, em Barra Grande – PI.....	184
Figura 64 -	<i>Kite zones</i> em Barra Grande – PI.....	185
Figura 65 -	Transporte de <i>kitesurfistas</i> por moradores locais em Barra Grande – PI.....	185
Figura 66 -	Reunião entre representantes da Comissão Ilha Ativa-CIA, pescadores e marisqueiras, na Colônia Z-6, em setembro de 2022, em Barra Grande – PI.....	186
Figura 67 -	Processo de urbanização litorânea em Barra Grande – PI.....	191
Figura 68 -	Bairro Borogodó, em Barra Grande – PI.....	192
Figura 69 -	Imagem das barracas de praia O Capucho e <i>Bahamas</i> , em Barra Grande – PI.....	197
Figura 70 -	<i>Drink Fim de tarde</i> , preparado na barraca <i>Bahamas</i> , em Barra Grande – PI.....	198
Figura 71 -	Alguns espaços do <i>Bohan</i> , em Barra Grande – PI.....	199
Figura 72 -	Pousadas em Barra Grande – PI cujos nomes fazem alusão ao <i>kitesurf</i>	200
Figura 73 -	Pousadas e estabelecimentos comerciais em Barra Grande – PI que	

	associam a imagem do <i>kitesurf</i> à identidade de seus negócios.....	200
Figura 74 -	Lojas de artesanato e de <i>souvenirs</i> que remetem à prática de <i>kitesurf</i> em Barra Grande – PI.....	201
Figura 75 -	BGK Store, em Barra Grande – PI.....	202
Figura 76 -	<i>Slogan</i> da terceira Feira Literária de Barra Grande, realizada em junho de 2024.....	203
Figura 77 -	Foto registrada da Praia de Barra Grande – PI, município de Cajueiro da Praia – PI, durante o ciclo da maré baixa.....	209
Figura 78 -	Foto registrada da Praia de Barra Grande – PI, município de Cajueiro da Praia – PI, durante o ciclo da maré alta.....	210
Figura 79 -	Incidência de ventos alísios em Barra Grande – PI em função da ZCIT....	212
Figura 80 -	Direções relativas do vento.....	213

Lista de quadros

Quadro 1 -	Categorias gerais e subcategorias da análise.....	47
Quadro 2 -	Torneios de <i>kitesurf</i> realizados no litoral piauiense entre os anos de 2000 e 2008.....	114
Quadro 3 -	Torneios de <i>kitesurf</i> realizados no litoral piauiense entre os anos de 2009 e 2024.....	154
Quadro 4 -	Modalidades de <i>kitesurf</i> reconhecidas pela ABK (2024).....	155
Quadro 5 -	Escolas de <i>kitesurf</i> instaladas em Barra Grande, Cajueiro da Praia – PI, Brasil, na atualidade.....	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABK	Associação Brasileira de <i>Kitesurf</i>
APA	Área de Proteção Ambiental
APH	Assistência Pré-Hospitalar
APK	Associação Piauiense de <i>Kitesurf</i>
BARRATUR	Associação de Condutores de Turismo de Barra Grande
BGK	Barra Grande <i>Kite Camp</i>
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
CADASTUR	Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBVELA	Confederação Brasileira de Vela
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIA	Comissão Ilha Ativa
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
COI	Comitê Olímpico Internacional
DETRAN	Departamento Estadual de Trânsito
EEFFTO	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EMBRATUR	Empresa Brasileira de Turismo
EUA	Estados Unidos da América
GKA	<i>Global Kitesports Association</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDEPI	Instituto de Desenvolvimento do Piauí
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
IKO	Organização Internacional de <i>Kiteboarding</i>
KISS	<i>Kiteboarding International Safety System</i>
MTUR	Ministério do Turismo
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização Não Governamental
OSC	Organização da Sociedade Civil
PEMT	Plano Estratégico de <i>Marketing</i> Turístico do Piauí
PETBG	Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande

PIEMTUR	Empresa de Turismo do Piauí S/A
PKRA	<i>Professional Kiteboard Riders Association</i>
PNT	Plano Nacional do Turismo
PPGIEL	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
PRODART	Programa de Artesanato do Piauí
PSF	Posto de Saúde da Família
REDE PROEF	Rede Integrada dos Professores de Educação Física
SAA	Sistema de Abastecimento de Água
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SEPLAN/PI	Secretaria de Planejamento do Estado do Piauí
SES	Sistema de Esgotamento Sanitário
SIAB	Sistema de Informação de Atenção Básica
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza
SETUR	Secretaria de Turismo do Estado do Piauí
SUP	<i>Stand Up Paddle</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
UC	Unidade de Conservação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIVALI	Universidade Vale do Itajaí
WIPIKA	<i>Wind Powered Inflatable Kite Aircraft</i>
ZCIT	Zona de Convergência Intertropical

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	19
1.1	Metodologia.....	33
2	A CONSTITUIÇÃO DO <i>KITESURF</i> EM BARRA GRANDE (INÍCIO DOS ANOS 2000 A 2007).....	48
2.1	Sobre Barra Grande.....	48
2.2	O turismo em Barra Grande entre 1980 e início dos anos 2000.....	67
2.3	O <i>kitesurf</i> chega ao povoado: primeiros sujeitos e práticas.....	83
2.3.1	Ariosto Ibiapina e Barra Grande.....	84
2.3.2	Zé do <i>Kite</i> , de São Paulo – SP para Barra Grande – PI.....	88
2.3.3	Destino ou acaso? O encontro de Ariosto Ibiapina com Zé do <i>Kite</i>	94
2.3.4	O <i>secret point</i> : “um lugar mágico e encantado chamado Barra Grande”... 100	
2.4	Primeiras implicações da prática de <i>kitesurf</i> em Barra Grande e surgimento de outras manifestações do esporte no povoado.....	104
2.5	Outras manifestações do <i>kitesurf</i>: educativo e competitivo.....	106
2.6	Barra Grande como destino turístico induzido pela prática de <i>kitesurf</i>.....	115
3	O ENRAIZAMENTO DO <i>KITESURF</i> EM BARRA GRANDE (DE 2008 A 2024).....	121
3.1	Os primeiros indícios da consolidação do <i>kitesurf</i> em Barra Grande.	121
3.1.1	O Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande (2008-2013).....	121
3.1.2	A <i>Doctor Kite</i>	124
3.1.3	<i>Go-Fly Kitesurfing School</i> , <i>Kite School</i> na pousada Rota dos Ventos e <i>BGKite School</i>	126
3.2	Novas manifestações do <i>kitesurf</i> em Barra Grande nos aspectos recreativo, competitivo e educativo.....	132
3.2.1	O <i>Kite-saco</i>	133
3.2.2	O Projeto Vivo e a democratização do <i>kitesurf</i> em Barra Grande.....	136
3.2.3	Filhos da terra: a nova geração de atletas de <i>kitesurf</i> de Barra Grande.....	140
3.2.4	Organização e realização de torneios de <i>kitesurf</i> em Barra Grande.....	153
3.2.5	Barra Grande, a primeira parada das clínicas de certificação de instrutores de <i>kitesurf</i> promovidas pela ABK.....	158

3.2.6	O ensino de <i>kitesurf</i> em Barra Grande.....	160
3.2.7	A prática livre de <i>kitesurf</i> e os <i>downwinds</i> em Barra Grande.....	174
3.3	Implicações da prática de <i>kitesurf</i> em Barra Grande.....	176
3.3.1	Conflitos relacionados a banhistas, pescadores e animais silvestres.....	176
3.3.2	Necessidade de regulamentação do <i>kitesurf</i> /delimitação das áreas de prática do esporte.....	180
3.3.3	O <i>kitesurf</i> estabelece uma nova lógica de valorização do espaço praiano de Barra Grande.....	188
3.4	Barra Grande e sua configuração na atualidade, em virtude do enraizamento do <i>kitesurf</i>.....	195
3.4.1	Barra Grande destino nacional e internacional para a prática do <i>kitesurf</i> ..	195
3.4.2	Barra Grande, o melhor lugar para velejar.....	206
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	215
	REFERÊNCIAS.....	221
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)..	241
	APÊNDICE B – Termo de cessão de direito de uso de imagem.....	245
	APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada.....	246
	APÊNDICE D – Arte da capa.....	248

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, que trata da história do *kitesurf* em Barra Grande – povoado situado no município de Cajueiro da Praia, litoral do Piauí, Brasil – representa uma busca pessoal e acadêmica desenvolvida ao longo de anos em relação a essa localidade.

Pode parecer curioso, mas sempre que compartilho algo sobre esta pesquisa e seus resultados, a maioria das pessoas pergunta: mas você pratica *kitesurf*? Como se uma resposta positiva validasse o trabalho. Ao dizer que não pratico, percebo certo estranhamento. É nesse instante que começo a refletir sobre as relações e os laços afetivos estabelecidos ao longo da minha vida com o litoral do Piauí, antes de iniciar esta pesquisa de doutorado.

Nascido e criado em Teresina, capital do Piauí, tive meus primeiros banhos de mar nas águas do litoral piauiense, no início da década de 1980, ainda criança, no colo de meus pais. Esse litoral, considerado o menor do Brasil em extensão territorial, está a 320 km da capital¹ e estende-se por 66 km, abrangendo quatro municípios distintos: Ilha Grande, a oeste, que faz divisa com o Maranhão; Parnaíba e Luís Correia, localizados mais centralmente; e Cajueiro da Praia, a leste, que faz fronteira com o Ceará, onde está localizado o povoado de Barra Grande (Figura 1).

¹ De Teresina, o acesso ao litoral pode ser feito de duas maneiras: por via aérea, com voos do Aeroporto Senador Petrônio Portela até Parnaíba; ou por via terrestre, seguindo a rota mais comum, pela BR-343. Os viajantes têm a opção de usar carro próprio ou alugado, ou escolher empresas de ônibus que transportam turistas para outros municípios litorâneos, por meio de diversas rodovias estaduais e federais.

Figura 1 – Litoral piauiense, com destaque para a Praia de Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Google Maps (2024).

Por muitos anos, entre as décadas de 1980 e 2000, as badaladas praias Atalaia e Coqueiro², localizadas no município de Luís Correia, foram as mais frequentadas tanto por mim quanto por meus familiares e meus amigos, com foco especial na primeira. Esses locais promoviam práticas esportivas; carnavais fora de época, como o Corrêfolia; festas temáticas; e *shows* com artistas nacionais, atraindo muitos turistas.

No fim da década de 1990, durante minhas frequentes visitas às praias de Luís Correia, comecei a ouvir falar sobre a Praia de Barra Grande. Havia um burburinho entre os piauienses sobre uma “praia recém-descoberta pelo turismo,” que estava se tornando cada vez mais popular, especialmente entre os excursionistas³ da época. Essa novidade despertou meu interesse em conhecer o povoado. Assim, em 1995, participei de uma excursão organizada por amigos para o local.

Naquela época, o *kitesurf* ainda não era praticado no povoado. Eu só fui testemunhar a presença deste esporte em Barra Grande durante outras idas ao lugar, na primeira década dos anos 2000. Lembro-me de ter ficado fascinado ao ver pessoas sendo puxadas por pipas enquanto deslizavam com pranchas sobre as águas do mar, realizando manobras no ar. Com o passar dos anos, notei que a paisagem daquele povoado se enchia cada vez mais de pipas coloridas e de *kitesurfistas*, atraindo tanto turistas quanto moradores locais interessados no *kitesurf*.

Tentei aprender o esporte com um instrutor da comunidade, em 2009, mas a sensação de risco e de perigo durante as aulas me desmotivou, então acabei desistindo. Além disso, observei que as matérias da emissora piauiense, a TV Clube, sobre Barra Grande, destacando eventos nacionais e internacionais de *kitesurf*, tornavam-se cada vez mais frequentes. Isso despertou meu interesse pelo esporte, que se configurou como uma oportunidade de investigação em 2015.

Naquele ano, no mestrado pelo Programa de Turismo e Hotelaria da Univali, desenvolvi a pesquisa intitulada *Praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia – PI: de colônia de pescadores ao desenvolvimento turístico induzido pela prática do kitesurf* (Dutra, 2015). O referido trabalho ateve-se em analisar a formação socioespacial do município de Cajueiro da Praia, especialmente da Praia de Barra Grande, identificando as

² Essas localidades continuam a ser bastante procuradas e frequentadas por turistas na atualidade.

³ Grupos maiores de pessoas que participam de uma excursão, seja de caráter científico ou recreativo, são chamados de *excursionistas* (Dicio, 2023a).

DICIO. Dicionário on-line de Português. **Excursionistas**. 2023a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/excursionistas/>. Acesso em: 24 maio 2023.

diferentes etapas de uma trajetória que se iniciou com as colônias de pescadores e se voltou, posteriormente, para o desenvolvimento do turismo.

Constatei, em face das análises envidadas naquela ocasião, evidências que apontavam a prática do *kitesurf* como contribuidora para a consolidação do município de Cajueiro da Praia – sobretudo do povoado Barra Grande – como um destino turístico reconhecido nacional e internacionalmente, consoante os estudos de Carvalho (2010), Costa (2006), Ferreira, (2012), Lopes (2012) e Macêdo (2011).

A propósito desses estudos, três versavam, especificamente, sobre a importância do *kitesurf* para a constituição de Barra Grande como novo destino turístico. Conforme a investigação de Macêdo (2011) sobre o desenvolvimento do turismo em Barra Grande, esse fenômeno ocorreu em virtude da introdução desse esporte, no ano de 2005, pelo empresário e médico teresinense, Ariosto Ibiapina, que construiu no local a pousada Barra Grande *Kite Camp* (BGK) para oferecer suporte e estrutura aos *kitesurfistas* que passaram a escolher aquela localidade para praticar o esporte. Por sinal, a pousada notabilizou a praia da comunidade, atraindo para a localidade um novo tipo de turista com maior poder aquisitivo e faixa etária concentrada entre os 17 e 30 anos de idade (Macêdo, 2011).

Em consonância com os estudos de Carvalho (2010) sobre as possibilidades e as limitações do desenvolvimento sustentável do turismo em Cajueiro da Praia, e de Ferreira (2012) sobre a transformação de Barra Grande em um destino turístico, o que facilitou Barra Grande ter se destacado no cenário nacional e internacional foi a consolidação da prática do *kitesurf* no local, facilitada, principalmente, pelo aproveitamento dos fortes ventos alísios dessa região litorânea do Brasil pelos *kitesurfistas*, nomeadamente durante o segundo semestre do ano, período que coincide com parte do verão brasileiro.

Além dos aludidos estudos, foram encontradas outras evidências, em minha pesquisa de mestrado, que atestavam o desenvolvimento do *kitesurf* em Barra Grande e a importância desse esporte para a transformação do povoado em um destino turístico reconhecido nacional e internacionalmente, entre os anos de 2005 e 2015, mas que ainda não haviam sido investigadas com aprofundamento em outras pesquisas.

Em 2008, por exemplo, devido a uma parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) do Piauí e a Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente, Barra Grande foi contemplada com um planejamento exclusivo para o setor turístico, resultando no Plano do Turismo de Barra Grande para o período 2008-2013 (Sebrae, 2008).

No conjunto das ações propostas no supracitado plano, encontra-se a realização de um Fórum para debater questões referentes ao zoneamento⁴ da Praia de Barra Grande, com o objetivo de delimitar espaços seguros para a prática de *kitesurf*, prevenindo acidentes que ocorrem na região com banhistas, pescadores tradicionais, marisqueiras, animais silvestres, entre outras pessoas que fazem uso da praia; e prevendo a elaboração de um calendário de eventos esportivos, constando, inclusive, as etapas dos circuitos nacional e mundial do esporte em apreço.

Outras evidências referem-se ao incentivo à prática de *kitesurf* no povoado, como a abertura de escolas para o ensino da modalidade (Macêdo, 2011). Aliás, as pioneiras ainda em atividade são a *Kite Escola Paraíso*, que teve suas atividades iniciadas na comunidade a partir de 2008 (*Kite Escola Paraíso*, 2022), e a *BGKite School* que, provavelmente, iniciou suas atividades na localidade durante o mesmo período da *Kite Escola Paraíso*, sendo a primeira escola de ensino de *kitesurf* cadastrada na Associação Brasileira de *Kitesurf* (ABK) (*BGKite School*, 2021).

Com efeito, o *kitesurf* está presente na tessitura social de Barra Grande como uma variável esportiva e de lazer. Como produto cultural dessa comunidade, ele é dinâmico e fluido (Gomes, 2014). Essa ambiência onde o *kitesurf* se destaca despertou o meu interesse em realizar esta pesquisa de doutorado. Isso porque, como professor de Educação Física e frequentador da Barra Grande há alguns anos, senti a necessidade de aprofundar a temática estudada em 2015, na dissertação intitulada *Praia de Barra Grande no município de Cajueiro da Praia - PI: de colônia de pescadores ao desenvolvimento turístico induzido pela prática do kitesurf* (Dutra, 2015).

Nesse contexto, os estudos de Carvalho (2010), Macêdo (2011) e Ferreira (2012) versavam sobre a importância do *kitesurf* para a constituição de Barra Grande como um novo destino turístico, mas não têm como tema central essa atividade de esporte e de lazer, não aprofundando a compreensão de como e por que ele chega, desenvolve-se e estabelece-se na localidade, configurando uma janela investigativa relevante.

⁴ O zoneamento é um processo dinâmico e flexível que pode mudar ao longo do tempo devido a diversos fatores, como novas informações técnicas, demandas de setores da sociedade e identificação de novas ameaças, além dos resultados de um processo de avaliação contínua para verificar a efetividade dessas áreas em relação ao alcance de seus objetivos. Todo esse trabalho é realizado por entidades e órgãos especializados (Martins, 2018).

MARTINS, M. **Zoneamento das praias do Piauí será discutido em Colóquio**. abr. 2018. Disponível em: <http://www.pi.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PI/zoneamento-nas-praias-do-piaui-sera-discutido-em-coloquio,a069145d181c2610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 4 abr. 2020.

Etimologicamente, a palavra *kitesurf* é a junção de duas palavras inglesas: *kite*, que significa *pipa*; e *surf*, que tem o sentido *de deslizar sobre a água*. Trata-se de um esporte cujo praticante, denominado *kitesurfista*, utiliza uma prancha fixada aos pés e uma pipa de tração com estrutura inflável, possibilitando deslizar sobre a superfície da água e, ao mesmo tempo, alçar voos executados sobre superfícies aquáticas, seja mar, rio, lago ou represa, com ventos fracos ou fortes (Abeta, 2020). A principal característica do esporte diz respeito à relação com a intensidade e a direção do vento (Berneira *et al.*, 2011; Machado; Coertjens, 2011) (Figura 2).

Figura 2 – Prática de *kitesurf* na atualidade



Fonte: ONG Projeto Vivo Kitesurf (2022).

O *kitesurf* apresenta-se como um esporte de caráter náutico e aquático que combina elementos do *surf*⁵, do *windsurf*⁶ e do *wakeboard*⁷. Ele emerge assentado em um novo padrão estético de um corpo atlético e no domínio das inovações tecnológicas, nutridas do ideal da interação do praticante com a natureza (Pereira; Dantas, 2019), podendo manifestar-se no aspecto competitivo, por meio da organização e da realização de torneios esportivos; recreativo, como atividade de lazer, mediante o velejo livre, espontâneo e prazeroso; e educativo, por meio de sua aprendizagem nas escolas de ensino do esporte.

No que alude ao surgimento do *kitesurf*, deve-se ao empenho de duas famílias, uma francesa e uma americana, no início dos anos 1980 e fim dos anos 1990, para aperfeiçoar pipas infláveis com o objetivo de velejar contra e a favor do vento. À medida que atingiram seus objetivos e aperfeiçoaram os equipamentos, registraram as inovações por meio de patentes, o que contribuiu de maneira significativa para o modo como esse esporte é praticado na atualidade (Alcantelado, 2009).

Os franceses Bruno e Dominique Legaignoux foram os responsáveis pela invenção dos *kites* com estrutura inflável, que passou a se chamar de *Flysurf* (Lossi, 2013); enquanto os americanos Bill e Cory Roeseler criaram o *Kiteski* (Alcantelado, 2009). Essas inovações permitiram que uma pessoa, movida por uma pipa, navegasse sobre uma prancha, tanto contra quanto a favor do vento.

Em 1993, os irmãos Legaignoux patentearam a inovação e iniciaram a produção e a comercialização dos primeiros *kites* infláveis. Pouco depois, o francês e *windsurfista* Manu Bertin chegou a Maui, no Havaí, trazendo esses *kites* inovadores e desencadeando uma verdadeira revolução no esporte. Em 1998, o Havaí foi palco do primeiro Campeonato Mundial de *Kitesurf*, no qual os atletas competiram tanto no *flysurf* quanto no *kitesky*. Esse evento foi fundamental para atrair novos praticantes, incluindo *windsurfistas* e surfistas, e para despertar o interesse de empresas, tanto na fabricação e na comercialização de

⁵ O *surf* é uma prática em que o indivíduo desliza sobre as ondas do mar em pé, sobre uma prancha (Bitencourt et al., 2006).

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; VIGNE, J. A.; NAVARRO, P. Surf. Surfe. **Esportes radicais**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.411-414. Acesso em: 21 ago. 2023.

⁶ O *windsurf* é um esporte no qual o praticante, em pé sobre uma prancha, segura uma vela conectada a esta, sendo impulsionado pelo vento – tanto a favor quanto contra (Bitencourt; Amorim, 2006).

⁷ O *wakeboard* é uma modalidade em que o praticante, em pé sobre uma prancha, é puxado por um barco, o que lhe permitindo deslizar sobre a superfície da água, seja em rios, lagos ou represas (Bitencourt; Amorim, 2006; Bitencourt; Amorim; Kelab, 2006).

BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **Windsurf**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.427-428. Acesso em: 12 abr. 2022.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; KELAB, T. **Wakeboard**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.425-426. Acesso em: 21 ago. 2023.

equipamentos para o esporte, quanto no patrocínio e na promoção de competições internacionais em diversas partes do mundo (Lossi, 2013).

O termo *flysurf* foi sugerido por Manu Bertin aos irmãos Legaigoux, em 1995 (Lossi, 2013), o que indica que as nomenclaturas atuais, como *kitesurf*, *kitesurfing* e *kiteboarding*, ainda não estavam em uso naquela época. Porém, não foram encontradas referências na literatura que esclarecessem o período em que o *flysurf* passou a ser conhecido como *kitesurf*.

No Brasil, segundo Bitencourt e Navarro (2006), o *kitesurf* começou a ser praticado em 1996, especificamente em Búzios, Rio de Janeiro. Dois anos depois, o esporte expandiu-se para Guarapiranga, em São Paulo. A partir dos anos 2000, com a realização de etapas do Circuito Mundial de *Kitesurf*, na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, a modalidade ganhou popularidade em diversos estados do País (Bitencourt; Navarro, 2006; Alcantelado, 2009).

No estado do Piauí, acredita-se que o *kitesurf* passou a ser praticado em Barra Grande, conforme indica Macêdo (2011), e estendeu-se para outras praias do litoral piauiense, como as do Coqueiro e de Itaqui, localizadas no município de Luís Correia, produzindo nesses espaços praianos, inclusive, uma lógica de valorização imobiliária, consoante apontamentos de Pereira e de Dantas (2019) – em virtude não só do fato de essa atividade ser esportiva e de lazer, mas também do fluxo turístico de *kitesurfistas* advindos de aglomerações urbanas de outras regiões do Brasil e de outros países.

Sobre os equipamentos de *kitesurf* utilizados na atualidade, tem-se uma pipa, que pode ser conectada por um cinto de segurança na região da cintura ou do quadril do praticante (trapézio). Na base desse cinto, há uma barra de controle, com cerca de 90 cm, conectada à pipa por quatro linhas⁸, manipulada manualmente pelo praticante. Duas dessas linhas fixam-se ao centro da barra de controle, e as outras duas, às laterais. Cada uma desempenha uma função no velejo: as laterais controlam a direção do velejo, enquanto a central, a velocidade.

As pipas possuem formatos e modelos variados, que estão diretamente ligados aos comandos da barra de controle, aos funcionamentos, às *performances* e à interação com o vento (LKB Sports, 2018c). As pranchas de *kitesurf* também variam quanto ao formato, aos modelos e às finalidades (LKB Sports, 2018b). Consequentemente, os *kitesurfistas* podem

⁸ De acordo com o nível de aprendizagem ou o desempenho a ser alcançado pelo *kitesurfista*, o tamanho das linhas pode variar. Quando se está aprendendo o *kitesurf*, geralmente, o tamanho dessas linhas varia de 5 a 10 metros, devido ao maior controle de velejo, progredindo a 20 e 25 metros, de acordo com o aperfeiçoamento da pessoa no velejo do esporte. Em condições de ventos muito fortes, alguns *kitesurfistas* preferem utilizar linhas mais curtas para melhor administrar a força e a pressão sobre a prancha, tornando o velejo mais sensível e permitindo realizar saltos e manobras (IKO, 2018).

IKO. 2018. **Por que não usamos linhas de 70 metros?** Disponível em: <https://www.ikointl.com/pt-br/blog/por-que-n%C3%A3o-usamos-linhas-de-70-metros>. Data de acesso: 14 set. 2022.

apenas deslizar na água ou realizar manobras, como saltos, giros e mudar de direções (Nickel *et al.*, 2004; Exadaktylos *et al.*, 2005).

O *kitesurf*, dentre diversas práticas de lazer que ocorreram e ocorrem na história de Barra Grande, e que são praticadas em seu espaço praiano⁹, tem-se destacado desde os primeiros anos dos anos 2000. Todavia, a compreensão dos processos de constituição e de enraizamento desse esporte no povoado em apreço, ao longo do tempo, ainda é pouco explorada e conhecida, em termos de investigação acadêmica. Logo, compreender esses processos é o principal desafio desta pesquisa.

A constituição de um campo esportivo, compreendido como um espaço social estruturado por universos autônomos, cujas ações e metas têm como propósito a conquista ou o domínio desse ambiente (Paiva, 1994) é estudado no Brasil por diferentes autores, ao tratarem localidades diversas. Rodrigues (2006), por exemplo, na pesquisa intitulada *Constituição e enraizamento do esporte na cidade, uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)*, teve por escopo acompanhar iniciativas que marcaram a formação de um campo esportivo em Belo Horizonte, em seus primeiros momentos. A susodita autora (2006) identificou, na construção desse campo, diversas práticas, como o ciclismo, o turfe e o *football*, que se apropriaram da cidade e foram também moldadas por ela. Tais práticas se inscreveram em espaços sociais específicos, como parques, lagos, clubes, ruas e cineteatro, projetados para o divertimento moderno da cidade, em grande parte organizadas por setores predominantes da população.

No enraizamento desse campo, compreendido como um movimento que não se limita à permanência explícita de uma instituição ou uma prática, ele também pode ser influenciado e moldado por comportamentos e atitudes que surgem com base no interesse da comunidade ou dos indivíduos envolvidos (Rodrigues, 2006).

A prática desse fenômeno esportivo em Barra Grande configura-se em diferentes desdobramentos, cujas finalidades e funções são definidas por diversos grupos, tanto de

⁹ O espaço praiano no Brasil é composto por práticas sociais que se acumulam ao longo do tempo, influenciado por comportamentos de outras regiões, mas também modelado pelas dinâmicas do mercado imobiliário e do turismo (Santos, 2023). Para Santos (2023), classificar o espaço como urbano, rural, litorâneo ou interiorano ajuda a perceber as variações em um contexto mais amplo. O termo *litoral* refere-se a uma vasta área, que inclui a “faixa de terra emersa”, englobando diferentes formas de relevo, como praias, falésias, arrecifes, deltas, golfos e fiordes. Ao tratar o espaço litorâneo de maneira ampla, perde-se a oportunidade de explorar as especificidades que são cruciais para entender as distinções entre esses ambientes (Santos, 2023). Dentre os diversos ambientes litorâneos, a praia é o mais comum, e com a crescente valorização desse espaço, que se intensificou ao longo do tempo, é necessário refletir sobre a sua importância. Por esse motivo, optou-se por adotar o termo espaço *praiano* em vez de *espaço litorâneo* nesta tese.

SANTOS, O. A. A. DOS. Apontamentos geo-históricos para o estudo da produção do espaço praiano no Nordeste do Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 35, p. e67680, 2023.

nativos¹⁰ quanto de empresários do turismo, refletindo uma cultura esportiva que se entrelaça à identidade local. Esse processo evidencia como Barra Grande se destaca atualmente como um espaço privilegiado para a prática de *kitesurf*, enquanto essa atividade contribui para valorizar e dar visibilidade à região no cenário esportivo nacional e internacional.

Dessa forma, questiona-se: como identificar elementos que possam ajudar a compreender a constituição e o enraizamento do *kitesurf* na cultura de Barra Grande, considerando as transformações sociais, econômicas, culturais e outros aspectos que o povoado vivenciou ao longo das últimas décadas?

Pesquisas sobre a história desse esporte no povoado, bem como em outras localidades brasileiras e internacionais, ainda são limitadas. Embora as investigações sobre o *kitesurf* tenham aumentado nos últimos anos, a maioria delas ainda se restringe a determinadas perspectivas analíticas.

Algumas pesquisas publicadas internacionalmente, por exemplo, concentram-se fortemente em análises relacionadas a lesões e a aspectos fisiológicos desse esporte. Entre elas, destacam-se os trabalhos de Kimmeyer, Frank e Rentschler (2023); Offerhaus *et al.* (2022); Andresen *et al.* (2022); Wegener, Wegner e Weiss (2022); Caraballo *et al.* (2021); Stoehr, Chappell e Dumanian (2021); Szymiski *et al.* (2021); Dut *et al.* (2020); Syré, Kristen e Humenberger (2020); Baumbach *et al.* (2018); Wiesner e Kunysz (2018).

É importante ressaltar que em investigações anteriores a essas, como as de Petersen *et al.* (2002); Kristen e Kröner (2002); Nickel *et al.* (2004); Grimault, Guillodo e Dubrana (2007); Vercruyssen *et al.* (2009); e Scheibe *et al.* (2009), já havia um interesse significativo em analisar lesões e aspectos fisiológicos da prática do *kitesurf*. Esse foco internacional também se reflete em produções brasileiras, como os estudos de Tremea, Gomes e Loss (2011); Berneira *et al.* (2011); Machado e Coertjens (2011); e Ferron *et al.* (2022).

Porém, existem estudos brasileiros sobre o *kitesurf* que apresentam outras perspectivas analíticas, a exemplo dos trabalhos de: Alcantelado (2009), que discute o papel dos usuários líderes de *kitesurf* no desenvolvimento do esporte no mundo; Lucena, Silva e Brasileiro (2013), que compreende a percepção dos praticantes de *kitesurf* sobre a relação entre a prática do esporte e a preservação ambiental; Pereira e Dantas (2019), que apreende a valorização sociocultural dos espaços litorâneos nos trópicos, onde a lógica de valorização desses espaços

¹⁰A expressão *nativo* é empregada nesta tese para designar as pessoas originárias de Barra Grande. Esse termo é amplamente utilizado no dia a dia da comunidade local e carrega um forte senso de orgulho entre os habitantes. Durante as entrevistas, essa expressão foi mencionada diversas vezes, refletindo a identidade e o pertencimento da população ao povoado.

parte de práticas marítimas modernas convencionais, como banhos de mar e banhos de sol, respectivamente, até convergir na contemporaneidade, com práticas de caráter esportivo, aquáticas e náuticas, com ênfase maior ao *kitesurf*.

No que diz respeito aos estudos sobre o *kitesurf* no litoral piauiense, o trabalho de Dutra e Rosa (2022) mapeia e analisa as produções científicas brasileiras relacionadas à prática em Barra Grande, a fim de compreender como esse tema tem sido abordado por pesquisadores nacionais. Em uma pesquisa subsequente, Dutra e Rosa (2024) investigaram as implicações dessa modalidade na região e identificaram ações que podem contribuir para sua conservação. Por fim, Dutra (2024) propõe apontamentos para tornar a prática de *kitesurf* mais sustentável em Barra Grande¹¹. Ainda assim, pesquisas sobre o *kitesurf* em Barra Grande – referência nacional e internacional para a prática do esporte – ainda são escassas, embora seja um tema tratado em investigações sobre o desenvolvimento turístico na localidade, como nos trabalhos de Carvalho (2010), Macêdo (2011), Ferreira (2012) e Dutra (2015).

Embora existam estudos com diversas perspectivas analíticas sobre o *kitesurf* no mundo e no Brasil, como demonstrado, percebe-se, por meio desse mapeamento, que são raros os que se dedicam a entender suas tramas (Veyne, 1998) em contextos temporais e locais específicos.

A noção de trama usada por Veyne (1998), em sua obra *Como se escreve a história*, remete ao fato de que uma narrativa histórica é composta por um conjunto de elementos interligados que se entrelaçam de maneira complexa, mas que não são, necessariamente, explicáveis de forma objetiva e linear. Logo, uma trama é concebida como uma costura “muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e acasos; de um corte de vida que o historiador tomou, segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa” (Veyne, 1998, p. 44).

Ademais, uma narrativa é uma história contada e, como tal, é sempre uma escolha do historiador, que decide quais eventos incluir, como organizá-los e qual importância atribuir a cada um. Portanto, a narrativa histórica é um processo seletivo que envolve a interpretação dos fatos, as causas e as consequências dele, mas também é um campo onde se pode lidar com incertezas e até com a subjetividade (Veyne, 1998).

No contexto do *kitesurf* em Barra Grande, a noção de trama (Veyne, 1998) pode ser associada à maneira como a história desse esporte se construiu e se enraizou na região ao

¹¹Esses trabalhos foram produzidos ao longo do desenvolvimento deste estudo, sendo parte desta pesquisa cuja tese é o resultado, e contribuem para a compreensão da prática de *kitesurf* em Barra Grande e das implicações dele na cultura e na sustentabilidade da região.

longo do tempo. Essa narrativa, é formada, então, por uma série de eventos, de decisões e de acasos que se entrecruzam e moldam a prática do esporte local, envolvendo a ação de diversos grupos, desde os primeiros praticantes, a moradores locais e empresários do turismo – cada um com uma intencionalidade. Esses fatores contribuem para a transformação do povoado e da identidade dele, fazendo de Barra Grande um destino turístico reconhecido, onde a prática do *kitesurf* se tornou um dos principais elementos de desenvolvimento e de reconhecimento da localidade no cenário nacional e internacional.

Com isso em mente, as questões centrais que mobilizaram esta pesquisa foram: quando e como ocorreu a inserção do *kitesurf* em Barra Grande? Quem são os responsáveis por esse processo e quais as ações deles? De que maneira o *kitesurf* passou a ser organizado e desenvolvido no povoado? Quais fatores contribuíram para os processos de organização e de desenvolvimento do esporte no povoado? Quais foram as principais demandas desse esporte? Que estruturas e quais estabelecimentos comerciais foram criados na localidade para atender às demandas desse esporte? Como fenômeno social relevante em Barra Grande, que documentos foram elaborados ao longo dos anos que o abordassem? Quais são as principais implicações dessa prática na região? Que ações e medidas foram pensadas para minimizar os impactos negativos desse esporte e potencializar os positivos? Que outras iniciativas podem ser eficazes nesse sentido? Atualmente, quais as principais formas de manifestação do *kitesurf* em Barra Grande? Quem pratica o esporte e como? Onde e quando ele é praticado na comunidade? Quais características naturais de Barra Grande e da paisagem local, além dos ventos alísios, favorecem a prática desse esporte na localidade?

Para responder a essas questões, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos, que orientam a escrita desta narrativa sobre o *kitesurf* em Barra Grande: compreender quando e como ocorreu a inserção do *kitesurf* no contexto sócio-histórico de Barra Grande; investigar de que maneira o *kitesurf* passou a ser organizado e desenvolvido no povoado, e quais foram os fatores que contribuíram para a sua constituição; identificar e analisar os principais fatores que colaboraram para o processo de enraizamento do *kitesurf* em Barra Grande e a valorização do espaço praiano ao longo das últimas décadas; examinar as implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande, relacionadas aos moradores locais, ao turismo e à natureza; evidenciar como Barra Grande está configurada na atualidade, em face da constituição e enraizamento do *kitesurf* no povoado; explicar como as características naturais de Barra Grande, incluindo a paisagem local e os ventos alísios, contribuem para a prática do *kitesurf* na região.

Para atingir esses objetivos específicos, adota-se o conceito de *esporte na natureza*, proposto por Dias (2007) em seu estudo intitulado *Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza*. Para o susodito autor, o esporte, juntamente com o turismo, é uma das principais formas de lazer em ambientes naturais.

Nessa direção, o supracitado autor sobreleva que ao praticar esportes na natureza, os praticantes estabelecem relações intersubjetivas com o meio, motivados por fatores como aventura, risco e prazer, que transcendem a técnica corporal, envolvendo proezas físicas e manifestando diferentes níveis de seriedade e ludicidade; cooperação e competição; amadorismo e profissionalismo; além de sensibilidade e insensibilidade ecológica, variando conforme a perspectiva adotada em relação à atividade (Dias, 2007).

O conceito proposto por Dias (2007) aplica-se diretamente ao *kitesurf* em Barra Grande, pois esse esporte está intrinsecamente ligado ao ambiente natural do povoado, especialmente ao vento e ao mar, que são fundamentais para a prática dele. Adicionalmente, o *kitesurf* em Barra Grande vai além da técnica, impulsionado pela busca de seus praticantes por aventura, prazer e conexão com a natureza. O esporte manifesta uma combinação única de aspectos, que incluem desafios físicos, níveis variados de seriedade e ludicidade, como também uma mistura de cooperação e competição, amadorismo e profissionalismo. Essa dinâmica também reflete uma interação complexa com o meio ambiente, que pode se caracterizar tanto por atitudes responsáveis quanto insensíveis, dependendo das práticas adotadas pelos indivíduos e pela comunidade local.

Com isso em mente, o objetivo principal desta pesquisa é investigar a constituição e o enraizamento do *kitesurf* em Barra Grande entre os anos 2000 e 2024. Nesse ensejo, esta tese está estruturada em três capítulos. O primeiro apresenta a introdução e a metodologia. A introdução revela aproximações pessoais e acadêmicas que motivaram a concretização do estudo, justificando-o e elencando questões instigadoras e objetivos específicos, tendo como base as investigações internacionais e nacionais sobre o *kitesurf*. Da mesma maneira, o percurso metodológico evidencia as estratégias de pesquisa adotadas não apenas para tentar responder às questões motivadoras, mas para evidenciar o *kitesurf* como elemento constituinte da tessitura social, econômica, política, cultural, entre outros aspectos, de Barra Grande.

O segundo capítulo, intitulado *A constituição do kitesurf em Barra Grande, início dos anos 2000 a 2007*, aborda o período que compreende aos primeiros movimentos de chegada e de estabelecimento do esporte no povoado. Ele tem início com o subitem *Sobre Barra Grande*, que apresenta algumas particularidades do povoado na atualidade, com destaque para elementos históricos, culturais, sociais e econômicos, e ênfase no turismo. Na sequência, o

subitem *O turismo em Barra Grande entre 1980 e início dos anos 2000* analisa o processo de inserção da atividade turística no povoado. Esse movimento inicial oferece uma base para entender como o *kitesurf* foi incorporado a esse contexto, concebendo as transformações e as influências dessa prática esportiva sobre a identidade e a cultura local.

Ainda no segundo capítulo, o subitem *A chegada do kitesurf a Barra Grande* aborda o processo de inserção do *kitesurf* no cotidiano do povoado, narrando como o esporte foi introduzido no local, no início dos anos 2000, por um grupo específico de praticantes. Esse período foi marcado tanto por conflitos iniciais com pescadores tradicionais, que enxergavam o novo esporte como uma possível ameaça ao seu modo de vida, quanto pela progressiva aceitação e pela adesão ao *kitesurf* por parte de alguns moradores locais. Além disso, essa fase também foi significativa pela criação da primeira escola de *kitesurf* e pela inauguração da primeira pousada voltada a acolher os *kitesurfistas* que começaram a frequentar o povoado.

O terceiro capítulo, intitulado *O enraizamento do kitesurf em Barra Grande (2008 a 2024)*, examina o período em que as ações de *kitesurfistas* e de empresários do turismo foram essenciais para a consolidação do esporte no povoado. Entre as iniciativas iniciais, destacam-se a elaboração de um Plano Estratégico de Turismo para Barra Grande; a criação de um espaço para reparos de pipas de *kitesurf*; e a abertura de três novas escolas para o ensino do esporte. Outrossim, explora-se neste capítulo a implementação de um projeto social voltado à inclusão de crianças e de adolescentes nativos de Barra Grande no *kitesurf*, com destaque para o sucesso de alguns deles. Além disso, aborda-se a realização de torneios de caráter nacional e internacional, a expansão das escolas de *kitesurf* e os conflitos gerados pela popularização do esporte – incluindo a necessidade de regulamentação e as implicações para a população local, os banhistas e o meio ambiente. Por fim, o capítulo ressalta como o *kitesurf* transformou Barra Grande em um destino de destaque, tanto no cenário nacional quanto internacional, valorizando o espaço praiano, especialmente devido às características naturais da região, como os ventos alísios.

As considerações finais trazem algumas reflexões, elucidando as conclusões desta tese, com base nos objetivos específicos. Também são apresentados os principais desafios e as limitações enfrentados durante a pesquisa.

A sensação é de tarefa cumprida, mas o desejo de aprofundar certas questões sobre a história do *kitesurf* em Barra Grande persiste. Ainda há muitos aspectos a serem explorados, como o desenvolvimento do turismo na região, o processo de ensino do *kitesurf* e a importância dele para a conservação ambiental, temas que, por sinal, já estão sendo investigados por este pesquisador. Com a conclusão desta pesquisa, espera-se incentivar

novos estudos que tenham o *kitesurf* como foco, destacando as conexões desse esporte não apenas com Barra Grande, mas também com outras localidades, tanto no Brasil quanto no exterior.

1.1 Metodologia

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa que possibilitou uma análise dinâmica e contextualizada do processo de constituição e de enraizamento do *kitesurf* em Barra Grande, contribuindo para a construção de uma narrativa verossímil sobre esse esporte no povoado durante o período investigado.

Isso posto,

na reconfiguração de um tempo – nem passado nem presente, mas tempo histórico reconstruído pela narrativa –, face à impossibilidade de repetir a experiência do vivido, os historiadores elaboram versões. Versões plausíveis, possíveis, aproximadas, daquilo que teria se passado um dia. O historiador atinge pois a verossimilhança, não a veracidade. Ora, o verossímil não é a verdade, mas algo que com ela se aparenta. O verossímil é o provável, o que poderia ter sido e que é tomado como tal. Passível de aceitação, portanto (Pesavento, 2006, p. 4).

Esta pesquisa foi conduzida em Barra Grande, onde há indícios das primeiras práticas de *kitesurf* na região litorânea piauiense. Nesse cenário, viu-se o turismo consolidar-se como resultado do crescente interesse por esse esporte em determinado momento histórico do povoado (Macêdo, 2011; Ferreira, 2012; Dutra, 2015).

Estabeleceu-se o recorte temporal inicial em alusão ao período que antecede e/ou coincide com as primeiras evidências da prática de *kitesurf* em Barra Grande, a partir do ano de 2000, consoante o estudo de Macêdo (2011). Quanto ao recorte temporal final, compreende à atualidade, considerando que o *kitesurf* continua dinâmico e fluido no povoado (Gomes, 2011, 2014, 2023).

Como estratégia metodológica da pesquisa, lança-se mão da revisão de literatura bibliográfica do tipo integrativa, fundamentada nos apontamentos de Mendes, Silveira e Galvão (2008), complementada por pesquisa de campo e documental, inspiradas nos estudos de Minayo, Deslandes e Gomes (2016).

Inicialmente, realizou-se uma pesquisa *on-line* para coletar artigos científicos completos, publicados e revisados por pares, além de dissertações e teses sobre *kitesurf* em Barra Grande, no Portal de Periódicos da Capes (<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>) e na base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da

Capes (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>), mediante a combinação dos descritores *kitesurf*, *Barra Grande*, *Piauí*, sem estabelecimento de um recorte temporal.

Nessa fase inicial, selecionaram-se os trabalhos que continham dados sobre o *kitesurf* em Barra Grande, analisando os títulos e os resumos. Quando necessário, realizou-se a leitura integral desses documentos, excluindo os trabalhos que não tratavam desse esporte na localidade.

Na pesquisa de campo, partiu-se de entrevista semiestruturada, observação direta e *Street View* do *Google Maps* como principais instrumentos de coleta de dados (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016). Para a seleção dos entrevistados, elaborou-se uma lista de potenciais nomes de pessoas e de locais que elas frequentavam em Barra Grande, com base em um levantamento preliminar realizado durante a fase exploratória da pesquisa. Essa lista serviu como rascunho inicial, com o intuito de abranger diferentes grupos sociais de Barra Grande, como: moradores locais; turistas que frequentaram o povoado nas décadas de 1980 proprietários; e instrutores das escolas de ensino de *kitesurf*; *kitesurfistas* amadores e profissionais; membros de associações de moradores e de projetos sociais; ex-funcionários e atuais funcionários das pousadas; empresários do turismo e proprietários de estabelecimentos comerciais; membros de repartições públicas do município de Cajueiro da Praia, como o secretário de turismo da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia.

É importante ressaltar que durante a elaboração da lista inicial de entrevistados, o Brasil enfrentava rigorosas restrições de distanciamento social em decorrência da pandemia de covid-19¹², oficialmente declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em março de 2020. À medida que as restrições foram sendo flexibilizadas e tratamentos mais eficazes para a covid-19 começaram a ser implementados no Brasil, nos anos de 2021 e 2022, a tarefa de identificar e contatar pessoas de Barra Grande para compor a lista de entrevistados tornou-se mais viável.

Procedeu-se à busca em Barra Grande de forma *on-line*, com o objetivo de identificar nomes, endereços de *e-mail*, contatos telefônicos e números de *WhatsApp* em *sites* oficiais, perfis de *Instagram* e *Facebook* de escolas de *kitesurf*, associações de moradores, projetos

¹²Neste momento, gostaria de expressar minha solidariedade às famílias brasileiras e de diferentes localidades do mundo que tiveram suas vidas completamente devastadas pela COVID-19. Essa pandemia trouxe perdas irreparáveis, separações e um luto profundo, afetando não apenas a saúde, mas também a estrutura social e emocional de milhões de pessoas. Por isto, gostaria de me despir da figura de pesquisador formalmente, porque acho essencial reconhecer a dor coletiva e a resiliência diante dessa adversidade, unindo esforços para apoiar aqueles que enfrentaram essa tragédia.

sociais de *kitesurf*, além de equipamentos turísticos¹³. Também foram pesquisados os perfis de *Instagram* e de *Facebook* de atletas profissionais e de amadores de *kitesurf*.

À medida que se estabelecia contato com moradores locais, *kitesurfistas* amadores e profissionais, instrutores de *kitesurf*, proprietários de escolas de *kitesurf* e empresários do setor turístico de Barra Grande a serem entrevistados, confirmando ou excluindo nomes da lista de participantes do estudo, solicitavam-se números de telefone ou contatos de *WhatsApp* de outras pessoas que pudessem compartilhar informações sobre a história do *kitesurf* em Barra Grande.

Esse processo continuava de forma sucessiva, com alguns participantes sugerindo nomes espontaneamente. Essa estratégia, chamada *bola de neve* (Vinuto, 2014), permitiu expandir a rede de contatos e facilitou a coleta de informações sobre o *kitesurf* em Barra Grande. Finalmente, uma lista contendo 20 potenciais entrevistados confirmados foi criada provisoriamente.

Antes da realização das entrevistas, nas quais os participantes se dispuseram a participar voluntariamente, apresentou-se a proposta de estudo desta tese. Nessa etapa, esclareceram-se os objetivos da investigação e as possíveis repercussões resultantes da pesquisa (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016). Tais esclarecimentos foram igualmente disponibilizados por e-mail, mensagem de *WhatsApp* e pessoalmente, por meio da leitura e das assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I) e do Termo de cessão de direito de uso de imagem (Apêndice II).

As entrevistas foram realizadas nos períodos de 19 a 31 de maio de 2022, e de 1 a 15 de setembro de 2022, tanto no formato virtual (via *Google Meet*), a pedido dos entrevistados, quanto presencialmente, em Barra Grande. Durante esses períodos, novos entrevistados foram acrescentados, seguindo a estratégia bola de neve (Vinuto, 2014). No total, realizaram-se 18 entrevistas: duas virtuais e 16 presenciais¹⁴.

Para o registro das entrevistas, partiu-se de gravação disponibilizada pelo *Google Meet*, mediante autorização dos participantes, ou um gravador de vídeo e de voz de um

¹³Equipamentos turísticos diz respeito a um conjunto de edificações, de instalações e de serviços essenciais ao desenvolvimento da atividade turística. Esses equipamentos incluem: meios de hospedagem; serviços de alimentação, entretenimento, agenciamento, informações; e outros serviços relacionados ao turismo (Brasil, 2018).

BRASIL. **Anuário Estatístico de Turismo**: 2017. jan. 2018. v. 44, ano base 2016.

¹⁴Inicialmente, estavam previstas 20 entrevistas, porém, a pedido dos entrevistados, duas delas precisaram ser adaptadas para o formato misto.

Smartphone Samsung, além de um diário de campo durante as entrevistas presenciais (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016).

As pessoas entrevistadas virtualmente foram:

1. Claudete Maria Miranda Dias¹⁵, 71 anos de idade, natural da cidade de São Raimundo Nonato – PI, é professora aposentada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2007, e ambientalista. Ela teve seu primeiro contato com Barra Grande na década de 1980, quando foi convidada por um grupo de amigos para passar o *Réveillon* de 1983 para 1984 na localidade, e encantou-se profundamente pela comunidade. Incentivada por dois amigos de adolescência, Ariosto Ibiapina e Toti¹⁶, comprou um terreno, em 1988, e construiu sua própria casa de veraneio ali, inspirada nas antigas casas de pescadores locais. Em 2008, construiu a Pousada Pedaco do Paraíso, uma das mais aconchegantes da região na atualidade.
2. Maria Dulce Silva, 82 anos de idade, é uma professora aposentada pela UFPI, onde lecionou no curso de Assistência Social. Ela decidiu conhecer Barra Grande como veranista, no fim da década de 1980, após ouvir comentários sobre a descoberta da praia por alunos e funcionários da universidade onde trabalhava. Atualmente, reside em Teresina e possui uma casa de veraneio em Barrinha, comunidade vizinha de Barra Grande.

As pessoas entrevistadas presencialmente e adaptadas para o formato misto foram:

1. Erisvaldo Alves de Lima, 52 anos de idade, nasceu no Ceará e mudou-se para Barra Grande ainda na infância, acompanhando os pais. Seu pai, Francisco Alves de Lima, junto a um grupo de amigos cearenses, introduziu a pesca profissional na região no fim dos anos 1960 e início dos anos 1970, utilizando linhas e tarrafas, e uma rede oval artesanal de *nylon*. Naquela época, a maioria da população da vila estava envolvida com a agricultura de subsistência, havendo poucos pescadores tradicionais que utilizavam linhas e varas na beira do mar, conhecida como *beiradão*. Erisvaldo teve duas esposas e possui oito filhos, todos residindo em Teresina, capital do Piauí.

¹⁵Para facilitar a compreensão do leitor, os entrevistados são referenciados nesta tese pelo nome e sobrenome, bem como por seus apelidos. Além disso, são identificados pelo sobrenome e pelo ano de realização das entrevistas, em conformidade com as normas da ABNT, e mencionados ao longo do texto dos dois capítulos desta pesquisa.

¹⁶O terreno fica localizado ao lado da casa de veraneio de Ariosto Ibiapina, onde atualmente funciona a Pousada BGK. Toti, já falecido, é o apelido do irmão de Ariosto Ibiapina, considerado o grande responsável pela inserção do *kitesurf* em Barra Grande, conforme aponta o estudo de Macêdo (2011).

MACÊDO, E. M. **O turismo na Praia Grande de Barra Grande – PI: impactos e contribuições ao desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

Recorda-se de ter entre 10 e 11 anos de idade quando os primeiros veranistas chegaram à região, sendo Ariosto Ibiapina um deles.

2. José Erismar Medeiros de Lima, 55 anos de idade, é irmão de Erisvaldo Lima e nasceu no Ceará, antes de estabelecer-se em Barra Grande. Ele é pai de quatro filhos, todos empregados há muitos anos em pousadas no município de Cajueiro da Praia. Ele relembra os desafios enfrentados quando começaram a pescar na região, e eram perseguidos por pescadores tradicionais, tendo suas redes rasgadas devido à grande captura de peixes. Os pescadores tradicionais, preocupados com a diminuição dos recursos pesqueiros, entraram em conflito com os cearenses, resultando em episódios violentos. Para contornar a situação, os cearenses foram forçados a pescar em áreas mais distantes da praia. Foi ele quem teve a ideia de realizar a Regata dos Pescadores na Praia de Barra Grande, em julho de 1991, um evento que continuou ocorrendo por vários anos.
3. Isabel Dolores Lupiañes Marques, 55 anos de idade, é filha de mãe brasileira e pai espanhol, nasceu no Brasil e viveu na Espanha por 22 anos. Em 2011, conheceu Barra Grande por meio de seu companheiro, João Bosco Castello Branco. Naquela época, ela já praticava *kitesurf* e se encantou pelo local, decidindo estabelecer residência ali. Antes disso, realizou um curso de instrutora de *kitesurf* em Tarifa, Espanha, pela Organização Internacional de Kiteboarding (IKO). Em 2014, fundou uma Organização Não Governamental (ONG) chamada Projeto Vivo, idealizada por sua irmã Lucilene, para envolver crianças e adolescentes de Barra Grande na prática de *kitesurf* e outras atividades esportivas. Junto com Bosco, Isabel cuida e ensina *kitesurf* a crianças e a adolescentes como se fossem seus próprios filhos.
4. João Bosco Castello Branco Neto, 44 anos de idade, é natural de Paranaíba e atualmente mora em Barra Grande com Bel, no local onde também funciona a *Kite Escola Paraíso*. Durante sua juventude, frequentava a casa de seus avós, em Barra Grande, nos fins de semana, nas férias escolares e nos feriados. Ele estabeleceu residência na comunidade em 2001. Conhecido na comunidade como Bosco, aprendeu a velejar na residência de Ariosto Ibiapina, com seu amigo Isaú, de Paranaíba. Ele foi um dos primeiros instrutores de *kitesurf* da região, dedicando-se a ensinar o esporte aos turistas. Atualmente, Bosco e Bel administram a *Kite Escola Paraíso* e o Projeto Vivo.

As pessoas entrevistadas presencialmente foram:

1. Ariosto Monte Fontes Ibiapina, 70 anos de idade, é natural da cidade de Parnaíba – PI e possui formação em medicina. Sua ligação com Barra Grande remonta à década de 1970, quando conheceu a vila por meio de um projeto social realizado por amigos. Gradualmente, Ariosto encantou-se pelo lugar e começou a frequentá-lo como veranista nos anos seguintes. Com o tempo, adquiriu um terreno e construiu uma casa de veraneio, onde recebia constantemente amigos e familiares ao longo do ano. No início dos anos 2000, aprendeu a praticar *kitesurf* em Barra Grande e passou a receber *kitesurfistas* do Ceará. Com o aumento da demanda, transformou sua residência em uma pousada, a BGK, que hoje é uma das mais requintadas da comunidade. Fascinado pelo *kitesurf*, Ariosto gosta de velejar em diferentes partes do mundo. Sua relação próxima com os moradores de Barra Grande ao longo dos anos é admirada pela comunidade.
2. Antônio Nascimento da Costa, 33 anos de idade, nasceu em Barra Grande e trabalha como instrutor de *kitesurf* na comunidade. Ele é o proprietário da Toim *Kite School*, uma escola que leva seu apelido, Toim. Antônio é testemunha do desenvolvimento da comunidade ao longo dos anos devido ao turismo. Ele foi uma das primeiras crianças da comunidade a aprender *kitesurf*, junto com outras crianças, na casa de veraneio de Ariosto Ibiapina. Filho de um pescador, cresceu praticamente tendo a praia como seu quintal, onde brincava com seu irmão Joel em barquinhos feitos de troncos de coqueiro. Ele também é um dos instrutores mais experientes da comunidade.
3. Camila da Silva Veras, 32 anos de idade, nasceu em Barra Grande. Seu sobrenome, Veras, provém de uma das famílias tradicionais do vilarejo. Desde jovem, Camila demonstrou habilidade em lidar com pessoas. Antes de tornar-se uma das primeiras instrutoras mulheres de *kitesurf* da comunidade, ela ajudava seu pai na barraca de praia da família. Camila trabalhou em diferentes áreas, incluindo a venda de camarões e camas, e serviços como garçonne. Atualmente, é uma instrutora altamente respeitada em Barra Grande, trabalhando na BGK *Kite School* desde a fundação. Além disso, complementa sua renda confeccionando objetos de crochê, como bolsas e *shorts*. Seu talento principal é ajudar e trabalhar com pessoas. Sua irmã, Mariane Veras, é sua grande amiga e instrutora de *kitesurf* da BGK *Kite School*. Elas compõem o pequeno grupo de mulheres instrutoras do esporte em Barra Grande.
4. Emanuel Barbeiro Rodrigues, 43 anos de idade, natural de Teresina, é formado em Turismo. Junto com seus pais, biólogos, ele realizou muitas pesquisas de campo em Barra Grande, onde chegou há cerca de dez anos para assumir os negócios da família.

Atualmente, é proprietário da Padaria e Pousada da Barra¹⁷, dedica-se aos desafios do turismo e às oscilações do mercado mundial, além de contribuir para o desenvolvimento de Barra Grande como destino turístico. Emanuel pratica *kitesurf* nos momentos de lazer na comunidade, possui conhecimento especializado em climatologia, especialmente no litoral piauiense, e compreende profundamente a cadeia produtiva da atividade turística em Barra Grande.

5. Hélio Cabrinha da Silva, 32 anos de idade, nasceu em Barra Grande. Desde a infância, acompanhava seu pai, um pedreiro, nas obras, daí porque aprendeu o ofício e tornou-se um dos melhores pedreiros da região. Assim como o sobrenome Veras, Cabrinha está associado a alguns homens mais velhos que foram pescadores ou ainda se dedicam a essa profissão. Sua ligação com o *kitesurf* ocorreu na casa de veraneio de Ariosto Ibiapina, onde aprendeu o esporte nos primeiros anos da década de 2000. Com o tempo, Hélio começou a participar de torneios esportivos locais e nacionais, destacando-se entre os praticantes, mesmo sem contar com uma preparação técnica formal. Foi por meio do *kitesurf* que conheceu e se apaixonou por Camila Veras, com quem se casou. O casal tem dois filhos: Hanryque Veras Cabrinha, de 8 anos, que já pratica *kitesurf*; e Moana, que também demonstra interesse pelo esporte.
6. Joel Nascimento da Costa, 29 anos de idade, natural de Barra Grande, é o atual presidente da Associação de Condutores de Turismo de Barra Grande (Barratur). Essa associação organiza o Passeio do Cavalo Marinho pelos estuários do Rio Camurupim, na comunidade, há pelo menos 18 anos. Joel recorda os tempos em que Barra Grande era uma comunidade tranquila e o turismo ainda não havia começado na região. Ele e os outros condutores da Barratur são os principais promotores e defensores do turismo sustentável na área, conscientizando pessoas de todo o Brasil e do mundo sobre a importância da conservação desse patrimônio natural.
7. José Antônio Soares de Almeida, 52 anos de idade, nasceu em Ribeirão Preto – SP. Formou-se em Agronomia pela Universidade de Alfenas aos 26 anos. Sua jornada com o *kitesurf* começou quando conheceu o Nordeste, especialmente Jericoacoara, no fim dos anos 1990 e início dos anos 2000. Foi lá que observou uma família italiana praticando *kitesurf* discretamente na praia. Mais tarde, incentivado por dois americanos que estavam certificando pessoas para divulgar e comercializar os equipamentos do esporte, José tornou-se instrutor de *kitesurf*. Logo após, montou sua

¹⁷A padaria foi fechada no segundo semestre de 2023.

própria escola de ensino para os turistas que visitavam a região. Conhecido como Zé do *Kite*, ele visitou Barra Grande pela primeira vez no início dos anos 2000 e começou a levar *kitesurfistas* de Jericoacoara para conhecer a comunidade.

8. José Augusto dos Santos Lima, de 27 anos de idade, é natural de Barra Grande. Sua primeira visão do *kitesurf* ocorreu durante a infância, enquanto brincava na praia da comunidade. Embora inicialmente sonhasse em ser jogador de futebol, ao testemunhar as pessoas deslizando com “paraquedas” na praia, ele imediatamente compartilhou o novo sonho com sua mãe, que investiu parte de seu salário na compra dos equipamentos necessários para realizar o desejo do filho. Seu pai, Edvar Lima, de 54 anos, é um ex-pescador que atualmente trabalha na construção civil. José Augusto tornou-se um dos instrutores mais experientes da região e estabeleceu a Barra *Kite School* em sua própria residência, que fica um pouco afastada da zona litorânea de Barra Grande.
9. Lucia Maria Cabrinha Costa, de 67 anos de idade, é natural de Barra Grande e descreve-se como uma pessoa simples, espontânea, sincera e positiva. Reconhecida por seu sorriso cativante, ela costuma usar expressões como *criatura* e *cristão* de forma divertida em suas falas. Lucia detalha vividamente como era o cotidiano de Barra Grande antes do início do turismo, quando a pesca artesanal dominava a economia local. Ela relembra tanto das dificuldades quanto das alegrias da comunidade, onde todos se conheciam e eram felizes. A família Cabrinha, à qual pertence, é uma das mais tradicionais da região, tendo desempenhado um papel fundamental no crescimento e no desenvolvimento da comunidade. Além disso, Lucia é conhecida por ter escrito a letra do hino do município de Cajueiro da Praia.
10. Luiz Gonçalves da Silva, 77 anos de idade, é um pescador aposentado natural de Barra Grande, casado com Rosa, de 74 anos, com quem teve doze filhos, dois dos quais faleceram. Alguns dos filhos residem em Barra Grande, onde trabalham com Turismo, enquanto outros vivem no exterior. Conhecido carinhosamente como Coró¹⁸ pelos habitantes locais, Luiz Silva tem lembranças afetuosas tanto do passado quanto do presente da comunidade. Atualmente, ele e sua esposa administram um restaurante localizado na entrada de sua residência. Um de seus filhos, conhecido como Capucho, é proprietário de uma das pousadas mais sofisticadas da região, a Casa do Velejador.

¹⁸Coró é o nome popular de um peixe encontrado no litoral brasileiro. Luiz Silva ganhou o apelido de seus amigos pescadores de Barra Grande devido ao seu gosto por pescar e comer esse tipo de peixe. Além disso, ele tinha como desafio alimentar doze filhos com o ofício da pesca.

Outro filho do casal, conhecido como França, foi um dos pioneiros na prática de *kitesurf* em Barra Grande. Ele também inaugurou um pequeno negócio na casa de seus pais, dedicado ao conserto de equipamentos de velejo do esporte.

11. Maria Edilsa de Brito Cabrinha, 63 anos de idade, é natural da cidade de Parnaíba – PI. Conheceu seu atual esposo, Aurindo da Costa Cabrinha, e casou-se com ele entre os anos de 1999 e 2000, na mesma cidade. Posteriormente, mudaram-se para Barra Grande. Lá, Maria Edilsa tornou-se a cozinheira da casa de veraneio construída por Ariosto Ibiapina, que se transformou na Pousada BGK. Carinhosamente apelidada de Loura por Ariosto Ibiapina, Maria Edilsa é conhecida por preparar pratos deliciosos, especialmente à base de frutos do mar. Um dos pratos mais famosos do restaurante da pousada é a *Peixada da loura*, assim nomeado em homenagem a ela. Maria Edilsa trabalhou na BGK até 2008, onde conquistou o carinho e a admiração dos *kitesurfistas* frequentadores da pousada de Ariosto Ibiapina.
12. Mozer Pinto dos Santos, 38 anos de idade, chegou a Barra Grande com a família quando ainda era criança. Seu pai, Francisco Ferreira das Chagas, é um dos pescadores mais antigos da localidade. Atualmente, é proprietário da Barraca do Mozer, localizada na Praia de Barra Grande. Antes de montar esse estabelecimento, trabalhava vendendo refrigerantes, cerveja e outros produtos em um isopor na praia, além de guiar turistas que visitavam a região. A ideia de montar a barraca foi de sua amiga Vinólia, de Teresina – PI. No início, enfrentou resistência de alguns barraqueiros estabelecidos na praia, que não aceitavam a instalação de um novo estabelecimento no local.
13. Manoel Soares dos Santos Neto, 21 anos de idade, o Piçarrinha, nasceu em Barra Grande. Quando criança, costumava observar os estrangeiros praticando *kitesurf* na praia local, até que um dia foi presenteado com equipamentos de *kitesurf* por um desses estrangeiros. Apaixonou-se pelo esporte e ingressou no Projeto Vivo, em 2014, onde aprimorou suas habilidades. Aos 15 anos, participou de seu primeiro campeonato, o Arena Kite Brasil, em 2016, na Praia do Coqueiro, município de Luís Correia – PI. No ano seguinte, competiu em seu primeiro torneio mundial da modalidade. Hoje, ao lado de Bia, é um dos atletas de *kitesurf* mais destacados da comunidade, com diversos títulos conquistados em torneios locais, nacionais e internacionais.
14. Maria Beatriz dos Santos Silva, mais conhecida como Bia, tem 18 anos de idade e é natural de Barra Grande. O interesse pelo *kitesurf* foi despertado por seu grande

amigo, Luis Fernando, apelidado de Luisinho, quando ela ingressou no Projeto Vivo, em 2014, aos dez anos de idade. Aprender a nadar foi um dos primeiros desafios que enfrentou para velejar com segurança, mas logo superou essa barreira. Em pouco tempo, Bia estava competindo e representando a comunidade e o estado do Piauí nos principais eventos de *kitesurf* locais, nacionais e internacionais. Sua persistência e determinação são características marcantes, e ela carrega consigo a frase “minha filha, o dia não é tão longe, e nada é em vão e muito menos por acaso”, dita por Bel enquanto ensinava a ela o esporte no Projeto Vivo. Para Bia, Bel e Bosco foram essenciais em sua formação cidadã e profissional.

Adicionalmente, durante o processo de entrevistas, solicitou-se aos entrevistados a disponibilização, se possível, de imagens, fotografias, *folders*, entre outros materiais pertinentes ao *kitesurf*. Esse pedido visava a complementar os depoimentos coletados nas entrevistas e enriquecer a pesquisa documental.

O universo de entrevistados nesta pesquisa foi considerado satisfatório, pois englobou uma diversidade de pessoas que vivem ou frequentam Barra Grande. Essa variedade inicial foi importante para garantir a qualidade das informações, permitindo captar diferentes perspectivas e experiências sobre o esporte ao longo do tempo. Essa abordagem fortaleceu a confiabilidade e a validade dos achados, além de contribuir para a construção de uma história sobre o *kitesurf* em Barra Grande (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016).

Durante as observações de campo, percorreu-se o povoado de Barra Grande a pé, durante o dia, visitando locais onde a concentração de *kitesurfistas* era comum, como: a praia do povoado, onde estão instaladas as zonas de *kite* (*kite zone*); as barracas de praia; e as pousadas, com a oferta de serviços de alimentos e bebidas para os turistas. As principais *kite zones* da praia de Barra Grande estão localizadas nas proximidades de alguns pontos estratégicos, como o restaurante Bohan, a Barraca do Sarney, a Barraca Trabalha Brasil e a Pousada BGK, onde estão localizados o restaurante Pé de Vento e a BGKite School.

Utilizou-se um *smartphone Samsung* para registrar fotografias e filmagens, além de um diário de campo para anotações sobre o cotidiano das pessoas que residem e/ou estão visitando Barra Grande, especialmente os *kitesurfistas*. Além dos períodos mencionados anteriormente, este pesquisador esteve em Barra Grande em maio e em novembro de 2023, e entre maio e julho de 2024, para realizar observações diretas sobre o *kitesurf* no povoado.

Na *kite zone*, perto da Barraca do Sarney, observaram-se os alunos da ONG Projeto Vivo, criada pela escola de *kitesurf* Kite Escola Paraíso, que atende a crianças e a adolescentes

do povoado por meio da prática desse esporte. Nesse local, observou-se, ainda, instrutores e alunos da *Kite Escola Paraíso* e da *EDS Kite School* ensinando e praticando o *kitesurf*.

Os alunos da ONG Projeto Vivo estavam envolvidos em atividades de aprendizado do esporte, praticando *kitesurf* sob a supervisão de instrutores que são moradores de Barra Grande. Na *Kite Escola Paraíso* e na *EDS Kite School*, pessoas de diferentes idades e nacionalidades, incluindo turistas e moradores locais, estavam participando de aulas de aprendizagem e de aperfeiçoamento do esporte. Alguns praticantes iniciantes estavam se familiarizando com o esporte, enquanto outros, com mais experiência, realizavam manobras avançadas. A praia mostrava-se como um espaço dinâmico, com uma diversidade de praticantes, além de observadores que acompanhavam as atividades, seja nas barracas e nos restaurantes ao longo da orla, ou na areia, assistindo à prática do esporte.

A prática do esporte em Barra Grande, geralmente se iniciava por volta de 9h e 10h da manhã, com os *kitesurfistas* aproveitando as condições ideais de vento, e seguia até às 18h, quando o cenário do pôr do sol contrastava com as últimas manobras dos *kitesurfistas*. O ritual comum a todo *kitesurfista* é chegar à zona de praia, montar os equipamentos com cuidado e, em seguida, preparar-se para o velejo. Normalmente, eles começam ajustando as pipas de acordo com as condições do vento, conectando-as aos cabos e verificando todas as conexões que as ligam ao restante do equipamento. Esse processo é essencial para garantir que o *kitesurfista* esteja totalmente conectado ao equipamento e pronto para se lançar ao mar com segurança e eficiência.

Da Barraca Bahamas, foi possível observar *kitesurfistas* praticando o esporte livremente na praia. Alguns deles velejavam próximo a pescadores e a banhistas que costumavam tomar banho de mar e de sol. Também se observou pessoas caminhando pela areia, turistas aproveitando a paisagem para tirar fotos e relaxar, vendedores ambulantes oferecendo produtos típicos da região, como artesanatos, e pescadores realizando suas atividades no mar.

Na *kite zone*, localizada em frente à Pousada BGK, visualizou-se alunos e instrutores de diferentes idades e nacionalidades da *BGKite School* aprendendo e aperfeiçoando o esporte. Os alunos, em sua maioria iniciantes e hóspedes da pousada, estavam sob orientação dos instrutores naturais de Barra Grande e de estrangeiros. Ao lado dessa escola, no restaurante Pé de Vento, os hóspedes da BGK e os turistas que estavam visitando Barra Grande assistiam à prática e às manobras dos *kitesurfistas* mais experientes.

Na *kite zone* localizada em frente à Barraca Trabalha Brasil, não se identificou a atuação de uma escola de ensino de *kitesurf*, mas que os *kitesurfistas* eram turistas de

diferentes nacionalidades, principalmente estrangeira, que ficavam hospedados em residências alugadas ou em pousadas. Eles compartilhavam o espaço com pescadores e banhistas, sendo *kitesurfistas* experientes que costumavam frequentar o povoado.

As observações não puderam ser realizadas em alguns estabelecimentos turísticos, como pousadas e chalés, devido à restrição de acesso, principalmente por questões de privacidade dos hóspedes, o que dificultou a interação direta e a coleta de informações nesses locais.

Percorreu-se várias vezes, em diferentes horários do dia e da noite, a rua Portal da Barra e a praça principal de Barra Grande, localizadas nas proximidades da orla marítima. A praça, conhecida como Praça Nossa Senhora da Conceição, em homenagem à santa padroeira, é um ponto central do povoado e abriga a única igreja local.

Durante o dia, nos estabelecimentos comerciais ao redor da Praça Nossa Senhora da Conceição, turistas e moradores reuniam-se em lojas de conveniência para fazer compras rápidas e refeições, ou para socializar. Alguns se dirigiam às frutarias e às peixarias para adquirir produtos locais, enquanto a loja de artesanato atraía aqueles que procuravam lembranças da região. A quadra poliesportiva era frequentemente utilizada por moradores para atividades recreativas ou jogos de *futsal*. À noite, a praça transformava-se em um ponto de encontro, com turistas e principalmente moradores locais aproveitando o ambiente mais tranquilo para passeios, e participando das missas realizadas na igreja.

Na rua Pontal da Barra, durante o período noturno, notou-se um movimento significativo de turistas, incluindo *kitesurfistas* brasileiros e estrangeiros, além de moradores locais. Nesse horário, diversos estabelecimentos comerciais, como churrascarias, bares com música ao vivo e lojas de artesanato, estavam em funcionamento. O fluxo de pessoas era, provavelmente, mais intenso à noite, uma vez que os turistas passavam o dia nas praias e à noite, era o momento em que muitos se reuniam para socializar e aproveitar as opções de lazer disponíveis na região. Ao mesmo tempo, outros moradores locais estavam envolvidos no trabalho nos estabelecimentos – como funcionários ou como empreendedores.

Além de observar esses locais, participou-se de uma reunião promovida pela ONG Comissão Ilha Ativa, no dia 22 de setembro de 2022, na Colônia de Pescadores Z-6, em Barra Grande, que discutiu a instalação de um Parque Eólico em Barra Grande e contou com a participação de pescadores, marisqueiras e *kitesurfistas*. Nessa reunião, percebeu-se o engajamento desses grupos na pauta principal das discussões, que era a instalação de um parque eólico na região.

Participou-se também da 3ª Feira Literária de Barra Grande, que ocorreu no mês de junho de 2024, no espaço em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição; e do Festival Viva o Vento, em outubro de 2024. A participação nesses eventos serviu para entender como os *kitesurfistas*, tanto nativos quanto turistas, envolviam-se nas atividades e como se comportavam nesses eventos.

O *Street View* do *Google Maps* é uma ferramenta que permite passeios virtuais, e faculta visualizar imagens panorâmicas de 360 graus de ruas e de locais ao redor do mundo. Lançada em 2007, essa funcionalidade oferece uma forma interativa de explorar cidades, bairros e paisagens, proporcionando a sensação de estar presente fisicamente no local. Ela também propicia que sejam mostradas fotos antigas do local pesquisado, permitindo identificar as mudanças ocorridas em determinadas localidades. Para utilizar essa ferramenta, basta clicar no ícone do boneco amarelo no canto inferior esquerdo após pesquisar a área desejada no *Google Maps*.

Sobre o povoado de Barra Grande, há imagens disponíveis desde 2012, o que permitiu identificar mudanças e permanências no local. Essa ferramenta foi utilizada em 2022 para capturar imagens de algumas ruas do povoado de Barra Grande, como a rua da Praia, a rua São José e a rua Pontal da Barra, em áreas situadas nas proximidades da praia local. Foi possível registrar equipamentos turísticos, escolas de *kitesurf* e lojas especializadas no reparo de equipamentos para a prática desse esporte no início da década de 2010.

Realizou-se a pesquisa documental (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016) por meio do descritor *kitesurf*, em matérias publicadas nos portais de notícias piauienses: G1 da TV Clube (<https://redeglobo.globo.com/busca/?q=kitesurf>);

GP1(<https://www.gp1.com.br/busca/?q=kitesurf>); cidadeverde.com

(<https://cidadeverde.com/buscar/noticias/kitesurf>); meionorte.com

(<https://www.meionorte.com/tudo-sobre/noticias/kitesurf>); Jornal da Parnaíba

(<https://www.jornaldaparnaiba.com/search?q=kitesurf>); Barra Grande News

(<https://barragrandenews.com.br/?s=kitesurf>)¹⁹; Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia

(<https://cajueirodapraia.pi.gov.br/>); site oficial da ONG Projeto Vivo

(<https://projetovivokitesurf.wordpress.com/sobre-nos/>).

Pesquisou-se, ainda, postagens sobre o *kitesurf* no litoral piauiense em perfis de redes sociais: *Facebook* da Federação Piauiense de *Kitesurf* (APK) (<https://www.facebook.com/APKitesurf/>); páginas de *Instagram* e *Faceboock* da Kite Escola

¹⁹Atualmente, a página está desativada, mas esteve ativa durante o período de pesquisa documental desta tese.

Paraíso (https://www.instagram.com/kiteescolaparaíso/?hl=pt&__coig_restricted=1 e <https://www.facebook.com/kiteescolaparaíso/>); perfil de *Instagram* do Projeto ONG Vivo (<https://www.instagram.com/projetovivokitesurf/>).

Durante as consultas aos portais de notícias piauienses e aos perfis de redes sociais, selecionaram-se todas as matérias publicadas sobre o *kitesurf* em Barra Grande, e excluíram-se aquelas que não se referiam ao esporte nessa localidade. Posteriormente, leu-se integralmente e analisamos todas essas postagens.

Ainda como parte da pesquisa documental, consultou-se o portal de notícias da Prefeitura de Cajueiro da Praia (<https://cajueirodapraia.pi.gov.br/legislacao>), rastreando decretos e leis orgânicas do município, além de dados sobre o *kitesurf* em Barra Grande. Os documentos localizados e consultados foram²⁰:

- Relatório final do Plano Diretor de Cajueiro da Praia (2008) (Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, 2008).
- Lei n.º 181, de 15 de outubro de 2008, que institui o Plano Diretor do Município de Cajueiro da Praia (Cajueiro da Praia, 2008).
- Lei Complementar n.º 200, de 14 de outubro de 2009, que dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do município de Cajueiro da Praia, e dá outras providências (Cajueiro da Praia, 2009a).
- Lei Complementar n.º 203, de 14 de outubro de 2009, que dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no município de Cajueiro da Praia, e dá outras providências (Cajueiro da Praia, 2009b).
- Lei Municipal n.º 399, de 28 de abril de 2021, que cria, no âmbito do município de Cajueiro da Praia- PI, o Projeto Agenda 21 (Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, 2021).
- Decreto n.º 24, de 23 de junho de 2021, que regulamenta a Lei Complementar n.º 200, de 14 de outubro de 2009 – que dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do município de Cajueiro da Praia, e dá outras providências (Cajueiro da Praia, 2021).

Também se analisaram outros dois documentos: o Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande (2008-2013), obtido na versão impressa, cedida por Macêdo (2012), em 2014; e o Processo n.º 02123.002895/2018-93 (SEI, 2022), que trata do processo de regulamentação da prática de *kitesurf* no litoral piauiense, concedido por *e-mail* pelo Instituto Chico Mendes

²⁰Disponível em: <http://transparencia.cajueirodapraia.pi.gov.br/legislacao#legislacao-lei>. Acesso em: 10 set. 2022.

de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) para uso nesta pesquisa. Esse processo foi fundamental para entender as implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande.

Assim, analisaram-se e organizaram-se os dados coletados em pastas no gerenciador de referências *Mendeley*, à medida que temas recorrentes emergiam, sendo eles: principais praticantes; equipamentos esportivos; ensino do esporte; *secret point*; turismo de aventura; turismo de esportes; escolas de ensino de *kitesurf*; projetos sociais de *kitesurf*; divulgação de Barra Grande; implicações; programas/ações de desenvolvimento do turismo; regulamentação do esporte; configuração socioespacial atual; e características naturais locais. Esse processo facilitou a codificação dos dados, categorizando informações similares em categorias gerais e em subcategorias (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016), como mostra o Quadro 1.

Quadro 1 – Categorias gerais e subcategorias da análise

CATEGORIAS GERAIS	SUBCATEGORIAS
Constituição do <i>kitesurf</i>	Principais praticantes Equipamentos esportivos Ensino do esporte Hospedagem dos <i>kitesurfistas</i> <i>Secret point</i> Divulgação de Barra Grande Turismo de aventura Implicações
Enraizamento do <i>kitesurf</i>	Ensino do esporte Escolas de ensino do esporte Projetos sociais do esporte Turismo de esportes Divulgação de Barra Grande Implicações Regulamentação do esporte Equipamentos esportivos Hospedagem dos <i>kitesurfistas</i> Configuração socioespacial atual Características naturais locais

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Por fim, discutiram-se os dados com respaldo na literatura nacional e internacional relevante para a temática abordada, levando em consideração os questionamentos e os objetivos específicos desta tese (Minayo; Deslandes; Gomes, 2016).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o n.º 52989121.1.0000.5149, tendo como base a Resolução n.º 510, de 7 de abril de 201, do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes para a realização de pesquisas que envolvam, direta ou indiretamente, seres humanos, e permite que participantes sejam identificados, desde que autorizem a divulgação de seus dados.

2 A CONSTITUIÇÃO DO KITESURF EM BARRA GRANDE (INÍCIO DOS ANOS 2000 A 2007)

2.1 Sobre Barra Grande

Os litorais, na contemporaneidade, destacam-se como verdadeiros espaços de lazer, devido à apropriação cultural das pessoas (Moraes, 2007), e são considerados ambientes únicos, dotados de qualidades geográficas especiais (Moraes, 1997). Além disso, esses espaços abrigam uma população densa e concentrada, possuindo formas de ocupação específicas que os tornam ainda mais singulares.

O litoral brasileiro apresenta uma série de características únicas, especialmente quando analisados os aspectos econômicos e ambientais. Do ponto de vista econômico, destaca-se a valorização das zonas costeiras,²¹ pois terrenos próximos ao mar são considerados mais escassos, em comparação com os mais afastados dessa região (Moraes, 2007).

A valorização dessas áreas deve-se a diversos fatores, incluindo sua transformação em espaços de lazer e veraneio (Dantas, 2020). Sob a ótica da biodiversidade, a zona costeira brasileira abriga ecossistemas de grande riqueza e importância ecológica, e constitui fontes significativas de recursos naturais (Moraes, 2007).

Considerando a zona costeira do litoral piauiense, com foco no município de Cajueiro da Praia, onde está localizado o povoado de Barra Grande, alguns aspectos podem ser ressaltados. Cajueiro da Praia, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), tem uma população de 7.704 habitantes e é composto por dezoito povoados, quatro dos quais estão localizados na zona costeira: Barra Grande, Barrinha, Sardinho e Morro Branco, além da praia de Cajueiro, onde se encontra a sede do município, com uma extensão de 13 km. As demais comunidades, como Canto Grande, Árvore Verde, Morada Nova, Lagoa de São José, São Domingos, Camurupim, Carpina, Gargalho, Boa Vista, Terra Nova, Canto Comprido, Praia Branca, Bom Princípio e Tocos, estão situadas na hinterlândia, ou seja, mais afastadas da zona costeira, no interior do município (Cajueiro da Praia, 2022).

²¹Para Brocx e Semeniuk (2009, p. 245), a zona costeira é “uma zona dinâmica de interseção e interação de terra, mar, água subterrânea e atmosfera,” caracterizada por uma grande diversidade de feições químicas, físicas, biológicas e estruturais que podem gerar produtos de diferentes tamanhos e escalas, como praias, falésias, recifes, estuários e manguezais.

BROCX, M.; SEMENIUK, V. Coastal geoheritage: encompassing physical, chemical, and biological processes, landforms, and other geological features in the coastal zone. **Journal of the Royal Society of Western Australia**, Perth, Australia, n. 92, p. 243-260, 2009.

Em relação à Barra Grande, seus primeiros habitantes foram os índios Tremembés, que já habitavam a área há, pelo menos, 350 anos. No entanto, o núcleo inicial de povoamento da comunidade remonta ao ano de 1835, no século XIX, período que coincide com o início da Guerra dos Farrapos (Macêdo, 2011).

O povoamento de Barra Grande ocorreu quando um gaúcho, cujo nome não foi registrado, fugiu da Guerra dos Farrapos, atravessando as matas até chegar ao litoral piauiense, mais precisamente ao local onde hoje se encontra a praia. Ele permaneceu na região por alguns dias até avistar, certa noite, uma luz distante. Ao aproximar-se, encontrou outro gaúcho, também fugitivo da mesma guerra. Com o tempo, ambos se tornaram pescadores e passaram a escolher os melhores locais para a pesca. O primeiro preferia pescar em uma barra pequena, onde o sol nascia, enquanto o segundo, conhecido como Vicente Pescador, preferia pescar onde o sol se punha, em uma barra grande. Em face dessas histórias, contadas por moradores de Barra Grande, acredita-se que daí surgiram os nomes das comunidades de Barrinha (barra pequena) e Barra Grande (Macêdo, 2011, p. 96).

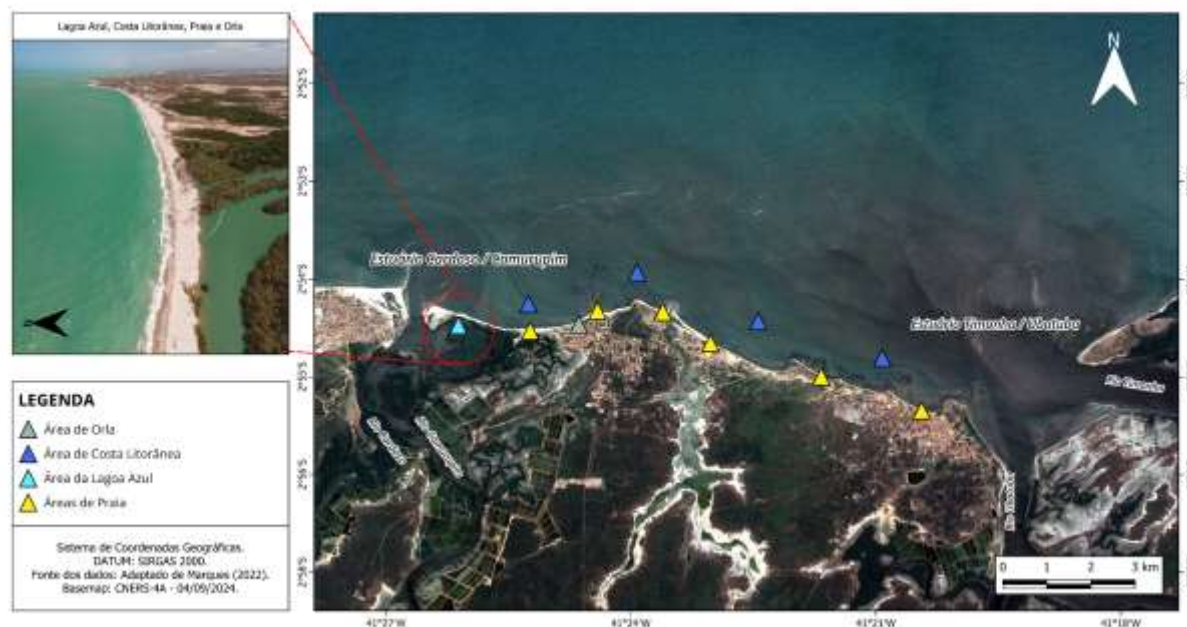
Barra Grande fica a 342 km de Teresina. O acesso ao povoado é feito, principalmente, por meio de veículo próprio, com um percurso de 342 km, que leva cerca de cinco horas de viagem. Há, ainda, a opção de transporte rodoviário, partindo do Terminal Rodoviário de Teresina até o Terminal Rodoviário de Barra Grande, pela empresa Guanabara, que realiza o trajeto diariamente. As passagens rodoviárias variam entre R\$ 80,00 e R\$ 110,00, e a viagem tem duração aproximada de oito horas. O transporte aéreo representa uma alternativa, com voos partindo do Aeroporto Senador Petrônio Portela, em Teresina, para o Aeroporto Internacional de Parnaíba – PI, Prefeito Dr. João Silva Filho. No entanto, as passagens aéreas costumam ser mais caras e demoradas, uma vez que o voo geralmente realiza escalas em outros aeroportos brasileiros antes de chegar ao destino.

No fim de 2023, o governo do estado do Piauí inaugurou o Aeroporto de Barra Grande, que conta com uma pista de pouso e decolagem de 1.500 metros de extensão, e 25 metros de largura, além de um terminal de passageiros. Segundo o Portal G1 PI (2023), o aeroporto tem capacidade para receber aeronaves com até 40 passageiros, mas ainda não recebe voos comerciais regulares, sendo utilizado principalmente para aeronaves particulares.

Barra Grande está localizada no litoral estuarino do estado do Piauí, em uma área de, aproximadamente, 16,62 km. A região é marcada pela presença de dois estuários, que representam zonas de transição entre os rios e o mar: o primeiro inicia-se na Ponta do Anel, na foz dos rios Cardoso e Camurupim, e estende-se para o leste, até a desembocadura dos rios

Ubatuba, em Cajueiro da Praia, e Timonha, em Bitupitá, no Ceará, constituindo o segundo estuário (Silva; Lima, 2020), como ilustra a Figura 3.

Figura 3 – Estuários em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – PI



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/p/DDztL99Pah0/?img_index=1. Acesso em: 11 dez. 2024.

Esses estuários desempenham um papel meritório como berçário e como abrigo para diversas espécies ameaçadas de extinção, a exemplo de aves, como maçarico-de-papo-vermelho, maçarico-rasteirinho, maçarico-de-costas-brancas e maria-do-nordeste; mamíferos peixe-boi-marinho, guariba-de-mãos-ruivas e boto-cinza; e tartarugas, como cabeçudas, de pente, oliva, verde e de couro (ICMBIO, 2022b).

Além disso, essas áreas são fundamentais como “zonas de parada e alimentação para aves migratórias” e são ecologicamente importantes, por abrigar uma grande área de manguezal, campos de dunas ativas, amplas planícies de deflação eólica e lagoas costeiras (Sousa, 2019, p. 23).

Assim como todo o litoral piauiense, Barra Grande faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba, uma categoria de Unidade de Conservação (UC) de uso sustentável criada pelo Decreto Federal s/n.º, de 28 de agosto de 1996 (Brasil, 1996), sendo o ICMBIO o órgão responsável, nessa APA, por executar ações do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), podendo propor, implantar, gerir, proteger, fiscalizar e monitorar a área. Além disso, pode fomentar e executar programas de pesquisa,

proteção, preservação, conservação da biodiversidade e exercer o poder de polícia ambiental para a proteção da unidade (ICMBIO, 2020a).

Um dos principais argumentos para a mobilização e a criação dessa APA foi a considerável população de peixes-boi-marinhos que ocorre no litoral piauiense²². Vale destacar que desde 1994, especialistas que trabalham no Projeto Peixe-Boi-Marinho – cuja unidade funciona por intermédio de parceria entre a Fundação Mamíferos Aquáticos e a Petrobras, com aporte financeiro desse último – realizam ações ambientais nas praias do litoral piauiense, mediante a colaboração de moradores locais em escolas e comunidades da região, bem como de turistas (Macêdo, 2011).

A sede do Projeto Peixe-Boi-Marinho está localizada em Cajueiro da Praia, o primeiro município brasileiro a receber o título de Patrimônio Natural do Peixe-Boi-Marinho (Neto, 2006). Por cúmulo, a Lei Municipal n.º 51, de 12 de março de 2003, tornou a prefeitura local responsável por proteger esse mamífero em seu *habitat* natural, ou seja, nos estuários, nos rios e no mar, e deu a esse órgão o direito de explorar tal título para incrementar a atividade turística no local, bem como articular parcerias com entidades para preservar essa espécie (Neto, 2006).

De acordo com o Relatório Consolidado da Situação do Território do Posto de Saúde de Barra Grande (2023), a população residente no povoado é de 3.160 pessoas, com 1.136 domicílios cadastrados. Essa população é culturalmente diversa e cultiva atividades tradicionais, como: a pesca, passada de pais para filhos, que possibilita estabelecer o ritmo da vida cotidiana em permanente vínculo com a natureza; a coleta de caranguejos; o extrativismo vegetal, com a coleta de frutos e de sementes; a agricultura familiar, sem uso de agrotóxicos; e a criação de animais (ICMBIO, 2020b).

²²Os monitores do ICMBio do Piauí contabilizaram de 40 a 50 peixes-bois vivendo no estuário dos rios Ubatuba (PI) e Timonha (CE). Além desse local, a espécie pode ser encontrada no litoral dos estados Pará e Alagoas. Dessa forma, existe um corredor litorâneo percorrido pelo peixe-boi que se estende do Norte ao Nordeste brasileiro, facilitando o contato entre as populações e evitando o isolamento genético da espécie em cada estado (Annenberg, 2023).

ANNENBERG, S. Litoral do Piauí. **Globo Repórter**. 24 mar. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11478730/?s=0s>. Acesso em: 26 ago. 2023.

Outra atividade tradicional é a mariscagem, uma forma de coletar mariscos do mar, como sururus, tariobas, pixixis, ostras e bicos de patos, entre outros²³, feita pelas mulheres dos pescadores e seus familiares (Freitas *et al.*, 2012). Essas atividades tradicionais asseguram a subsistência e a segurança alimentar das famílias que residem na comunidade, conforme aponta o ICMBio (2020b).

Além de uma população culturalmente diversa, Barra Grande destaca-se nas últimas décadas pela crescente presença de turistas, impulsionada pela consolidação do turismo, considerado um “fenômeno social, cultural e econômico que envolve o deslocamento de pessoas para locais fora de sua residência habitual, geralmente por lazer” (Naciones Unidas/UNWTO, 2008, p. 1). O povoado faz parte da Rota das Emoções²⁴, que corresponde a um roteiro turístico que liga três estados do Nordeste brasileiro: Ceará (Parque Nacional de Jericoacoara); Piauí (área de proteção ambiental Polo Costa do Delta); e Maranhão (Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses). Esse projeto visa a integrar essas regiões, destacando as belezas naturais e culturais, e promovendo o turismo sustentável como motor de desenvolvimento econômico para a região (Sebrae, 2023).

O turismo praticado no povoado é composto por atividades relacionadas aos segmentos turísticos de sol e praia, ecoturismo, turismo de aventura e turismo de esportes. No que tange às atividades de turismo de sol e praia em Barra Grande, segundo Brasil (2010b), estão relacionadas à recreação, ao entretenimento ou ao descanso em praias – isso em função da presença conjunta de água, sol e calor. Por sua vez, os banhos de sol e de mar são as principais atividades realizadas pelos moradores locais e turistas nesse povoado.

Sobre o ecoturismo – compreendido como um segmento da atividade turística que utiliza, de maneira sustentável, o patrimônio natural e cultural, promove a conservação deste e busca despertar a consciência ambiental por meio da interpretação do ambiente, favorecendo o bem-estar das comunidades locais (Brasil, 2010a, p. 17) –, em Barra Grande realizam-se

²³As espécies de animais extraídas do mar e conhecidas na culinária como frutos-do-mar são, em sua maioria, invertebradas. Elas possuem como proteção o exoesqueleto – um esqueleto externo ao corpo –, que pode assumir diferentes formas e tamanhos, dependendo da espécie. Esse exoesqueleto pode assemelhar-se a uma concha, sendo uma característica comum dessas espécies (ICMBio, 2020b).

²⁴A Rota das Emoções foi criada em 2005, por uma parceria entre o Sebrae, o Ministério do Turismo (MTur) e empresários do setor de três estados do Nordeste. Seu principal objetivo é fomentar o turismo na região, atraindo mais visitantes e, conseqüentemente, gerando novas oportunidades para os empreendedores locais (Sebrae, 2023).

SEBRAE. **Rota das Emoções**: atrativos e resultados para o *trade*. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/rota-das-emocoes-atrativos-e-resultados-para-o-trade,e53806de0bbe6810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=A%20Rota%20das%20Emo%C3%A7%C3%B5es%20suruiu,assim%2C%20mais%20oportunidades%20aos%20empreendedores>. Acesso em: 19 out. 2023.

atividades sustentáveis que incentivam a conservação do ambiente local e buscam a formação de uma consciência ambientalista dos turistas que visitam a comunidade, nomeadamente durante a realização do passeio do cavalo-marinho (Brasil, 2010a).

O referido passeio é realizado pela Barratur – empresa formada e composta por moradores locais – e conduz turistas que visitam o povoado pelo Rio Camurupim e seus estuários, conscientizando-os da importância da conservação daquele ambiente, fornecendo informações sobre as espécies de animais e as plantas que ocorrem na região, particularmente o cavalo-marinho da espécie *Hippocampus reidi*.

O passeio custa R\$ 80,00 (oitenta reais)²⁵ para adultos, e inicia-se na sede da Barratur, próximo à Praça Nossa Senhora da Conceição, a principal da comunidade de Barra Grande. De lá, os turistas são conduzidos em charretes de tração animal (bem cuidado e alimentado) pelo povoado e pela praia, por cerca de 15 minutos, conhecendo a localidade até chegar ao Rio Camurupim. De lá, sobem em um barco, movido a remo, e continuam o passeio pelos igarapés, contemplando a paisagem. Em determinado ponto do rio, param para um banho refrescante e seguem para outro local, onde visualizam o cavalo-marinho, com a ajuda de um guia. O passeio termina próximo à foz do rio, e os turistas retornam à sede da Barratur pela praia, de charrete, apreciando a paisagem.

Esse passeio é feito em canoas, na extensão navegável do Rio Camurupim, quando a maré está cheia. Dois condutores acompanham grupos de seis a oito pessoas e, no fim do passeio (ou no início, dependendo da maré), um deles mergulha em busca do cavalo-marinho, exibindo-o aos turistas em um pequeno aquário de vidro. A presença desse animal é considerada um fator de atração turística (Ferreira, 2012).

Nesse sentido, Barra Grande é compreendida, nesta tese, como patrimônio natural que, “antes de tudo, faz parte da vida humana e não que a ela se opõe”, ou seja, uma noção de patrimônio “ligada às práticas sociais e à memória coletiva, portanto, envolvendo um amplo uso e apropriação social” (Scifoni, 2006, p. 27-28).

Já o turismo de aventura, que “compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo” (Brasil, 2010c, p. 14), e o turismo de esportes, que “compreende as atividades turísticas decorrentes da prática, envolvimento ou observação de modalidades esportivas” (Brasil, 2010d, p. 23) têm, em Barra Grande, suas atividades turísticas mais consolidadas, comparadas às atividades do turismo de

²⁵Valor correspondente ao ano de 2023.

sol e praia e do ecoturismo, e isso se deve ao *kitesurf* (Macêdo, 2011; Dutra, 2015; Braga; Guzzi, 2021).

As práticas de *kitesurf* ligadas ao turismo de aventura no povoado são o velejo livre do esporte na praia; o ensino do esporte nas escolas de *kitesurf* e/ou em projetos sociais, por ONGs instaladas na região; e a prática do *downwind*, que significa descer ou velejar a favor do vento, em um percurso partindo de Barra Grande para outras praias piauienses ou brasileiras. Esse segmento de turismo ocorre com maior regularidade do que o turismo de esportes, que se dá, especificamente, durante alguns dias do ano, por meio da realização de torneios locais, estaduais, nacionais e internacionais.

O turismo em Barra Grande é favorecido pelas características naturais do povoado, como a temperatura amena ou quente durante o ano inteiro, proporcionando um banho de mar agradável; e pelos ventos alísios, que trazem uma sensação de frescor durante os banhos de sol e de mar, além de serem propícios para a prática do *kitesurf*, que desde o início dos anos 2000, impulsiona o desenvolvimento turístico com a inserção desse esporte no povoado, tornando-o um destino turístico reconhecido no Brasil e internacionalmente (Dutra, 2015).

Como ressaltou Beni (2006), um destino turístico vai além de um espaço físico com localização geográfica, infraestrutura e atributos naturais; ele é, igualmente, uma entidade sociocultural que envolve o contexto histórico, as tradições e as características culturais do local. Nesse contexto, o atrativo turístico, segundo Urry (1990), é o elemento-chave que impulsiona o processo turístico, emergindo das atrações naturais, culturais e sociais presentes na localidade, atraindo visitantes em momentos específicos.

A praia local, chamada de Praia de Barra Grande, pode ser entendida como um ambiente historicamente formado e fruto de diversas práticas e representações sociais, muitas originadas na Europa de séculos passados, mas adaptadas de maneira distinta no Brasil, com a incorporação de comportamentos e de estilos de vida reputados desde cedo como essenciais para o acesso de determinadas classes à modernidade ocidental (Dantas, 2019).

Ela é o principal atrativo turístico do povoado, que tem uma crescente demanda de turistas, e desempenha um papel considerável no desenvolvimento do turismo e na economia do povoado²⁶, destacando-se por “ser a praia piauiense de maior destaque nos roteiros turísticos nacionais e internacionais” (Cunha; Silva, 2018, p. 286), com o *kitesurf* figurando como um dos maiores atrativos.

O que diferencia Barra Grande de outras localidades do litoral piauiense é sua aposta em diversos segmentos turísticos ao longo de todo o ano. As demais praias do litoral piauiense, como Pedra do Sal, localizada no município de Parnaíba, Atalaia, Coqueiro e Maramar²⁷, situadas no município de Luís Correia, apostaram no turismo de sol e praia como principal atrativo, focando na exploração das belezas naturais e nas atividades relacionadas ao lazer à beira-mar, com ênfase na vilegiatura marítima²⁸ e nos banhos de sol e de mar.

Embora Barra Grande se destaque em relação às outras praias piauienses, o turismo ainda é incipiente em nível estadual, e ocupa uma posição periférica no contexto do turismo na Região Nordeste (Braga; Guzzi, 2021), mesmo assim, o povoado concentra a maior parte da infraestrutura turística de Cajueiro da Praia (Cunha *et al.*, 2016). Em razão disso, o turismo tornou-se essencial para a economia do município, gerando empregos no setor de serviços, como pousadas, bares, restaurantes, e no comércio de artesanato (Barbosa; Perinotto, 2011).

²⁶Outra atividade que contribui para a economia do município de Cajueiro da Praia é a carcinicultura, que consiste na criação de camarões em viveiros escavados no solo. Atualmente, em Barra Grande, existem fazendas de camarões localizadas na hinterlândia do povoado, longe da área litorânea. A empresa responsável por essa atividade é a *Northern Star* do Brasil LTDA, que atua no povoado desde 2003. Antes dela, outras empresas do setor estiveram presentes, mas não puderam ser identificadas nesta pesquisa. Os camarões são cultivados em viveiros escavados no solo, formando grandes piscinas artificiais às margens do Rio Camurupim. A empresa continua a empregar pessoas da comunidade, e parte da produção é exportada para fora do estado do Piauí e até mesmo internacionalmente.

²⁷Algumas praias próximas a Barra Grande, como Macapá, no município de Luís Correia, e Barrinha, em Cajueiro da Praia, também têm investido no turismo de aventura e de esportes nos últimos anos, com destaque para a prática de *kitesurf*.

²⁸A vilegiatura marítima refere-se ao processo de construção de segundas residências, também conhecidas como *casas de veraneio*, que estão associadas ao movimento de veraneio ou à prática de passar temporadas à beira-mar, com o intuito de lazer e descanso (Pereira, 2014).

PEREIRA, A. Q. **A urbanização vai à praia**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

O turismo em Barra Grande é marcado por uma forte sazonalidade, com picos em períodos específicos. Esse ciclo pode ser dividido em duas fases distintas: o período chuvoso, que vai de fevereiro a junho; e o de alta estação, que ocorre de julho a dezembro, estendendo-se até janeiro do ano seguinte²⁹. Durante o período chuvoso, há uma redução significativa no número de turistas, especialmente entre fevereiro e maio, quando as chuvas são mais constantes e intensas. Sobre essa realidade, os empresários locais preferem utilizar o termo *período chuvoso* ou *temporada de calmaria* em vez de *período de baixa estação*, buscando suavizar a diminuição do movimento turístico nesses meses. Essa estratégia, de acordo com Cunha e Silva (2018), reflete o esforço dos empresários, especialmente dos proprietários de pousadas no povoado, para garantir uma boa ocupação nos meios de hospedagem durante boa parte do ano.

Durante o período de alta estação, o número de turistas cresce significativamente, especialmente nos meses de janeiro e julho, que coincidem com as férias escolares, além do *Reveillon* e dos feriados prolongados. O povoado também recebe grupos de excursionistas³⁰, principalmente de outras cidades do Piauí, que aproveitam os fins de semana na localidade. O destino também atrai *kitesurfistas*, na maioria europeus, que escolhem o local para férias e para a prática do esporte. Nesse período, a intensidade dos ventos alísios na região litorânea piauiense é mais intensa e constante do que no primeiro semestre do ano, o que torna a prática de *kitesurf* ideal.

Segundo Camila Veras, durante a alta estação, empresários e trabalhadores do setor turístico de Barra Grande direcionam seus esforços para maximizar os lucros, aproveitando o aumento significativo no fluxo de turistas. Isso inclui o aumento das receitas, com a ocupação das pousadas, o consumo nos restaurantes, o ensino de *kitesurf* e o aluguel de equipamentos de velejo. Esse período de alta demanda representa uma oportunidade ímpar para acumular recursos. Por outro lado, a baixa estação, com a redução no número de visitantes, apresenta desafios econômicos, exigindo que os profissionais do setor busquem alternativas, como promoções ou diversificação de serviços para manter a rentabilidade. Em resumo, é

²⁹ A área composta pelo litoral piauiense, considerando a disposição geográfica próxima à Linha do Equador e as influências da variação do posicionamento da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), caracteriza-se por apresentar duas estações climáticas distintas: uma chuvosa e outra seca, diferentemente das demais regiões brasileiras que apresentam quatro estações climáticas bem definidas: primavera, verão, outono e inverno (Paula, 2013).

PAULA, J. E. de A. **Dinâmica morfológica da planície costeira do estado do Piauí**: evolução, comportamento dos processos costeiros e a variação da linha de costa. 2013. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17672>. Acesso em: 11 set. 2022.

³⁰ A maioria dos grupos de excursionistas não pernoita em Barra Grande, permanecendo apenas durante o dia para aproveitar a praia local.

necessário adaptar-se e garantir a sustentabilidade financeira dos negócios, equilibrando os altos lucros da alta estação com os desafios de baixa estação.

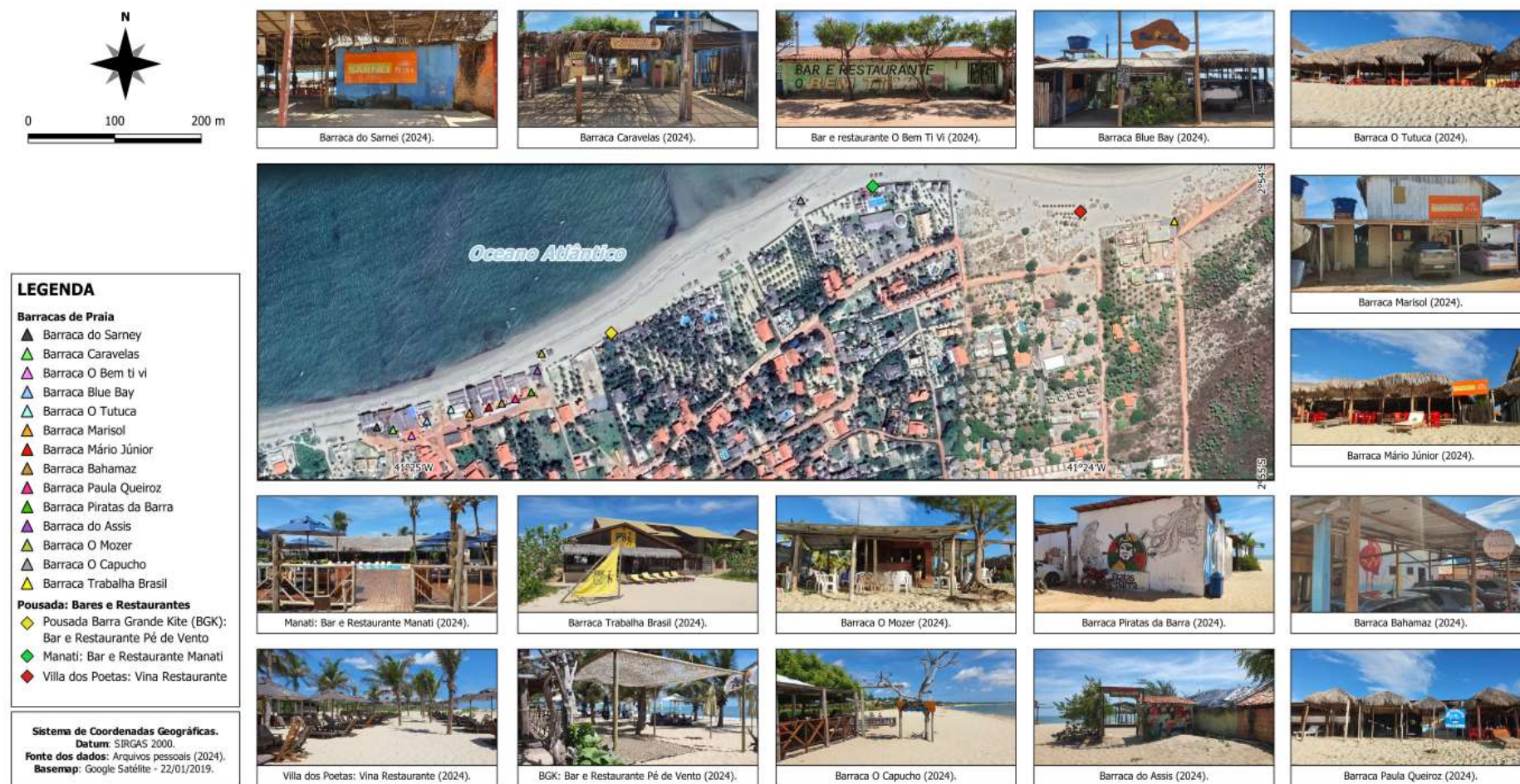
Aliás, Camila Veras salienta que para enfrentar a queda nas receitas durante a baixa temporada em Barra Grande, muitos empresários e moradores locais buscam alternativas, como realizar reformas e manutenção de imóveis, expandir os serviços oferecidos ou dedicar-se ao artesanato local. Outros aproveitam os lucros obtidos durante a alta temporada para preparar-se financeiramente e garantir a continuidade das atividades nos períodos de menor fluxo turístico.

A propósito, Emanuel Rodrigues complementa, observando que a maioria dos empresários, atualmente em Barra Grande, são brasileiros de outras localidades, como Jericoacoara-CE, onde o turismo já atingiu um estágio avançado e saturado. Esse cenário motivou muitos a encerrarem seus negócios em Jericoacoara e a investirem em Barra Grande. Ele releva a presença de investidores estrangeiros, especialmente europeus que, após conhecerem o destino, decidiram estabelecer-se na região para passar temporadas. Alguns desses estrangeiros optaram por abrir seus próprios negócios, como pousadas e restaurantes, o que tem contribuído para o desenvolvimento do turismo em Barra Grande. Ademais, vários desses empresários, tanto brasileiros quanto estrangeiros, são proprietários de estabelecimentos em diferentes destinos turísticos ao redor do mundo, refletindo a internacionalização do turismo no povoado.

Além dos empresários de diferentes regiões do Brasil e do mundo, piauienses adquiriram ou construíram segundas residências em Barra Grande e abriram equipamentos turísticos – um conjunto de edificações, instalações e serviços essenciais para o desenvolvimento do turismo, englobando meios de hospedagem, alimentação, entretenimento, agenciamento, informações e outros serviços relacionados (Brasil, 2017) –, atraídos pela crescente presença de turistas no povoado. Pequenos empreendedores naturais de Barra Grande também têm se destacado, aproveitando as oportunidades geradas pelo crescimento do turismo no local.

Na Praia de Barra Grande, diversas barracas locais atendem tanto a turistas quanto a moradores, oferecendo uma variedade de serviços e de produtos. Entre elas, estão as barracas do Sarney, Caravelas, O Bem-Ti-Vi, *Blue Bay*, O Tutuca, Marisol, Mário Júnior, Bahamas, Paula Queiroz, Piratas da Barra, Assis, Mozer e Capucho (Figura 4).

Figura 4 – Disposição espacial das barracas de praia na rua da Praia, em Barra Grande – PI



Fonte: elaborada pelo autor, com base no *Google Maps* (2024).

De acordo com Mozer Santos, a maioria dos funcionários que trabalha nas barracas de praia, em Barra Grande, vem do próprio povoado e de cidades vizinhas, principalmente do Piauí e do Ceará. As diárias desses funcionários variam de R\$ 60,00 a R\$ 120,00, a depender da função exercida, como garçom, cozinheiro ou *bartender*. Administradas, em sua maioria, por moradores locais, essas barracas desempenham um papel crucial no lazer e no entretenimento da comunidade, funcionando das 8h às 18h, com serviços de alimentos preparados à base de frutos do mar, como caranguejada e peixe frito, e bebidas, como refrigerante, suco, caipirinha e cerveja. Os proprietários têm investido constantemente na melhoria dos serviços nos últimos anos, priorizando a qualidade dos produtos oferecidos para garantir uma experiência mais agradável aos turistas (Figura 5).

Figura 5 – Beira-mar da Praia de Barra Grande – PI, com destaque para as barracas de praia



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Ainda de acordo com Mozer Santos, os proprietários dessas barracas investiram na construção e na reforma desses espaços, criando áreas para instalação de redes, *lounges*³¹ ao ar livre e ambientes mais aconchegantes para os visitantes. Além disso, contrataram profissionais renomados, como *chefs* de cozinha, para elevar a qualidade dos serviços, singularmente no setor gastronômico. Esses estabelecimentos passaram a contar com restaurantes, banheiros amplos, duchas para banho, música ambiente e espaços dedicados a eventos, proporcionando uma experiência mais completa e agradável para os turistas.

Algumas pousadas, como a BGK, Manati e Villa dos Poetas, estão estrategicamente localizadas de frente para o mar e têm ampliado seus serviços turísticos, ao incluir bares e restaurantes, atendendo tanto aos hóspedes quanto aos turistas em geral. Essas pousadas oferecem uma ampla variedade de pratos, desde opções mais simples e tradicionais, como sanduíche, moqueca de peixe e caranguejada, até opções mais sofisticadas, que mesclam técnicas culinárias internacionais com ingredientes locais, a exemplo de risoto de camarão fresco.

Na beira-mar de Barra Grande, o pôr do sol é um verdadeiro espetáculo, atraindo tanto turistas quanto moradores, que frequentemente o registram em fotos e vídeos. Nesse cenário deslumbrante, é comum ver pessoas admirando a paisagem, praticando meditação ou passeando com seus animais de estimação. Além disso, a beira-mar transforma-se em um ponto de encontro para ouvir música, fazer piqueniques e aproveitar o sol. O local também se torna o cenário ideal para atividades recreativas, como a construção de castelos de areia e a prática de esportes, como futebol e vôlei de areia, tênis de praia e futmesa³².

³¹Em Barra Grande, os *lounges* foram criados para oferecer conforto e relaxamento aos turistas, e constituem espaços projetados para proporcionar uma experiência tranquila. Esses ambientes contam com itens como tendas, sofás, cadeiras e mesas, e são acompanhados de serviços personalizados de garçom. O objetivo é criar uma atmosfera aconchegante e relaxante, permitindo que os visitantes desfrutem do local de forma mais confortável e agradável.

³²Também conhecido como *Teqball*, essa prática combina elementos técnicos e táticos do futebol de campo, tênis de mesa e vôlei. Os jogadores, normalmente em duplas, competem em uma mesa semelhante à de tênis de mesa, mas com uma curvatura voltada para baixo. O objetivo do jogo é marcar pontos fazendo com que a bola caia no lado adversário, utilizando apenas os membros inferiores do corpo (Infopédia, 2025).
INFOPÉDIA. *Teqball*. 2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/teqball>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Caminhadas, corridas e eventos culturais, como *shows*, festas temáticas e luaus enriquecem ainda mais as opções de lazer disponíveis (Figura 6). No mar de Barra Grande, é comum que as pessoas desfrutem de atividades como banhos de mar, natação, *Stand Up Paddle* (SUP)³³, *hydrofoil*³⁴, *windsurf*, caiaque e, principalmente, o *kitesurf*.

³³No SUP, o praticante posiciona-se em pé sobre uma prancha, segurando um remo, o que possibilita remar e percorrer distâncias, tanto curtas quanto longas, no mar de Barra Grande.

³⁴O *hydrofoil* O *hydrofoil* é uma prática em que o praticante se posiciona em pé sobre uma prancha, equilibrando-se enquanto flutua sobre a superfície da água. Isso é possível graças a uma haste fixada na parte inferior da prancha, à qual está conectada uma asa subaquática. Quando o praticante atinge determinada velocidade, a força gerada pela água sobre a asa cria sustentação, elevando a prancha acima da água e proporcionando uma experiência de *surf* mais suave e eficiente (Dicio, 2023b).

DICIO. Dicionário *on-line* de Português. **Hidrofólio**. 2023b. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hidrofolio/#:~:text=Significado%20de%20Hidro%C3%B3lio&text=Placa%20ou%20nadadeira%20submersa%2C%20presa,Hidro%20%2B%20f%C3%B3lio>. Acesso em: 18 maio 2023.

Figura 6 – Práticas de lazer na beira-mar e no mar de Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Pontua-se que, até o momento, não existe um documento oficial, como um inventário do turismo de Barra Grande, que forneça dados sobre a estrutura do setor turístico, o perfil dos visitantes, os impactos econômicos do turismo na comunidade local e outros aspectos fundamentais para um planejamento mais eficaz e sustentável. Todavia, alguns estudos já evidenciaram transformações ocorridas no povoado, especialmente a partir da inserção do *kitesurf*, que é considerado fator decisivo na modificação da dinâmica local e no crescimento do turismo, consoante apontamentos de Dutra (2015).

O estudo de Carvalho (2010) indicou que até julho de 2009, Barra Grande contava com nove pousadas, totalizando 164 leitos. Entre elas, elencam-se: Hotel Pousada do Muálem, Pousada BGK, Pousada Camboas, Pousada Casa Taboa, Pousada do Fred, Pousada Pontal da Barra, Pousada Rota dos Ventos, Pousada Ventos do Mar e Pousada Ventos Nativos.

Em 2010, o estudo de Macêdo (2011) indicou que esse número aumentou para 12, somando 242 leitos, com alguns proprietários também sendo praticantes de *kitesurf*. A susodita autora menciona, inclusive, que a maioria dos turistas que visitava Barra Grande e se hospedava nessas pousadas, em 2009, era oriunda do próprio estado do Piauí, especialmente das cidades Teresina e Parnaíba (Macêdo, 2011).

Uma consulta *on-line* no *site* de Cadastro de Prestadores de Serviços Turísticos (Cadastur), realizada em 2023, revelou a existência de 26 meios de hospedagem cadastrados no município de Cajueiro da Praia. Embora a maioria desses estabelecimentos esteja, provavelmente, localizada em Barra Grande, esse número não reflete a realidade atual da oferta de hospedagem na região, devido à desatualização dos cadastros e à existência de novos estabelecimentos que ainda não foram registrados. Além das pousadas, há chalés e segundas residências de temporada alugadas por turistas, cujos valores das diárias variam entre R\$ 150,00 e R\$ 1.000,00, dependendo da localização e da infraestrutura disponível, com os preços mais altos sendo cobrados para hospedagens mais próximas à praia.

A frequência de turistas e de moradores nos equipamentos turísticos em Barra Grande, em particular nas barracas de praia e nos restaurantes de algumas pousadas, é maior durante o dia, quando estão em funcionamento. Nesse período, além de desfrutarem dos serviços disponíveis, socializam e participam de diversas atividades recreativas na Praia de Barra Grande. Com a chegada da noite, as ruas do povoado tornam-se mais movimentadas, com turistas e moradores locais frequentando os restaurantes, as lanchonetes e os barezinhos, decorados e iluminados de forma rústica, especialmente na rua Pontal da Barra, conhecida como a “rua dos Turistas”. Embora os turistas sejam a maioria nesses locais, é possível

encontrar nativos e pessoas de municípios vizinhos do Ceará e do Piauí, muitos dos quais trabalham nesses estabelecimentos, criando uma atmosfera acolhedora, que favorece a interação entre os visitantes e a comunidade local.

Esses locais buscam atrair os turistas com música ao vivo e diversas atrações, tornando-se o segundo destino preferido dos *kitesurfistas*. Após um dia de atividades no mar, muitos velejadores se dirigem a esses locais para se divertir e aproveitar a noite animada do povoado (Figura 7).

Figura 7 – Movimentação de turistas em uma localidade na rua Pontal da Barra, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Nos fins de semana, quando os bares e os restaurantes situados da rua Pontal da Barra fecham, por volta de meia-noite ou 1h da madrugada, turistas e nativos que desejam “esticar a noite”³⁵ se dirigem a pé até o fim da rua São José, próximo à praia do povoado. Lá, encontram o Farol, um espaço que atualmente oferece uma programação de atrações culturais com *DJs*, além de bandas locais e piauienses (Figura 8).

³⁵A expressão que pode ser utilizada para denotar a procura de outros estabelecimentos abertos em Barra Grande para se divertir por mais tempo é “prolongar a noite.”

Figura 8 – Movimentação de turistas e de moradores locais no Farol, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Esses dados evidenciam o crescimento contínuo da infraestrutura turística de Barra Grande, um processo em constante evolução que torna essa localidade distinta em relação a outras regiões costeiras do Piauí. Frisa-se que o atual movimento de pessoas em direção ao espaço praiano de Barra Grande, centrado especialmente no lazer e na recreação, remonta a um processo histórico vinculado ao desejo das elites europeias e, posteriormente, das americanas, entre 1750 e 1840, de explorar as praias e os seus espaços vazios. Segundo Dantas (2019), esses locais começaram a ser valorizados pelos benefícios que proporcionavam à saúde, seja pela cor do mar, pelo alívio gerado pelo balanço das ondas e/ou pelos efeitos curativos do ar e do iodo, sendo especialmente eficazes no tratamento de doenças, como a tuberculose e o raquitismo.

Vale destacar que no século XIX, as praias passaram a ser vistas como refúgios de descanso para mulheres e crianças da aristocracia e da burguesia, enquanto para os homens, esses espaços representavam desafios para fortalecer o corpo. No século XX, a busca por benefícios foi além da água e passou a incluir a exposição ao sol. O turismo tornou-se um fenômeno de massa, impulsionado pela melhoria nos transportes, como o trem e, posteriormente, o avião. Isso possibilitou o acesso a novos destinos turísticos, como as praias do Mediterrâneo, da Flórida, do Havaí, da África, entre outros, transformando os litorais em destinos turísticos de grande popularidade (Dantas, 2019).

De maneira similar, no fim do século XIX e início do século XX, as elites brasileiras começaram a adotar as práticas marítimas modernas, o que levou a uma aproximação gradual da sociedade brasileira com o mar. Esse processo teve início nas capitais, sendo notável em cidades como Rio de Janeiro, em 1904; Fortaleza, em 1930; e Recife, em 1950. Essa aproximação foi marcada pela intensificação da incorporação das áreas litorâneas à estrutura urbana, sobretudo por meio da vilegiatura marítima, que se refere ao processo de construção de segundas residências, também conhecidas como *casas de veraneio*, associadas ao movimento de veraneio ou à prática de passar temporadas à beira-mar, com o intuito de lazer e de descanso (Pereira, 2014). Na segunda metade do século XX, essa tendência expandiu-se para além dos limites urbanos das capitais brasileiras, alcançando cidades como Santos, em São Paulo, e Aquiraz, no Ceará (Pereira; Dantas; Gomes, 2017).

Essa tendência de urbanização no litoral brasileiro está em constante crescimento, impulsionada por mudanças nos cenários socioeconômicos, como o aumento da classe média, e tecnológicos, como a expansão da infraestrutura urbana, especialmente em termos de transporte, energia e comunicação, alcançando áreas além dos limites urbanos (Pereira; Dantas; Gomes, 2017). Por sinal, cada região costeira responde de maneira singular a essas mudanças, com localidades adotando ou não essas práticas marítimas, como ressalta Dantas (2019).

Dessa forma, as práticas marítimas desenvolvidas no Ocidente não foram simplesmente transpostas para a realidade brasileira, elas foram reproduzidas, negadas e até mesmo ressignificadas conforme as particularidades locais, por meio da maritimidade e dos posicionamentos dos indivíduos em relação às influências externas (Dantas, 2019).

A maritimidade a que Dantas (2019) se refere diz respeito às relações que as pessoas estabelecem com o mar, refletindo um fenômeno social complexo cujas fronteiras não são tão precisas, o que evidencia a diversidade de interações entre os grupos locais e o ambiente marítimo. Ela envolve tanto práticas marítimas tradicionais, como a pesca, o comércio, o transporte de cargas e de pessoas, e a defesa territorial; quanto práticas marítimas modernas, associadas ao lazer e à recreação, como caminhadas, *kitesurf*, banhos de sol, banhos de mar, turismo litorâneo e vilegiatura marítima (Dantas, 2006, 2019).

À medida que as práticas marítimas modernas se disseminam e transformam as formas de uso dos espaços praianos pela sociedade, ocorre a valorização dessas áreas costeiras. No contexto do Nordeste brasileiro, especialmente entre o fim do século XX e início do século XXI, o turismo litorâneo consolidou-se como uma das principais fontes econômicas da região,

impulsionado pela intensificação da vilegiatura marítima, facilitada pelas políticas de desenvolvimento implementadas na Região (Dantas; Pereira; Paniza, 2008).

Dentre as iniciativas de desenvolvimento do turismo no Nordeste do Brasil, destaca-se o Prodetur-NE, um programa lançado em 1992 pelo governo federal, com apoio financeiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e implementado pelo Ministério do Turismo (MTur). O objetivo desse programa era melhorar as condições de acesso e a infraestrutura nas regiões turísticas do Nordeste, promovendo o crescimento do setor na Região (Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2005). Nessa direção, buscou integrar as zonas litorâneas dos municípios à lógica de valorização turística, enfatizando-se capitais como Fortaleza – CE, Natal – RN, Recife – PE e Salvador – BA, que passaram a ser centros principais de recepção e de distribuição do fluxo turístico, tanto nordestino quanto brasileiro.

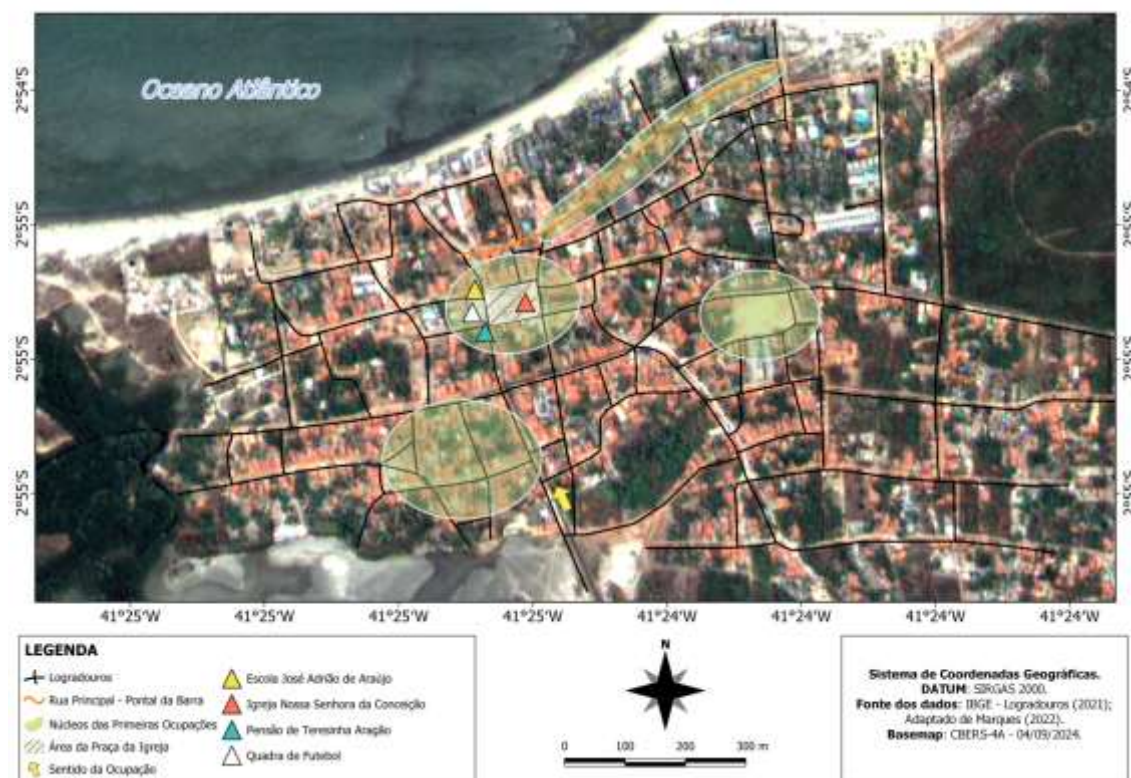
Não obstante, a lógica de valorização foi além das capitais, alcançando cidades e povoados mais distantes, inclusive outros estados nordestinos, como Barra Grande, no Piauí. A partir desse momento, o povoado passou a integrar o circuito turístico, beneficiando-se das melhorias na infraestrutura e na acessibilidade promovidas pelas políticas do Prodetur – NE.

Em Barra Grande, as vantagens do Prodetur-NE facilitaram o acesso de veranistas, de excursionistas e de turistas ao local, especialmente *kitesurfistas*, impulsionando o turismo nas últimas décadas e provocando mudanças na paisagem, antes associada à pesca e ao pequeno vilarejo de pescadores. No entanto, a inserção da atividade turística em Barra Grande antecede todas essas transformações.

2.2 O turismo em Barra Grande entre 1980 e início dos anos 2000

No início dos anos 1980, o litoral piauiense era composto por dois municípios: Parnaíba e Luís Correia. Nessa época, Barra Grande, assim como outros povoados que hoje fazem parte do município de Cajueiro da Praia, estava inserida no território de Luís Correia (Dutra, 2015). Barra Grande possuía uma população reduzida, distribuída em pequenos núcleos de povoamento, que estavam afastados uns dos outros, onde as famílias construía suas residências (Marques, 2022b) (Figura 9).

Figura 9 – Núcleos de povoamento em Barra Grande na década de 1980



Fonte: elaborada pelo autor (2024), com base em Marques (2022b).

Nos núcleos de povoamento, algumas residências eram feitas de taipa³⁶ e cobertas com palha retirada da vegetação nativa da região, enquanto outras eram construídas com tijolos e telhas (Ferreira, 2012). As famílias de pescadores preferiam construir suas casas próximas à beira-mar, enquanto outras escolhiam locais mais afastados, particularmente nas áreas centrais, próximas à Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, a única da localidade (Macêdo, 2011). Além disso, havia outros dois núcleos familiares localizados em áreas mais distantes do litoral.

Lúcia Cabrinha explica que as casas dos moradores locais eram construídas afastadas da costa litorânea, devido à vulnerabilidade da área que, na época, estava sujeita a fenômenos naturais, como tempestades, ventos fortes, marés e erosão costeira, representando riscos para as habitações simples. Esses aglomerados formavam-se principalmente na área central ou nas proximidades da beira-mar de Barra Grande, influenciados pelas atividades econômicas de cada família, que determinavam a escolha do local para a construção das residências.

³⁶Essa técnica envolve uma mistura de materiais locais, como terra, areia, argila e barro com água, utilizada para preencher os espaços entre as madeiras cravadas no solo, formando as paredes de uma casa.

Dentre as atividades econômicas, Lucia Cabrinha destaca a pesca como a mais antiga do povoado. Segundo ela, as mulheres e alguns familiares de pescadores dedicavam-se a outras atividades, como a mariscagem e a coleta de caranguejo, realizadas nos mangues, recifes de corais e nas areias da praia. Além disso, algumas famílias ocupavam-se da criação de animais, como porcos e galinhas, e da agricultura familiar – que incluía o cultivo de milho, de feijão, de mandioca e de hortaliças. De acordo com Macêdo (2011), o comércio local era composto por pequenos estabelecimentos que vendiam peixe, produtos alimentícios básicos e utilidades domésticas.

Os irmãos José Erismar Lima e Erisvaldo Alves revelaram que os pescadores e os moradores de Barra Grande se dedicavam à confecção de artigos artesanais essenciais para a pesca, como tarrafas feitas com linhas de *nylon* em formato circular, o que exigia grande habilidade. Além disso, produziam varas de pescar, anzóis, iscas e embarcações artesanais, todos feitos à mão, relevando a pesca artesanal para a economia local. Então, o ambiente marinho era um espaço de subsistência e, ao mesmo tempo, cultural para o povoado e para as famílias que ali residiam.

No tocante às relações que as pessoas que viviam em Barra Grande tinham com o mar, na década de 1980, Maria Dulce, durante sua visita à localidade naquela época, observou que

os próprios moradores não valorizavam muito o mar. Para eles, o mar era sobrevivência: pescar, tirar o peixe tanto pra comer quanto pra vender. Quando cheguei lá, as pessoas não comiam carne de gado! Não valorizavam, por exemplo, a galinha. Era peixe, e pronto! E os mariscos. A frequência ao mar era por época, dependendo de quando a água estava boa. Havia momentos em que a água do mar não servia pra banho de acordo com os moradores locais. Eu fui acompanhando os costumes e hábitos, e percebia como eles se espantavam. A gente chegava, qualquer que fosse o tempo, e se jogava no mar. Eles diziam: “Mas não é bom, essa época é ruim, porque traz isso [...]”. Então, fomos nós que ensinamos a eles que no mar não tinha esses perigos (Silva, 2022a, 20 min 46 s).

Em conformidade com Lúcia Cabrinha, os moradores mais antigos só se aventuravam no mar com um propósito específico, geralmente buscando benefícios terapêuticos, como fonte de cura e renovação. Segundo ela, os banhos de mar eram utilizados para tratar enfermidades, como gripes, escabiose – popularmente chamada de *pira* pela depoente – e feridas.

Os moradores mais antigos de Barra Grande também costumavam tomar banhos de mar durante o mês de agosto, pois acreditavam que esse período tinha o poder de purificar e de afastar energias negativas. Além disso, eles advertiam seus filhos mais novos para não frequentarem a praia devido aos perigos associados àquele ambiente, como afogamentos e

correntezas. No entanto, as crianças eram atraídas pelo mar, pois encontravam nele diversão, aventura e liberdade, longe das responsabilidades cotidianas (Costa, 2022b).

Uma vez que Barra Grande era um povoado com poucos moradores, o controle rigoroso dos mais antigos sobre os filhos adolescentes ainda era exercido, visando a preservar as tradições e os valores locais. Nesse sentido, havia uma preocupação especial para que os adolescentes não namorassem, buscando manter os costumes e a moralidade da comunidade. No entanto, esses jovens buscavam privacidade nas moitas das árvores à beira-mar, onde podiam se afastar do olhar atento dos mais velhos (Costa, 2022b).

Lucia Cabrinha acrescentou que muitos jovens de Barra Grande, especialmente nas décadas de 1980 e 1990, não tinham uma expectativa de vida promissora e assumiam responsabilidades precoces na economia familiar. Eles não tinham acesso a benefícios das leis trabalhistas, o que os levava a buscar melhores oportunidades em outras cidades brasileiras, como Manaus, no estado do Amazonas. Ao retornarem, traziam o dinheiro economizado e montavam pequenos comércios locais, contribuindo para o sustento de suas famílias; outros nem retornavam, seguindo suas vidas em outros lugares do Brasil e do mundo.

Ainda no início dos anos 1980, fazendas de criação de camarões para a carcinicultura foram implantadas em Barra Grande, substituindo áreas que antes eram utilizadas para a atividade salineira. Essa mudança ocorreu em um contexto de crise econômica no Brasil, que se intensificou no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, resultando no fechamento de várias salinas, que deram lugar às novas fazendas de camarão (Dutra, 2015).

A presença das fazendas de camarões despertou o interesse da área de Ciências da Natureza da UFPI, *Campi* Parnaíba, nomeadamente entre alunos e professores do curso de Biologia, gerando uma mobilização na instituição para realizar pesquisas na localidade, no início da década de 1980. Na ocasião, eles ficavam hospedados por vários dias, gratuitamente, na residência do casal José e Teresinha Aragão, uma das famílias tradicionais do povoado que desfrutavam de boas condições financeiras devido à abundância de terras e ao número de pessoas que trabalhavam para eles (Silva, 2022a).

Foi também no início da década de 1980 que o turismo de sol e praia foi inserido no povoado, com a chegada de veranistas³⁷ e de turistas³⁸. No que tange às atividades de turismo

³⁷Veranistas são pessoas que frequentam uma localidade, geralmente durante o verão, para lazer ou férias, muitas vezes alugando ou possuindo imóveis temporários em regiões turísticas (Dicio, 2023c).
DICIO. Dicionário on-line de Português. **Veranista**. 2023c. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/veranista/>. Acesso em: 24 maio 2023.

de sol e praia em Barra Grande, Brasil (2010b) informa que estavam relacionadas à recreação, ao entretenimento ou ao descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor. Por sua vez, os banhos de sol e de mar eram as principais atividades realizadas pelos moradores locais e pelos turistas naquele período no povoado.

Veranistas e turistas³⁹ viajavam em pequenos grupos ou sozinhos para Barra Grande. Eles eram, em sua maioria, oriundos das cidades piauienses Teresina e Parnaíba, e frequentavam o povoado principalmente durante as férias escolares, nos meses de janeiro e julho (Macêdo, 2011). Com um perfil considerado “mais aventureiro”, preferiam explorar destinos menos conhecidos, em vez de escolher praias mais frequentadas da época no litoral piauiense, como Atalaia e Coqueiro. Essa busca por experiências autênticas e pouco exploradas os tornavam conhecidos como “turistas alternativos” (Marques, 2022b).

De acordo com Ariosto Ibiapina, na década de 1980, os turistas buscavam em Barra Grande uma autenticidade cultural e natural que não era facilmente encontrada em praias mais conhecidas do litoral piauiense. Ao chegarem ao povoado, hospedavam-se na casa de Teresinha Aragão⁴⁰ (Figuras 10 e 11), a qual logo foi convertida em pensão, tornando-se o primeiro meio de hospedagem de Barra Grande, ou seja, empreendimentos ou estabelecimentos destinados a oferecer serviços de hospedagem temporária, com unidades de uso exclusivo do hóspede e outros serviços essenciais, mediado por contrato, expresse ou tácito, com a cobrança de diária (Brasil, 2008).

³⁸Turistas são indivíduos que se afastam de seu local de residência habitual por um período superior a 24 horas, permanecendo no destino com a finalidade de realizar atividades que não envolvem estabelecer residência ou exercer trabalho remunerado, e fazem gastos de diversas naturezas utilizando rendimentos oriundos de fora da região visitada (Brasil, 2011).

BRASIL. **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

³⁹Os turistas visitam um destino por um período de dias ou semanas, enquanto os veranistas o frequentam de forma periódica, geralmente nas férias, como no verão, e costumam alugar ou possuir imóveis temporários na localidade.

⁴⁰Atualmente, Teresinha Aragão reside em Teresina – PI, juntamente com suas filhas.

Figura 10 – Teresinha Aragão



Fonte: registro feito por familiares de Teresinha Aragão na cidade de Teresina, Piauí, e cedido por Mirtes Aragão, filha dela (2023).

Figura 11 – Teresinha Aragão na varanda de sua casa, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, na década de 1970, antes de transformá-la em pensão



Fonte: foto cedida por Mirtes Aragão, filha de Teresinha Aragão (2022).

A pensão de Teresinha Aragão estava situada na área central de Barra Grande, em uma esquina, nas proximidades da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Maria Dulce também compartilhou alguns detalhes sobre a pensão, ressaltando a simplicidade e a hospitalidade que caracterizavam o local.

Então, a gente ficava com ela. Naquela época, minha amiga Rosário Miranda alugou uma casa através da dona Terezinha. Fui pra lá, nós fomos em um grupo de amigos e começamos a ir dentro dessa proposta. Barra Grande, na época, era muito, muito selvagem, né? Óbvio! Não tinha esse turismo de hoje! Não era muito explorada, com poucas barracas na praia, bem simples. A gente conhecia não todos os moradores, mas muita gente. Era mais sobre explorar a região através dos banhos; no final da tarde, íamos assistir ao pôr do sol. O pôr do sol é muito lindo, né? Desde essa época, no final da tarde, todo mundo descia pra praia pra ver o pôr do sol (Silva, 2022a, 8 min 50 s).

Essa pensão teve um papel decisivo na reputação, na qualidade dos serviços e na popularidade entre os turistas de Barra Grande na década de 1980, e por ser o único meio de hospedagem do povoado, o local destacava-se pela atmosfera acolhedora. As instalações eram simples, com poucos cômodos destinados ao descanso, onde os hóspedes utilizavam redes ou camas. Ademais, havia banheiros para banho e necessidades básicas, atendendo ao essencial para a estadia dos turistas e dos veranistas que frequentavam o local.

A pensão foi mencionada em diversas entrevistas desta tese, incluindo a de Claudete Dias, que compartilhou os motivos que fizeram desse lugar um ponto especial em Barra Grande durante aquele período, além de relatar um pouco da rotina de suas constantes visitas ao povoado.

A dona Terezinha era quem preparava a comida lá na pensão dela e era simplesmente maravilhosa! Eu sou fã de bolo e perguntei quem fazia no povoado. E me indicaram a pensão dela. Quando cheguei lá, perguntei se era ela. Ela confirmou e eu perguntei: “Tem bolo, dona Terezinha?” Ela então levantou um pano que cobria uma mesa enorme encostada na parede e, para minha surpresa, havia todo tipo de bolo: doce, salgado, rosca, bolo de chocolate, peta e pão de queijo. Fiquei encantada! Descobri que ela também servia refeições, e logo me tornei amiga da dona Terezinha. Sua pensão era conhecida pela fartura; ela colocava tigelas grandes de comida na mesa, e não era servido individualmente! Comíamos à vontade. Eu ia muito à casa da dona Terezinha à noite, onde ela fazia uma carninha moída com coentro e cebola, acompanhada de arroz branco e limão. Jantava com seu Zé Aragão que, por incrível que pareça, não comia peixe. Depois, ficávamos jogando buraco. Esse era meu lazer em Barra Grande: visitar a casa da dona Terezinha, ir à praia para ver o pôr do sol, tomar banho de mar e esperar os pescadores chegarem para comprar peixe ali mesmo na praia. Também encomendava caranguejo dos catadores e quando era época de sururu o pessoal aparecia com o sururu (Dias, 2022, 13 min 16 s).

Ariosto Ibiapina também revelou alguns segredos sobre a pensão em comento. Para ele, o esposo de Teresinha Aragão, Zé Aragão, já falecido, era natural de Ubatuba, estado do Ceará. Ele tinha uma forte conexão com o campo, e como parte de sua rotina, abatia bois, carneiros, porcos, galinhas e outros animais todo fim de semana para vender na cidade de Parnaíba. Essa prática garantiu a Teresinha o fornecimento de carnes frescas e de qualidade, que ela utilizava para proporcionar uma experiência gastronômica de excelência e de abundância aos seus clientes, especialmente aos hóspedes.

Além da pensão de Teresinha Aragão, um morador local chamado Tutuca foi o primeiro a abrir um bar na praia, na rua da Praia, também no início dos anos 1980, conforme relatos de moradores de Barra Grande. Inicialmente, o bar era frequentado apenas pelos próprios moradores locais, que se reuniam para socializar, beber, conversar e jogar baralho. Com a chegada dos grupos de turistas e de veranistas, Tutuca passou a atender a essa nova demanda, oferecendo alimentos e bebidas. Quase simultaneamente, ainda na década de 1980, surgiram as barracas da Índia, a barraca do casal Jorge e Wélida e a barraca O Bem-te-Vi, que também passaram a integrar a oferta de serviços de bebidas e de comidas para os turistas e os veranistas. Essas barracas serviam comidas rápidas, como caranguejo e peixe frito, além de bebidas, como cerveja e refrigerantes (Costa, 2022b).

No fim da década de 1980, o povoado começou a receber turistas das cidades de Jericoacoara e de Camocim, no Ceará, especialmente durante as férias escolares (Macêdo, 2011). Coadunando o estudo de Macêdo (2011), essas pessoas, principalmente os veranistas, eram mais próximas da comunidade. O povoado costumava receber famílias com crianças, jovens aventureiros, universitários e amantes da natureza que, durante o dia, passeavam pelo mangue, exploravam os riachos das redondezas e admiravam o pôr do sol visto do cemitério, faziam passeios de carroça até as praias vizinhas, conheciam os destroços de um navio encalhado; à noite, costumavam socializar, quando se reuniam em volta de fogueiras, aproveitando o luar, ou quando iam aos forrós nos bares locais. Essas interações aconteciam de maneira informal e na companhia dos nativos, que eram excelentes guias (Macêdo, 2011).

Algumas fotos, cedidas pela filha de Teresinha Aragão⁴¹, Mirtes Aragão, que mora em Barra Grande, mostram como era o espaço praiano de Barra Grande nas décadas de 1980 e início dos anos 2000 (Figura 12).

⁴¹Considerando o quadro atual de saúde de Teresinha Aragão, este pesquisador optou por não realizar a entrevista com ela. Assim, entrou em contato com sua filha, Mirtes Aragão que, por motivos pessoais, também preferiu não ser entrevistada. Mesmo assim, Mirtes gentilmente cedeu algumas fotos, tanto dela quanto de sua mãe, incluindo registros das décadas de 1980 e imagens mais recentes.

Figura 12 – Praia de Barra Grande na década de 1980 e início dos anos 2000



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Sobreleva-se que apesar da presença de turistas e de veranistas em Barra Grande, na década de 1980, o acesso ao povoado era dificultado pela infraestrutura precária das estradas da época. Para Ariosto Ibiapina, as estradas que conduziam até o povoado eram vicinais, cobertas de areia e repletas de buracos e de pedras – características de uma estrada carroçável. Essas condições limitavam o tráfego a veículos 4x4 ou, em alguns casos, a carros de tração animal, como carroças. Além disso, a energia elétrica no povoado era produzida por um gerador, que operava das 18h às 22h.

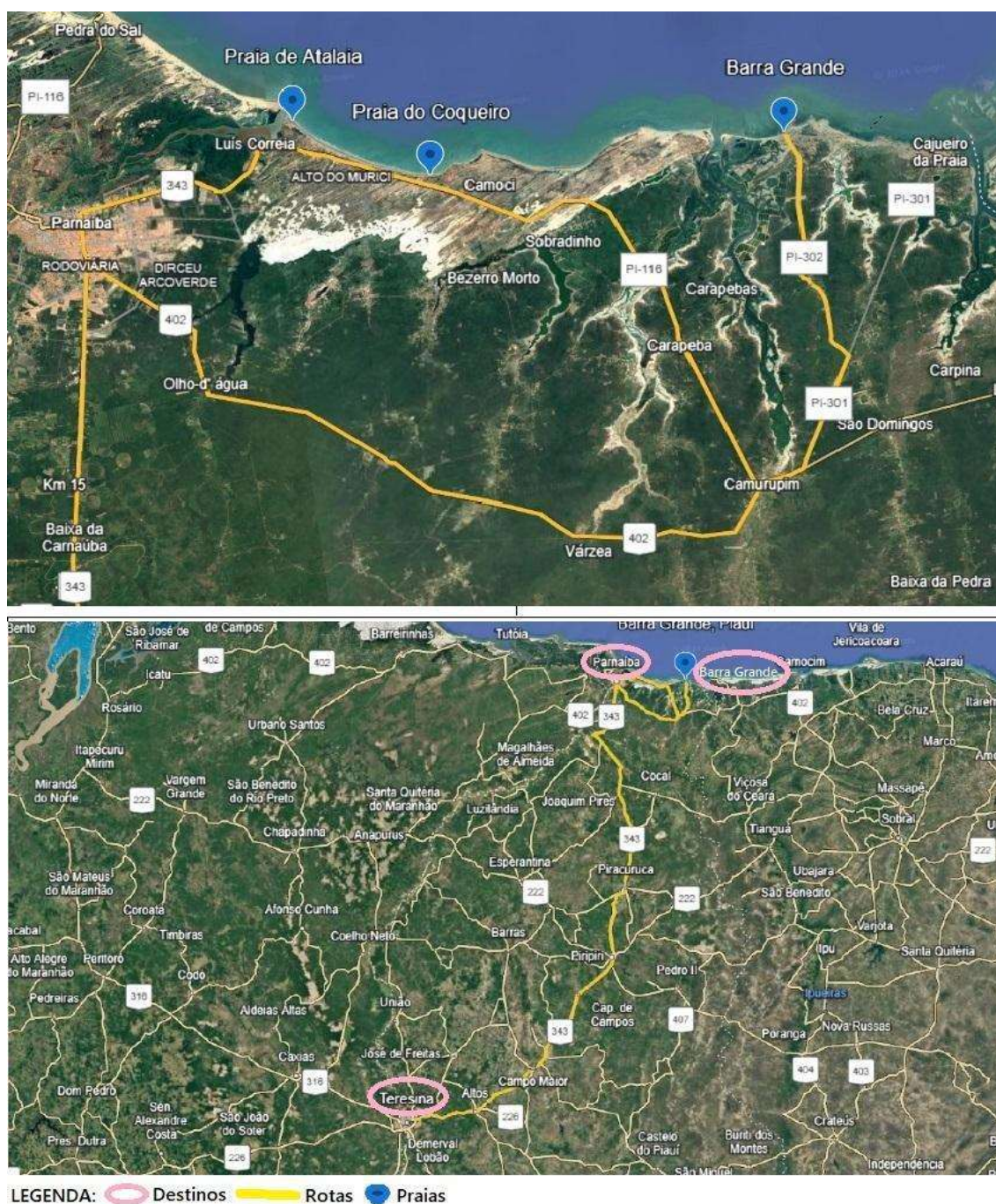
Maria Dulce descreveu com alguns detalhes as dificuldades de acesso a Barra Grande no início dos anos 1980.

Como a praia ainda não havia sido descoberta pelo turismo, havia poucas pessoas na região. Nessa época, não me lembro exatamente, mas nós costumávamos ir nas férias e feriados. O acesso era bastante complicado. De carro, íamos direto de Teresina para Parnaíba e, de lá, seguíamos pela estrada que ia para Luís Correia; ou pela estrada conhecida como estrada do Ceará, que levava a Chaval, no Ceará. Para quem ia de ônibus, a situação era ainda mais difícil. Quando chegávamos a Parnaíba, dormíamos na cidade e às cinco da manhã pegávamos um ônibus para Chaval na rodoviária de Parnaíba. Depois, pegava-se um ônibus até Camurupim. Naquele tempo, as vans eram kombis [risos]. Essa kombi transportava de um tudo, desde botijões de gás até animais. Ela ia lotada! A viagem toda era longa e cansativa. Para quem tinha veículo próprio a viagem também era longa, saindo de Teresina pela manhã e chegando em Parnaíba. O trecho de Parnaíba para Barra Grande era mais rápido, mas a estrada era péssima, um verdadeiro "canudo"! No entanto, ao chegar,

esquecíamos todo o cansaço, pois a região era incrível, muito agradável (Silva, 2022a, 19 min 39 s).

Seguindo as pistas do relato de Maria Dulce, nota-se como era o acesso a Barra Grande na década de 1980 (Figura 13). O trajeto começava em Teresina, de onde se seguia até Parnaíba pela BR-343; de Parnaíba, era possível continuar até Luís Correia, pela PI-116, até chegar ao povoado piauiense de Camurupim. Outra rota, utilizada pelos veranistas, era seguir pela BR-402 até o povoado de Camurupim, sem adentrar no município de Parnaíba; a partir de Camurupim, em ambas as rotas, o deslocamento até Barra Grande era feito pela PI-301 e pela PI-302. Para quem não possuía carro, a opção era pegar um ônibus que saía de Parnaíba, às 5h, com destino a Chaval, no Ceará, pela BR-402, o qual passava por Camurupim, onde os turistas ou os veranistas desciam, e de lá pegavam uma Kombi, às 7h, seguindo até Barra Grande, com parada final na Praça Nossa Senhora da Conceição e chegada prevista por volta das 9h.

Figura 13 – Acesso a Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, de 1980 ao início dos anos 2000



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Google Maps (2024).

No fim de 1980 e início da década de 1990, apesar das dificuldades de acesso a Barra Grande, alguns veranistas encantaram-se pelo lugar e decidiram adquirir terrenos próximos à praia, com vistas a construir segundas residências e pousadas. Em sua entrevista, Claudete Dias relatou que alguns veranistas compraram terrenos ou alugaram propriedades de amigos já estabelecidos na região; outros recorriam ao empréstimo das casas de veraneio de amigos para passar temporadas no povoado, como foi o caso dela, que passou algumas temporadas na

casa de seu amigo Ariosto Ibiapina, antes de adquirir seu próprio terreno e construir uma casa de veraneio, inspirada nas tradicionais residências de pescadores locais.

Os veranistas compraram terrenos baratos de moradores locais, como testemunha Macêdo (2011, p. 139):

para se ter uma ideia, há duas décadas atrás, um terreno de 15 x 30m (450m²) se comprava de R\$ 200,00 (duzentos reais) a R\$ 500,00 (quinhentos reais) dependendo da localização, sendo, portanto, o valor do metro quadrado variava de R\$ 0,80 (oitenta centavos) a R\$ 1,20 (um real e vinte centavos). Hoje, o mesmo terreno se compra de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) a R\$ 200.000,00 (duzentos mil reais), de acordo com a localização, tendo o metro quadrado elevado para R\$ 200,00 (duzentos reais) a R\$ 400,00 (quatrocentos reais), de acordo com a localização.

A principal área onde eles adquiriram terrenos foi no núcleo de povoamento mais próximo à Praia de Barra Grande, concentrado na rua Pontal da Barra (Figura 14), onde construíram residências maiores, com um estilo moderno voltado para o lazer, em contraste com as casas simples e rústicas dos pescadores locais. Essa diferença no estilo arquitetônico reflete a dicotomia entre os moradores tradicionais, voltados para a pesca e as atividades mais simples, e os novos habitantes, atraídos pelo turismo e pelo potencial de lazer da região.

Em 1989, Nodji Muálem, morador de Parnaíba – PI, comprou um terreno próximo à Praça Nossa Senhora da Conceição e à praia do povoado, inaugurando o Hotel Pousada do Muálem, o segundo meio de hospedagem de Barra Grande (Macêdo, 2011; Marques, 2022b) (Figura 14). Alguns anos depois, segundo relato dos irmãos José Erismar Lima e Erisvaldo Alves, Maria Aury Bezerra Andrade Lessa inaugurou a Pousada Pontal da Barra⁴², situada na rua de mesmo nome.

⁴²De acordo com Claudete Dias, a rua Pontal da Barra recebeu esse nome em homenagem à Pousada Pontal da Barra.

Figura 14 – Hotel Pousada do Muálem, em Barra Grande – PI (2012)



Fonte: Google Maps (2022).

Ainda no início da década de 1990, durante o governo de Freitas Neto, no Piauí, a antiga estrada de areia que dava acesso a Barra Grande foi ampliada e revestida com piçarra – uma mistura de pedras e areia –, facilitando o acesso ao povoado. Com a melhoria na infraestrutura, Barra Grande passou a atrair grupos de excursionistas, compostos por 40 a 45 pessoas. Esses turistas, geralmente organizados por grupos de amigos e viajando de ônibus, sem a intermediação de agências de viagens, começaram a frequentar a localidade em fins de semana; feriados nacionais, como Semana Santa; grandes festas, como Ano-Novo e Carnaval; e férias escolares (Macêdo, 2011). Moradores de Barra Grande também relataram que muitos desses excursionistas eram provenientes de Teresina e de Parnaíba.

Em 1995, foi realizado um plebiscito para decidir qual localidade se tornaria a sede do novo município, com Barra Grande como uma das opções. No entanto, o povoado não foi escolhido. No mesmo ano, Cajueiro da Praia, com uma população de 4.810 habitantes, foi desmembrado de Luís Correia, por meio do Decreto-Lei n.º 4.810, de 27 de dezembro de 1995, sendo elevado à categoria de município (Cajueiro da Praia, 2022).

De acordo com o estudo de Dantas e Alves (2016) sobre o turismo no Nordeste e as políticas de ordenamento territorial, o ordenamento territorial em determinadas regiões é iniciado pelo poder público local, de modo que a eficácia dele depende da gestão técnica, ou seja, da capacidade de planejamento do território, que deve levar em conta os elementos locais que moldam formas características de ordenação.

Dito isso, cada região

reflete propostas turísticas e, em seu ordenamento territorial, manifesta formas de pensar e de fazer turismo pautadas em distintas concepções ideológicas, interesses e articulações políticas, em práticas culturais locais e modos de vida, os quais proporcionaram a cada estado nordestino a incorporação, em sua proposta turística, dos elementos que poderiam melhor vender e representar seu espaço local (Dantas, 2016, p. 8).

O fazer político em Barra Grande iniciou-se, provavelmente, com iniciativas locais, impulsionadas, principalmente, por moradores e veranistas, com pouca interferência do poder público. As melhorias na infraestrutura, como a ampliação da estrada e a chegada de meios de hospedagem, ocorreram de forma espontânea, atendendo à demanda crescente de turistas. Mesmo com o plebiscito de 1995, que não elegeu Barra Grande como sede do novo município, a localidade seguiu moldada por decisões locais, sem uma gestão pública técnica que orientasse o crescimento do turismo⁴³. Apenas com a criação do município de Cajueiro da Praia, em 1995, passaram a surgir algumas iniciativas, como a busca por melhorias em infraestrutura, embora o desenvolvimento turístico ainda fosse conduzido de forma local e informal.

Em face da autonomia administrativa, as lideranças políticas de Cajueiro da Praia passaram a articular ações com outras instâncias governamentais e político-administrativas, tanto no Piauí quanto em nível nacional, visando ao desenvolvimento da região. Dentre as ações, ressaem-se as melhorias na infraestrutura de apoio ao turismo⁴⁴ que as lideranças políticas de Cajueiro da Praia conseguiram implementar graças ao Prodetur/NE. Essas

⁴³Não se encontraram indícios dessas iniciativas formalizados nos documentos pesquisados.

⁴⁴As ações de melhoria e de infraestrutura referem-se às obras e serviços essenciais que garantem boas condições de vida à comunidade de Barra Grande, e sustentam o desenvolvimento do turismo, incluindo transporte, energia elétrica, abastecimento de água, infraestrutura viária, comunicação, educação, entre outros (Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2005).

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A. PRODETUR/NE. **Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste. Primeira fase.** Anexos do memorando do executor. Relatório Final de Projeto. dez. 2005. (Apresentado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/291037185/Relatorio-Final-Prodetur-NE-I>. Acesso em: 23 maio 2023.

benfeitorias foram fundamentais para dar suporte ao crescimento do turismo, proporcionando condições mais adequadas de acesso a Barra Grande e atraindo mais turistas para o povoado.

O Prodetur/NE era dividido em duas fases, Prodetur/NE I e Prodetur/NE II, fundamentadas em três componentes principais a serem executados pelos estados Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Maceió, Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe: desenvolvimento institucional, obras de infraestrutura básica e de serviços públicos, além de melhoria de aeroportos (Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2005).

O Prodetur/NE I disponibilizou US\$ 800 milhões, e 50% desse valor provinham do BID, enquanto os outros 50% foram contrapartidas dos estados. Esses recursos deveriam ser aplicados principalmente em áreas como saneamento, sistema viário, limpeza urbana, melhorias em aeroportos, recuperação de patrimônio histórico, proteção e recuperação ambiental, além de desenvolvimento institucional. As aplicações deveriam ser realizadas pelos estados nordestinos no prazo de até cinco anos após a assinatura dos contratos de subempréstimos (Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2005).

Em 1995, os primeiros contratos de adesão do Prodetur/NE I foram assinados pelos estados Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte. Em 1996, juntaram-se a eles os estados Ceará e Pernambuco, além do município de Maceió, em Alagoas. Os estados Paraíba e Maranhão assinaram seus contratos em 1997, enquanto o estado do Piauí aderiu em 1999, e Alagoas, em 2002 (Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2005).

Em consonância com o Banco do Nordeste do Brasil S. A. (2005), o estado do Piauí recebeu, aproximadamente, 8,849 milhões de dólares por meio dos recursos do Prodetur I. Segundo Ferreira (2012), a Secretaria de Planejamento do Estado do Piauí (SEPLAN/PI) e a Empresa de Turismo do Piauí S. A. (Piemtur), responsável por planejar e executar a política de turismo estadual, elaboraram, no início dos anos 2000, o Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo do Estado do Piauí, para direcionar o crescimento do setor de 2001 a 2015.

Pontua-se que a organização da atividade pública do turismo no estado do Piauí teve início em 1971, com a criação da Piemtur, pouco tempo após a criação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Em 2007, o governo estadual implementou um novo modelo de gestão, ao criar a Secretaria de Turismo (Setur). Embora a Setur tenha sido instituída nesse ano, a Piemtur foi mantida até o fim de 2010, quando foi extinta, e suas principais atribuições – como promover e divulgar o turismo estadual – foram transferidas para a Setur, que segue atuando até os dias atuais (Setur, 2023).

Além da elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Turismo do Estado do Piauí, entre 1999 e 2004, foram realizadas obras de construção e de melhorias nas rodovias PI-301/302 e no entroncamento da BR-402, que conectam os povoados de Camurupim e Barra Grande (Figura 8), além da Rodovia PI-301 e do entroncamento PI-302, que facilitam o acesso ao município de Cajueiro da Praia. Tais rodovias e entroncamentos foram, inclusive, pavimentados com asfalto (Banco do Nordeste do Brasil S. A., 2005).

Em Barra Grande, os recursos do Prodetur I beneficiaram projetos de saneamento, como a implementação do Sistema de Abastecimento de Água (SAA) e o tratamento primário do Sistema de Esgotamento Sanitário (SES) (Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2005). Naturalmente, esses investimentos tinham como principal objetivo beneficiar a população local, além de incentivar a permanência dos turistas no povoado por um período mais longo.

Os estudos de Paiva (2010), cujo objetivo central foi analisar o Prodetur/NE, indicam que os resultados do Prodetur I foram tão satisfatórios que levaram à concepção do Prodetur II, a partir de 1999. Nessa fase, o governo federal brasileiro disponibilizou US\$ 800 milhões para que os estados nordestinos, além de Espírito Santo e Minas Gerais, investissem em “obras infraestruturais, saneamento, transportes, urbanização, proteção ambiental e do patrimônio histórico e cultural, projetos de capacitação profissional e fortalecimento institucional dos estados” (Paiva, 2010, p. 204).

Dos recursos captados pelo estado do Piauí no Prodetur II, no início dos anos 2000, promoveram-se a implementação e a pavimentação em paralelepípedos da PI-302, de aproximadamente 9 km, conectando os povoados costeiros do município de Cajueiro da Praia – incluindo Barra Grande, Barrinha e Sardim – à sede municipal de Cajueiro da Praia (Silva, 2013) (Figura 15).

Figura 15 – Rodovia vicinal que conecta os povoados costeiros do município de Cajueiro da Praia



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Google Maps (2024).

Os recursos do Prodetur/NE desempenharam um papel determinante nas melhorias no acesso a Barra Grande no início dos anos 2000, facilitando não apenas o fluxo de turistas, mas também o deslocamento de moradores para outros povoados e para outras áreas litorâneas do Piauí. Esse cenário inaugurou um capítulo na história do povoado, impulsionando o avanço do turismo local e a chegada de um novo grupo de visitantes: os *kitesurfistas*, que introduziram uma nova lógica de valorização no povoado, criando formas de socialização e de interação com o mar. A presença deles gerou transformações econômicas, culturais e sociais, alterando a paisagem e os modos de vida dos moradores locais.

A chegada do *kitesurf* a Barra Grande não apenas modificou a relação dos habitantes com o mar, mas também provocou uma reconfiguração do espaço e das práticas de lazer, inaugurando uma nova identidade para o povoado. Esse é apenas um dos diversos aspectos dessa transformação, que será aprofundada nos capítulos seguintes desta tese, demonstrando como essas mudanças influenciam o futuro de Barra Grande.

2.3 O *kitesurf* chega ao povoado: primeiros sujeitos e práticas

A história da chegada do *kitesurf* a Barra Grande, inicialmente contada por Macêdo (2011), indica que teria ocorrido em 2005, trazido pelo médico Ariosto Ibiapina. A partir desse estudo, pesquisas e publicações posteriores sobre esse esporte em Barra Grande, como

as envidadas por Ferreira (2012) e por Dutra (2015), passaram a reproduzir essa versão, consolidando-a como a narrativa mais conhecida sobre os primeiros passos do esporte no local.

Embora praticamente todos os entrevistados desta pesquisa tenham assinalado o protagonismo de Ariosto Ibiapina, médico e proprietário da Pousada BGK, instalada no povoado, oficialmente, em outubro de 2007⁴⁵, ao pesquisar a inserção do *kitesurf* em Barra Grande, outros indícios surgiram, os quais não são contraditórios àquela versão, mas complementares. Dentre eles, destaca-se, também, a primazia de José Antônio Soares de Almeida, conhecido como Zé do *Kite*, natural de Ribeirão Preto – SP.

Na narrativa apresentada nesta tese, Ariosto Ibiapina e Zé do *Kite* são compreendidos como sujeitos essenciais na história do *kitesurf* em Barra Grande, e os principais responsáveis pela inserção dessa prática no povoado. Apesar de ambos serem amplamente reconhecidos por *kitesurfistas* locais e de outras partes do Brasil – por serem *kitesurfistas* experientes, que velejam desde que esse esporte chegou ao Brasil, no início dos anos 2000; por terem participado de diferentes formas de torneios de *kitesurf* e de cursos de certificação de instrutores realizados em diferentes localidades brasileiras; por terem organizado eventos de *kitesurf* em Barra Grande, um dos principais destinos nacional e internacional, no Brasil, para a prática desse esporte –, suas contribuições para a constituição desse esporte em Barra Grande ainda são pouco exploradas.

2.3.1 Ariosto Ibiapina e Barra Grande

A relação de Ariosto Ibiapina com Barra Grande teve início na década de 1970, durante o período da ditadura militar no Brasil, quando foi à localidade por meio de um convite de Zé Filho Galas e de sua esposa, Betânia, amigos de Parnaíba – PI envolvidos em atividades sociais na comunidade naquela época (Figura 16).

⁴⁵Os dados obtidos por meio de uma consulta *on-line* no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) indicam que a pousada está registrada sob o n.º 09.211.537/0001-75, com a razão social Barra Grande *Kite Camp* LTDA, e nome fantasia Barra Grande *Kite Camp* (CNPJ BIZ, 2023).
CNPJ BIZ. **Barra Grande Kite Camp LTDA - 09.211.537/0001-75.** [s./d.]. Disponível em: <https://cnpj.biz/09211537000175>. Acesso em: 1 nov. 2023.

Figura 16 – Ariosto Monte Fontes Ibiapina na Pousada BGK, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Naquele momento, Ariosto havia concluído o curso de Medicina e residia em Parnaíba, mas estava desempregado, daí porque aceitou prontamente o convite de seus amigos e, juntos, embarcaram em um projeto social na vila (Podcast, 2018).

De acordo com a entrevista de Ariosto Ibiapina, concedida ao *blog* Barra Grande News,

o Zé Filho cuidava dos estatutos da terra com os lavradores. A Betânia tratava do clube de mães que ela tava dirigindo e eu fiquei com a área de saúde. Aí chegamos a edificar um postozinho de saúde. Isso nós passamos dois anos aqui trabalhando nessa forma. E eu fui me afeiçoando à comunidade, ao povo da região e tivemos uma série de empecilhos porque a Marinha nos questionou. Que nós éramos comunistas e tal. Comunista, comia miolo! Comia o fígado das criancinhas! Aquele negócio todo. A pressão muito grande. Ai o Zé Filho ficou chateado. Fomos dissolvendo o trabalho. Naquele tempo não tinha televisão, energia. Aqui era tudo na lamparina. Ai depois começou a ter um grupo gerador que tinha energia até nove horas da noite. E aqui se vivia da pesca. Só pesca, pesca e da lavoura. Da agricultura. E os meninos foram embora. Eu já tinha casado, já tinha um filho. Aí resolvi vir pra cá fim de semana. Eu já conhecia o pessoal. Ficava na casa da dona Ana que era mãe da dona Nem. Ia velejar de *windsurf*. Ai, rapaz vou já comprar um terreno aqui pra mim e fui atrás de comprar um terreno. Cheguei aqui nesse terreno da BGK e perguntei se o dono me vendia. Ele virou pra mim: só se for aí pro lado da praia porque aqui pro lado da rua num vendo nenhum um pau! E eu só queria era o lado da praia. Aí comprei por uma besteira. Aí foi indo. Fiz uma casinha, meus filhos foram criados aqui. Criados todo fim de semana. Quando chegava no fim semana, meu menino já com cinco anos de idade, eu botava ele no ônibus e mandava o aviso pelo programa do Gomes, que ele fazia assim: Alô, alô Coró! Alô, alô Coró! [...] não tinha televisão né? Nem telefone. Dr. Ariosto avisa que Daniel seguiu no ônibus do Zé Maria, no balaio e quer que você vá pegar ele lá na parada. Isso dentro de dois minutos chegava no ouvido do Coró. Aí ele ia esperar o Daniel. Quando

dava segunda-feira de manhã ele botava Daniel de volta com a mochilinha. Sempre trouxe os meus filhos pra cá (*Podcast*, 2018, 0 min e 18 s).

De acordo com Ariosto Ibiapina, o terreno adquirido por ele em Barra Grande, no início da década de 1980, pertencia a Napoleão Cabrinha, antigo morador do povoado. Foi nesse local que Ariosto construiu sua casa de veraneio, próxima à praia. Naquela época, os poucos moradores locais e os principais proprietários de terrenos na rua Pontal da Barra vendiam suas propriedades a preços baixos, com base na quantidade de coqueiros presentes no terreno. Quanto maior o número de coqueiros, maior era a valorização do imóvel.

Ariosto Ibiapina mencionou, ainda, que no fim da década de 1990, já havia formado família ao lado de Teresa Maria de Senna Pereira Ibiapina, sua esposa, também médica, com quem teve três filhos: Daniel, o mais velho, Tiara e Diego – o caçula. Naquele período, Ariosto e sua esposa fundaram o Hospital Pro Médica, em Parnaíba, onde moravam. A família costumava frequentar Barra Grande nos fins de semana e nas férias escolares, desde a construção de sua casa de veraneio no povoado. Durante esses momentos, a casa de veraneio tornou-se um ponto de encontro para familiares e amigos próximos (Figura 17).

Figura 17 – Casa de veraneio da família Ibiapina, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil, no início dos anos 2000



Fonte: arquivo da Pousada BGK (s./d.).

A casa de veraneio de Ariosto e de Teresa Ibiapina era, e ainda é, um ambiente acolhedor, ideal para momentos de refeições e de conversas entre residentes e convidados (BGK, s./d.). A área externa (A) é um espaço amplo, com vegetação nativa, pés de coqueiros e vistas para o mar, onde os moradores e os hóspedes desfrutavam de momentos de descanso e

de lazer ao ar livre. Internamente (B), a casa é caracterizada por ambientes amplos, iluminados por luz natural, proporcionando um refúgio tranquilo e confortável. O acesso à praia (C) é feito por um caminho privativo, rodeado pela vegetação nativa local, que culmina em uma passarela que leva diretamente à orla. Na beira da praia havia, na época, uma barraca para lazer e para sociabilidades⁴⁶ (D e E).

Luiz Silva, mais conhecido pelos moradores do povoado como Coró, afirma que para cuidar das tarefas domésticas e garantir o conforto de todos, o casal Ibiapina contava com os seus serviços e de sua esposa Rosa, que eram responsáveis pela limpeza e pela preparação das refeições, não apenas para a família Ibiapina, mas também para parentes e amigos que os visitavam.

Coró, que também morava com sua esposa na rua Pontal da Barra, em frente à casa de veraneio da família Ibiapina, acrescenta que no fim da década de 1990, a residência de Ariosto era bastante movimentada, especialmente nos meses de dezembro, em razão das festividades natalinas e de Ano-Novo, e fevereiro, durante o período do Carnaval, quando

vinha de 20, 30, até 40 pessoas. A Rosa que cozinhava e anos depois a Loura foi quem assumiu o lugar dela. Eu não queria que outra pessoa estivesse lá. Preferíamos não ter mais ninguém, porque vinham muitas pessoas importantes. E a gente tinha medo de que algo pudesse desaparecer porque qualquer situação que surgisse éramos nós que estávamos ali. Eram só colegas dele de Teresina, Parnaíba, Fortaleza. Na casa dele, sempre havia muita gente importante: médicos, deputados federais, todos vinham para vê-lo. Chegavam a vir 50 amigos dele! Depois é que o *kite* chegou (Silva, 2022, 18 min 58 s).

Loura, citada por Coró, é Maria Cabrinha, pessoa que assumiu a responsabilidade pelas tarefas domésticas da casa, após Coró e Rosa, e pelo cuidado dos filhos do casal Ibiapina, especialmente de Daniel, que na época, completava o décimo aniversário.

Em sua entrevista, Ariosto Ibiapina compartilhou que sempre foi um entusiasta de esportes aquáticos. Praticante de *windsurf*, sua curiosidade pelo *kitesurf* surgiu no início dos anos 2000, quando assistiu a uma reportagem sobre o esporte no Programa Esporte Espetacular, da Rede Globo. No mesmo período, suas frequentes viagens a Jericoacoara, no Ceará, deram-lhe a oportunidade de conhecer o *kitesurf* de perto e conversar com Skator⁴⁷, um instrutor americano que estava na região com outro instrutor de mesma origem, ensinando a

⁴⁶Com o decorrer dos anos, no local onde a barraca estava instalada, assim como no terreno de Ariosto Ibiapina, foram sendo construídos outros equipamentos turísticos, como cozinha, chalés, piscinas e passarelas.

⁴⁷Ariosto Ibiapina não conseguiu fornecer mais detalhes sobre essa pessoa conhecida pelo apelido Skator, nem revelar os nomes reais dos instrutores americanos de *kitesurf*.

modalidade para alguns moradores locais. Motivado por essa experiência, Ariosto decidiu aprender o esporte com a intenção de praticá-lo, especialmente em Barra Grande.

Coincidentemente, a história de Zé do *Kite* com o *kitesurf* e, posteriormente, com Barra Grande, também começou em Jericoacoara, tendo Skator como responsável por ensinar a prática do esporte, no início dos anos 2000.

2.3.2 Zé do *Kite*, de São Paulo – SP para Barra Grande – PI

Natural de Ribeirão Preto – SP, todos os anos, Zé do *Kite* (Figura 18) costumava viajar com um grupo de amigos de infância para diferentes destinos no Brasil. No *Réveillon* de 1998, eles escolheram passar em Jericoacoara – CE. Encantado pela beleza natural e pelo ambiente acolhedor do lugar, Zé do *Kite* decidiu não voltar para sua cidade natal, marcando o início de uma nova fase em sua vida (Almeida, 2022).

Figura 18 – José Antônio Soares de Almeida, em sua residência em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Ainda em 1998, Zé do *Kite* vendeu seu estabelecimento comercial em Ribeirão Preto – SP, e com os recursos obtidos, arrendou a pousada de Maria Conceição, em Jericoacoara, rebatizando-a de Recanto Sonhado. Além disso, com o valor da venda de seu antigo negócio, alugou uma casa para morar e comprou um carro, a fim de realizar passeios turísticos com os

hóspedes nos Lençóis Maranhenses, e transportá-los entre Fortaleza e Jericoacoara (Almeida, 2022).

Zé do *Kite* lembrou, em sua entrevista, de uma ligação recebida em fevereiro de 2002, de um futuro hóspede de sua pousada, chamado Skator⁴⁸, um americano que estava no aeroporto do Rio de Janeiro prestes a embarcar para Fortaleza. Durante a conversa telefônica, Skator explicou que precisava de transporte de Fortaleza – CE até Jericoacoara, e que havia interesse de se hospedar na Pousada Recanto Sonhado.

Os citados americanos eram instrutores de *kitesurf* e estavam no Brasil desde 2001, desempenhando um papel crucial na popularização do esporte no País. Para tanto, viajaram por diversas cidades, como Praia Seca (RJ), Jericoacoara (CE) e Ilhabela (SP), oferecendo aulas e certificando novos instrutores, por meio da *International Kiteboarding Organization* (IKO). Ao desembarcar em Fortaleza com um amigo, ambos traziam malas recheadas com equipamentos de *kitesurf* (Almeida, 2022).

Como o *kitesurf* é um esporte que foi criado e se desenvolveu nas décadas de 1980 e 1990, algumas empresas americanas, especialmente a *Naish*⁴⁹, e de forma mais proeminente a *Cabrinha*⁵⁰, licenciaram e patentearam diversos equipamentos para a modalidade, com o escopo de comercializá-los mundialmente no início dos anos 2000, incluindo o Brasil. O objetivo dessas empresas era popularizar o esporte e, com isso, aumentar as vendas de seus produtos, mediante a certificação de novos instrutores, que ensinavam o esporte a outras pessoas que, por sua vez, passariam a adquirir os equipamentos para a sua prática, por meio de revendedores licenciados no País. Para Zé do *Kite*, a atuação dessas empresas americanas no Brasil foi primordial para a difusão do *kitesurf* no País.

⁴⁸Assim como Ariosto Ibiapina, Zé do *Kite* não conseguiu informar os verdadeiros nomes dos instrutores de *kitesurf* americanos.

⁴⁹Localizada na ilha de Maui, no Havaí, a *Naish* é uma renomada empresa fundada por Robb Naish, um atleta profissional de *windsurf* amplamente reconhecido nas décadas de 1980 e 1990. Desde 1979, a empresa especializa-se no desenvolvimento e na comercialização de equipamentos esportivos para diversas modalidades, incluindo *surf*, *windsurf*, *kitesurf* e SUP, atendendo ao mercado global com produtos de alta qualidade (Naish, 2023).

NAISH. **This is your moment.** 2006. Disponível em: https://www.naishkites.com/about/?_ga=2.151680185.1277541680.1663163383-1500128198.1661026371. Acesso em: 11 ago. 2023.

⁵⁰*Cabrinha Kites*, também localizada na ilha de Maui, no Havaí, foi fundada por Pete Cabrinha, um veterano renomado do *windsurf* das décadas de 1980 e 1990. Estabelecida no ano 2000, a marca destacou-se pela inovação, pela segurança e pelo desempenho, rapidamente tornando-se referência para *kitesurfistas* ao redor do mundo. Sua associação com o grupo *Neil Pryde*, conhecido pela experiência na produção de velas para iates e *windsurf*, desempenhou um papel fundamental na expansão global da marca (Cabrinha, 2023).

CABRINHA. **Origins.** [s.d.]. Disponível em: <https://www.cabrinha.com/pages/about-cabrinha>. Acesso em: 17 set. 2023.

Bitencourt e Navarro (2006) ressaltam que os eventos esportivos de *kitesurf* desempenharam um papel essencial no impulsionamento e no crescimento da modalidade no Brasil. Em 2000, a praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, foi escolhida para sediar o primeiro Campeonato do Circuito Mundial da KPWT – *Kite Pro World Tour* – na América do Sul, o Rio *Kiteboard* Pro-2000. Em 2001, foi fundada a IKO. No mesmo ano, foi fundada a ABK⁵¹, com sede no Rio de Janeiro – que organizou o primeiro Campeonato Brasileiro oficial de *kitesurf*, em Araruama, Rio de Janeiro, tendo Marcelo Cunha e Daniela Monteiro como vencedores (Bitencourt; Navarro, 2006).

Nesse contexto, o *kitesurf* ainda não havia chegado ao estado do Piauí, como afirma Zé do *Kite*. Ele também recorda que, com o apoio e o incentivo dos *kitesurfistas* americanos em Jericoacoara, ele aprendeu a velejar de *kitesurf* no início de 2002. Poucos dias depois de aprender algumas técnicas desse velejo, e ainda sob a supervisão dos americanos, ele já começava a ensinar alguns de seus amigos, que frequentavam Jericoacoara e sua pousada – como Pepe, Mário Carioca⁵² e Sasha. No entanto, sua certificação oficial de instrutor desse esporte⁵³ (Figura 19), atestada pela IKO, na época conhecida como *Kiteboarding International Safety System* (KISS), ocorreu apenas no fim de 2002, quando participou de um curso de instrutor nível 1, em Araruama, Rio de Janeiro, onde também ocorreu o primeiro Campeonato Brasileiro oficial de *Kitesurf*, em 2001.

⁵¹Em pesquisa realizada no site da ABK, em 2022, ele estava ativo. No entanto, atualmente, um novo *site* está no ar, mas não apresenta informações sobre a história da entidade.

⁵²Mário Carioca, como era conhecido, faleceu em um acidente de carro, em 2004, na estrada que dá acesso a Barra Grande (Almeida, 2022).

ALMEIDA, J. A. S. de. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022.

⁵³Não se conseguiram informações sobre a certificação promovida pela IKO, a KISS.

Figura 19 – Certificação de instrutor de *kitesurf* emitida pela IKO para José Antônio Soares de Almeida, o Zé do Kite (2002)



Fonte: arquivo de Zé do Kite (2002).

Nessa época, a IKO era a única entidade que oferecia cursos para instrutores de *kitesurf* em diversas partes do mundo. No Brasil, a ABK só começou a oferecê-los anos depois, em 2015. Vale ressaltar que no início dos anos 2000, os cursos promovidos pela IKO eram praticamente voltados para o treinamento de segurança e para o correto manuseio de equipamentos, como pipa, prancha e trapézio (Almeida, 2022).

Isso posto,

o KISS foi o primeiro sistema de certificação de instrutores criado especificamente para o *kitesurf*. Antes disso, os praticantes faziam o *Professional Air Safety Association* - PASA, um tipo de certificação voltado para os profissionais da aviação, já que o *kite* envolvia um movimento semelhante ao voo. No entanto, devido a uma série de acidentes graves, especialmente em 1997, com várias mortes e ferimentos sérios, surgiu a necessidade de desenvolver uma segurança própria para o *kite*. Durante esse período, houve 46 ou 47 acidentes graves, o que levantou preocupações sobre a comercialização dos *kites*, já que, se os equipamentos causassem ferimentos graves, como paralisia ou amputações, isso comprometeria suas vendas. Por isso, os fabricantes começaram a buscar formas de criar um *kite* mais seguro, para garantir que o esporte fosse viável comercialmente (Almeida, 2022, 17 min 41 s).

Mesmo com essas particularidades, o *Kitesurf* continuava em plena ascensão, tanto no Brasil quanto no mundo. Com isso, atletas de outras modalidades, como *windsurf*, caiaque e *mountain bike*⁵⁴, começaram a envolver-se com o novo esporte. Nomes consagrados, como os campeões de *windsurf*, Robby Naish e Pete Cabrinha, que se destacavam como figuras influentes nos Estados Unidos, no *surf* e no *windsurf*, direcionaram suas empresas de equipamentos esportivos para a comercialização de equipamentos de *kitesurf*, reconhecendo o enorme potencial do esporte (Senlor, 2006).

Essa migração de praticantes de uma modalidade para outra, como aponta Dias (2007), é comum, pois muitos desses esportes combinam técnicas que se influenciam mutuamente. O supracitado autor sinaliza que é frequente encontrar praticantes que se dedicam a várias modalidades ao mesmo tempo. O *kitesurf*, por exemplo, por combinar elementos do *surf*, do *windsurf* e do *wakeboard*, atraiu aqueles que já eram experientes em tais práticas.

Nessa perspectiva, com base nos apontamentos de Dias (2007), seria natural, no início dos anos 2000, que houvesse uma migração significativa de atletas e de praticantes dessas três modalidades para o *kitesurf* que, além de ser uma novidade, oferecia a oportunidade de explorar técnicas, movimentos e desafios novos, aproveitando habilidades adquiridas nas outras modalidades. Zé do Kite, por exemplo, afirmou que praticava *surf* e *windsurf* antes de migrar para o *kitesurf*, e que tinha a intenção de lucrar com o esporte, que estava em ascensão no Brasil.

Para ele, a certificação era o primeiro passo para alcançar esse objetivo. Ele contou que após concluir sua certificação oficial pela IKO e receber sua licença no estado do Rio de Janeiro, retornou para Jericoacoara. Alguns meses depois, inaugurou sua própria escola de *kitesurf*, chamada Radicais do Vento, em sua pousada. Esse marco oficializou o início de sua trajetória como instrutor profissional do esporte.

⁵⁴*Mountain bike* é uma bicicleta originalmente desenvolvida para a prática em terrenos acidentados e colinas, caracterizada por pneus grossos e múltiplas marchas. Embora tenha sido projetada para esse tipo de ambiente, ela passou a ser amplamente utilizada também em estradas, devido à sua robustez e versatilidade. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/mountain-bike>. Acesso em: 2 ago.2023.

Zé do *Kite* contou que no fim de 2002, foi contatado pela equipe da série Caminhos da Aventura, exibida no programa Esporte Espetacular, da Rede Globo, protagonizado por Daniela Monteiro, mais conhecida como Dani Monteiro⁵⁵ – que já havia sido campeã do primeiro Campeonato Brasileiro de *Kitesurf*, em Araruama, no Rio de Janeiro, em 2001 (ABK, 2022). Na ocasião, ele foi convidado a participar das gravações da série, praticando *kitesurf* ao lado de outros *kitesurfistas*, com filmagens realizadas no litoral piauiense.

Provavelmente, devido à ausência de instrutores de *kitesurf* e de velejadores no estado do Piauí, e até mesmo pelo desconhecimento da equipe da série Caminhos da Aventura sobre essa situação⁵⁶, eles entraram em contato com Zé do *Kite*, velejador que morava e atuava em Jericoacoara, região mais próxima ao litoral piauiense. Este, por sua vez, indicou para participar do programa o seu amigo, Esaú Albuquerque⁵⁷, de Parnaíba, que também estava iniciando a prática desse esporte.

De acordo com Zé do *Kite*, a equipe do programa combinou um encontro no município de Camocim, no Ceará. De lá, seguiram para Parnaíba – PI, onde ficaram hospedados por cinco dias, preparando-se para as gravações. Durante esse período, decidiram mudar o local da gravação para a Lagoa do Portinho, um dos pontos turísticos mais famosos do município de Luís Correia – conhecido pela forte incidência de ventos. Além desse local, foram realizadas gravações também nas praias Atalaia e Coqueiro – localizadas no município de Luís Correia.

De acordo com Zé do *Kite*,

e a gente fez filmagem [...] ela [Daniela] ia fazer uma filmagem na Lagoa do Portinho, porque na Lagoa do Portinho a gente [...], agora não tem mais, parece que vai voltar, mas a gente teve durante 10 anos o Circuito Brasileiro de *Windsurf* na Lagoa do Portinho. Então ela viu [...] como o programa dela era fazer coisas no extremo, então é o lugar que ela encontrou pra fazer o *kite* mais ao extremo do Brasil, que nunca ninguém tinha feito o *kite*. Essa foi o [...] porque ela veio pra cá. E

⁵⁵Dani Monteiro é a primeira mulher atleta de *kitesurf* do Brasil. Antes de consagrar-se campeã do primeiro Campeonato Brasileiro de *Kitesurf*, em 2001, ela venceu o Campeonato Brasileiro de *Windsurf*, nos anos de 1996, 1997 e 1999. Ela pratica, ainda, paraquedismo e mergulho. Sua carreira como jornalista e repórter foi firmada por sua passagem em diferentes programas de aventura e de esportes, como o quadro Caminhos da Aventura, do Esporte Espetacular (Dialethos, 2024).

DIALETHOS. **Dani Monteiro.** 2024. Disponível em: <https://www.dialethosventos.com.br/palestrante/1479/dani-monteiro>. Acesso em: 23 out. 2023.

⁵⁶Tentou-se contato com Dani Monteiro para obter alguns detalhes mencionados por Zé do *Kite*, sem sucesso. Esaú Albuquerque também foi procurado, mas se recusou a participar desta pesquisa, embora tenha conversado brevemente por telefone. Durante a conversa, ele confirmou que realmente participou de uma gravação para o programa Esporte Espetacular, apresentado por Dani Monteiro, mas não conseguiu lembrar se era, especificamente, o quadro Caminhos da Aventura.

⁵⁷Atualmente, Esaú Antônio Aguiar de Albuquerque reside em Parnaíba, é Bacharel em Direito e piloto de aeronaves.

ela veio com referência, Lagoa do Portinho. Tem campeonato brasileiro de *windsurf* lá, então lá tem vento. Entendeu? Então ela veio com essa informação. Então nós viemos pra fazer esse velejo na Lagoa do Portinho e consequentemente velejar em outros lugares que tinha vento. Então fizemos velejo no Coqueiro, no Atalaia, que são as praias ali de Luís Correia, né? E fizemos um dia na Lagoa do Portinho (Almeida, 2022, 35 min 40 s).

Com isso, os rumores sobre as gravações e a novidade do *kitesurf* começaram a espalhar-se rapidamente entre turistas e moradores da região, gerando grande expectativa.

2.3.3 Destino ou acaso? O encontro de Ariosto Ibiapina com Zé do Kite

O encontro entre Ariosto Ibiapina e Zé do *Kite*, no início dos anos 2000, pode ser interpretado como uma combinação entre destino e acaso. Conforme Ariosto Ibiapina, ele começou a aprender sozinho o esporte em Jericoacoara, e depois em Barra Grande: “depois teve um amigo que sabia, que era Zé Antônio [Zé do *Kite*], aí aprendeu primeiro, foi me ensinando, dando umas dicas” (Ibiapina, 2022, 28 min 47 s).

Zé do *Kite* dá outras pistas sobre o encontro entre eles, que segundo ele, aconteceu da seguinte maneira:

Estávamos na praia de Atalaia. Não sei se o Doutor Ariosto lembra, mas ele disse que foi me buscar em Jeri, o que não aconteceu. Ele parou com o carro dele, uma Pajero azul marinho. Naquela época, todo mundo andava de carro pela praia, assim como no Ceará, mas agora é proibido e o pessoal evita. A maré estava seca e estávamos velejando. Ele parou próximo a mim, enquanto eu estava na praia com o *kite* no ar, e começou a fazer algumas perguntas, demonstrando interesse em aprender o esporte. Perguntou onde eu estava hospedado. Eu disse que estava no hotel tal, em Parnaíba, que estava filmando para um programa de televisão e que era de Jeri. Expliquei que, se ele quisesse ter aula de *kitesurf* comigo, teria que ir a Jeri, onde minha escola funcionava. Daí ele afirmou: “Você não vai embora com ela! Você fica no hotel!” Eu fiquei surpreso e perguntei: “Como assim?” Ele reafirmou: “Não, você fica no hotel porque eu vou pagar mais uma diária sua e, no outro dia, estarei lá! Vou te pegar e te levar pra um lugar pra ver se serve pra velejar o *kite*!” Eu aceitei, e foi assim que nossa história começou. Fico até arrepiado ao lembrar! (Almeida, 2022, 35 min 40 s).

Com base no relato de Zé do *Kite*, a história, que começou com um simples “você não vai embora com ela,” transformou-se em uma jornada de sucesso para o esporte em Barra Grande. Esse momento, que tem mais de uma versão, tornou-se o ponto de partida para a constituição do *kitesurf* no povoado.

Conforme relatado por Zé do *Kite*, Ariosto Ibiapina procurou-o no hotel em que estava hospedado, em Parnaíba, e levou-o até sua casa de veraneio, em Barra Grande. Lá, foi recebido e hospedado sob os cuidados de Loura, enquanto Ariosto retornava a Parnaíba para

retomar suas atividades como médico no hospital Pro Médica. Na manhã seguinte, acordou animado, preparou seus equipamentos de *kitesurf* e dirigiu-se para a praia, que ficava a poucos passos da casa de Ariosto. Assim que iniciou o velejo, chamou a atenção de moradores do povoado, especialmente de crianças que brincavam nas proximidades, como Antônio Costa, o Toim.

Toim, em sua entrevista, relatou sua surpresa ao presenciar a prática desse esporte na praia, no dia em que Zé do *Kite* velejou pela primeira vez na Praia de Barra Grande.

Eu estava jogando peteca na rua quando vi aquela pipa voando no céu. Meu amigo Diego, que estava ali perto, também notou. Fiquei intrigado e corremos para a praia. Chegando lá, encontramos o Zé do *Kite*, um instrutor incrível que trouxe o esporte de Ribeirão Preto e já morava há muitos anos no Ceará. Estávamos na beira da praia observando tudo. Naquele momento, éramos eu; Hélio; Alexandre, mais conhecido como Índio; Heliardi, o menor do grupo; João Mário; e o França, filho do Coró. A gente ficou lá, todos fascinados pelo que estava acontecendo (Costa, 2022, 9 min 42 s).

Dias depois de Zé do *Kite* velejar em Barra Grande, Ariosto Ibiapina retornou à sua casa de veraneio no povoado. Reconhecendo o entusiasmo de Zé do *Kite* com o *kitesurf* e a viabilidade da Praia de Barra Grande para a prática desse esporte, em virtude dos ventos constantes e das águas calmas – Ariosto propôs pagar a Zé para ensinar o esporte a ele, ao seu filho mais velho, Daniel Ibiapina, e ao seu sobrinho, Pedro Ibiapina. No entanto, havia um obstáculo: não havia equipamentos suficientes para atender a todos (Almeida, 2022).

Foi então que Ariosto Ibiapina fez uma sugestão para Zé do *Kite*, conforme o diálogo que segue entre os dois, em que Ariosto disse:

“Pegue essa D20 ali e vá buscar seu equipamento. Eu vou pagar três cursos e também te dou dinheiro para a ida e volta.” Ele nunca tinha me visto antes, mas tudo bem. Então fui até Ariosto e disse: “Vou trazer uns amigos de Jericoacoara” – porque eu não ia conseguir ensinar o esporte para tantas pessoas sem auxílio. Ariosto respondeu: “Traga quem você quiser, do jeito que preferir. O que eu quero é aprender *kitesurf* aqui.” Voltei com o Pepe, o Mário, um carioca que infelizmente faleceu em um acidente de carro, e o Sasha. Quando a galera descobria um lugar novo para velejar, todo mundo se animava e ia junto (Almeida, 2022, 41 min 42 s).

Então, Zé do *Kite* partiu para Jericoacoara, dirigindo a D20 que lhe foi cedida por Ariosto Ibiapina para buscar mais equipamentos de *kitesurf*. No mesmo dia, retornou a Barra Grande com os materiais necessários, acompanhado de seus amigos, prontos para iniciar as aulas e dar continuidade ao ensino do esporte para a família Ibiapina (Almeida, 2022).

Pepe, Mário Carioca e Sasha, que haviam aprendido a velejar com Zé do Kite, em Jericoacoara, tinham o costume de viajar juntos para participar de competições brasileiras de *kitesurf* e, nessa ocasião, viajaram para auxiliar no ensino desse esporte em Barra Grande. Vale ressaltar que os quatro, como revelado por Zé do Kite, eram conhecidos no circuito brasileiro de *kitesurf* como *Favela do kite*. Esse nome é devido não terem, durante as competições, condições financeiras para hospedar-se nos hotéis onde os principais atletas se alojavam. Então, improvisavam, acampando em diferentes locais próximos aos torneios ou hospedando-se na casa de amigos *kitesurfistas*.

De acordo com Zé do Kite e Ariosto Ibiapina, o ensino de *kitesurf* acontecia de forma improvisada e de maneira simples, na beira-mar. Eles apresentavam aos alunos – Pedro e Daniel, durante a semana, e Ariosto Ibiapina nos fins de semana, devido às atribuições deste no Hospital Pro Médica – orientações básicas sobre o vento e como montar os equipamentos, mas a prática, em si, era desafiadora, já que os *kites* da época eram difíceis de manobrar e de controlar. Após uma breve explicação, alunos e instrutores seguiam diretamente para o mar, onde o aprendizado acontecia na prática, com tentativas repetidas, até que o aluno finalmente conseguisse velejar.

Consoante Ariosto Ibiapina, naquele tempo, não havia uma metodologia de ensino ou uma preocupação mais estruturada com segurança. Tudo era muito instintivo e motivado por frases de incentivo ditas pelo instrutor, como, por exemplo: “Bora! Vai, vai, vai, vai que dá!” (Ibiapina, 28 min 57 s).

O mais interessante nesse processo é que enquanto Zé do Kite e seus amigos ensinavam *kitesurf* a Ariosto, Pedro e Daniel, contavam com a colaboração de algumas crianças locais, filhos de pescadores e lavradores da região, que já haviam visto a prática do *kitesurf* e ficaram impressionadas. Embora sem experiência no esporte, essas crianças estavam sempre por perto para ajudar nas tarefas diárias, como montar e guardar os equipamentos. Ao mesmo tempo, elas aprenderam técnicas do esporte, como manobrar pipa e subir na prancha, ao observarem os *kitesurfistas* mais experientes que contavam com mais tempo de prática.

Sobre essa ajuda das crianças do povoado, Zé do Kite relembra:

eram o Toim, Hélio Cabrinha e o França que nos ajudavam. Elas ficavam sentadas perto da gente, na barraca que tinha em frente ao portão da BGK⁵⁸ observando e ajudando. Traziam peixe fresco e camarão pra gente. A Loura cozinhava. A

⁵⁸Vale ressaltar que embora o termo *pousada* fosse utilizado, ainda não se tratava da BGK como é conhecida hoje. Naquela época, o local funcionava apenas como uma casa de veraneio de Ariosto, um espaço familiar e acolhedor para férias, antes de transformar-se na pousada que viria a se tornar.

molecada ficava tudo com a gente ajudando a pegar e dobrar o *kite*. E ficavam assistindo a gente ensinar o *kite*. E aprenderam no meio dessa história. E eles aprenderam muito rápido! Eu dava duas horas de aula para o Doutor Ariosto, duas horas de aula para Daniel, outras duas horas para Pedro. Depois eu ia velejar. E a gente colocava os moleques pra aprender emprestando os nossos equipamentos. Eles sempre estavam perto da gente ajudando e velejando. Depois desses primeiros moleques vieram o Índio e o Heliardi, que eu me lembre. Depois vieram a Camila Veras e a irmã dela, Mariane (Almeida, 2022, 57 min 56 s).

Para Toim, as primeiras crianças nativas do povoado a aprenderem a velejar foram, de fato, Hélio Cabrinha⁵⁹, seguido por França e, por último, ele mesmo. Foi Hélio, amigo de Toim, quem o ensinou a velejar, a pedido de Ariosto Ibiapina.

De acordo com Camila Veras, as mulheres do povoado, especialmente as crianças, ainda não haviam despertado o interesse pelo *kitesurf* naquela época, pois estavam mais envolvidas com as práticas corporais desenvolvidas pela professora Cláudia, nas aulas de Educação Física da Unidade Escolar José Adrião de Araújo, situada nas proximidades da Praça Nossa Senhora da Conceição. Estas incluíam, principalmente o futebol, além de outras atividades ao ar livre na praia, como caminhadas, corridas e brincadeiras. Assim, elas só aprenderam a praticar o *kitesurf* anos depois dos meninos.

Toim também ressalta que, conforme começaram a aprender o esporte, passaram a compartilhar os conhecimentos com outros colegas interessados. Desse jeito, o aprendizado acontecia tanto por meio da observação, de longe, na praia, quanto pela prática direta, tentando velejar no mar, o que demonstra diferentes formas de aprendizagem do *kitesurf* no início dos anos 2000 em Barra Grande.

Faria (2008), ao escrever as práticas de aprendizagem do futebol, oferece contribuições significativas para compreender o contexto de ensino-aprendizagem do *kitesurf* no povoado de Barra Grande. Sua pesquisa revelou que no futebol, a aprendizagem entre jovens de um bairro de Belo Horizonte – MG ocorria principalmente nas interações informais e no compartilhamento de experiências entre os próprios praticantes, mesmo em ambientes nos quais não havia a presença de instruções técnicas formais, como as estruturadas pelos profissionais responsáveis da escola.

Assim, o aprendizado do futebol ia além das regras, das táticas e das técnicas, sendo uma experiência que se difundia pelos diferentes modos de participação no esporte. Não se tratava de um processo passivo de assimilação, em que o corpo era simplesmente moldado; pelo contrário, a cultura futebolística marcava o corpo dos praticantes à medida que também

⁵⁹O sobrenome *Cabrinha* pertence à família Cabrinha, uma das mais tradicionais de Barra Grande.

era moldada por eles em suas práticas cotidianas. As sociabilidades entre os jovens não apenas favoreciam o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também construíam conhecimentos, emoções, identidades e disposições corporais. Outrossim, esses vínculos sociais tornavam o jogo de futebol mais complexo, envolvendo relações de poder, diferentes formas de participação e dinâmicas de interação que permeavam as experiências de aprendizagem (Faria, 2008).

De maneira análoga, no contexto de Barra Grande, o aprendizado do *kitesurf*, especialmente entre os nativos do povoado, também estava fundamentado em trocas informais entre os praticantes. Nesse contexto, o *kitesurf* configurava-se como um esporte recreativo, uma prática de lazer social, fluída e complexa (Gomes, 2011, 2014, 2023) que ia além da aquisição de técnicas de velejo, pois o compartilhamento de experiências e a convivência na beira-mar e no mar da Praia de Barra Grande formavam uma rede de sociabilidades na qual não se ensinava ou se aprendia apenas o esporte, mas também eram estabelecidos significados e identidades entre os envolvidos.

Além de compartilhar experiências, os equipamentos de *kitesurf* de Zé do Kite eram compartilhados especialmente com essas crianças do povoado que não tinham recursos financeiros para adquirir os materiais necessários para praticar o esporte. Porquanto não havia equipamentos suficientes para todos, Toim, Hélio, Alexandre, Heliardi, João Mário e França revezavam os equipamentos de *kitesurf* disponibilizados por Zé do Kite e por Ariosto Ibiapina – que já havia adquirido os seus próprios equipamentos de *kitesurf* –, enquanto recebiam algumas orientações básicas sobre as técnicas de velejo.

No entanto, o aprendizado do esporte aconteceu “na raça” e no “te vira”, duas expressões comuns entre os *kitesurfistas* de Barra Grande e que, para Toim, representavam a conquista de algo por esforço próprio e por determinação, sem facilidades, mas com muito mérito e bravura.

Os primeiros praticantes de *kitesurf* de Barra Grande, no início dos anos 2000, também enfrentavam, a exemplo de *kitesurfistas* de outras localidades do País, limitações de segurança com os equipamentos básicos de velejo, que consistiam, essencialmente, em uma pipa, uma prancha e uma barra de controle. Como acentua Toim, a manobra da pipa, por exemplo, exigia considerável esforço dos braços dos *kitesurfistas*, especialmente quando tentavam mantê-la no ar, tanto na beira-mar quanto no mar.

Para reduzir esse esforço, o uso do arnês de vela, um acessório crucial para proporcionar mais conforto e segurança, era recomendado, embora envolvesse um custo adicional. Com a adição desse equipamento, o *kitesurf* tornou-se mais acessível e seguro,

permitindo que o praticante controlasse a pipa de forma mais eficiente e reduzisse a sobrecarga física durante a prática (Senlor, 2006).

O arnês de vela ajustava-se à cintura do *kitesurfista*, funcionando como um ponto de ancoragem entre o praticante e a barra de controle que estava conectada à pipa. Ele transferia a força gerada pela pipa para o corpo do *kitesurfista*, geralmente para os quadris ou para a cintura, aliviando a sobrecarga nos braços. Com isso, o *kitesurfista* podia manter o controle da pipa de maneira mais confortável no ar, permitindo que se concentrasse nas manobras, nos saltos e no velejo, sem o desgaste físico excessivo de segurar a barra de controle por longos períodos (Senlor, 2006).

Toim menciona outra limitação enfrentada pelos *kitesurfistas* em Barra Grande: a dificuldade de lançar e recolher a pipa, tanto na beira-mar quanto no mar. Naquele tempo, o arnês de vela era difícil de ser desconectado da barra de controle e da cintura do *kitesurfista*, sobretudo em situações de risco, como mudanças abruptas na direção do vento. Isso tornava os acidentes mais comuns, com os *kitesurfistas* perdendo o controle da pipa e sendo arrastados pelo vento, tanto na água quanto fora dela. Ele explica que esse problema acontecia devido às térmicas, já que as pipas da época não continham dispositivos de segurança, como travas ou freios, o que poderia fazer com que o *kitesurfista* fosse lançado ou arrastado pelo ar, resultando em quedas graves e em lesões.

As térmicas são correntes de ar ascendentes provocadas pelo aquecimento solar da água do mar, e podem pegar de surpresa tanto *kitesurfistas* experientes quanto iniciantes, seja durante o velejo ou enquanto estão montando/desmontando os equipamentos na beira-mar. Essas correntes podem impulsionar a pipa, elevando o *kitesurfista* a uma altura considerável, o que torna o controle do equipamento imprevisível. Logo, essa instabilidade aumenta o risco de acidentes, especialmente quando o vento sofre variações constantes.

Dentre os vários acidentes registrados em Barra Grande no início dos anos 2000, Toim lembra-se de um caso específico:

Foi durante um dia de chuva. O *kite* do Pepe, amigo do Zé do *Kite*, pegou uma térmica e subiu muito alto. Quando desceu, caiu de mal jeito na lama, que é um chão duro na praia, e quebrou o joelho. Três pessoas tentaram segurá-lo, mas o vento levou os três como se não fossem nada, porque o *kite* tem muita força. Naquela época, quando você soltava a barra, os *kites* não paravam. A tecnologia não era tão avançada como é hoje; atualmente, você solta a barra e a pipa para. Se quiser, pode deixá-la na água, e ela fica quietinha. Antigamente, isso não era possível (Costa, 2022a, 13 min 22 s).

Salienta-se que as pipas mais populares nessa época eram as *Wind Powered Inflatable Kite Aircraft* (WIPIKA), uma marca criada pelos irmãos franceses, Bruno e Dominique Legaigoux, em colaboração com a empresa Neil Pryde, lançada em 1997. A WIPIKA era equipada com duas linhas de controle, confeccionada com tubos infláveis pré-formados e contava com um sistema de freio simples preso às pontas das asas (Lossi, 2013).

Em 2002, os irmãos Legaigoux desenvolveram um novo modelo de pipa, o *BOW*, que oferecia maior tração, controle e segurança, conseguindo várias patentes para esse *design*. No entanto, as pipas *WIPIKA* continuaram a ser as mais utilizadas no Brasil, entre 2002 e 2004, inclusive em Barra Grande, enquanto as pipas *BOW* foram amplamente adotadas somente alguns anos depois (Lossi, 2013).

Apesar das dificuldades e das limitações no ensino e no aprendizado do *kitesurf*, a prática desse esporte na Praia de Barra Grande por membros da família Ibiapina, Zé do Kite e seus amigos, atraiu não só as crianças do povoado – que, conforme Zé do Kite, não frequentavam a escola, pois não se interessavam pelos estudos, preferindo passar mais tempo com o grupo de *kitesurfistas* do que nas aulas –, mas também *kitesurfistas* de outras localidades do Brasil e do mundo.

2.3.4 O *secret point*: “um lugar mágico e encantado chamado Barra Grande”

Inicialmente, Zé do Kite e seus amigos foram para Barra Grande com a intenção de passar apenas uma semana ensinando *kitesurf* para a família Ibiapina, mas acabaram se afeiçoando ao lugar e estreitando laços com ele, onde permaneceram mais quatro meses na casa de veraneio de Ariosto. Durante esses meses, Zé do Kite conta que ensinou *kitesurf* para amigos de Ariosto Ibiapina, de Teresina, como Matiê e Lucídio Portela – este último era médico e chegou a ser governador do estado do Piauí entre os anos de 1970 e 1983.

Quando Zé retornou a Jericoacoara, sua escola de *kitesurf* continuou funcionando, mas ele já começava a trazer gringos de lá para velejar em Barra Grande, no *secret point*, entre os anos de 2003 e 2004, demarcando o início da constituição do esporte no povoado. De acordo com Zé do Kite,

tudo começou em Barra Grande como um ***secret point***. Comecei a trazer pessoas especialmente para velejar aqui e ligava para o Doutor: “Doutor, estou levando o pessoal. Tem como ficarem na casa?” Ele sempre dizia que sim. Até que eu levei um grupo de 32 gringos de Jericoacoara e os acomodei na casa do Doutor. Quando cheguei, ele me olhou e perguntou: “Zé, o que é isso?” Estava eu, o Sasha, o Pepe e o finado Mário, com todos aqueles gringos. Eu tinha explicado para os *kitesurfistas*

que na casa não havia lugar para dormir e eles levaram redes e sacos de dormir. Naquele dia, coincidentemente, havia um *show* do Rappa em Parnaíba. Fretamos um ônibus e levamos todos para o *show*, que foi tão grande que o som provocou um *blackout* na cidade inteira, ficando desligada por duas horas até conseguirem religar. O Rappa esperou e quando a energia voltou, o Doutor estava lá dentro do *show* com a gente. Assistimos ao espetáculo juntos. Foi nesse momento que o Doutor visualizou a necessidade de fazer algumas melhorias no seu terreno e transformar oficialmente sua casa de veraneio em pousada. Ele comentou: “Zê, acho que vou ter que construir uns chalés lá em Barra Grande.” Assim, ele decidiu construir os três primeiros chalés, que eram em formato de cabanas de alvenaria. Isso já era meados de 2005 (Almeida, 2022, 58 min 32 s, grifo nosso).

Antes de construir os chalés em seu terreno em Barra Grande, Ariosto Ibiapina havia adquirido um lote adjacente, que possuía uma casa de pescador, que atualmente é utilizada como área administrativa da Pousada BGK. Ele também comprou um terreno contíguo ao seu, onde havia uma casa redonda construída pelo antigo proprietário. Sua casa de veraneio, que inicialmente hospedava amigos e familiares, conforme fala Ariosto Ibiapina, acabou sendo apelidada de “*Kite House*” devido ao grande número de *kitesurfistas* que começou a frequentá-la (Figura 20).

Figura 20 – *Kitesurfistas* estrangeiros e brasileiros levados por Zé do Kite para hospedagem na *Kite house*, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia, Piauí, Brasil



Fonte: arquivo da Pousada BGK (s./d.).

Alguns *kitesurfistas* da Figura 20 foram identificados por Zé do Kite, principalmente seus amigos que o ajudaram a ensinar o esporte à família Ibiapina, em 2002. Da esquerda para

a direita, a primeira pessoa sentada é Zé do *Kite*. A pessoa em pé, acenando positivamente com a mão, é Daniel Ibiapina. Ao lado esquerdo de Daniel Ibiapina, sentado, também acenando positivamente com a mão, está Mário Carioca. Do lado direito de Mário há outras pessoas sentadas que não puderam ser identificadas, exceto duas: a de camiseta verde é Sasha e ao lado dele, de frente para Zé do *Kite*, está Pepe.

Segundo Ariosto Ibiapina, desde que o turismo foi inserido em Barra Grande na década de 1980, ele cogitava abrir uma pousada voltada para os turistas teresinenses, que visitavam o povoado atraídos pela natureza, em busca da praia para tomar banhos de sol e de mar em seus momentos de lazer. No entanto, sua visão sobre o negócio mudou com a chegada inesperada de *kitesurfistas* estrangeiros, à *Kite House*, levados por Zé do *Kite*. Barra Grande, ou o *Secret Point*, como chamado por Zé do *Kite*, foi acontecendo, como afirma Ariosto Ibiapina: “era aquele *Puerto Escondido*, aquela coisa bem pitoresca” (Ibiapina, 2022, 28 min e 57 s).

Esse contato com os praticantes do esporte motivou-o a repensar sua estratégia, direcionando a ideia de construir uma pousada para hospedá-los, marcando mais um aspecto da constituição do esporte no povoado.

Rapaz, eu pensei: o ouro tá ali! E chegou uma época em que eu disse: “Rapaz, tá saindo caro eu receber tanto *kitesurfista* aqui em casa. Às vezes, nem os conheço.” A maioria era gringos que sabiam da existência desse **lugar mágico e encantado chamado Barra Grande**. Eles chegavam de qualquer jeito, e eu, que falava um pouco de inglês, ia conversando com eles. Com o tempo, comecei a perceber que precisava cobrar uma taxa, pois tinha despesas com alimentação. Naquela época, não havia cama para todo mundo. Eles dormiam em redes ou se acomodavam como podiam. Então, veio o primeiro chalé, depois o segundo, e foram surgindo mais chalezinhos, transformando a taxa em diária. Nós preparávamos café, almoço e jantar, pois não havia estabelecimentos que oferecessem esses serviços em Barra Grande na época (Ibiapina, 2022, 14 min 18 s, grifo nosso).

Em outubro de 2007, a Pousada BGK foi oficialmente registrada sob o CNPJ 09.211.537/0001-75, razão social Barra Grande *Kite Camp* LTDA e nome fantasia Barra Grande *Kite Camp* (CNPJ BIZ, 2023). A *Kite House*, por sua vez, que está localizada dentro da Pousada BGK, mantém até hoje esse nome, funcionando como local de apoio para os funcionários da BGK (Figura 21). O casal Ibiapina continua residindo em Parnaíba, mas costuma se revezar entre essa cidade e Barra Grande, onde passam temporadas.

Figura 21 – *Kite House*, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Ao ser questionado sobre a inauguração da Pousada BGK, em 2005, conforme citado por Macêdo (2011), Ariosto Ibiapina refutou essa informação, explicando que ao longo dos anos, desde a aquisição do terreno e a construção de sua casa de veraneio, o local foi gradualmente se transformando na Pousada BGK. Segundo ele, essa transformação ocorreu de forma mais acelerada com a chegada dos *kitesurfistas* trazidos de Jericoacoara por Zé do *Kite*. Com os recursos financeiros disponíveis, foram construídos em seu terreno os primeiros chalés e uma cozinha, onde sua amiga Tatiane Rafaini, mais conhecida como Tati, abriu o Manga Rosa, o primeiro restaurante do povoado, que funciona até os dias atuais⁶⁰.

O fluxo constante de *kitesurfistas* em Barra Grande, no início dos anos 2000, para a prática de velejo livre na praia foi o principal fator que impulsionou a introdução de um novo segmento turístico no povoado, o turismo de aventura. Esse tipo de turismo caracteriza-se pela diversidade de ofertas; pela gestão dos riscos envolvidos nas atividades que o compõem; pela participação ativa; e pela interação dos turistas com o ambiente e com as experiências proporcionadas (Brasil, 2010c).

Para Le Breton (2007), o risco, compreendido como uma possibilidade de algo ruim acontecer, colocando alguém ou algo em perigo, “é inerente à condição humana, sendo um

⁶⁰Nos primeiros anos de funcionamento, o restaurante Manga Rosa esteve localizado dentro da propriedade de Ariosto Ibiapina. Anos depois, o restaurante foi inaugurado em um terreno adquirido por Tati, na rua Pontal da Barra. Desde a inauguração, Tati mandou fazer uma tábua de madeira com o *slogan Aberto ao pôr do sol*, pois era esse o horário em que começava a servir comida aos turistas em Barra Grande. Com a mudança de local, a placa foi mantida e ainda permanece instalada na frente do restaurante, como símbolo da história do estabelecimento no povoado.

resgate feliz pago pela liberdade” (DICIO, 2023d). Ademais, o mar – como a montanha, o deserto ou a floresta – torna-se a via privilegiada de um mundo de sentido reconquistado em que o homem, contando apenas com seus recursos físicos e morais, em circunstâncias que ele mesmo escolheu, traz novamente encanto à sua existência, guarda sensações, emoções e forja sua mitologia pessoal.

Nesse sentido, o mar – especialmente em atividades que envolvem esportes de alto risco, como o *kitesurf* – é uma reserva selvagem de sentidos, um mundo, ao mesmo tempo, propício e perigoso onde o homem, se estiver à altura, demonstra justamente sua legitimidade e sua jubilação em existir (Le Breton, 2007).

As atividades de risco, além dos desafios físicos, envolvem a busca por controlar medos e limitações pessoais. O risco, portanto, não é apenas uma ameaça externa, mas algo com o qual os praticantes se relacionam ativamente, tomando decisões que os expõem a ele. Então, o risco torna-se uma forma de buscar emoções intensas e de construir identidade (Le Breton, 2007).

Em Barra Grande, a prática livre de *kitesurf* é marcada pelo contato direto com a natureza e pelos desafios constantes. O vento e o mar, com suas condições imprevisíveis, criam uma experiência estimulante, em que o praticante busca superar obstáculos e testar as próprias habilidades. As dificuldades, como as variações do vento e o controle do equipamento, oferecem uma imersão profunda no ambiente natural e proporcionam uma forte sensação de superação pessoal. O risco controlado e a emoção são, pois, componentes essenciais dessa prática.

Ao submeterem-se aos riscos do esporte, os *kitesurfistas* em Barra Grande não apenas aprimoram suas habilidades técnicas, mas também se afirmam como indivíduos dispostos a viver a adrenalina, o desconhecido e a liberdade que o *kitesurf* oferece. Essa atitude fortalece a conexão emocional com o esporte e com a comunidade local, transformando a prática no povoado em um processo contínuo de construção e de afirmação de identidade. Nesse cenário, o risco e a emoção entrelaçam-se, moldando a experiência dos praticantes.

2.4 Primeiras implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande e surgimento de outras manifestações do esporte no povoado

A prática de *kitesurf* em Barra Grande ocorria de forma livre, tanto na praia quanto na Lagoa Azul⁶¹, localizada nas proximidades, na foz do Rio Camurupim. Essas áreas são tradicionalmente utilizadas por pescadores locais para subsistência e comércio, desempenhando um papel fundamental na economia e na cultura da região. Com a chegada dos *kitesurfistas*, começaram a surgir os primeiros conflitos entre esses dois grupos, devido ao uso compartilhado e, muitas vezes, disputado do território. Sobre esse assunto, Ariosto Ibiapina compartilhou sua opinião na entrevista.

De repente chega um bocado de *playboy* andando, fazendo piruetas em cima das canoas deles. Isso de certa forma desrespeitou, porque ele tem um lado muito místico, a relação do pescador e o mar. A grande maioria cultua entidades, tipo Iemanjá. Não só Iemanjá, mas cada um deles tem as suas crenças. Eles têm o respeito das modificações da natureza em relação ao mar. E isso se torna uma coisa mística. E de repente o cara chega velejando por cima das águas e isso não era bem-visto pelos pescadores. Eu detectei isso uma época. Também pode ser um juízo errado da minha parte. E vieram outros casos. Foram casos demais (Ibiapina, 2022, 51 min 23 s).

Um desses conflitos foi relatado pelos irmãos José Erismar Lima e Erisvaldo Alves, em suas entrevistas. O incidente ocorreu na Lagoa Azul – entre moradores locais e pescadores –, uma área considerada berçário natural de peixes da região (ICMBio, 2020), localizada a centenas de metros da Praia de Barra Grande.

Os *kitesurfistas* costumavam adentrar nessa área sensível com suas pranchas, batendo na superfície da água e perturbando o ambiente, o que afastava os peixes e prejudicava a atividade dos pescadores locais. Indignados com a situação, os pescadores da região soltavam foguetes em direção aos *kitesurfistas* e, em outras ocasiões, quando as pipas destes ficavam presas nos galhos das árvores, chegavam a cortar algumas pipas e linhas com peixeiras.

Embora esse transtorno não fosse intencional, gerava conflitos diretos com os pescadores, que se sentiam prejudicados em sua atividade de subsistência (Macêdo, 2011). Em relação à apropriação dos espaços de pesca para a prática de *kitesurf*, Ferreira (2012) atestou que isso era permitido e até incentivado pelos donos de pousadas em Barra Grande, com o objetivo de agradar os hóspedes e os clientes, facultando-lhes experiências mais intensas – mesmo que isso compromettesse o trabalho dos pescadores.

O território, como avulta Santos (2006), não é apenas um espaço físico, mas um campo de relações sociais e de poder em constante transformação, onde diversos atores

⁶¹A Lagoa Azul está identificada na Figura 3 desta tese.

disputam o controle e o uso dos recursos disponíveis. Configura-se, pois, como o palco das interações humanas, tornando-se um espaço dinâmico de ação e de experiência.

Além disso, o território é um espaço onde governos, empresas, comunidades e indivíduos exercem poder de diversas formas, moldando a configuração e o uso dele. Adicionalmente, desempenha um papel central na formação da identidade cultural e social dos grupos que o habitam, com práticas culturais, símbolos e tradições profundamente ligados a ele. Por cúmulo, o território adquire um significado que vai além de sua materialidade, inscrevendo-se nas diferentes territorialidades (Santos, 2006).

Quando essas territorialidades entram em conflito, as práticas e as formas de uso do espaço colidem. Assim, os atos agressivos dos pescadores contra os *kitesurfistas* em Barra Grande, ao longo dos anos, podem ser entendidos como uma manifestação dessa disputa pelo controle territorial (Santos, 2002, 2007).

Outro aspecto importante, relevado pelos irmãos José Erismar Lima e Erisvaldo Alves, é que apesar dos conflitos ocorridos, nenhuma ação foi tomada pela Capitania dos Portos, pela Colônia de Pescadores Z6 ou pela Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia para minimizar ou resolver os conflitos entre pescadores e *kitesurfistas*.

Além da prática livre de *kitesurf* em Barra Grande, que já atraía *kitesurfistas* pela qualidade do vento e das condições naturais, e com a Pousada BGK oferecendo hospedagem, o povoado passou a contar com a primeira escola de *kitesurf*, a *Kite Escola Paraíso*, de propriedade de João Bosco Castello Branco, o Bosco. Isso diversificou ainda mais a oferta do esporte para os turistas, para além da dimensão recreativa, marcando um novo momento na constituição do *kitesurf* em Barra Grande.

2.5 Outras manifestações do *kitesurf*: educativo e competitivo

A *Kite Escola Paraíso* (Figura 22), que oferecia aulas de *kitesurf* para os turistas que frequentavam o povoado, foi registrada oficialmente em 2005 (CNPJ BIZ, 2023). De acordo com Bosco, a escola foi aberta na residência dos seus avós, na rua São José, perto da Praia de Barra Grande, onde ele passou a morar após o falecimento dos avós.

Figura 22 – Kite Escola Paraíso, na rua São José, em Barra Grande – PI (2012)

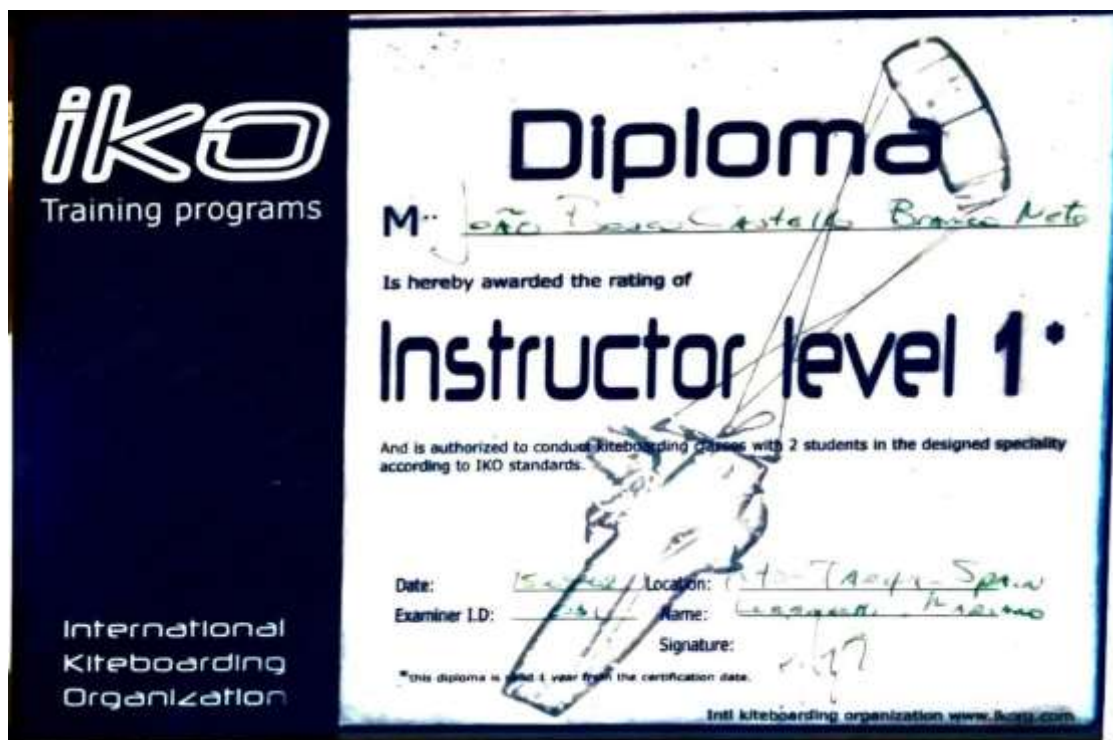


Fonte: Google Maps (2022).

Bosco contou em sua entrevista que embora já ensinasse *kitesurf* na Praia de Barra Grande, não possuía uma certificação formal de instrutor, pois na época, a ABK não oferecia esse tipo de qualificação. Isso fazia com que os interessados em se tornar instrutores precisassem buscar formação profissional no exterior, devido à raridade de certificações desse tipo no Brasil. Motivado pela necessidade de qualificação, ele decidiu buscar uma certificação internacional e, em 2007, viajou para Portugal, na Europa. Lá, trabalhou por dois meses na escola de *kitesurf* Riactiva, situada na Praia de Costa Nova, em Aveiro.

Após esse período de trabalho em Portugal, Bosco conseguiu economizar o dinheiro necessário para pagar pela certificação de instrutor de *Kitesurf* nível 1, oferecida pela IKO, a qual realizou em 2008, na cidade de Tarifa, na Espanha (Figura 23).

Figura 23 – Certificação de instrutor de *kitesurf* emitida pela IKO para João Bosco Castello Branco, o Bosco (2008)



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

Durante o período que passou em Portugal, Bosco teve a oportunidade de adquirir a experiência prática e o conhecimento técnico necessário para a gestão dos riscos envolvidos no ensino e na prática de *kitesurf*. Esses aprendizados foram essenciais para a implementação de procedimentos de segurança na Kite Escola Paraíso, o que contribuiu de forma significativa para a profissionalização do esporte e a garantia de segurança no ensino de *kitesurf* em Barra Grande, em 2008.

Ele explicou que sua viagem para Portugal foi motivada pelo desejo de aprimorar sua formação e obter uma certificação oficial que o qualificasse para ensinar *kitesurf* em Barra Grande de maneira profissional e reconhecida internacionalmente. Essa busca por uma certificação internacional reflete a crescente consolidação do *kitesurf* no povoado, não apenas como uma prática que tinha um ensino amador, mas como uma atividade estruturada e profissionalizada, o que contribuía para atrair mais turistas e consolidar Barra Grande como um destino especializado no esporte.

Além de Bosco, Hélio Cabrinha (Figura 24), outro nativo de Barra Grande, teve um papel essencial na disseminação do *kitesurf* no povoado, especialmente entre os moradores locais, sendo o principal representante da manifestação competitiva do *kitesurf* em Barra

Grande. Suas vitórias em torneios nacionais e internacionais, nos anos 2007 a 2008, não só destacaram o esporte na região, como também incentivaram outros moradores a praticarem *kitesurf*, fortalecendo a imagem de Barra Grande como um destino de referência para amantes da modalidade.

Figura 24 – Hélio Cabrinha em entrevista cedida para o documentário Filhos da Terra (2023)



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S39XZ6G34jY&t=977s>. Acesso em: 12 ago. 2023.

De acordo com Hélio Cabrinha, sua trajetória profissional não se deu pelo esporte, mas pelo ofício de pedreiro, iniciado aos 13 anos – um trabalho que aprendeu com seu pai, que faleceu quando ele ainda era criança. Hélio estudou até a 8ª série do ensino fundamental, mas interrompeu os estudos para se dedicar integralmente ao trabalho. Ele foi um dos responsáveis pela construção dos primeiros chalés da Pousada BGK e atuou como funcionário dessa pousada por um período.

Hélio Cabrinha conta que em 2003, ganhou de presente uma prancha usada de Ariosto Ibiapina, e uma pipa usada do filho deste, Daniel. Com esses equipamentos, começou a aperfeiçoar suas manobras de *kitesurf*. Naquele período, seu tempo para praticar o esporte era limitado devido ao trabalho, mas sempre que possível, ele aproveitava as horas livres para ir à praia. Muitas vezes, aventurava-se até às 21h, principalmente nas noites de lua cheia, quando a luz natural facilitava o velejo.

Hélio Cabrinha também informou como aprendeu a velejar:

Eu aprendi a velejar sozinho. Ariosto e Zé do *Kite* me deram apenas as primeiras dicas sobre como comandar a pipa, e logo depois segui por conta própria. Em duas semanas, já estava andando e pulando. Em quatro a seis semanas, já conseguia fazer manobras. Em 2005, eu e Ariosto tivemos a oportunidade de assistir o torneio mundial de *kitesurf* em Fortaleza, o *PKRA World Tour 2005* (Silva, 2022b, 17 min 37 s).

O *PKRA World Tour 2005* recebeu esse nome por ser organizado pela *Professional Kiteboard Riders Association* (PKRA), e era uma das competições mais renomadas de *kitesurf* da época, pois reunia os principais atletas do mundo⁶².

De acordo com a ABK (2022), o PKRA, criado em 2000, era um circuito anual composto por seis etapas, com o Brasil sendo sede de várias delas ao longo dos anos. Tempos depois, a ABK passou a organizar o *Arena Kite Brasil*, o Campeonato Brasileiro de *Kitesurf*, adotando o mesmo formato do torneio mundial, porém com quatro etapas em diferentes locais do país.

Ao longo da década de 2000, as competições do PKRA e do Campeonato Brasileiro de *Kitesurf* eram disputadas em quatro modalidades: *freestyle*, um dos mais populares, que envolve manobras acrobáticas realizadas no mar; *waves*, que consiste em surfar ondas com o auxílio do *kite*; *regata*, que envolve corridas em um percurso marítimo determinado; e *race*, em que os *kitesurfistas* surfam nas ondas e realizam manobras.

Quando a etapa do *PKRA World Tour* era realizada no Brasil, era chamada de *Kite-Xtreme Brasil*, e os atletas masculinos e femininos mais bem-posicionados no *ranking* do *Brasil Kite Tour* tinham a chance de competir nessa etapa internacional. A ABK oferecia seis vagas para os primeiros colocados no *ranking* brasileiro na categoria *freestyle*: quatro vagas para a categoria masculina e duas para a feminina.

Hélio Cabrinha mencionou em sua entrevista que se identificou com a categoria *freestyle* desde que começou a entender mais sobre as competições, assistindo a vídeos de manobras do esporte pelo *YouTube*. Quando finalmente teve a oportunidade de assistir ao *Kite-Xtreme Brasil 2005*, em Fortaleza, ficou empolgado ao ver as desempenhos ao vivo dos campeões mundiais.

Em 2007, Hélio fez sua estreia em uma competição de *kitesurf* no *Arena Kite Brasil*, realizada de 13 a 16 de setembro de 2007, em seu próprio estado, na Praia do Coqueiro, em Luís Correia, a aproximadamente 61 km de Barra Grande, cujo trajeto de carro leva cerca de 1 hora.

⁶²O evento continua até hoje, agora sob a organização da *Global Kitesports Association* (GKA), e passou a ser conhecido como *GKA Kite World Tour*.

Durante o *Arena Kite Brasil*, foram disputadas as modalidades regata, *wave* e *freestyle*, tanto no feminino quanto no masculino. O torneio foi organizado pela empresa de telecomunicações Oi e contou com uma premiação de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais), graças ao apoio financeiro do governo do estado, por meio da Piemtur, da Setur e do Ministério do Turismo (Meio news.com, 2007a).

O *Arena Kite Brasil* reuniu os atletas brasileiros da modalidade que estavam classificados nas primeiras posições do *ranking* da ABK naquele ano, como Guilly Brandão e Reno Romeu. Mesmo sem estarem ranqueados, os atletas piauienses tiveram a oportunidade de competir no *Arena Kite Brasil*, a exemplo de Hélio Cabrinha (Meio news.com, 2007a; 2007b).

Hélio Cabrinha foi a revelação piauiense do torneio, conquistando o quarto lugar na categoria *freestyle*. Esse feito pode ser considerado um marco para o desenvolvimento do esporte em Barra Grande, pois um atleta local conseguiu competir em igualdade de condições com outros competidores brasileiros mais experientes, que já haviam participado de outros circuitos brasileiros. A conquista de Hélio Cabrinha e o desempenho dos demais atletas inspiraram novas gerações de *kitesurfistas* em Barra Grande, além de motivar jovens de outras localidades piauienses e de todo o Brasil a se engajarem na prática do esporte, especialmente porque o evento foi transmitido ao vivo pelo canal Sportv2 (Meio news.com, 2007a; 2007b).

Hélio Cabrinha afirmou que seu sonho era “participar de um circuito como esse. Graças a Deus, tenho o privilégio de morar no melhor lugar do Brasil para treinar. Aproveito as horas de folga, pois trabalho como pedreiro” (Meio news.com, 2007b, p. 1). Em sua entrevista, ele também compartilhou que suas manobras arrojadas no *Arena Kite Brasil* surpreenderam tanto os juízes que a organizadora do evento – a ABK – permitiu sua participação no *Kite-Xtreme Brasil*, o campeonato mundial que seria realizado logo após o término do torneio, também na Praia do Coqueiro.

O *Kite X-treme Brasil* foi realizado de 19 a 23 de setembro de 2007, e distribuiu 40 mil dólares em premiação, graças ao apoio financeiro do governo do estado do Piauí, por intermédio da SETUR. Na época, o evento, organizado pela PKRA, em parceria com a ABK, era conhecido como PKRA no mundo do *kitesurf* (Meio news.com, 2007b).

Esse torneio, que reuniu grandes nomes do *kitesurf* mundial – como Aaron Hadlow, Kevin Langeree, Gisela Pulido, Bruna Kajiya, Youri Zoon e Álvaro Onieva – competindo na modalidade *freestyle*, foi realizado pela primeira vez no estado do Piauí. Embora ele fosse promovido pela PKRA, a ABK denominou-o de *Kite-Xtreme Brasil*. Por isso, o evento ficou conhecido tanto como PKRA quanto por *Kite X-treme Brasil*.

Hélio Cabrinha expôs que não chegou à fase final do *Kite X-treme* Brasil, mas competiu de igual para igual com *kitesurfistas* brasileiros e estrangeiros até a segunda fase. Esse desempenho rendeu a ele o apelido de *He-Man* no mundo do *kitesurf* brasileiro, conforme a reportagem de Danielle Chevrant, que estava na região cobrindo o evento (Figura 25).

Figura 25 – Hélio Cabrinha competindo na etapa piauiense do *Kite Xtreme* Brasil (2007)



Fonte: Instagram (2022a).

Em 2008, as competições de *kitesurf* realizadas no litoral piauiense ocorreram novamente na Praia do Coqueiro, e Hélio Cabrinha participou de algumas delas. Hélio declarou que nesse ano, participou das quatro etapas do Brasil Kite Tour⁶³ – provavelmente o Arena Kite Brasil passou a ser chamado de Brasil Kite Tour – conquistando o segundo lugar em duas delas, incluindo a etapa realizada na Praia do Coqueiro de 18 a 21 de setembro (Figura 26).

⁶³Quanto às nomenclaturas dos torneios de *kitesurf*, suspeita-se que devido à existência de quatro modalidades distintas dentro do esporte, sejam organizadas e disputadas diversas etapas de campeonatos mundiais e brasileiros ao longo do ano. Cada modalidade adota uma nomenclatura específica para diferenciá-las das demais. No entanto, essa questão será investigada com mais detalhes em outra oportunidade.

Figura 26 – Hélio Cabrinha após competir na etapa piauiense do Brasil Kite Tour em 2008, na Praia do Coqueiro, em Luís Correia – PI



Fonte: Cidade verde.com (2008).

Os resultados de Hélio Cabrinha nas etapas no Brasil Kite Tour deram a ele o terceiro lugar geral no *ranking* brasileiro de *kitesurf* da ABK naquele ano, e uma vaga entre os brasileiros selecionados para disputar a primeira etapa do Kite-Xtreme Brasil, também realizada na Praia do Coqueiro, de 24 a 28 de setembro, após o encerramento da etapa do Brasil Kite Tour.

Todos os torneios de *kitesurf* de que Hélio participou foram patrocinados por seu amigo, Ariosto Ibiapina, já que a prefeitura de Cajueiro da Praia nunca ofereceu apoio financeiro. Naquela época, os três primeiros colocados recebiam prêmios em dinheiro, o que não apenas reconhecia seus talentos, mas também incentivava a competição e atraía novos atletas para o esporte. Todo o valor recebido por Hélio nas competições em que se classificou entre os três primeiros colocados era integralmente destinado a ele.

O Secretário de Turismo do Piauí em 2008, Silvio Leite, em entrevista para o Meionews.com, destacou as belezas naturais piauienses e Hélio Cabrinha, ao afirmar: “iniciativas como esse Circuito são uma oportunidade ímpar de mostrar a beleza de nosso estado e demonstrar que também temos potencial. Esse garoto que representa o Piauí é prova disso” (Meio news.com, 2007b, p.1).

Com base nesse depoimento, buscaram-se indícios em portais de notícias piauienses a respeito dos principais torneios esportivos realizados no litoral piauiense entre os anos de 2000 e 2008 ⁶⁴ (Quadro 2).

Quadro 2 – Torneios de *kitesurf* realizados no litoral piauiense entre os anos de 2000 e 2008

Ano	Nome	Período	Local	Município	Modalidade	Atletas de Barra Grande	Colocação
2007	Arena Kite Brasil	13-16 set	Praia do Coqueiro	Luís Correia	Regata, wave e freestyle	Hélio Cabrinha	4º lugar
	Kite-Xtreme Brasil	19-23 set	Praia do Coqueiro	Luís Correia	Freestyle	Hélio Cabrinha	-
	Oi Kitesurf 2007	19-23 set	Praia do Coqueiro	Luís Correia	Race	-	-
2008	Piauí Kitesurf - Circuito FAP	25-27 jul	Praia do Coqueiro	Luís Correia	-	-	-
	Brasil Kite Tour 2008	18-21 set	Praia do Coqueiro	Luís Correia	-	Hélio Cabrinha	2º lugar
	Kite-Xtreme Brasil	24-28 set	Praia do Coqueiro	Luís Correia	-	Hélio Cabrinha	-

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Nota-se que a Praia do Coqueiro foi escolhida pelos órgãos públicos piauienses e pelas entidades esportivas nacionais e internacionais de *kitesurf* nos anos de 2007 e 2008. Devido ao aporte financeiro, acredita-se que essa tenha sido uma estratégia do governo do estado do Piauí para divulgar o litoral piauiense, promovendo a região como um destino turístico e esportivo de destaque no âmbito do roteiro turístico da Rota das Emoções.

Para Pereira e Dantas (2019), os esportes praticados na praia e no mar são bons elementos para compreender a popularização desses ambientes. Os supracitados autores assentem que tanto atletas profissionais quanto amadores têm contribuído para o aumento do interesse nesses ambientes, com a organização de circuitos mundiais em locais à beira-mar, os quais se destacam por abrigarem diferentes modalidades esportivas.

Os atletas profissionais costumam participar de competições nacionais e internacionais organizadas por entidades confederativas que, frequentemente, ocorrem em praias previamente selecionadas. Quando esses atletas se destacam, acabam servindo de inspiração para os praticantes amadores. Destarte, os eventos esportivos realizados nessas localidades

⁶⁴ Optou-se por utilizar esses *sites* de notícias em vez dos portais oficiais da ABK e da IKO, pois essas entidades não disponibilizam as informações necessárias.

atraem um número significativo de turistas e de visitantes, que vêm de várias partes do mundo em busca dessas praias e de outras com condições ambientais semelhantes para praticar os esportes (Pereira; Dantas, 2019).

Similarmente, o destaque de Hélio Cabrinha nas competições nacionais e internacionais de *kitesurf* realizadas na Praia do Coqueiro – sendo ele nativo de Barra Grande – ajudou a colocar o povoado em evidência, configurando a prática do esporte localmente e atraindo turistas e visitantes de várias partes do Brasil e do mundo, em busca de praticar *kitesurf*.

Com suas conquistas, Hélio Cabrinha consolidou-se como o único piauiense a competir e se destacar no cenário do *kitesurf* brasileiro e mundial, entre os anos de 2007 e 2008. Após essas participações, ele ainda se envolveu em alguns torneios esportivos realizados no litoral piauiense, mas decidiu se dedicar integralmente à profissão de pedreiro, contribuindo na construção de pousadas e de chalés em Barra Grande. Essa decisão foi influenciada pela crescente procura de turistas pelo local, bem como pelas mudanças ocorridas no povoado, que começou a se transformar devido à instalação de novos equipamentos turísticos para atender a essa demanda dos *kitesurfistas* estrangeiros, principalmente depois da abertura da Pousada BGK.

2.6 Barra Grande como destino turístico induzido pela prática de *kitesurf*

O kite foi chegando. Grupos de *kitesurfistas* foram chegando. Aí no outro ano, já chegava um monte de grupo, mas já estava tudo lotado aqui. Aí eles iam ficar na casa do pescador. O pescador já fazia dois chalezinhos pra receber. Aí ia ficando na pousadazinha do lado. E a coisa foi crescendo, crescendo uniformemente. Aí você tem o kite, atrás do kite você tem o quê? Tem uma pizzaria, tem um bistrô, tem um churrasquinho aqui, espetinho. Ele vai comer legal. Tem bebida, tem comida, tem festas, tem diversão para todos (Ibiapina, 2022, 20 min 57 s).

Segundo Ariosto Ibiapina, os turistas piauienses, especialmente os teresinenses, costumavam frequentar a Praia do Coqueiro, em Luís Correia, onde muitos tinham segundas residências. Ele destacou que alguns deles viajavam regularmente para destinos internacionais, como Barcelona, Paris e cidades dos Estados Unidos, chegando até a possuir apartamentos em Miami. No entanto, não estavam habituados ao estilo de turismo “pé na areia” de Barra Grande, que oferecia uma experiência mais simples e em contato direto com a natureza.

Quando os turistas teresinenses souberam da presença de *kitesurfistas* estrangeiros em Barra Grande, começaram a questionar onde eles se hospedavam. Ao descobrirem que

ficavam em cabanas de alvenaria, isso despertou curiosidade e interesse pelo local. “Ele veio por curiosidade para saber onde é essa praia que está cheia de gringo. Quando chegou aqui e viu isso, disse: ‘Rapaz, essa praia é minha. Vou tomar, que essa praia aqui é minha!’” (Ibiapina, 2022, 35 min 45 s).

Ariosto avulta que o turismo de Teresina foi a principal força motriz para impulsionar o desenvolvimento turístico da região, após a inserção do *kitesurf* no povoado, embora turistas de São Luís, Minas Gerais e Brasília também tenham contribuído. Com algumas adaptações e a crescente divulgação do local como destino ideal para os praticantes de *kitesurf*, os turistas teresinenses passaram a valorizar o estilo único de Barra Grande.

De acordo com Ferreira (2012, p. 11),

aparentemente, um grupo específico de pessoas, dentre elas alguns antigos proprietários de segunda residência no lugar, foi responsável pela divulgação de Barra Grande como destino ideal para a prática de *kitesurf*, especialmente (mas não só) feita através de boca a boca entre amigos e conhecidos.

Para Silverman (2011), o “boca a boca” é uma poderosa estratégia de *marketing*, fundamentada na troca de informações – positivas ou negativas – entre consumidores, por meio de conversas informais e recomendações. Esse tipo de tática costuma ser eficaz, pois as pessoas confiam mais nas indicações de amigos, de familiares e de colegas do que em anúncios publicitários, como os veiculados em TVs e em jornais.

Além do “boca a boca”, provavelmente, os proprietários de segundas residências em Barra Grande também recorreram às redes sociais populares da época. Inicialmente, utilizaram o *Orkut*, uma rede social criada em 2004 (Bezerra; Araújo, 2011); posteriormente, a divulgação expandiu-se com o *Facebook*, outra plataforma criada em 2004, mas que permanece ativa até os dias atuais (Correia; Moreira, 2014).

No Brasil, entre 2004 e 2014, o *Orkut* foi um verdadeiro fenômeno de comunicação, de informação, de interação e de sociabilidade, reunindo milhões de usuários. Na plataforma, os membros podiam compartilhar gostos, identidades e interesses, criar comunidades com temas afins e expressar opiniões em seus perfis, permitindo que seus pensamentos fossem lidos por outros usuários da rede (Bezerra; Araújo, 2011).

Por sua vez, o *Facebook* apresentava uma proposta de maior interação social entre os usuários, além de uma interface mais moderna e intuitiva do que o *Orkut*. Essas funcionalidades começaram a atrair os usuários do *Orkut*, o que levou à gradual perda de popularidade dessa rede social e ao seu encerramento, em 2014. No entanto, o *Facebook*, a

partir de 2008, consolidou-se, com um número crescente de usuários no Brasil (Bezerra; Araújo, 2011).

Essas estratégias de *marketing* desempenharam um papel fundamental na divulgação de Barra Grande como destino ideal para a prática do *kitesurf*. No entanto, é importante ressaltar que o turismo no município de Cajueiro da Praia, no início dos anos 2000, ainda era uma atividade incipiente, assim como em todo o estado do Piauí. Foi somente no fim daquela década que começaram a surgir as primeiras discussões sobre o desenvolvimento do turismo de maneira planejada e sustentável no estado (Silva, 2013).

Em uma conversa informal com Marcos Cazuza⁶⁵, ex-presidente da Barratur e ex-Secretário de Turismo de Cajueiro da Praia, no início dos anos 2000, durante a gestão da prefeita Vânia Ribeiro, ele revelou que o Departamento de Turismo da Prefeitura de Cajueiro da Praia foi criado em 2003.

De acordo com Joel Nascimento, foi a articulação de Marcos Cazuza com o Sebrae de Parnaíba que possibilitou a realização de um curso para *Condução de Grupos de Turismo*, em 2004. Cerca de 20 moradores do município, incluindo os de Barra Grande, participaram dessa formação, que durou uma semana. Após o curso, um grupo de participantes fundou a Barratur, em abril de 2004, tendo Lúcia Cabrinha como a primeira presidente.

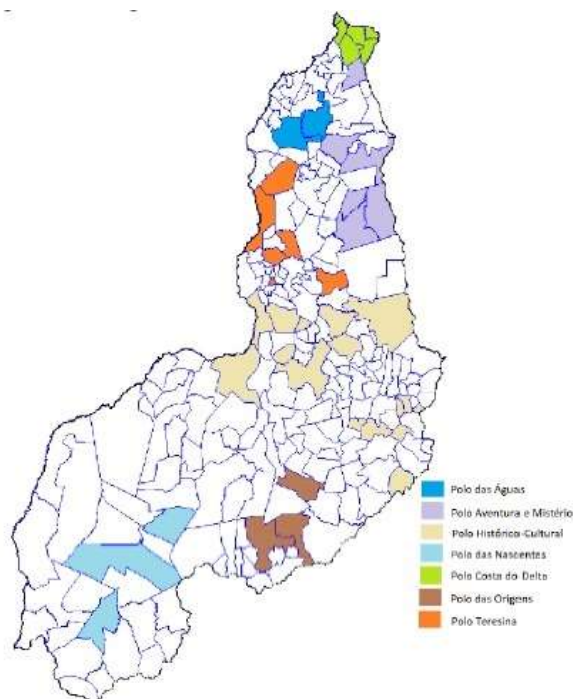
A Barratur⁶⁶ iniciou suas atividades oferecendo passeios de barco pelos igarapés dos Rios Cardoso e Camurupim, em Barra Grande, proporcionando aos turistas a chance de explorar a fauna e a flora dos manguezais da região (Costa, 2022c). Essa iniciativa contribuiu para o desenvolvimento do ecoturismo no povoado.

Em 2004, a Seplan-PI aderiu ao Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, parte do Plano Nacional do Turismo (PNT), lançado pelo governo federal. O programa tinha como objetivo a estruturação, o ordenamento e a diversificação da oferta turística no Brasil, por meio de um modelo de gestão descentralizada, coordenada e integrada. Como parte dessa iniciativa, o estado do Piauí foi dividido em sete regiões turísticas, a saber: Polo das Águas; Polo Aventura e Mistério; Polo Histórico-Cultural; Polo das Nascentes; Polo Costa do Delta; Polo das Origens; e Polo Teresina (Macêdo, 2011) (Figura 27).

⁶⁵Marcos preferiu não conceder entrevista para esta pesquisa.

⁶⁶Joel Nascimento revelou que o passeio do Cavalo Marinho, atualmente o mais popular em Barra Grande, começou a ser oferecido pela Barratur apenas em 2008. A iniciativa foi incentivada por uma oceanóloga e pesquisadora de São Paulo que visitou o povoado naquele ano para realizar um estudo sobre a espécie de Cavalo Marinho presente na região.

Figura 27 – Regiões turísticas do estado do Piauí



Fonte: Plano Estratégico de *Marketing* Turístico do Piauí (PEMT), da Strategia Consultoria Turística (2024).

Os municípios piauienses que faziam parte das regiões turísticas do estado e que aderiram ao PNT foram beneficiados com a alocação de recursos, além de receberem apoio e orientação de técnicos locais e federais na implementação de um turismo sustentável (Macêdo, 2011; *Strategia Consultoria Turística*, 2024).

Em 2005, foi criado o projeto Rota das Emoções e, nesse contexto, Barra Grande foi contemplada por fazer parte da APA do Delta do Parnaíba. Em 2007, Barra Grande foi incluída no Guia 4 Rodas, uma publicação anual da Editora Abril que fornecia informações detalhadas sobre destinos turísticos no Brasil, incluindo recomendações de restaurantes, de hospedagens e de atrações. O povoado foi apontado como uma excelente opção para a prática do *kitesurf*, tanto na APA do Delta do Parnaíba quanto no roteiro turístico da Rota das Emoções. No mesmo ano, o destaque no Guia 4 Rodas levou a Embratur a incluir Barra Grande como um dos destinos nacionais a serem divulgados internacionalmente (Macêdo, 2011).

Em 2008, a Prefeitura de Cajueiro da Praia, em parceria com a Setur – PI, contratou a Technum Consultoria para a elaboração de um Plano Diretor do município, tencionando elaborar o ordenamento urbano e turístico local, elencando os principais equipamentos turísticos que compunham a estrutura urbana da região naquele ano (Macêdo, 2011).

Com base nos dados fornecidos por Macêdo (2011) sobre o Plano Diretor do município, foi possível identificar os equipamentos turísticos existentes em Barra Grande em 2008 (Figura 28).

Figura 28 – Pontos de referência da estrutura urbana de Barra Grande (2008)

1	Fabrica de Gelo Comercial
2	Pousada Camboas
3	Igreja Evangélica Institucional
4	Escola Municipal Arlindo Sampaio Institucional
5	Centro de Referência da Assistência Social
6	Pousada do Mualém
7	Unidade Escolar José Adrião de Araújo
8	Associação de Condutores Nativos
9	Programa de Assistência à Criança - PAC
10	Quadra Poli-Esportiva Institucional
11	Posto Telefônico / Posto de informação turísticas ^{14/}
	Posto de Correios
12	Igreja Católica
13	Lavanderia Publica (Desativada)
14	Colônia de Pescadores Z6
15	Igreja Evangélica
16	Unidade de Saúde
17	Pousada BGK
18	Pousada Rota dos Ventos
19	Pousada Ventos Nativos
20	Pousada Casa Taboa
21	Pousada Pontal da Barra
22	Casa de Farinha
23	Chafariz (Desativado)

Quadro 2 - Pontos de referência Barra Grande

Fonte: Plano Diretor de Cajueiro da Praia, 2008

Fonte: Macêdo (2011).

Curiosamente, a Technum Consultoria não considerou a *Kite* Escola Paraíso como parte da estrutura urbana de Barra Grande. Isso levanta questionamentos sobre os motivos pelos quais essa escola não foi reconhecida como parte da infraestrutura urbana do povoado, sugerindo uma possível desconexão entre a prática do esporte – que já desempenhava um papel considerável no turismo local – e o planejamento urbano do município de Cajueiro da Praia.

Ainda em 2008, o Grupo Pró-Turismo de Barra Grande, com a consultoria de Eduardo Ventura, do Sebrae – PI, desenvolveu o Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande

(PETBG), o primeiro documento oficial a reconhecer a prática de *kitesurf* no povoado, demarcando o início do processo de enraizamento desse esporte no local.

3 O ENRAIZAMENTO DO KITESURF EM BARRA GRANDE (DE 2008 A 2024)

3.1 Os primeiros indícios da consolidação do *kitesurf* em Barra Grande

A partir de 2008, o *kitesurf* estabeleceu-se em Barra Grande como um dos principais atrativos turísticos do povoado. Esse processo foi impulsionado por um esforço coletivo envolvendo moradores locais, empreendedores e turistas, que reconheceram o grande potencial da praia como destino ideal para a prática de *kitesurf*. Investimentos na criação de infraestrutura e de equipamentos turísticos especializados passaram a atender às necessidades dos *kitesurfistas*, que já frequentavam a região alguns anos antes desse período.

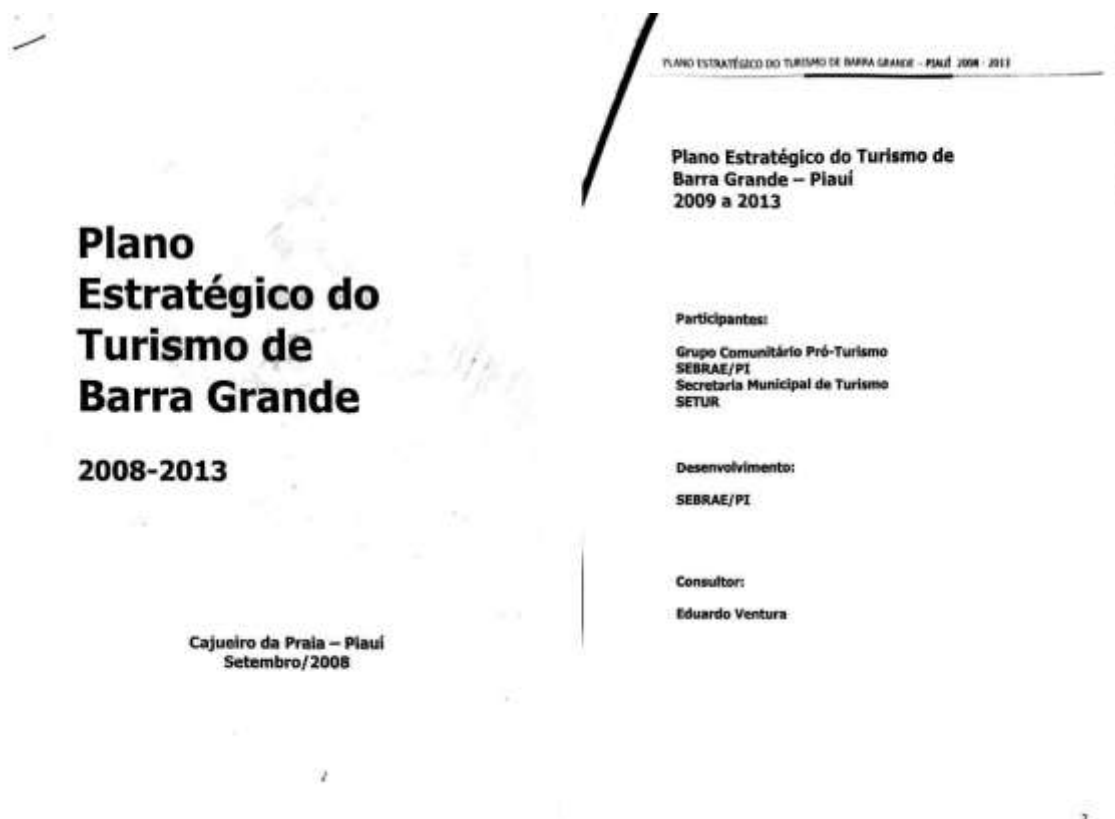
Dentre as iniciativas pioneiras, destacam-se: o PETBG; a criação de um local para reparos de pipas de *Kitesurf*, chamado *Doctor Kite*; e a instalação de três escolas de ensino de *kitesurf*, quais sejam a *Go Fly Kite School* (2012), *Kite School* nas pousadas Rota dos Ventos [s.d.] e a *BGKite School* (2012-2013).

3.1.1 O Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande (2008-2013)

O PETBG (2008-2013) foi resultado de um processo participativo, elaborado com base nas contribuições de quatro grupos: o Grupo Comunitário Pró-Turismo⁶⁷, formado em 2008, por empresários locais, representantes de diversas entidades parceiras, profissionais do turismo e membros da comunidade, além do Sebrae – PI e da Setur – PI (Sebrae, 2008) (Figura 29).

⁶⁷Não foi possível identificar quem foi o responsável ou os responsáveis pela elaboração do PETBG. Tentativas de contato foram feitas com Eduardo Ventura, do Sebrae – PI para obter informações adicionais, mas não houve retorno.

Figura 29 – Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande (2008-2013)



Fonte: arquivo pessoal do autor (2014).

De acordo com informações do Sebrae (2008), os primeiros encontros do Grupo Pró-Turismo ocorreram no fim de julho de 2008, visando a elaborar ações estratégicas para o desenvolvimento do turismo em Barra Grande no período de 2008 a 2013. Essas ações foram definidas de maneira consensual entre os participantes, e concebidas para serem implementadas nos dois primeiros anos, entre 2008 e 2010. Além disso, havia previsão de retomada das reuniões até setembro de 2013 para o delineamento de novas estratégias.

Alicerçado nas diretrizes estabelecidas pelo Plano Nacional do Turismo, que preconiza a implementação de um turismo sustentável no Brasil, o PETBG foi concebido para ser “um modelo de turismo sustentável no Estado do Piauí” (Sebrae, 2008, p. 6). O referido plano tinha como missão “levar os turistas a conhecerem os recursos naturais e culturais de Barra Grande resultando em maior desenvolvimento local” (Sebrae, 2008, p. 6).

O PETBG foi composto mediante uma análise do ambiente interno e externo de Barra Grande. Na análise interna, destacaram-se os pontos fortes e fracos da região; já na análise externa, identificaram-se os fatores favoráveis e desfavoráveis ao desenvolvimento do turismo no povoado. Como pontos favoráveis, um dos aspectos elencados foi o crescimento do

número de praticantes de *kitesurf* no local, o que se configurou como uma oportunidade importante para o desenvolvimento do turismo e da economia local (Sebrae, 2008).

Além disso, o PETBG apresenta objetivos, estratégias, competências essenciais e um Plano de Ação para o biênio 2009-2010 (Sebrae, 2008). Dentro das ações propostas, uma delas voltava-se para o *kitesurf*, especificamente para a organização de um fórum que debateria o período e o zoneamento para a prática do esporte. Contudo, esse evento não foi realizado, conforme os relatos de Bel e Bosco.

Dados do estudo de Dutra, Silva e Santos (2014), em que analisaram o PETBG com base em um modelo de planejamento estratégico turístico sistêmico, indicaram que o plano apresenta uma série de limitações. Uma das principais falhas identificadas é que o PETBG foi elaborado de forma simplificada, sem uma estratégia clara de monitoramento e de avaliação, o que dificulta a correção de eventuais falhas ou ajustes ao longo do processo.

Outrossim, a ausência de participação da comunidade em todas as etapas do plano, desde o planejamento até a execução, foi mencionada como uma falha crítica. A falta de envolvimento das lideranças locais e da população nas ações propostas denotou que o plano foi concebido por um grupo restrito de empresários do turismo de Barra Grande, com foco no desenvolvimento do setor turístico, sem considerar a inclusão e a legitimidade da comunidade local. Apesar dessas limitações, a análise do PETBG permitiu constatar que ele representou um pontapé inicial para o planejamento do território (Dutra; Silva; Santos, 2014).

Por meio de consulta no portal de notícias da Prefeitura de Cajueiro da Praia, identificaram-se decretos e leis orgânicas implementados no mesmo período em que o PETBG deveria ter sido colocado em prática, a exemplo do Plano Diretor de Cajueiro da Praia (2008), cujo objetivo era promover o desenvolvimento sustentável de forma integrada com os municípios vizinhos. Também foram encontrados documentos como a Lei n.º 181, de 15 de outubro de 2008, que institui o Plano Diretor do Município de Cajueiro da Praia (Cajueiro da Praia, 2008); a Lei Complementar n.º 200, de 14 de outubro de 2009, que dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do município e dá outras providências (Cajueiro da Praia, 2009a); e a Lei Complementar n.º 203, de 14 de outubro de 2009, que trata do uso e da ocupação do solo urbano no município (Cajueiro da Praia, 2009b). No entanto, nenhum desses documentos contempla a prática de *kitesurf*.

Também rastrearam-se outros documentos, como a Lei Municipal n.º 397, de 28 de abril de 2021, que cria, no âmbito do município de Cajueiro da Praia – PI (Cajueiro da Praia, 2009c), o Projeto Agenda 21 (Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, 2021); e o Decreto n.º 24, de 23 de junho de 2021, que regulamenta a Lei Complementar n.º 200, de 14 de

outubro de 2009, que dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do município de Cajueiro da Praia e dá outras providências⁶⁸ (Cajueiro da Praia, 2021). Contudo, esses documentos não apreciam a prática de *kitesurf*.

A ausência de menção ao *kitesurf* nesses documentos pode refletir a falta de reconhecimento da relevância econômica e ambiental do esporte para o município. Isso demonstra uma carência de planejamento integrado, que deve considerar o crescimento do turismo de aventura e a necessidade de infraestrutura adequada para a prática do *kitesurf*.

Essa omissão indica a necessidade de uma articulação mais eficaz entre os setores públicos e privados, e da participação ativa da população local, especialmente dos *kitesurfistas*. Esse esforço conjunto pode ser essencial para promover o desenvolvimento sustentável do *kitesurf* em Barra Grande. Incluir o esporte nas políticas públicas é fundamental para garantir o crescimento, fortalecer a economia local e, ao mesmo tempo, assegurar a conservação ambiental da região.

De qualquer forma, a implementação do PETBG parece estar ligada a interesses pessoais de seus idealizadores, cujas identidades permanecem desconhecidas. Sem embargo, o plano destacou, por meio das ações propostas, a relevância do *kitesurf* no cotidiano de Barra Grande, reconhecendo o esporte como fator crucial para o desenvolvimento turístico da região e para o fortalecimento da economia local no fim da década de 2000 e início da década de 2010. Além do PETBG, a criação da *Doctor Kite* emergiu como outro indicativo da consolidação do *kitesurf* em Barra Grande, refletindo o crescente interesse pelo esporte e a importância dele na dinâmica local.

3.1.2 A *Doctor Kite*

A *Doctor Kite* foi fundada em 2010, por Francineldo da Silva⁶⁹, o França, de 56 anos, um dos treze filhos de Coró e Rosa que cuidavam da casa de veraneio de Ariosto Ibiapina e de Teresa Ibiapina na década de 1980. França também foi um dos primeiros nativos a aprender a velejar na casa de Ariosto Ibiapina no início dos anos 2000, com Toim e Hélio Cabrinha.

Em uma conversa informal, França compartilhou que pouco antes de abrir a *Doctor Kite*, fez uma viagem para Fortaleza – CE com um grupo de quatro amigos. Durante a

⁶⁸Durante o período da pesquisa, esses documentos estavam disponíveis no *site* da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia. No entanto, atualmente, não estão mais acessíveis, provavelmente devido a questões políticas resultantes das últimas eleições municipais.

⁶⁹França não quis gravar entrevista e não permitiu ser fotografado.

viagem, decidiram velejar em algumas praias cearenses, como Cumbuco e Lagoinha. Ao chegarem à Lagoinha, hospedaram-se na casa de Silas, um morador local que havia montado um espaço especializado no conserto de pipas de *kitesurf* em sua residência. Durante a estadia, Silas e França tornaram-se amigos, e foi nesse momento que Silas sugeriu que este aprendesse a consertar pipas. Francineldo aceitou a proposta e Silas o ensinou a realizar os reparos.

Quando França chegou a Barra Grande, comprou uma máquina de costura e começou a fazer os consertos das pipas de *kitesurf* dos praticantes que frequentavam o povoado, utilizando o terraço de sua casa, que ficava em frente à Pousada BGK, na rua Pontal da Barra. Ele recorda que o processo de reparo das pipas exigia cuidados específicos, como lavar bem as pipas com água doce, pois caso contrário, o material usado para os remendos – uma espécie de cola – não aderiria corretamente. Muitas vezes, precisava levar as pipas para o sítio da família, que ficava próximo de sua casa, devido ao espaço disponível. Lá, ele lavava as pipas e, depois, retornava à sua casa para fazer os reparos (Figura 30).

Figura 30 – *Doctor Kite*, na rua Pontal da Barra, em Barra Grande, Cajueiro da Praia – PI



Fonte: Google Maps (2022).

A *Doctor Kite*, que inicialmente se chamava Reparação de *Kite*, recebeu esse nome por sugestão de Roberto, um *kitesurfista* italiano e amigo de França que costumava passar temporadas em Barra Grande. Em certa ocasião, Roberto levou sua pipa para ser consertada e sugeriu a mudança do nome para *Doctor Kite*, acreditando que isso atrairia mais *kitesurfistas* estrangeiros que frequentavam o povoado. De acordo com França, a *Doctor Kite* funcionou até 2015.

Uma vez que a *Doctor Kite* era a única loja de reparos de pipas em Barra Grande, entre 2010 e 2013, França costumava reparar pipas dos *kitesurfistas* estrangeiros que estavam hospedados nas pousadas do povoado, de nativos e dos proprietários das escolas de ensino de *kitesurf* instaladas na época, como a *Kite Escola Paraíso*, a *GoFly Kite School* e a *BGKite School*.

3.1.3 *Go-Fly Kitesurfing School*, *Kite School* na pousada Rota dos Ventos e *BGKite School*

A segunda escola de ensino de *kitesurf* a ser instalada em Barra Grande para atender à demanda de turistas interessados em aprender o esporte foi a *Go-Fly Kitesurfing School*. Em conversa informal com Kleber Rodrigues Kovatch⁷⁰, de 46 anos, essa escola foi aberta em 2008, pelos sócios proprietários, Kleber Kovatch e Frederico Garreta, o Fred⁷¹. Eles são *kitesurfistas* e, assim como Tati e outros amigos também do esporte, mudaram-se de Jericoacoara para Barra Grande para investir no potencial da região, contribuindo tanto para o crescimento do turismo quanto para a popularização do *kitesurf* no povoado. Esse grupo fazia parte dos primeiros *kitesurfistas* que Zé do *Kite* começou a levar para Barra Grande, entre os anos de 2003 e 2004.

Kleber compartilhou mais detalhes sobre o surgimento e o funcionamento da *Go-Fly Kitesurfing School*. Quando ele chegou a Barra Grande, em 2007, adquiriu um terreno na rua Pontal da Barra, onde inaugurou o restaurante Bandoleiros. Nesse mesmo ano, Fred abriu um bar e restaurante à beira-mar de Barra Grande, chamado *Go-Fly*, local que atualmente abriga o restaurante O Bem-Te-Vi e a *Sunset Kite School*. Fred e Tati, que já possuíam certificação pela IKO e ensinavam *kitesurf* na escola de Zé do *Kite*, o Rancho do *Kite*, em Jericoacoara, perceberam o grande potencial da região para o esporte. Diante disso, Fred convidou Kleber

⁷⁰Kleber Kovatch optou por não participar da entrevista, mas de forma gentil, partilhou algumas informações sobre a criação da *GoFly Kite School*.

⁷¹Fred é o esposo de Tati, responsável pela abertura do restaurante Manga Rosa em Barra Grande. Ele não foi incluído na lista de entrevistados, pois ao ser localizado, indicou Kleber como a pessoa mais adequada para fornecer as informações desejadas.

para abrir, em parceria, a *Go-Fly Kitesurfing School*, em 2008. No mesmo ano, Kleber obteve certificação como instrutor pela IKO.

Kleber também mencionou que Fred trouxe seus equipamentos de *kitesurf* de Jericoacoara para Barra Grande, e mandou pintar a logomarca da escola na parede do *Go-Fly* (Figura 31). Segundo ele, nos primeiros anos, a *Go-Fly Kitesurfing School* operava de forma bastante informal. Naquele período, sequer possuíam um *e-mail* para se comunicarem com *kitesurfistas* de outras partes do Brasil e do mundo que se interessavam em aprender o esporte em Barra Grande. A comunicação e o *marketing* eram bastante limitados, mas isso não impediu que a escola começasse a atrair turistas interessados em praticar *kitesurf* no povoado.

Figura 31 – *Go-Fly Kitesurfing School*, em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – PI (2012)



Fonte: Google Maps (2022).

Ainda consoante Kleber, os primeiros instrutores da *Go-Fly Kitesurfing School* foram ele, Fred, Tati e Alessandra. Essa última, atualmente ensina *kitesurf* na praia do Preá, em Jericoacora, no Ceará. Todos possuem certificação pela IKO, o que reflete um nível mais elevado de profissionalização no ensino do esporte e o compromisso com a segurança dos alunos em Barra Grande no final da década de 2010.

Os instrutores da *Go-Fly Kitesurfing School* ensinavam *kitesurf* na área da Praia de Barra Grande em frente ao bar e restaurante *Go-Fly*, um local frequentado por turistas que desfrutavam de banhos de sol e de mar (Figura 32). Anos depois, em 2014, a escola transferiu sua localização para outro ponto da praia, de frente para o bar da Croa, próximo ao local onde Bosco, da *Kite Escola Paraíso*, também ensinava o esporte.

Figura 32 – Indicação do local na Praia de Barra Grande onde os instrutores da *Go-Fly Kitesurfing School* ensinavam *kitesurf*



Fonte: *Google Maps* (2022).

Kleber declarou que em 2012, Fred e Tati estavam menos focados no ensino de *kitesurf*, pois estavam mais dedicados ao restaurante Manga Rosa e à pousada de Fred, ambos equipamentos turísticos que abriram e já estavam consolidados em Barra Grande. Por sua vez, Alessandra retornou para Jericoacoara. Com isso, a *Go Fly Kite School*, com novo nome e nova logomarca, seguiu suas atividades com uma nova equipe de instrutores, composta por Kleber, Waltinho, Rafael Garreta, irmão de Fred, e Bob Jones⁷² (Figura 33).

⁷²Não foi possível identificar se Waltinho, Rafa e Bob Jones possuíam certificação da IKO como instrutores de *kitesurf*.

Figura 33 – Instrutores da *Go Fly Kite School* ensinando *kitesurf* na Praia de Barra Grande (2016)



Fonte: *Go-Fly* (2022).

A Figura 33 é composta por quatro ilustrações: A, B, C e D. Nas ilustrações A e B, é possível identificar o local onde os instrutores da *Go Fly Kite School* estendiam as pipas de *kitesurf* antes de iniciarem as aulas, na faixa de areia, à beira-mar, em frente à Barraca da Croa; na ilustração B, ao fundo, é possível visualizar a área da praia destinada aos turistas e aos banhistas de Barra Grande, onde costumam tomar banhos de sol e de mar. Essa zona da praia concentra as barracas de Praia de Barra Grande, e é o local onde funcionavam o bar e restaurante *Go-Fly*, além da *Go Fly Kite School*. Na ilustração C, estão dois instrutores desta escola, sendo possível identificar o da esquerda como Bob Jones; em D, aparece Rafael Garreta, que está acompanhando um aluno. Ao fundo, embora Bosco não seja visível, devido à distância, Kleber afirma que ele estava ensinando o esporte para seus alunos da *Kite Escola Paraíso*. Kleber não soube informar quando a *Go-Fly* deixou de atuar em Barra Grande, mas acredita que isso tenha ocorrido por volta do fim da década de 2010.

Sobre a abertura da *Kite School Rota dos Ventos* (Figura 34), alguns entrevistados não souberam informar como a escola foi aberta e administrada. Toim, que foi um dos primeiros

instrutores da escola, não soube precisar o período exato de sua abertura, mas comentou que a escola era de Pedro Ibiapina e funcionava na pousada do pai deste, Tothe Ibiapina, localizada na Rota dos Ventos, estabelecida em 2006, conforme dados de Macêdo (2011).

Figura 34 – *Kite School* na Pousada Rota dos Ventos, em Barra Grande – PI, na década de 2000



Fonte: Google Maps (2022).

De acordo com Toim, a *Kite School* na Rota dos Ventos era composta por dois instrutores: ele e Alexandre, mais conhecido como Índio, que atualmente, é instrutor na *Kite Escola Paraíso*. Toim relatou que durante o funcionamento da escola, eles ensinavam *kitesurf* para os turistas na barraca de praia localizada em frente à casa de veraneio de Ariosto Ibiapina. Porém, a administração de Pedro Ibiapina não foi bem-sucedida, o que levou ao fechamento da escola após alguns anos de funcionamento. Além disso, Toim comentou que ele e Índio não possuíam certificação de instrutor de *kitesurf* e ensinavam o esporte com base no que aprenderam, de forma improvisada.

Depois que a *Kite School* na Rota dos Ventos fechou, Toim e Índio permaneceram ensinando o esporte em frente à Pousada BGK com os equipamentos emprestados pelo filho caçula de Ariosto Ibiapina, Diego, por volta de 2012 para 2013. Foi também nesse período que Zé do *Kite*, que havia passado uma temporada no Rio de Janeiro, retornou à Barra Grande, juntando-se a eles por um tempo, sendo essencial para fornecer dicas sobre o ensino e a segurança do *kitesurf*.

Além desses três, outros *kitesurfistas*, nativos de Barra Grande, que já haviam aprendido o esporte, como Camila Veras e Heliard Cabrinha, passaram a compor a equipe de instrutores que ensinavam *kitesurf* em frente à Pousada BGK, dando origem à terceira escola de ensino do esporte em Barra Grande, a *BGKite School*. Toim conta como surgiu essa escola:

aí o Diego, o filho mais novo do Dr. Ariosto começou a comprar uns equipamentos de *kitesurf*. Aí ele tinha os kite e eu decidi chamar o Índio pra gente continuar ensinando o esporte lá na praia. Aí a gente começou a pegar os kite do Diego e dar aula em frente da BGK. E daí, Daniel Ibiapina começou a comprar mais equipamentos de *kitesurf* e a *BGKite School* começou a surgir, mas não tinha essa estrutura toda de hoje ainda. Só era uma barraca assim, pequenininha na beira da praia. Depois os outros instrutores vieram e começaram a ensinar o *kitesurf* também, mas a maioria dos instrutores era nativo de Barra Grande (Costa, 2022a, 32 min 13 s).

Por meio dessas entrevistas, procurou-se ilustrar onde as primeiras escolas de ensino de *kitesurf* de Barra Grande atuavam na praia do povoado⁷³ (Figura 35).

⁷³Não foi possível determinar onde os instrutores da Kite School, localizada na Pousada Rota dos Ventos, estavam atuando na época.

Figura 35 – Locais na Praia de Barra Grande onde as primeiras escolas de ensino de *kitesurf* funcionam/funcionavam



Esses locais constituíam pontos estratégicos para a prática, devido boa intensidade de vento e fácil acesso para os turistas. Além dessas iniciativas pioneiras, novas formas de manifestação do *kitesurf* nos aspectos recreativo, educativo e competitivo surgiram em Barra Grande, contribuindo para a popularização e o enraizamento do esporte no povoado.

3.2 Novas manifestações do *kitesurf* em Barra Grande nos aspectos recreativo, competitivo e educativo

Em Barra Grande, o *kitesurf*, inicialmente voltado para os turistas, passou por um processo de ressignificação, quando crianças nativas, lançando mão de sua criatividade lúdica, criaram o *kite-saco*. Essa prática tornou-se uma manifestação cultural na localidade por alguns anos, até que o acesso ao esporte foi democratizado, com a implementação do Projeto Vivo, o primeiro projeto social de ensino de *kitesurf* no povoado. Além de promover a inclusão social de crianças e de adolescentes, o projeto ajudou a revelar novos talentos esportivos, que conquistaram destaque em competições nacionais e internacionais.

Em virtude do crescimento do esporte, o povoado passou a sediar torneios de diferentes níveis, desde eventos locais até campeonatos de alcance nacional e internacional. Então, a profissionalização dos instrutores nas escolas de *kitesurf* instaladas no povoado

trouxo uma abordagem mais organizada e segura ao ensino, sistematizando o processo de aprendizagem. Ademais, novas escolas surgiram, ampliando o acesso ao esporte, enquanto a prática livre e os *downwinds* ganharam popularidade na região, consolidando-se como parte da cultura local.

3.2.1 O Kite-saco

O *kite-saco* foi uma brincadeira inventada por algumas crianças nativas de Barra Grande que tinham o desejo de praticar *kitesurf*, mas não tinham acesso aos equipamentos necessários no fim da década de 2010. Utilizando sacos plásticos grandes e resistentes ou lonas, elas brincavam tentando simular o velejo do esporte em miniatura, na beira-mar e nas lagoas da praia do povoado, durante a maré baixa. Embora não proporcionasse as condições ideais para a prática do *kitesurf*, o *kite-saco* permitia que as crianças se divertissem com o vento e buscassem uma forma de experimentar o esporte.

De acordo com Maria Beatriz, a Bia, ela e outras crianças de Barra Grande, como Luizinho e Piçarrinha, costumavam observar as aulas de *kitesurf* que aconteciam na praia do povoado. Porquanto não tinham condições de comprar os equipamentos necessários para a prática do esporte, e percebendo que os instrutores nativos, que já dominavam a prática, estavam mais focados no ensino para os turistas, elas improvisaram e criaram seus próprios brinquedos de *kitesurf*.

Bia relata como elas confeccionavam o *kite-saco*:

as crianças têm uma imaginação fértil. Um dia estávamos na praia apenas observando os *kitesurfistas* quando tivemos a ideia de usar aquelas lonas compridas de propaganda de festas, junto com punhos de rede ou náilon, para criar nosso próprio *kite-saco* com um pedaço de pau. Brincávamos mais na areia, mas quando o vento estava forte, nos divertíamos arrastando o *kite* nos lagos do mar quando a maré tava baixa. Em dias de vento bom e maré baixa, tentávamos usar isopor ou pedaços de madeira como pranchas. Com o tempo, nosso *kite-saco* passou por uma pequena evolução. Costurávamos estopa com linhas de náilon ou punhos de rede em um pedaço de cano de PVC, que se tornava a estrutura principal do nosso *kite* (Silva, 2022d, 27 min 32 s).

De acordo com Huizinga (1955), a brincadeira é uma atividade livre que se distingue da vida cotidiana por ser *não séria*, desvinculada de interesses materiais e restrita a seus próprios limites, realizada consoante regras específicas. Nessa mesma linha, Callois (1979) define a brincadeira como uma atividade livre, separada, incerta e improdutiva, regida pelo “faz de conta” e por regras.

Para Surdi *et al.* (2016), ao brincar, a criança entrega-se completamente ao mundo. Ela cria, imagina, sente e até chora, mesmo assim, enche-se de alegria, revelando-se como uma verdadeira artista. Para os susoditos autores, o ato de brincar permite que as pessoas se envolvam de maneira plena na atividade, proporcionando uma experiência cheia de significado. Trata-se de um processo intuitivo, que favorece o desenvolvimento e a fruição, direcionando todo o nosso ser para a atividade.

No ato de brincar, há uma constante exploração da criação e da invenção. As ações emergem do sujeito, que busca elaborar regras, brincadeiras e atividades que se ajustem aos demais participantes. Nesse processo, existe um respeito mútuo pelas diferenças, uma vez que os papéis não são impostos de fora, mas discutidos e acordados dentro do grupo. Dessa forma, o ato de brincar configura-se como uma experiência transformadora, por meio da qual cada pessoa tem a capacidade de transformar o ambiente ao seu redor e a si própria (Surdi *et al.*, 2016).

Surdi *et al.* (2016) concebem a criança como um sujeito cultural, e o ato de brincar torna-se uma forma de expressar e revelar as culturas que a cercam. Nesse contexto, o brinquedo carrega em si as marcas do real e do imaginário, refletindo as experiências e fantasias vividas pela criança em seu cotidiano. Em Barra Grande, as brincadeiras com o *kite-saco* proporcionavam uma experiência genuína e autêntica de ludicidade. Por sinal, essa atividade tornou-se a principal forma de diversão para as crianças nativas da região que não tinham acesso aos equipamentos necessários para praticar *kitesurf* devido às barreiras sociais e econômicas impostas pelo esporte no povoado.

Estudos sobre as barreiras do lazer, como o de Marcellino (2006), sinalizam que fatores como classe social, nível de instrução, gênero, raça, desigualdade no acesso ao espaço, violência nos centros urbanos, além das desigualdades em saúde, segurança, moradia, trabalho e educação, são os principais obstáculos à vivência do lazer na sociedade brasileira. Diante desse panorama, as reflexões do supracitado autor podem contribuir para a compreensão de como essas barreiras afetavam/afetam o acesso de diferentes grupos, especialmente os nativos, à prática de *kitesurf* em Barra Grande.

Em conformidade com Macêdo (2011), a prática de *kitesurf* em Barra Grande é considerada elitista, pois se restringe a um grupo de pessoas com maior poder aquisitivo, nomeadamente turistas estrangeiros e brasileiros que visitam o povoado para a prática do esporte na praia local e para conhecer a região. Adicionalmente, alguns veranistas fazem parte desse grupo. Essa realidade contrasta com a situação da maioria dos nativos barragrandenses,

que enfrentam dificuldades financeiras para adquirir os equipamentos necessários para a prática do esporte.

Alguns equipamentos de *kitesurf*, como a pipa e a prancha, são bastante onerosos. Para demonstrar essa afirmação, realizou-se uma pesquisa *on-line* no site da BRKITE Watersports: a pipa *Duotone*, lançada em 2024, custa R\$ 18.699,00; a prancha *Duotone*, igualmente lançada em 2024, tem um preço de R\$ 5.409,00 (BRKITE, 2024a, 2024b).

Além desses equipamentos de *kitesurf*, um *kitesurista* ainda precisa investir em outros itens para efetivar a prática do esporte, como a barra, que custa R\$ 5.129,00; o trapézio, R\$ 3.599,00; e uma bomba para inflar a pipa, com o preço de R\$ 429,00 (BRKITE, 2024c, 2024d, 2024e). Somando todos esses custos em equipamentos de *kitesurf*, uma pessoa teria um gasto total de R\$ 37.135,00.

É igualmente relevante levar em conta os custos com acessórios adicionais, como coletes salva-vidas e capacetes, além das despesas com reparos em equipamentos danificados e a necessidade de substituição de materiais. Esses custos extras podem elevar significativamente o investimento exigido para a prática do esporte.

Isso posto, corrobora-se Macêdo (2011), que afirma que o *kitesurf* em Barra Grande é elitista, uma vez que os custos de aquisição e de manutenção dos equipamentos são elevados, limitando o acesso a um número restrito de pessoas que podem adquiri-los por meio da compra. Os altos preços evidenciam como a prática do *kitesurf* se torna financeiramente inacessível para muitos nativos barragrandenses, especialmente crianças e jovens.

Apesar de o *kitesurf* ser uma prática elitista em Barra Grande, Bia relatou que alguns *kitesuristas* estrangeiros e brasileiros, sensibilizados ao vê-las brincando de *kite-saco* na praia do povoado, presenteavam-nas com os equipamentos de velejo que utilizavam quando retornavam para suas localidades de origem. Essas crianças, que aprenderam a velejar de forma autodidata, compartilhavam o conhecimento com seus amigos mais próximos, permitindo que o esporte se popularizasse de maneira informal entre a comunidade local.

Visando a facilitar o acesso de crianças e de adolescentes à prática do *kitesurf* em Barra Grande, a *Kite Escola Paraíso* criou uma ONG⁷⁴ chamada Projeto Vivo, com o intuito de democratizar o esporte para a juventude.

⁷⁴O termo Organização Não-Governamental (ONG) foi recentemente substituído por Organização da Sociedade Civil (OSC), com o objetivo de descrevê-la de acordo com sua natureza, e não com base em uma negação, como “não governamental” (IPEA, 2024). Como o Projeto Vivo se identifica como uma ONG optou-se por abordá-lo nesta Tese utilizando esse termo (IPEA, 2024).

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Glossário**. 2024. Disponível em: <https://mapaosc.ipea.gov.br/glossario>. Acesso em: 9 mar. 2023.

3.2.2 O Projeto Vivo e a democratização do *kitesurf* em Barra Grande

A ONG Projeto Vivo foi criada em 2013, pelos sócios-proprietários da *Kite Escola Paraíso*, João Bosco, o Bosco, e Isabel Lupiañes, a Bel. Até então, Barra Grande não contava com um projeto social voltado para o esporte, especialmente o *kitesurf*. Nesse contexto, o Projeto Vivo foi o primeiro a surgir, trazendo uma proposta inclusiva e inovadora para o povoado.

Bel ressalta que a sua história com Bosco precede à criação do Projeto Vivo e começou na Europa, quando se conheceram, em 2008, logo após ele obter sua certificação como instrutor de *Kitesurf* pela IKO, em Tarifa, na Espanha. No mesmo ano, Bosco estava ensinando *kitesurf* na praia de Cala Tirant, onde se encontraram e começaram a namorar. Em 2011, Bosco convidou Bel para conhecer Barra Grande, e ao chegar ao povoado, ela apaixonou-se pelo lugar e decidiu fazer de Barra Grande sua nova casa, estabelecendo-se com Bosco. A partir desse momento, construíram uma sólida parceria, tanto na vida pessoal quanto profissional. Bel passou a apoiar Bosco na *Kite Escola Paraíso*, ensinando *kitesurf*, e com o tempo, essa parceria culminou na criação do Projeto Vivo.

Sobre a criação desse projeto, Bel conta como tudo começou:

faz muitos anos, quando cheguei da Europa ao Cumbuco, no Ceará e vi muitas crianças na beira da praia apenas observando a gente velejar. Estava com minha irmã, Luciene, quando ela sugeriu: “Poxa, a gente podia fazer um projeto social aqui, ajudar essas crianças a aprenderem a velejar.” Depois de minha temporada no povoado [Bel], deixava parte dos meus equipamentos de velejo com eles. Um dos meninos que eu costumava presentear era o Daniel, que hoje tem seu próprio projeto social no Cumbuco. A ideia começou a crescer quando eu cheguei aqui em Barra Grande e me apaixonei pelo local. Então eu disse para a minha irmã Lucilene: “Olha, eu vou fazer o projeto aqui em Barra Grande. Mesmo que você não esteja aqui, você foi a idealizadora.” Ela é minha irmã, minha alma gêmea, uma pessoa maravilhosa. Então comecei devagar, uma criança, outra, e assim por diante. Conseguir material era um desafio, mas fui em frente. A Valdenice, a Val, foi a primeira criança a participar do projeto e hoje trabalha como instrutora na *BG Kite School*. Depois da Val, foram chegando outras crianças, e logo formei um grupo maior. Comecei a implementar diversas atividades além do *kitesurf*, abordando temas ambientais e escolares. Passei a acompanhar o desempenho deles na escola e deixei claro que, para continuar no projeto, precisavam estudar e ter um bom comportamento. Também comecei a fazer acompanhamento em casa, enfatizando a importância de obedecer aos pais. Assim, fomos crescendo e ampliando o projeto. Hoje atendemos cerca de 110 crianças (Marques, 2022a, 1 h, 4 min 27 s).

Bel e Bosco contam que enfrentaram muitas dificuldades para reunir equipamentos de *kitesurf* e aumentar a demanda do Projeto Vivo, entre os anos de 2013 e 2014. Naquela época, eles também criaram uma *Kite Repair* para fazer reparos nas pipas dos *kitesurfistas*, tendo em

vista que elas rasgavam e não havia uma pessoa para consertá-las no povoado, já que a *Doctor Kite* não operava mais na localidade.

A gente comprou uma máquina e começou a reparar nossos *kites*. Eu comecei a consertar os *kites* para os nativos, fazendo isso de graça para a galera. Naquela época, era difícil conseguir tecido novo, então a gente começou a reciclar. As pessoas diziam: “Olha, lá é onde reparam, é com a Isabel e o Bosco.” O Bosco já consertava barras, mas a parte de tecido foi algo que implantamos juntos. Eu tive a ideia de que, quando os gringos chegassem com *kites* usados, eu consertaria e falaria: “Não vou cobrar nada, mas, se você quiser, deixa o *kite* aqui para as crianças velejarem, porque temos pouco material.” Isso foi ótimo, porque muitas crianças estavam velejando e o material acabava rapidamente. Assim, fizemos várias trocas e consertos, e fomos recolhendo mais equipamentos. Quando os materiais já não tinham mais jeito, montamos um “cemitério” para reciclar válvulas, tecidos etc. Utilizei esses materiais reciclados para ajudar o projeto, vendendo algumas peças para comprar lanche para as crianças. Comecei a perceber que muitas crianças não gostavam só de *kitesurf*; algumas preferiam brincar na praia ou jogar futebol. Pensei: “Se eu tiver uma bola, posso treinar 30 ou 40 crianças.” Então pedi ajuda ao pessoal, e muitos contribuíam, seja com bolas ou ajudando a comprar alimentos. Foi assim que o projeto foi se desenvolvendo. Hoje, ele já alcançou um número maior de crianças (Marques, 2022a, 1 h, 6 min 18 s).

Bel e Bosco criaram uma logomarca para o Projeto Vivo, que é um trevo verde, um símbolo que representa sorte e vida, refletindo uma iniciativa ativa e vibrante que traz oportunidades e vitalidade para crianças e adolescentes de Barra Grande (Marques, 2022a). Para Bel, o trevo traz a energia positiva, enquanto a cor verde evoca a esperança. Esses elementos fazem parte da história da logomarca, que representa os valores e a missão do projeto.

Bel explica que durante as etapas de idealização e de elaboração do projeto, Geórgia, uma amiga dela, especialista em *marketing* digital, ajudou, incluindo o registro dos perfis do projeto no *Facebook* e no *Instagram*. O esposo de Geórgia, Marcelo, também contribuiu nesse estágio inicial do projeto.

O sucesso do Projeto Vivo foi tão expressivo em Barra Grande que em junho de 2014, já atendia a 30 crianças e adolescentes da comunidade (Figura 36).

Figura 36 – Alunos do Projeto Vivo (2014)



Fonte: Instagram [s.d.].

Ao promover a inclusão social de crianças, adolescentes e jovens atletas nativos barragrandenses por meio da prática de *kitesurf* e de outras atividades recreativas e esportivas, o Projeto Vivo estabeleceu como missão

criar e estimular as perfeitas condições para que, com estudo, disciplina e responsabilidades, ampliem-se os horizontes de suas escolhas para o futuro, seguindo ou não carreira como atletas profissionais de *Kitesurf*. Além disso, a ONG trabalha para afastá-los da criminalidade, drogas e prostituição, os maiores problemas sociais aos quais estão expostos (ONG Projeto Vivo, 2022a, p. 1).

Bel e Bosco são os principais responsáveis pelo planejamento e pela execução das atividades do Projeto Vivo, mas contam com a colaboração de outros instrutores que ensinam *kitesurf* na Kite Escola Paraíso. Eles não dispõem de apoio de instituições públicas piauienses, como a prefeitura de Cajueiro da Praia e o governo do estado do Piauí. Então, a dedicação deles é crucial para o funcionamento do projeto, que depende, principalmente, do esforço e do engajamento de alguns empresários do turismo de Barra Grande, como proprietários de

pousadas, veranistas da comunidade local, amigos e familiares que acreditam na importância da ONG. Sobre esse apoio, Bel assim se manifesta:

temos a *Kite Escola Paraíso* e a ONG Projeto Vivo para ajudar as crianças nativas de Barra Grande. Sempre destinei uma porcentagem dos recursos da escola de *kitesurf* para apoiar o Projeto Vivo. Esse apoio vem de várias fontes - dos vizinhos, de amigos, ex-alunos e alunos que se identificam com nosso trabalho, além da minha família e da família do Bosco. Com o auxílio de todos esses amigos e apoiadores, conseguimos manter o projeto em funcionamento (Marques, 2022a, 1 h 11 min 6 s).

Dentre as atividades ofertadas pelo Projeto Vivo, a prática de *kitesurf* é a principal. Além dessa modalidade, crianças e adolescentes têm a oportunidade de praticar futsal, por meio de torneios e jogos educativos, além de se envolverem em brincadeiras infantis e em ações pontuais de educação ambiental. Por sua vez, as iniciativas ambientais incluem a participação dos alunos do projeto em coletas de lixo na praia, em parceria com outras entidades que atuam no litoral piauiense, como o Projeto Tartarugas do Delta e a Unidade Escolar José Adrião de Araújo, em Barra Grande.

As atividades esportivas e recreativas promovidas pelo Projeto Vivo acontecem na quadra do município, situada em frente à Praça Nossa Senhora da Conceição, na Praia de Barra Grande, e na sede da *Kite Escola Paraíso*. Embora as atividades ocorram durante todo o ano, a adesão de participantes é significativamente maior durante as férias escolares, sobretudo em janeiro e em julho, quando muitas crianças e adolescentes circulam pelo povoado com camisas verdes fluorescentes, estampadas com o trevo da esperança, o *slogan* do projeto.

De acordo com Araújo *et al.* (2012), os projetos sociais têm o potencial de fomentar o desenvolvimento integral de crianças e de adolescentes, desde que sejam orientados de forma pedagógica, baseados em teorias e em práticas que não se restrinjam a uma visão simplista sobre o esporte. Os referidos autores atestam que é fundamental entender o esporte de maneira mais ampla, reconhecendo que ele não possui uma “essência positiva”, intrínseca. Os benefícios dessa prática, portanto, dependem de como ela é aplicada no contexto dos projetos sociais.

Matos (2017) complementa esse entendimento, ao ratificar que os projetos sociais esportivos possibilitam uma oportunidade de aprendizado por meio da prática esportiva, estimulando o interesse pela educação e criando expectativas de um amanhã mais promissor, podendo abrir portas para novas oportunidades e conquistas na vida dos indivíduos.

Ademais, o esporte tem sido cada vez mais visto como um passaporte para um futuro melhor, inspirado por histórias de atletas que saíram de condições de pobreza e conseguiram melhorar suas vidas e as de suas famílias. Logo, esse cenário serve de motivação para que crianças e jovens busquem um futuro mais digno (Matos, 2017).

Assim, o Projeto Vivo, ao oferecer a oportunidade de acesso ao *kitesurf* e a outras atividades recreativas e educativas em Barra Grande, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social e esportivo de crianças e de adolescentes do povoado. Essa iniciativa é um exemplo de como os projetos sociais esportivos podem impactar positivamente a vida de jovens em seus tempos livres.

Desde a sua criação, o Projeto Vivo tem sido um marco importante na democratização do *kitesurf* em Barra Grande, transformando sua prática elitista em uma atividade acessível para crianças e adolescentes nativos. Esse esporte, anteriormente restrito a um público seletivo, composto, principalmente, por turistas e veranistas, passou a ser uma realidade para aqueles que até então, não tinham a oportunidade de praticá-lo devido aos altos custos dos equipamentos.

Ao longo dos anos, o Projeto Vivo não apenas popularizou o acesso ao *kitesurf*, mas também desempenhou um papel meritório na formação cidadã de crianças e de jovens de Barra Grande. Além de incentivar a prática esportiva, o projeto tem sido essencial para o fortalecimento da identidade local, viabilizando oportunidades de desenvolvimento pessoal e de reconhecimento, tanto no campo esportivo quanto social. Esse impacto foi especialmente visível quando os participantes começaram a se destacar em torneios nacionais e internacionais de *kitesurf*, ampliando a visibilidade do esporte naquela localidade e reforçando a relevância do projeto para a comunidade barragrandense.

3.2.3 Filhos da terra: a nova geração de atletas de *kitesurf* de Barra Grande

As primeiras participações dos alunos do Projeto Vivo ocorreram no Arena Kite Brasil, em um torneio realizado na Praia do Itaqui, em Luís Correia, em agosto de 2014. Na ocasião, os jovens atletas do projeto fizeram sua estreia no campeonato, incluindo Manoel Piçarrinha (14 anos) e as irmãs gêmeas, Brena e Bruna Veras (14 anos).

As irmãs Veras ingressaram no Projeto Vivo em 2014, e em apenas quatro meses de prática, já estavam realizando saltos e manobras do *kitesurf* na Praia de Barra Grande. Apesar

da pouca experiência, Brena Veras surpreendeu, ao conquistar a quarta posição na competição de *freestyle*. Na modalidade *Big Air*⁷⁵, destacou-se ao garantir o primeiro lugar, enquanto sua irmã, Bruna, ficou em segundo lugar. Para completar o pódio, Mariane Veras, instrutora da BGKite School e irmã de Camila Veras, conquistou a terceira colocação (Figura 37).

Figura 37 – Irmãs Brena e Bruna Veras no pódio do Campeonato Brasileiro de Kitesurf, realizado no município de Luís Correia – PI (2014)



Fonte: ONG Projeto Vivo (2015).

Em 2014, Bel e Bosco tiveram a oportunidade de levar 50 alunos do Projeto Vivo para assistir à etapa do Campeonato Mundial de Kitesurf, o Barra Grande Kiteboarding Grand Slam, que fez parte do circuito PKRA 2014. O evento, realizado entre os dias 17 e 21 de setembro, na Pousada BGK, em Barra Grande – PI, contou com a participação das irmãs Veras, que competiram em um torneio de nível internacional, dando uma visibilidade ainda maior ao projeto e ao potencial dos jovens kitesurfistas do povoado (Figura 38).

⁷⁵ Além das categorias tradicionais como *freestyle*, *waves*, *regata* e *race*, os torneios de kitesurf organizados pela IKO e ABK começaram a incluir a modalidade *Big Air*, que desafia os atletas a realizarem saltos extremamente altos, acompanhados de manobras aéreas.

Figura 38 – Alunos do Projeto Vivo assistindo ao Barra Grande *Kiteboarding Grand Slam*



Fonte: ONG Projeto Vivo (2015).

Da areia, as crianças do Projeto Vivo observavam com entusiasmo e aplaudiam os principais atletas de *kitesurf* da época, como Carlos Mário, Christophe Tack, Youri Zoon, Aaron Hadlow, Gisela Pulido, Bruna Kajiya, Liam Whaley, Karolina Winkowska, entre outros que se sobressaíam no cenário internacional da modalidade (ONG Projeto Vivo, 2015).

Em 2014, Bel e Bosco dedicaram-se a levar as gêmeas Brena e Bruna Veras, além de Manoel Soares, o Piçarrinha, para competirem na segunda etapa do Campeonato Brasileiro de *Kitesurf*, o *Brasil Kite Tour 2014*, realizado na Praia de São Marcos, em São Luís – MA. Durante a competição, Brena Veras, vestindo uma bermuda preta com detalhes em listras brancas, conquistou o terceiro lugar na modalidade *freestyle* (Figura 39).

Figura 39 – Pódio na etapa maranhense do Brasil Kite Tour (2014)



Fonte: ONG Projeto Vivo (2015).

Bel e Bosco comentaram que entre 2014 e 2017, acompanharam o Piçarrinha, Luís Fernando Silva e Guilherme Costa nas etapas da Copa do Mundo Júnior de *Kitesurf*, realizadas na Europa. Um dos maiores feitos desses jovens atletas aconteceu em 2017, quando Guilherme Costa, na categoria 12 a 14 anos, e Piçarrinha, na categoria 15 a 16 anos, conquistaram o vice-campeonato mundial durante o torneio disputado na Catalunha, na Espanha. Além disso, Luís Fernando Silva, que competiu na mesma categoria que Guilherme Costa, também obteve um ótimo resultado, conquistando a quinta colocação no campeonato.

Em novembro de 2017, Barra Grande foi palco do Campeonato Mundial Juvenil de *Kiteboarding Slalom*, um evento de grande relevância, pois servia como classificatório para os Jogos Olímpicos da Juventude, previstos para acontecer em Buenos Aires, Argentina, em outubro de 2018.

A participação de Piçarrinha no campeonato foi marcante, garantindo-lhe o segundo lugar e, consequentemente, uma vaga para disputar os Jogos Olímpicos da Juventude. Além dele, outros dois alunos do Projeto Vivo, Luís Fernando Araújo, de 14 anos, e Bia, de 13 anos, também competiram no evento (Figura 40).

Figura 40 – Manoel Soares, o Piçarrinha, na premiação do Campeonato Mundial Juvenil de *Kiteboarding Slalom*



Fonte: Tribuna de Parnaíba (2017).

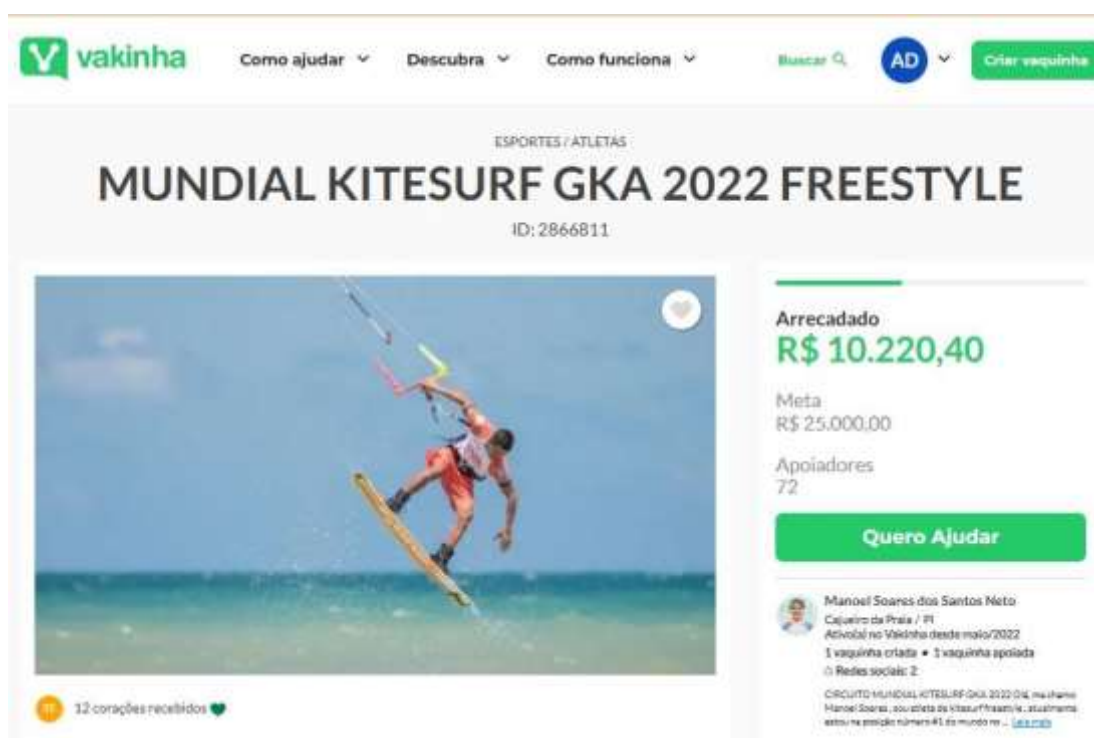
Piçarrinha disse que em janeiro de 2018, conquistou o segundo lugar no *Youth Olympic Games Qualifier* das Américas do Sul e Central, realizado em Cabarete, na República Dominicana. Já nos Jogos Olímpicos da Juventude, na Argentina, no mesmo ano, classificou-se na nona colocação.

Quando completou 17 anos, Piçarrinha deixou o Projeto Vivo e iniciou sua trajetória como competidor independente, participando de diversos torneios de *kitesurf* no Brasil e no exterior. Em seu depoimento, destacou que nunca recebeu apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia para participação em eventos esportivos, o que tornou sua jornada como atleta ainda mais desafiadora. Sobre isso, ele declarou:

sempre sonhei em ser um *kitesurfista* reconhecido, conquistar vários títulos e conhecer o mundo através do *kitesurf*. E eu nunca tive um apoio, por exemplo. Tipo, sempre no começo das minhas viagens eles prometiam uma coisa, aí depois, quando a gente ia atrás, não tinha nada! Eles falavam que não tinha nada, que não tem nenhum dinheiro lá. Então eu preferia ficar na minha, né? E correr atrás de uma marca internacional de *kite*, tipo, pra ela pagar um salário ou pagar minhas viagens pra participar dos campeonatos de *kite*. Eles também dão equipamentos de velejo, que a gente pode vender e investir em outras coisas (Neto, 2022b, 11 min 13 s).

Sem o apoio da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia e sem patrocínios, Piçarrinha precisou recorrer a vaquinhas *on-line* para conseguir participar das etapas do Circuito Mundial de *kitesurf* (Figura 41).

Figura 41 – Vaquinha *on-line*, organizada para viabilizar a participação de Piçarrinha em uma etapa do Circuito Mundial de *Kitesurf* (2022)



Fonte: Vakinha (2022).

Piçarrinha relatou que diante das dificuldades financeiras, empresários do turismo de Barra Grande, amigos, moradores locais e conhecidos mobilizaram-se para arrecadar a quantia necessária para que ele participasse da primeira etapa do Circuito Mundial de *Freestyle* no *Kitesurf*, o *GKA Kite World Tour*, realizado em março de 2022, nas praias de Salinas del Rey, em Santa Verônica, na Colômbia. Com o valor arrecadado, ele conseguiu comprar as passagens aéreas e cobrir os custos com alimentação, deslocamento e hospedagem.

Apesar dos desafios enfrentados, Piçarrinha surpreendeu, pois aos 21 anos, conquistou o título de campeão da etapa do referido torneio, um dos mais importantes do *kitesurf* mundial. A notícia de sua vitória espalhou-se rapidamente por Barra Grande, gerando um grande burburinho na comunidade local. A conquista de um filho da terra, ex-aluno do Projeto Vivo, foi celebrada como um marco inédito para a região, trazendo orgulho e entusiasmo aos

moradores do povoado. A chegada do jovem campeão foi aguardada com ansiedade, e sua vitória foi vista como um feito histórico, nunca alcançado por um atleta da região (Figura 42).

Figura 42 – Festa de recepção da comunidade de Barra Grande para Manoel Soares, o Piçarrinha, após se tornar campeão mundial de *kitesurf* na Colômbia (2022)



Fonte: arquivo pessoal do autor (2023).

A festa em homenagem a Piçarrinha foi realizada na Praça Nossa Senhora da Conceição, com animação garantida pelos empresários locais, que patrocinavam as bebidas para a população que apareceu para celebrar o grande feito. A comemoração teve início durante o dia e estendeu-se até a madrugada. O jovem campeão, na primeira foto, aparece sendo abraçado por seu pai, pescador do povoado. Piçarrinha foi recebido com grande entusiasmo e respeito pelos moradores, que organizaram uma passeata pelas ruas do povoado

para festejar essa conquista. O campeão desfilou em cima de um carro, sendo aplaudido e saudado por todos, em um momento de grande orgulho para o povoado.

Piçarrinha revelou que recebeu uma premiação de R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) pela conquista da primeira etapa do GKA *Kite World Tour*. Parte desse valor foi utilizado para viabilizar sua participação na segunda etapa do torneio, realizada em Neom, na Arábia Saudita, onde ele se consagrou bicampeão mundial (Figura 43).

Figura 43 – Piçarrinha, bicampeão mundial de *freestyle*, na Arábia Saudita



Fonte: Instagram (2022e).

Piçarrinha segue participando de etapas mundiais, além de outros torneios de *kitesurf* no Brasil. Além dele, o Projeto Vivo revelou outra campeã mundial de *kitesurf*, a Maria Beatriz, a Bia, que começou a se envolver com o *kitesurf* de forma descontraída, brincando de *kite-saco* na Praia de Barra Grande, aos dez anos. Em 2014, seu amigo de infância, Luís Fernando, que já participava do Projeto Vivo, convidou-se para juntar-se ao projeto. Na época, Bia não sabia nadar, o que constituiu seu primeiro desafio para conseguir velejar com mais segurança e tranquilidade (Figura 44).

Figura 44 – Maria Beatriz, a Bia, com dez anos, na sede do Projeto Vivo, na Kite Escola Paraíso, em Barra Grande – PI, ao lado de Cássio, cantor da banda piauiense Cabesativa, seu grande ídolo



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=380184838830401&set=a.273754122806807>. Acesso em: 6 ago.2023.

De acordo com Bia, sua primeira participação em torneios de *kitesurf* foi no Arena Kite Brasil de 2016, na modalidade *freestyle*, realizado na Praia do Coqueiro, em Luís Correia – PI. Em 2017, ela começou a participar das etapas do mundial da modalidade *Race TT*⁷⁶, entrando para o *ranking* mundial dessa modalidade da *Global Kitesports Association* (GKA), que era composto por 21 atletas. Esse ranqueamento garantiu a participação dela na etapa mundial da categoria, realizada em 2018, em Gizzeria Lido, na Itália, quando tinha 14 anos e ficou em 3º lugar (Figura 45).

⁷⁶A modalidade de *kitesurf*, conhecida como *Race TT*, está incluída na modalidade *Race* e refere-se a corridas que utilizam pranchas do tipo *Twin Tip* – as mais comuns no esporte.

Figura 45 – Maria Beatriz, a Bia, na cerimônia de premiação da etapa mundial da categoria *Race TT*, em 2008, na Itália



Fonte: Jornal da Parnaíba (2008).

A conquista histórica de Bia também causou grande repercussão em Barra Grande, com a notícia de que mais uma filha da terra havia alcançado o terceiro lugar na principal competição mundial de *kitesurf* – feito inédito para uma *kitesurfista* piauiense.

Após retornar a Barra Grande depois do campeonato mundial de *kitesurf*, Bia seguiu competindo em alguns torneios regionais⁷⁷, principalmente no Nordeste, e passou a ensinar *kitesurf* para turistas na praia do povoado, a fim de complementar sua renda. Seus equipamentos de velejo, já bastante desgastados, não permitiam seguir com os treinos e competições, e sem condições financeiras para renovar o material, ela precisou interromper temporariamente as atividades no esporte (Silva, 2022).

⁷⁷ Assim como Piçarrinha, Bia deixou o Projeto Vivo quando completou 17 anos, pois o projeto oferece suporte até os 16 anos, e a partir desse momento, passou a competir de forma independente.

Após alguns anos, Bia, agora com novos equipamentos de *kitesurf*, retornou ao cenário esportivo nacional e internacional, conquistando o primeiro lugar na categoria *Big Air* e na regata feminina do circuito brasileiro Festival GKO Velas Trairi. O evento ocorreu na praia do Guajiru, no município de Trairi – CE (Silva, 2022) (Figura 46).

Figura 46 – Maria Beatriz, a Bia, no pódio do Festival GKO Velas Trairi, realizado no município de Trairi – CE



Fonte: Instagram (2022b).

Bia conta que o seu desempenho em torneios de *kitesurf* passou a atrair a atenção de empresas piauienses e internacionais, a exemplo da Kalor Produções e da Core Kiteboarding Latam.

A Kalor Produções, empresa piauiense localizada na capital, Teresina, atua na produção e na organização de eventos no estado do Piauí e em outros estados do Nordeste brasileiro, com destaque para o setor de entretenimento. A empresa tem foco em grandes festividades e *shows*, como o Festival Viva BG, realizado em Barra Grande, durante o *Réveillon* de 2022 para 2023.

O evento, que foi privado e pago, aconteceu durante sete dias e contou com atrações nacionais de grande renome, como Anitta, Xand Avião e Bel Marques. Diante disso, a equipe da Kalor Produções procurou Bia para que ela fosse uma das representantes de Barra Grande encarregadas de divulgar o evento, devido ao seu reconhecimento no cenário nacional e internacional do *kitesurf*. Em troca, a Kalor Produções ofereceu equipamentos de *kitesurf* para a atleta (Silva, 2022d) (Figura 47).

Figura 47 – Maria Beatriz, a Bia, com o representante da Kalor Produções, em Barra Grande – PI (2022)



Fonte: Instagram (2022c).

O talento de Bia também chamou a atenção da *Core Kiteboarding* Latam, uma filial da marca *Core Kiteboarding*, situada em Parnaíba – PI. A *Core Kiteboarding* é uma empresa alemã especializada na fabricação de equipamentos de *kitesurf*, com foco no mercado da América Latina – Latam (Figura 48).

Figura 48 – Maria Beatriz, a Bia, agradecendo em sua rede social à Core Kiteboarding Latam, sediada em Parnaíba – PI



Fonte: Instagram (2022d).

Embora Bia e a Core Kiteboarding LATAM de Parnaíba não tenham formalizado uma parceria oficial, a empresa, com o intuito de incentivar e promover a prática do esporte no litoral piauiense, forneceu equipamentos da marca Core para a atleta.

No cenário competitivo de *kitesurf*, tanto no Brasil quanto no exterior, é comum que as principais marcas de equipamentos de velejo patrocinem atletas como parte de suas estratégias de *marketing*. De acordo com Travassos e Vidal (2021), quando as empresas associam suas marcas ao esporte, o objetivo principal é atrair o público, uma vez que há uma grande demanda por informações nas mídias digitais e impressas (Travassos; Vidal, 2021).

Logo,

as principais marcas sempre estarão ligadas a grandes eventos esportivos. Pois elas têm como finalidade que sua mensagem seja captada pelo maior número de espectadores possíveis, e que eles se sintam atraídos pela sua marca. Como nestes eventos esportivos possui um grande número de telespectadores, a intenção das marcas é fazer com que eles virem uns potenciais clientes no futuro (Travassos; Vidal, 2021, p. 5).

Além disso, o patrocínio é uma estratégia de *marketing* que fortalece a interação do consumidor com o produto. Por essa razão, o número de empresas que associam suas marcas a eventos esportivos tem crescido, pois se trata de uma forma eficaz de atrair telespectadores, proporcionando uma experiência direta ao público.

Em Barra Grande, Piçarrinha e Bia são exemplos de atletas nativos que têm grande possibilidades de atrair patrocinadores, principalmente as empresas que fabricam equipamentos esportivos como a Core, North, Duotone e Cabrinha. Sobre isso, Bia confessa:

cara, um patrocínio. Esse é o maior objetivo da minha vida, meu grande sonho. Imagino estar sentada em uma mesa, assinando um contrato e recebendo um pacote cheio de *kites* novinhos. Até agora, só tive a chance de usar *kite* de segunda mão, mas acredito que o melhor equipamento é aquele que a gente tem. Então, pra mim, não importa tanto. Estou aqui, e isso é o que eu mais amo fazer na minha vida. Vou fazer o possível e o impossível, estou lutando pelos meus sonhos. Se não der certo de um jeito, vai dar de outro. Mas o que eu quero é ter o *kite* na minha vida para sempre (Silva, 2022d, 11 min 22 s).

Enquanto aguarda a oportunidade de um patrocínio, Bia continua treinando e competindo em diversos torneios de *kitesurf*, como a segunda etapa do circuito brasileiro, realizada em Fortim – CE, em outubro de 2022, onde se consagrou campeã na categoria TT *Race*. Ela também venceu a etapa do circuito brasileiro de *Big Air*, realizada em Bacupari – RS, em dezembro de 2022, garantindo mais um título.

Os feitos dos atletas de *kitesurf* oriundos do Projeto Vivo tornaram-se exemplos para outros jovens, tanto em Barra Grande quanto em outras partes do Brasil e do mundo. O sucesso desses atletas não apenas demonstrou o impacto positivo do projeto, mas ajudou a consolidar o *kitesurf* no povoado.

Além disso, a organização e a realização de torneios de *kitesurf* em Barra Grande têm-se tornado um importante motor para o desenvolvimento do esporte e para o turismo local. Com eventos que atraem atletas e turistas de diferentes regiões, o povoado consolidou-se como um destino de referência para a prática do *kitesurf*, impulsionando o turismo de esportes e contribuindo para a economia local.

3.2.4 Organização e realização de torneios de *kitesurf* em Barra Grande

Os principais torneios esportivos realizados em Barra Grande tiveram início em 2013, atraindo tanto atletas profissionais quanto amadores para o povoado e consolidando a região como um destino importante para os turistas de *kitesurf*. Para facilitar a visualização e o acompanhamento desses eventos, buscaram-se indícios em portais de notícias piauienses a respeito dos principais torneios esportivos realizados no litoral piauiense entre os anos de 2009 e 2024, com destaque para os torneios realizados em Barra Grande (Quadro 3).

Quadro 3 – Torneios de *kitesurf* realizados no litoral piauiense entre os anos de 2009 e 2024

Ano	Nome	Período	Local	Município
2009	4ª Edição do Piauí <i>Kitesurf</i>	30 de jul a 2 de ago	Praia do Coqueiro	Luís Correia
2011	6ª Edição do Piauí <i>Kitesurf</i>	29 a 31 de jul	Praia do Coqueiro	Luís Correia
	Primeiro KeSP (<i>Kite & Surf</i> Piauiense)	24 e 25 de set	Praia do Coqueiro	Luís Correia
2013	Arena <i>Kite</i> Brasil	18 a 20 out	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
2014	Mundial PKRA 2014: BGK <i>World Cup</i> .	17 a 21 de set	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
	Arena <i>Kite</i> Brasil	17 e 17 de ago	Praia do Coqueiro	Luís Correia
2015	Arena <i>Kite</i> Brasil	5 a 7 de set	Praia do Coqueiro	Luís Correia
	1º Campeonato Projeto Vivo <i>Kitesurf</i>	12 e 13 de dez	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
2016	Arena <i>Kite</i> Brasil	18 a 20 de nov	Praia do Coqueiro	Luís Correia
2017	Campeonato Mundial Jovem de <i>Kiteboarding</i>	01 de dez	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
	Pedral <i>Kitewave</i> Pro	16 a 20 de ago	Praia Pedra do Sal	Parnaíba
	Arena <i>Kite</i> Brasil	20 a 22 de out	Praia do Coqueiro	Luís Correia
	BGK <i>Big Day</i>	26 de Ago	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
	1ª Regata de <i>windsurf</i> , <i>kitesurf</i> e esportes aquáticos e terrestres	8 de set	Praia de Macapá	Luís Correia
2018	4º Campeonato Projeto Vivo <i>Kitesurf</i>	8 e 9 de dez	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
2023	1º BG <i>Kite</i>	28 a 29 de Out	Praia de Barra Grande	Cajueiro da Praia
	Campeonato Brasileiro de <i>kitesurf</i> <i>Big Air</i>	13 de nov	Praia de Macapá	Luís Correia
2024	Primeira etapa do Campeonato Brasileiro de <i>kitesurf</i> <i>Big Air</i>	15 a 17 de setembro	Praia de Macapá	Luís Correia

Fonte: elaborado pelo autor (2024), com base em sites de notícias piauienses.

Com o intuito de propiciar um entendimento mais acurado das modalidades competitivas de *kitesurf* na atualidade, realizou-se uma pesquisa *on-line* no site da ABK (2024) para identificar as modalidades de *kitesurf* (Quadro 4).

Quadro 4 – Modalidades de *kitesurf* reconhecidas pela ABK (2024)

Modalidade	Definição
<i>Freestyle</i>	Considerada uma das modalidades mais populares do <i>kitesurf</i> , nela o <i>kitesurfista</i> realiza manobras no ar, como giros, saltos e acrobacias, utilizando a força do vento para deslocar-se e executar esses movimentos.
<i>Kitewave</i>	Nessa modalidade, o praticante utiliza o <i>kite</i> para ganhar velocidade e deslocar-se sobre as ondas, aproveitando o movimento delas para realizar manobras, como saltos e surfadas.
<i>Big Air</i>	Caracteriza-se por saltos espetaculares e acrobáticos, nos quais o <i>kitesurfista</i> aproveita o vento para decolar e executar manobras no ar.
Fórmula Kite	É uma modalidade de <i>kitesurf</i> focada em corridas, onde os atletas competem em um percurso determinado, com ênfase em velocidade e em eficiência.
<i>Hydrofoil</i>	Envolve corridas em que os atletas utilizam pranchas equipadas com <i>foils</i> , que são lâminas submersas ou hélices que ajudam a prancha a “voar” acima da água.
TT Race	Consiste em corridas onde os <i>kitesurfistas</i> utilizam pranchas com um formato específico, adaptado para maximizar a velocidade e a eficiência durante a competição.
<i>Race Strapless</i>	Modalidade que combina a dinâmica de corridas com a liberdade das manobras de estilo livre. Os <i>kitesurfistas</i> competem em percursos desafiadores, mas sem o uso das alças que normalmente prendem os pés à prancha.

Fonte: elaborado pelo autor (2024), com base na ABK (2024).

Feitas essas considerações sobre as modalidades de *kitesurf* na atualidade, reconhecidas pela ABK, pontua-se que as praias piauienses mencionadas no Quadro 3 são reconhecidas como ícones e polos para a prática de *kitesurf*, destacando-se como as principais áreas de relevância e de concentração de torneios desse esporte no litoral piauiense, com ênfase na Praia do Coqueiro, seguida pela de Barra Grande. Com a realização de torneios de âmbito nacional e internacional, essas praias tornaram-se praias-arquétipos (Pereira; Dantas, 2019), representando modelos ideais amplamente reconhecidos e valorizados, tanto localmente quanto globalmente.

Para Pereira e Dantas (2019, p. 8-9),

trata-se de lugares escolhidos pelos principais praticantes destes esportes. Atletas estes que inspiram amadores a praticarem estas modalidades. Tais eventos esportivos impactam positivamente no fluxo de turistas e vilegiatistas, posto, deslocarem-se dos mais variados continentes em direção a estas e outras praias com condições ambientais semelhantes.

Essas praias tornam-se espaços de acolhimento tanto para turistas internacionais e metropolitanos quanto para os moradores locais. Pereira e Dantas (2019) afirmam que o processo de reinvenção e de criação de práticas marítimas contemporâneas, como o *kitesurf*, ocorre devido à integração das zonas de praia à mundialização. Dessa forma, esses locais transformam-se em espaços de convergência e de troca cultural.

No Nordeste, a intensa e a constante incidência de ventos na zona costeira cria condições climáticas favoráveis que permitem a inserção da região no “circuito mundial” das

áreas preferidas por praticantes de esportes náuticos relacionados à prancha e à vela, com destaque para o *kitesurf* (Pereira; Dantas, 2019).

Em Barra Grande, a realização de torneios esportivos favoreceu ainda mais o enraizamento desse esporte no povoado. Com a realização de torneios esportivos, os empresários do turismo local, além de promoverem o turismo de aventura, passaram a direcionar ações para esses eventos, impulsionando a inserção de um novo segmento no turismo da região: o turismo de esportes.

Acredita-se que um pequeno grupo de empresários do setor de turismo de Barra Grande, também praticantes de *kitesurf*, como Ariosto Ibiapina e seu filho, Daniel Ibiapina, juntamente com os proprietários de escolas locais de *kitesurf*, como Bel e Bosco, da Kite Escola Paraíso, e entidades como a ABK e a APK⁷⁸ – criada em julho de 2013 –, desempenharam um papel fundamental na organização e na realização dos torneios de *kitesurf* em Barra Grande. Tais empresários e organizações parceiras foram essenciais para a viabilização das atividades e dos serviços necessários para a realização desses eventos esportivos.

De acordo com Brasil (2010d), o turismo de esporte contribui para o crescimento de outros segmentos turísticos, gerando demanda por atrações e por produtos diversos, além de incentivar a organização de eventos e a construção de infraestruturas específicas, muitas vezes deixando legados para a comunidade. Esse tipo de turismo igualmente impulsiona a melhoria da infraestrutura urbana e a criação de calendários esportivos bem-estruturados, promovendo práticas saudáveis e estreitando os laços entre participantes e espectadores.

Em Barra Grande, aproveitando a presença de esportistas e de turistas que participaram do Mundial PKRA 2014, a BGK, que foi a sede do torneio, firmou parceria com o Programa de Artesanato do Piauí (Prodart), organizando uma grande feira na Praça da Nossa Senhora da Conceição. Além de exibir uma ampla variedade de produtos do artesanato piauiense, a feira contou com oficinas ao vivo, com artesãos locais, e exposição de peças de trançados de palha de carnaúba, bordados de Buriti dos Lopes, cerâmicas do Poti Velho, móveis de buriti, biojoias e um espaço dedicado à arte santeira. Também foi lançada a coleção de móveis feitos de pneus pelo artesão Divas, da Socopo – bairro de Teresina-PI (Jornal da Parnaíba, 2014) (Figura 49).

⁷⁸A APK é uma organização esportiva sem fins lucrativos, fundada por entusiastas do esporte e filiada à ABK. Vale ressaltar que os principais torneios de *kitesurf*, tanto locais quanto nacionais e internacionais, realizados no litoral piauiense, são organizados, orientados e coordenados pela APK.

Figura 49 – Feira da Prodart na Praça da Nossa Senhora da Conceição, realizada durante o Mundial PKRA, em Barra Grande – PI (2014)



Fonte: Jornal da Parnaíba (2014).

A qualidade dos eventos esportivos é fundamental para o turismo de esportes. À medida que o fluxo turístico aumenta, cresce a necessidade de inovação e de organização deles, com a ampliação de eventos tradicionais e a criação de novos. Esse segmento depende mais de uma programação bem-elaborada do que de recursos naturais, gerando demanda por produtos e serviços complementares, como roupas esportivas e suplementos, promovendo a interação social e a valorização tanto da prática esportiva quanto das pessoas envolvidas – capazes de fidelizar os turistas desse segmento (Brasil, 2010d).

Em Barra Grande, a realização de torneios de *kitesurf*, que ocorreram no segundo semestre do ano, no período de alta estação, quando há forte incidência dos ventos alísios na região, não só atraiu atletas, mas também espectadores e profissionais ligados aos eventos, fortalecendo o turismo local. Conforme afirmam Pereira e Dantas (2019, p. 6), esses turistas tornaram-se “usuários fiéis do setor hoteleiro” da região, especialmente em pousadas, chalés e segundas residências.

Conforme o depoimento de Bel, a realização do Barra Grande *Kiteboarding Grand Slam* foi um marco para colocar o povoado no cenário internacional como um destino ideal para a prática de *kitesurf*. A partir desse evento, o local, que antes era restrito a um *secret point*, passou a ser amplamente divulgado e valorizado no circuito global do esporte, precipuamente por praticantes amadores europeus, como a própria Bel relata: “depois dessa

etapa ficou uma coisa assim muito [...] o pessoal começou a conhecer. Eu vi que tava chegando cada vez mais gringo aqui. Gringos e gringos, gringos e gringos. Hoje em dia, isso aqui é lotado deles” (Marques, 2022a, 27 min 36 s).

Bel e Bosco também ressaltaram que enquanto a qualidade dos torneios esportivos realizados em Barra Grande ajudou a destacar e a reconhecer o povoado internacionalmente, o ensino do esporte na região ganhou um salto qualitativo a partir de 2015. Nesse ano, a ABK iniciou a realização de seus primeiros cursos de certificação de instrutores em todo o Brasil, o que repercutiu em um impacto significativo no aprimoramento e na profissionalização do ensino de *kitesurf* no povoado. Esse marco foi decisivo para a abertura de novas escolas de *kitesurf* locais, a melhoria dos métodos de ensino e a utilização de equipamentos mais seguros e modernos.

3.2.5 Barra Grande, a primeira parada das clínicas de certificação de instrutores de *kitesurf* promovidas pela ABK

De acordo com a entrevista de Ariosto Ibiapina, a crescente popularização do *kitesurf* no Brasil, durante a década de 2010, levou a ABK a perceber a necessidade de sistematizar o ensino do esporte por meio de cursos de certificação para instrutores. Naquele período, muitos *kitesurfistas* ensinavam de maneira informal (Gohn, 2006), improvisada e, frequentemente, arriscada – o que representava um perigo para os novos praticantes.

Para resolver essa situação, a ABK iniciou a filiação dos instrutores por meio de clínicas de certificação profissional, a fim de estabelecer uma metodologia de ensino padronizada nas escolas de *kitesurf* brasileiras, tornando o ensino do esporte mais sistemático e seguro. Assim, a partir de 2015, a ABK passou a normatizar as escolas de *kitesurf* no Brasil, realizando clínicas em diversas regiões, contribuindo para a melhoria da formação dos instrutores e a segurança dos praticantes.

Sobre esse processo, Ariosto Ibiapina testemunhou que “a ABK entrou com a necessidade para normatizar as coisas. Porque tava tendo aluno pra todo lado, instrutor pra todo lado, cada um com uma informação diferente. E nós precisamos [...] **eu, inclusive**, até ajudei nesse trabalho, a nível de Brasil” (Ibiapina, 2022, 44 min 57 s, grifo nosso).

Ariosto Ibiapina não deu detalhes sobre como estabeleceu relações com a ABK, mas certamente, essa conexão foi decisiva para que Barra Grande fosse escolhida como o local para a realização da primeira clínica de certificação da ABK. Na ocasião, a *BGKite School* recebeu o título de primeira escola do Brasil credenciada pela ABK, conforme Ariosto.

Durante essas clínicas, profissionais contratados pela ABK abordavam temas consideráveis, como resgates e técnicas de segurança no ensino de *kitesurf*. Ariosto Ibiapina acompanhava esses profissionais nas viagens, realizando palestras nas clínicas de certificação sobre Assistência Pré-Hospitalar (APH) para acidentados no esporte. Aliás, Ariosto Ibiapina considera esse processo de normatização do ensino nas escolas por meio das clínicas de certificação de instrutores um marco importante na história do esporte no Brasil.

A primeira clínica de certificação da ABK aconteceu de 27 a 30 de julho, certificando diversos participantes da região litorânea piauiense, principalmente os nativos de Barra Grande que ainda não possuíam certificação oficial para ensinar o esporte. Bel participou dessa clínica e recebeu a certificação (Figura 50).

Figura 50 – Certificado de instrutor de Isabel Lupiañes, emitida pela ABK, em julho de 2015



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Augusto Lima evelou que apesar da mobilização da ABK para normatizar as escolas de *kitesurf* no Brasil, em 2015, a informalidade no ensino do esporte ainda persistia em Barra Grande, especialmente entre os nativos, que enxergam o ensino do esporte como uma oportunidade de lucro, impulsionado pelo crescimento do turismo de aventura no povoado. Por outro lado, a ABK continua realizando clínicas de certificação de *kitesurf* no Brasil.

Augusto Lima também relatou que no Brasil, realizar um curso da IKO é bastante desafiador, devido aos custos com transporte, alimentação e hospedagem. Por esse motivo, muitos optam pelas clínicas de certificação da ABK, que são mais acessíveis e ocorrem com maior frequência, especialmente no litoral piauiense, oferecendo cursos que abrangem desde o nível básico até o avançado.

Bel explica a diferença entre um instrutor certificado pela IKO e um certificado pela ABK. Os instrutores com certificação da IKO estão habilitados a ensinar *kitesurf* em qualquer lugar do mundo, enquanto os certificados da ABK permitem ensinar o esporte em qualquer localidade no Brasil. Essa última certificação é a realidade da maioria dos instrutores que atuam em Barra Grande.

De acordo com Ariosto Ibiapina, depois do estabelecimento das clínicas de certificação de instrutor de *kitesurf*, as escolas de ensino de *kitesurf* no Brasil seguem um processo de aprendizagem dividido, principalmente, em duas etapas: a primeira delas inicia-se na beira-mar, com instruções sobre a montagem e a desmontagem dos equipamentos e dos dispositivos de segurança; a segunda segue no mar, onde o aluno tenta velejar, sob a orientação do instrutor. O que diferencia o ensino entre essas escolas é a abordagem de cada instrutor, consoante Bel.

3.2.6 O ensino de *kitesurf* em Barra Grande

Atualmente, existem nove escolas dedicadas ao ensino e ao aperfeiçoamento de *kitesurf* em Barra Grande. São elas: Barra Kite School, BGKite School, EDS Kite School, Kite Escola Paraíso, Maresia Kite, Nativos Kite School BG, Sea Point Kite School PI, Sunset Kite School e Toim Kite School (Quadro 5) (Figura 51).

Quadro 5 – Escolas de *kitesurf* instaladas em Barra Grande, Cajueiro da Praia – PI, Brasil, na atualidade⁷⁹

ESCOLA	ABERTURA	PROPRIETÁRIO	CURSO BÁSICO	AULA AVULSA	TIPO DE CERTIFICAÇÃO
Barra Kite School	2022	Nativo	R\$ 2.000,00 (10h)	R\$ 250,00 (1h)	Não emite
BGKite School	2022	Morador	R\$ 3.000,00 (10 h)	R\$ 325,00 (1h)	Não emite
EDS Kite School	2021	Nativo	R\$ 2.500,00 (10 h)	R\$ 270,00 (1h)	Não emite
Kite Escola Paraíso	2005	Nativo	R\$ 2.300,00 (10 h)	R\$ 280,00 (1h)	Emite
Maresia Kite	2020	Nativo	R\$ 2.300,00 (10 h)	R\$ 250,00 (1h)	Não emite
Nativos Kite School BG	2020	Nativo	R\$ 1.800,00 (10 h)	R\$ 200,00 (1h)	Não emite
Sunset Kite School	2022	Nativo	R\$ 2.000,00 (10 h)	R\$ 230,00 (1h)	Não emite
Sea Point Kite School PI	2024	Morador	R\$ 3.000,00 (10 h)	R\$ 330,00 (1H)	Não emite
Toim Kite School	2022	Nativo	R\$ 3.000,00 (10 h)	R\$ 320,00 (1h)	Não emite

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Para proporcionar uma visualização mais detalhada das fachadas dessas escolas e suas localizações no povoado de Barra Grande, elaborou-se um mosaico (Figura 51) e um mapa ilustrativo (Figura 52).

⁷⁹Os dados da Barra Kite School foram obtidos em 2022; os da Sea Point Kite School PI, em 2024; e o das demais escolas, em 2023.

Figura 51 – Escolas de ensino de *kitesurf* instaladas em Barra Grande – PI



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Na sequência, da esquerda para direita: Barra Kite School, BGKite School, EDS Kite School, Kite Escola Paraíso, Maresia Kite, Nativos Kite School BG, Sea Point Kite School PI (localizada no estabelecimento Bohan), Sunset Kite School e Toim Kite School.

Figura 52 – Disposição das escolas de ensino de kitesurf instaladas em Barra Grande – PI



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Google Maps (2024).

Algumas dessas escolas, como a Barra Kite School, BGKite School, EDS Kite School, Maresia Kite, Nativos Kite School BG, Sunset Kite School e Toim Kite School, foram oficialmente abertas no início de 2020, mas seus proprietários já ensinavam o esporte no povoado antes desse período. A BGKite School, embora tenha a data de abertura registrada em 2022, conforme consulta *on-line* por CNPJ, iniciou suas atividades em Barra Grande por volta de 2012 ou 2013, como relatado por Toim.

Uma característica das escolas de *kitesurf* em Barra Grande é que – com exceção da BGKite School e da Sea Point Kite School PI – são de propriedade de nativos locais. Geralmente, essas escolas são geridas por um único proprietário, que também atua como instrutor, sendo o responsável pelo ensino do esporte, e recebem o apoio de suas companheiras na gestão das escolas, uma vez que todos são homens.

Dentre as escolas que atuam em Barra Grande, apenas a Kite Escola Paraíso oferece certificação para seus alunos, além de conceder descontos, tanto no aluguel quanto na compra de equipamentos de *kitesurf* em algumas localidades brasileiras e no exterior (Kite Escola Paraíso, 2022).

Augusto Lima releva, em sua entrevista, que as escolas de *kitesurf* em Barra Grande precisam ser credenciadas pela ABK e obter a licença da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia para poderem operar legalmente. Esse processo de licenciamento inclui o pagamento mensal à prefeitura, funcionando como uma taxa para garantir o funcionamento da escola e a atuação como ponto de licenciamento do esporte na região.

Ele pontua, inclusive, que muitos dos instrutores que atuam nas escolas de *kitesurf* em Barra Grande possuam certificação atualizada da IKO ou ABK. Porém, há nativos, ex-atletas de *kitesurf* e praticantes do esporte que, apesar de não possuírem certificação oficial, ensinam o esporte na praia do povoado.

Dentre as escolas de *kitesurf* em Barra Grande, a BGKite School destaca-se pela estrutura voltada para a prática e o ensino do esporte. Situada dentro da Pousada BGK, a escola foi projetada para atender aos turistas e aos *kitesurfistas* hospedados no local, com uma localização privilegiada em frente ao mar. O ensino do esporte ocorre diretamente na praia, na *kite zone*, que está estrategicamente posicionada em frente à pousada.

A estrutura da escola em comento inclui uma guarderia, um balcão de atendimento e uma sala de reuniões e de descanso para os instrutores. Além disso, há um espaço amplo para a disposição das pipas de *kitesurf*, situado em frente ao balcão de atendimento e de informações aos turistas (Figura 53).

Figura 53 – Estrutura da BGKite School, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Camila Veras assinala que a BGKite School é gerenciada por Eduardo Fernandes, mais conhecido como Rato⁸⁰, um *kitesurfista* experiente que chegou há poucos anos ao povoado, a convite de Ariosto Ibiapina. A escola conta com cerca de 15 instrutores de *kitesurf*, que são apoiados por uma equipe responsável pela montagem e pela desmontagem dos equipamentos de velejo. Dentre os instrutores, metade são nativos de Barra Grande, enquanto a outra metade é composta por instrutores de outras regiões do Brasil, além de um estrangeiro, os quais são assessorados por *staffs* que separam, preparam e recolhem os equipamentos de velejo. Alguns instrutores falam outras línguas, como o inglês, o que facilita o atendimento aos turistas internacionais e o processo de ensino do esporte.

Para abordar o processo ensino-aprendizagem de *kitesurf* em Barra Grande, tomou-se como exemplo o método de ensino dos instrutores da Kite Escola Paraíso, cujas aulas foram observadas durante alguns dias na praia do povoado (Figura 54).

⁸⁰Foi feito contato com o Rato para obter mais informações sobre a escola, mas não houve resposta.

Figura 54 – Aulas de *kitesurf* no Projeto Vivo conduzidas por Isabel Lupiañes, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

De acordo com Bel, o processo de ensino de *kitesurf* envolve a figura do instrutor e do aluno: aquele, em sua função, é o responsável por planejar e organizar o ambiente de ensino, além de selecionar as habilidades a serem desenvolvidas, criando um percurso gradual que permita ao aluno se adaptar às adversidades naturais e melhorar sua percepção; este constitui um público variado, que vai desde crianças a partir de seis anos até adultos de diferentes idades (Kite Escola Paraíso, 2022).

Para Bel, o método de ensino de *kitesurf* da Kite Escola Paraíso é organizado em um pacote de dez horas, dividido em três níveis de aprendizagem, voltados para iniciantes no esporte. Esse pacote é destinado principalmente aos turistas que visitam Barra Grande, e ministrado por um instrutor certificado pela IKO ou ABK (Figura 55).

Figura 55 – Pacote básico de ensino para iniciantes na Kite Escola Paraíso



Pacote de 10 horas para iniciantes

O curso para iniciantes está dividido em 3 níveis:

Nível 1: Direção do vento, montagem do equipamento, sistemas de segurança, decolar e baixar o kite, aprender a controlar e movimentar um kite apropriado para aula inicial nas duas janelas de vento, ejetar o kite, desmontar o equipamento. (Duração: 1:30 a 2:00 hs)

Nível 2: O próximo passo você iniciará na água fazendo bodydrag (arrastar o corpo na água com o kite) contra e a favor do vento, como levantar o kite da água, e auto-resgate. (2:30 a 4:00 hs)

Nível 3: Water Start, início de navegação, o aluno irá começar a subir na prancha.

* No final do curso todos os alunos receberão certificação internacional IKO.
 *O curso será com todo o material da escola (capacetes com rádio, colete salva vidas, trapézio, leash, kite e prancha).

Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

O ensino de *kitesurf* na Kite Escola Paraíso é dividido em três níveis de aprendizado, começando com noções básicas e avançando conforme os alunos ganham confiança, progredindo gradualmente para níveis mais avançados na prática do esporte.

No nível 1, as aulas ocorrem na areia, na beira-mar, na denominada *kite zone*, com o instrutor ensinando sobre: as direções do vento; a montagem e a desmontagem dos equipamentos (coletes, capacetes com rádio, prancha, pipa, cordas e trapézio); os sistemas de segurança; como decolar, pousar e controlar a pipa. As aulas são contextualizadas concomitantemente com as aulas, com os alunos atentos às instruções, de modo que o instrutor responde as dúvidas dos alunos enquanto a aprendizagem ocorre em um ambiente de interação direta.

No nível 2, com duração de duas horas e meia a quatro horas, o ensino ocorre no mar, onde o instrutor ensina o aluno a realizar o *bodydrag*, técnica que consiste em arrastar o corpo na água contra e a favor do vento, além de levantar a pipa da água e aplicar técnicas de autorresgate. Já no nível 3, com quatro horas de navegação no mar, o aluno começa a praticar o *water start*, processo no qual experimenta subir na prancha e velejar a favor e contra o vento.

Durante as aulas de Bel, observou-se que os equipamentos de *kitesurf* utilizados por ela contam com recursos tecnológicos para facilitar o ensino e a aprendizagem do esporte. Bel explicou que os fabricantes globais de equipamentos de *kitesurf* estão constantemente desenvolvendo modelos com foco em aprimorar a segurança, o desempenho e a experiência dos usuários.

Como exemplos, ela citou os modelos de pipas, que passaram a ser fabricadas com novos formatos e sistemas de freio, permitindo melhor distribuição e controle de carga, tornando-se mais fáceis de manusear. Nos capacetes de segurança, foram incorporados sistemas de áudio internos, os quais possibilitam ao aluno, no mar, receber orientações via rádio do instrutor, na praia, proporcionando um aprendizado mais eficaz e seguro.

Camila Veras comentou que antes da implementação desses sistemas de comunicação nos equipamentos de *kitesurf*, ela ensinava o esporte na BGKite School na base do grito. Sobre isso, ela pontuou:

não tínhamos rádio de comunicação, então era tudo no grito. Eu passava as instruções para os alunos, e se a maré estivesse baixa, eu conseguia correr atrás deles para passar mais informações. Antes de sair, eu dava todas as instruções ali mesmo. Mas, às vezes, era preciso entrar nas canoas para sair da área de risco, onde a água era mais profunda, até o joelho. Em algumas situações, não dava para correr tanto, e acabávamos gritando. Já tínhamos alguns sinais combinados. Sempre procurávamos ficar à frente do aluno, para que ele pudesse nos ver, e a gente passava algum sinal combinado antes de ele entrar na água, para evitar qualquer problema (Veras, 2022, 12 min 9 s).

Ainda sobre os sistemas de segurança, Bel relatou que foram implementadas melhorias na barra de controle, o que permite ao *kitesurfista* ejetar a pipa com mais facilidade em emergências, oportunizando maior segurança durante a prática do esporte. Apesar dessas inovações, os equipamentos de *kitesurf* seguem em constante evolução.

Procurando classificar o ensino de *kitesurf* em Barra Grande, o estudo de Gohn (2006) sobre educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas, pode contribuir. A autora em apreço classifica a educação como formal, informal e não-formal, de modo que

a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (Gohn, 2006, p. 28).

Com base nessas definições, classifica-se o ensino de *kitesurf* nas escolas instaladas em Barra Grande como não formal. Entende-se, ainda, que o ensino fora dessas escolas, como o repassado entre os nativos e os instrutores não certificados, é informal (Gohn, 2006, 2020).

A educação não formal é caracterizada por ser interativa, ocorrer fora das escolas e envolver a participação voluntária das pessoas para promover o aprendizado e a troca de saberes de forma coletiva. Ela dá-se em ambientes que acompanham as trajetórias de vida dos participantes, com objetivos que surgem ao longo do processo e são adaptados às necessidades do grupo. Essa forma de educação intenta capacitar os indivíduos para a cidadania, focando em princípios como igualdade, justiça social, e formação política e sociocultural (Gohn, 2006, 2020).

Além disso, a educação não formal fortalece o pertencimento, a identidade coletiva e a autoestima dos participantes, criando laços de solidariedade e favorecendo a construção do capital social e da cidadania coletiva. Sobretudo, ela não segue uma estrutura de séries e conteúdos, mas trabalha aspectos subjetivos e culturais do grupo, contribuindo para o empoderamento e a construção de uma cultura política comum (Gohn, 2006, 2020).

No ensino de *kitesurf* na Kite Escola Paraíso, há uma intencionalidade no desenvolvimento das ações previamente estabelecidas, porém isso não significa que todos os níveis do pacote de dez horas sejam, necessariamente, alcançados por todos os alunos, pois o progresso varia de pessoa para pessoa, levando em conta fatores como saber nadar, confiança, habilidade técnica e adaptação ao esporte. Logo, a aprendizagem é gradual, e dessa forma, o método respeita o ritmo de cada aluno, permitindo que o processo de ensino se desenvolva de maneira personalizada e flexível, dentro da estrutura planejada de níveis e de tempo.

Com relação ao ensino informal de *kitesurf* em Barra Grande, nota-se que ele começou desde a introdução do esporte no povoado, quando as crianças aprenderam e compartilharam seus conhecimentos com amigos próximos. Exemplos desse processo podem ser encontrados nas gerações mais jovens das tradicionais famílias de pescadores, como os Cabrinha e os Veras. Na família Cabrinha, Hélio foi o pioneiro no esporte, e seus irmãos, Heliardi, Tom e Eliel também aprenderam a prática por meio da troca de informações sobre como controlar a pipa e se equilibrar na prancha. Heliard e Tom, por sua vez, tornaram-se instrutores de *kitesurf* na BGKite School.

Na família Veras, Camila e Mariane, que atuam como instrutoras na BGKite School, têm sobrinhos envolvidos no *kitesurf* que, assim como elas, são filhos de pescadores. Leonardo, Wellington, Wesley e Bruno Veras aprenderam o esporte de forma autodidata,

seguindo as orientações de suas tias sobre as técnicas de velejo, e tornaram-se instrutores de *kitesurf* da BGKite School (Veras, 2022).

Após algum tempo de namoro, Camila Veras e Hélio Cabrinha casaram-se e tiveram dois filhos: Hanryque, de dez anos, e Moana, a caçula, de seis anos. Mariana Veras também se casou com Heliard Cabrinha e juntos, tiveram um filho, o Lorenzo, o mais novo *kitesurfista* dessas famílias (Veras, 2022).

De acordo com Camila Veras, Hanryque aprendeu a velejar com o tio deles, Heliard, com um ano, sendo familiarizado com os equipamentos de velejo de *kitesurf* na BGKite School (Figura 56).

Figura 56 – Hanryque Cabrinha Veras aprendendo a velejar de *kitesurf* com seu tio, Heliardi Cabrinha



Fonte: Instagram (2021).

Hanryque Cabrinha Veras já participa de competições piauienses de *kitesurf*. Em 2023, ele foi campeão do Projeto 1 BG Kite, realizado em Barra Grande, no fim de outubro. No ano seguinte, conquistou o terceiro lugar no Campeonato Macapá de *Big Air* 2024, realizado em setembro (Figura 57). Sua irmã, Moana, está aprendendo o esporte com a mãe deles, Camila Veras (Veras, 2022).

Figura 57 – Hanryque Cabrinha Veras no Projeto 1 BG Kite 2023 e no Campeonato Macapá de *Big Air* (2024)



Fonte: Instagram (2023b).

As duas primeiras ilustrações acima registram momentos de Hanryque Cabrinha Veras celebrando seu primeiro pódio no Projeto 1 BG *Kite*, em 2023. Em uma delas, Hanryque comemora ao lado de seus tios, Heliardi Cabrinha e Mariane Veras, que estão à sua esquerda, e de seus pais, Hélio Cabrinha e Camila Veras, que estão à sua direita. As outras duas ilustrações mostram Hanryque Cabrinha Veras durante sua participação no Campeonato Macapá de *Big Air* de 2024.

Camila explica que o *kitesurf* aproximou as famílias Veras e Cabrinha, e agora, elas atuam com o esporte no povoado. A prática continua sendo transmitida entre as gerações mais jovens dessas famílias, como no exemplo de Hanryque, que já começou a ensinar *kitesurf* para

seu primo, Lorenzo, com os mesmos materiais que usou para aprender com seu tio, Heliard Cabrinha (Figura 58).

Figura 58 – Hanryque Veras ensinando *kitesurf* para seu primo, Lorenzo, em Barra Grande – PI



Fonte: Instagram (2023a).

Os exemplos mencionados mostram que o *kitesurf* vai além de uma prática esportiva ensinada informalmente nas famílias Cabrinha e Veras: é uma prática cultural que atravessa gerações, enraizando-se no povoado e sendo transmitida entre as famílias de Barra Grande. Nesse sentido, o *kitesurf* naquela localidade é mais que um esporte, pois se tornou um símbolo de transformação para os moradores locais, especialmente para as famílias tradicionais de pescadores, como Cabrinha e Veras.

Utilizando os conceitos de representação e de apropriação desenvolvidos por Chartier (2002), em sua obra intitulada *O mundo como representação*, é possível observar como o *kitesurf* se inscreve em um processo de construção social de significados em Barra Grande. Para Chartier (2002), a apropriação refere-se ao processo pelo qual os indivíduos ou os grupos tomam algo de fora como uma prática ou um saber, e adaptam-no à sua realidade, atribuindo novos significados e transformando-o conforme suas necessidades e seus contextos. Já a representação diz respeito à forma como as ideias, os valores e as práticas são moldados, interpretados e compartilhados socialmente, por meio de discursos e narrativas. Então, a representação envolve a maneira como o mundo é percebido e simbolicamente estruturado

pelas coletividades, enquanto a apropriação está relacionada ao uso pessoal e coletivo desses elementos em contextos específicos.

Em Barra Grande, a representação alude à forma como o esporte é entendido, valorizado e transmitido pelas gerações, sendo apropriado pelos nativos como um instrumento de ascensão social e de conexão com o mundo moderno, sem renunciar às raízes tradicionais. O *kitesurf*, antes visto como uma prática estrangeira, elitista e voltada para o turismo, transforma-se, por meio da apropriação dos nativos, em um marcador de identidade local.

As famílias Cabrinha e Veras, que iniciaram uma relação com o esporte de forma autodidata, foram capazes de adaptar o *kitesurf* à realidade delas, moldando o esporte conforme as necessidades e as características culturais. Esse processo de apropriação, como sugere Chartier (2002), não implica apenas uma adaptação prática, mas uma reinvenção do significado da atividade, que passa a ser entendida como uma forma de vida, de sustento e, ao mesmo tempo, um meio de conexão com o mundo contemporâneo. Por meio da intervenção da ABK e da certificação dos instrutores locais, o esporte torna-se um veículo de legitimação e de estruturação do ensino, permitindo que o saber sobre o *kitesurf* seja transmitido informalmente com mais segurança e profissionalismo.

Nesse processo de representação e de apropriação do *kitesurf*, a comunidade local não apenas se insere na dinâmica global, mas reconfigura seu próprio lugar no mundo, ressignificando sua identidade e fortalecendo seu papel no mercado do turismo esportivo local. O *kitesurf*, como prática e representação cultural, não apenas transforma as relações sociais em Barra Grande, mas também reconstrói os vínculos entre os moradores, o turismo e o esporte. Esse processo evidencia como os indivíduos podem se apoderar de práticas externas e, por intermédio delas, criar símbolos de identidade e de pertencimento à comunidade.

Assim, o *kitesurf* torna-se uma prática profundamente enraizada em Barra Grande, não apenas como esporte, mas como uma ferramenta de resistência cultural, de transformação econômica e de construção de uma nova identidade local. A apropriação do esporte pela comunidade de Barra Grande ilustra como, por meio da representação e da apropriação, práticas culturais podem ser moldadas e ressignificadas conforme as necessidades e os valores da população, criando formas de interação com o mundo globalizado.

Além do aspecto competitivo e educativo, a prática de *kitesurf* em Barra Grande, na atualidade, é feita por meio do velejo livre do esporte na praia do povoado e da realização de *downwinds*, que significa velejar na mesma direção do vento.

3.2.7 A prática livre de *kitesurf* e os *downwinds* em Barra Grande

Em Barra Grande, os *kitesurfistas* nativos, brasileiros e estrangeiros apoderam-se da praia do povoado e da Lagoa Azul para efetivação da prática livre do esporte. De acordo com Bel, os movimentos turísticos de *kitesurfistas* brasileiros e estrangeiros para o povoado ocorrem no segundo semestre do ano, entre julho e dezembro. De agosto e setembro, os ventos alísios atingem seu pico na região litorânea piauiense, com intensidade e constância notáveis, variando entre 40 e 60 km/h. Esse período é o preferido, tanto pelos *kitesurfistas* que moram em Barra Grande quanto para os turistas que viajam para o povoado – principalmente brasileiros de outros estados e estrangeiros –, devido às condições ideais para a prática do esporte.

O fluxo de *kitesurfistas* estrangeiros em Barra Grande, especialmente no segundo semestre, está intimamente relacionado ao período de férias desses turistas. Em geral, eles adquirem pacotes turísticos recomendados por outros *kitesurfistas* ou por meio de agências de turismo especializadas, que oferecem pacotes completos, os quais incluem aulas de *kitesurf* com instrutores locais, além de serviços como hospedagem em pousadas e uma experiência imersiva, com toda a infraestrutura necessária para a prática do esporte e estadia no povoado. Os pagamentos são feitos *on-line*, diretamente para as agências responsáveis, embora muitos *kitesurfistas* estrangeiros prefiram pagar diretamente às escolas de *kitesurf* locais, optando por aprender o esporte diretamente no destino (Marques, 2022a).

Consoante os relatos de Bel, a movimentação de *kitesurfistas* estrangeiros em Barra Grande também segue uma dinâmica sazonal.

em agosto, durante as férias na França, é comum a chegada de muitas famílias francesas. A partir de setembro, o número de franceses diminui, mas ainda aparecem alguns, incluindo famílias. Em outubro e novembro, há um aumento significativo de turistas suíços e alemães, que se tornam predominantes nesse período. Além disso, há um crescimento recente no número de turistas americanos, que antes eram poucos, mas agora começam a frequentar a região com mais frequência (Neto, 2022a, 29 min 23 s).

Além da prática livre de *kitesurf* em Barra Grande, existem eventos conhecidos como *downwinds*, igualmente chamados de *kitetrips*. De acordo com Ariosto Ibiapina, durante uma *kitetrip*, os *kitesurfistas* velejam a favor do vento ao longo de destinos costeiros conhecidos no Brasil – como o trajeto entre Camocim (CE) e Barra Grande (PI) – ou explorando áreas mais remotas. Ao longo do percurso, os participantes percorrem diferentes praias em horários específicos, aproveitando para explorar e contemplar a natureza ao redor. Durante o trajeto,

são feitas paradas em pousadas ou em pontos de hospedagem para descanso. Nessas *kitetrips*, os *kitesurfistas*, que precisam ter experiência no esporte, buscam não apenas a prática do *kitesurf*, mas também vivenciar experiências turísticas nesses destinos, como hospedagem próxima às áreas de prática e de interação com outros entusiastas do esporte.

Existem empresas especializadas no Nordeste brasileiro, como a *Soul Kite*, que organizam *downwinds* até Barra Grande, partindo de outras localidades litorâneas, como Cumbuco – CE. Esses eventos de *kitesurf* envolvem percursos que se estendem por vários dias, com paradas estratégicas em pousadas ou em pontos de hospedagem para descanso ao longo do trajeto. As empresas que organizam essas viagens também oferecem passeios ecológicos nas localidades visitadas, com guias de turismo, equipe médica e assistência 24 horas. Além de Barra Grande, os percursos podem estender-se até outras cidades nordestinas, proporcionando uma experiência única de velejo e de turismo ao longo do litoral nordestino.

Em Barra Grande, algumas escolas de ensino de *kitesurf*, como a *Barra Kite School*, realizam *downwinds* até Barra Grande. De acordo com Augusto Lima, em 2020, eles organizaram o primeiro o 1º *downwind* da *Barra Kite School*, com um percurso de velejo pelo mar de Camocim – CE até o povoado.

Em outubro de 2024, o restaurante La Cozinha, um dos mais renomados do povoado – que tem como proprietário o *chef* Hervé Witmeur, que é *kitesurfista* –, costuma celebrar o aniversário do estabelecimento. Nesse ano, Hervé Witmeur decidiu comemorar a data com o Festival Viva o Vento, época da temporada dos ventos alísios na região. Esse evento, que ocorreu de 16 a 20 de outubro, contou com uma programação diversificada, incluindo gastronomia, música e *kitesurf*, voltada tanto para moradores quanto para turistas de Barra Grande (Figura 59).

Figura 59 – Festival Viva o Vento, realizado no restaurante La Cozinha, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

O Festival Viva o Vento iniciou-se em 16 de outubro, em Jericoacoara – CE – onde Hervé Witmeur possui outro restaurante e passa a maioria do ano –, reunindo *kitesurfistas* que participaram de um *downwind*, seguindo a direção do vento até chegarem a Barra Grande, no dia 19 de outubro. A travessia foi organizada pela empresa especializada em *downwinds*, *Kite Experience*.

As novas manifestações de *kitesurf*, com foco competitivo, educativo e recreativo, especialmente por meio da prática livre do esporte, geraram implicações para banhistas na Praia de Barra Grande e para os animais silvestres da região. Isso tornou necessário um esforço conjunto entre órgãos públicos do governo do estado do Piauí, Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia, ICMBio, proprietários do setor turístico e escolas de *kitesurf* locais, entre outras, visando a demarcar adequadamente os espaços destinados à prática do esporte.

3.3 Implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande

3.3.1 Conflitos relacionados a banhistas, pescadores e animais silvestres

Em Barra Grande, nos lugares de que os *kitesurfistas* se apropriaram, a prática do esporte apresenta implicações positivas e negativas. Nos encadeamentos negativos, observaram-se riscos de acidentes envolvendo *kitesurfistas* e banhistas. Além do que a prática

passou a oferecer riscos ao ambiente, especialmente para certas espécies de animais silvestres que ocorrem na região.

Os desdobramentos relacionados à prática do *kitesurf* em Barra Grande nos aspectos recreativos, educativos e competitivos ocorrem sem uma fiscalização rigorosa por parte da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia ou de órgãos como o ICMBio, por exemplo.

Para entender melhor as discussões sobre as implicações da prática de *kitesurf* em Barra Grande, o estudo de Dutra e Rosa (2024) traz considerações relevantes sobre esse tema. Para os supracitados autores, não existe um documento oficial que regule essa atividade na região litorânea piauiense. Como resultado, os *kitesurfistas* velejam sem restrições específicas, o que leva a uma prática desorganizada e ao surgimento de conflitos com moradores locais, pescadores, banhistas e outras pessoas que utilizam as mesmas áreas para diferentes atividades (Dutra; Rosa, 2024).

Em agosto de 2019, um casal de médicos veranistas que reside em Barra Grande há alguns anos, fez uma denúncia ao Ministério Público do Estado do Piauí, alegando que banhistas, especialmente crianças e idosos, não tinham mais segurança para aproveitar as praias piauienses, particularmente Barra Grande, devido à prática livre e irresponsável de *kitesurf* (Equipe 180, 2019).

Na fala de um deles à Equipe 180 (2019), em uma matéria publicada no portal 180graus.com, estava descrito que:

eu e minha esposa fomos surpreendidos por uma prancha de *kitesurf* a 1 metro de nossas costas, em alta velocidade, fato recorrente. Após reclamarmos com o praticante do esporte, fomos literalmente atacados por este, que fez a volta e retornou pronunciando palavrões, velejando com a prancha em nossa direção, a cerca de 2 metros e gritando para procurarmos outra área para banho, estando nós a cerca de 5 metros da margem da praia, profundidade aproximada de 60 cm, disse. Já chegamos até a atender, como médicos, banhistas atingidos por linhas de *kitesurf* descontrolado naquela praia. Há também registro anterior de vítima de acidente com prancha e grave traumatismo facial, em praia vizinha. Ressalta-se que boa parte dos praticantes são iniciantes no esporte, sem domínio adequado do equipamento, o que aumenta o risco de acidentes, completa (Equipe 180, 2019, p. 2).

Até o momento, nenhuma ação foi tomada por parte desses órgãos para resolver a situação, e diversos incidentes como este já ocorreram na Praia de Barra Grande, de acordo com alguns relatos dos entrevistados desta tese.

Além dos riscos de acidentes com os banhistas, persistem conflitos entre *kitesurfistas* e pescadores em Barra Grande. Estes costumam ir ao mar em horários específicos, geralmente pela manhã, onde estendem suas redes em locais determinados e retornam algumas horas depois para recolher as redes e verificar os peixes capturados. Certa vez, enquanto realizava

suas observações na orla da Praia de Barra Grande, este pesquisador presenciou uma situação tensa. Um grupo de quatro pescadores estava indo furioso em direção ao mar, alegando que um *kitesurfista* nativo, proprietário de uma escola de ensino do esporte no povoado, havia cortado suas redes de pesca para permitir que seu aluno velejasse sem obstáculos no mar.

Igualmente, a prática do *kitesurf* em Barra Grande oferece riscos para certas espécies de animais silvestres que se concentram na região. Em consonância com o estudo de Dutra (2024), que aborda a necessidade de tornar a prática de *kitesurf* mais sustentável em Barra Grande, a prática desse esporte no povoado pode representar riscos de acidentes com animais silvestres que ocorrem no litoral piauiense. Esse risco é ainda mais patente devido à grande concentração de *kitesurfistas* durante a alta temporada dos ventos alísios. Dentre os animais mais vulneráveis a esses incidentes estão as tartarugas marinhas e o peixe-boi.

Na Praia de Barra Grande, foram flagradas desovas da tartaruga-de-couro, uma das espécies mais ameaçadas de extinção no Brasil, além de desovas da tartaruga-de-pente, outra espécie em risco de extinção (Dutra, 2015).

A desova das tartarugas marinhas na região da APA Delta do Parnaíba ocorre entre janeiro e julho, com registros esporádicos em dezembro e em agosto (Santana *et al.*, 2016). Coincidentemente, esse período coincide com a alta temporada em Barra Grande, quando há o aumento da incidência dos ventos alísios no litoral piauiense – o que resulta em maior presença de *kitesurfistas* praticando o esporte na praia do povoado (Dutra, 2024).

Uma possível consequência da prática de *kitesurf* naquela localidade é que, sem a devida atenção ao comportamento reprodutivo das tartarugas marinhas, os *kitesurfistas* possam acabar destruindo ou danificando os ninhos dessas espécies. Isso pode ocorrer quando se deslocam de forma inadequada pelas praias, seja utilizando veículos de tração animal, como carroças, ou veículos automotivos; ao montarem seus equipamentos de velejo; ou até durante o processo de aprendizado do esporte, na beira-mar, entre outras situações comuns no cotidiano dessa prática (Dutra, 2024).

Segundo Ferreira (2012), no início dos anos 2000, os *kitesurfistas* acessavam a Lagoa Azul utilizando carros, especialmente modelos *Hilux*, ou motos, transitando pela praia. Esse comportamento frequentemente resultava na destruição de ninhos de tartarugas ou no atropelamento desses animais. Além disso, alguns praticantes chegavam à região de balsa, realizando o trajeto entre Barra Grande e Macapá, uma praia vizinha, localizada no município de Luís Correia. Em resposta a essa situação, moradores locais decidiram colocar estacas na areia para impedir o tráfego desses veículos, o que atraiu a atenção do ICMBio. Veranistas e

empresários do turismo de Barra Grande também se mobilizaram, reforçando o movimento (Portal G1 PI, 2016).

O governo do estado do Piauí igualmente interveio, em parceria com o Departamento Estadual de Trânsito (Detran) do Piauí, criando uma ação de conscientização chamada *Veículo na Praia é um grande papelão* (Figura 59). Como resultado, o ICMBio passou a considerar o tráfego ilegal pela praia como um crime ambiental (Portal G1 PI, 2016).

Figura 60 – Placa de conscientização *Veículo na Praia é um grande papelão*, ao lado da *Go-Fly Kitesurfing School*, na Praia de Barra Grande – PI (2012)



Fonte: Google Maps (2022).

De acordo com o relato de um entrevistado que prefere deixar seu depoimento no anonimato, a prefeitura de Cajueiro da Praia não demonstra interesse pelo turismo em Barra Grande:

se não for os próprios moradores e os empresários do turismo, brigando e pressionando o tempo todo, mesmo que seja com interesses próprios, eles não fazem nada. O que nos resta é continuar lutando e defendendo os interesses da nossa comunidade porque se for esperar. A gente espera que eles tomem alguma atitude, mas o tempo passa e quase nada muda. Eles não tão nem aí! (Anônimo, 2022).

Além das tartarugas marinhas, o peixe-boi é outra espécie cujo comportamento pode ser ameaçado pela prática livre de *kitesurf* em Barra Grande, consoante o estudo de Dutra (2024). Vale destacar que o litoral do Piauí abriga cerca de 70 espécimes de peixe-boi marinho, o que representa a maior população do Brasil (Annenberg, 2023). Esses animais

habitam o estuário formado pela confluência do Oceano Atlântico e do rio Ubatuba, no município de Cajueiro da Praia, entre os estados do Piauí e Ceará.

Quando os *kitesurfistas* velejam da Praia de Barra Grande em direção ao estuário, explorando as fozes dessas regiões e, em alguns casos, adentrando o rio Ubatuba, deparam-se com um ambiente natural sensível. Essa área é *habitat* de diversos peixes-boi marinhos, que possuem comportamentos reprodutivos e hábitos específicos (Dutra, 2024).

Um dos comportamentos reprodutivos dos peixes-boi marinhos envolve o cuidado das mães com seus filhotes nas primeiras horas de vida, mantendo-os sobre seus dorsos, próximos à superfície da água. Essa prática é essencial para a sobrevivência dos filhotes, pois facilita a respiração e a coordenação de seus movimentos. Esse cuidado estende-se por alguns dias, até que os filhotes desenvolvam habilidades adequadas de respiração e de natação. No entanto, quando as mães e seus filhotes permanecem na superfície, há o risco de atropelamentos acidentais por pranchas de *kitesurfistas* (Attademo *et al.*, 2020; Dutra, 2024).

Outros comportamentos comuns dos peixes-boi marinhos na superfície aquática podem aumentar o risco de acidentes com *kitesurfistas*, especialmente quando estão em repouso, com os olhos fechados e apresentando apenas movimentos inconscientes de deslocamento do corpo. Adicionalmente, o risco eleva-se quando os peixes-boi nadam contra a correnteza, permanecendo no mesmo local para sustentar-se, ou durante o ato de cópula, que é o processo reprodutivo da espécie. Também há risco quando os animais mergulham, seja com ou sem a exposição da cauda (Attademo *et al.*, 2020, Dutra, 2024).

Sem o conhecimento adequado sobre os hábitos e os comportamentos do peixe-boi marinho, os *kitesurfistas* em Barra Grande podem, inadvertidamente, causar acidentes com esses mamíferos no *habitat* natural destes (Dutra, 2024).

Diante dos riscos que a prática indiscriminada de *kitesurf* impõe aos banhistas, aos pescadores e aos animais silvestres, ações de mobilização foram necessárias para mitigar os impactos negativos dessa atividade no litoral piauiense.

3.3.2 Necessidade de regulamentação do *kitesurf*/delimitação das áreas de prática do esporte

Em 19 de abril de 2018, foi realizado em Barra Grande o I Colóquio do *Kitesurf* do Litoral Piauiense. O evento representou um marco para a regulamentação do *kitesurf* na região, visando a reduzir os riscos de acidentes com banhistas e promover um uso mais equilibrado do território na APA Delta do Parnaíba.

O colóquio aconteceu das 8h às 17h, com exposições dialogadas, painéis e mesas redondas, promovido pelo ICMBio da APA Delta do Parnaíba e pelo Sebrae de Parnaíba. O objetivo principal foi debater e buscar soluções para o ordenamento do *kitesurf* no litoral do Piauí (SEI, 2022) (Figura 61).

Figura 61 – I Colóquio do *Kitesurf* do litoral piauiense, realizado em Barra Grande – PI (2018)



Fonte: SEI (2022).

O evento contou com a participação de representantes do ICMBio da APA Delta do Parnaíba, do Sebrae de Parnaíba, de membros de organizações empresariais do turismo, de empresas de hospedagem e alimentação, da APK, de escolas de *kitesurf* e de organizações comunitárias e pesqueiras do litoral do Piauí. Também estiveram presentes representantes da APA Delta do Parnaíba e da Ilha das Canárias, em Araisos/MA, na Resex do Delta do Parnaíba (SEI, 2022).

A participação dos *kitesurfistas* no colóquio foi representada por Bel e por Bosco, da Kite Escola Paraíso, e por Flávio, conhecido como Bagre, da Escola de *Kitesurf* na praia do Itaquí, no município de Luís Correia – PI.

Durante o fórum, no Painel I, a facilitadora contratada pelo Sebrae, Hadassa Matos, fez uma apresentação sobre o histórico e a importância do turismo de aventura, destacando os benefícios de um ordenamento adequado para a prática de *kitesurf* no litoral piauiense. Ela pontuou que entre os principais benefícios, estão: garantir o espaço de todos e para todos; preservar os espaços e promover o uso consciente dos recursos naturais; organizar e ordenar as atividades sociais, ecológicas e econômicas; auxiliar no desenvolvimento sustentável;

apresentar um litoral mais acolhedor para a comunidade local, os visitantes e os turistas; garantir a segurança e o zelo pelo direito do povo; e identificar as potencialidades de cada região (SEI, 2022).

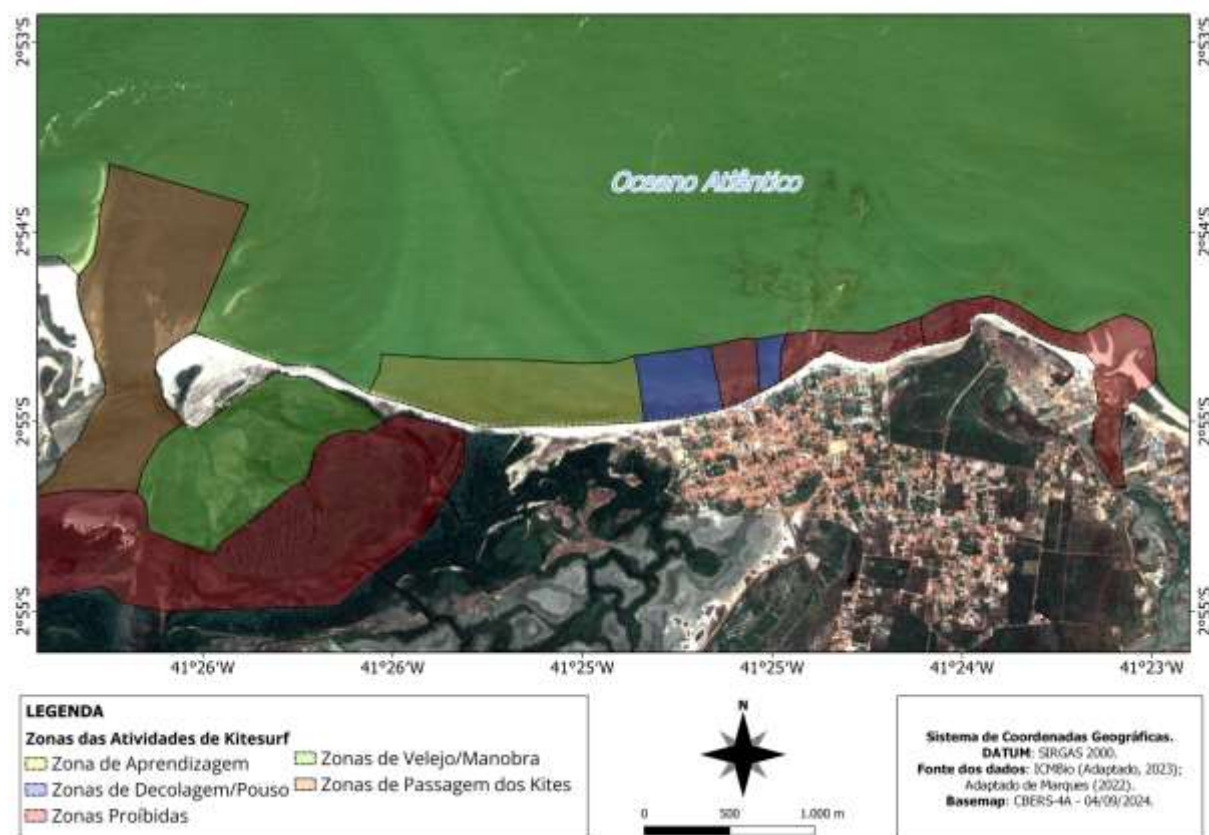
Hadassa Matos citou o exemplo de outros locais que já implementaram o zoneamento de *kitesurf*, como Jericoacoara – CE, e destacou as vantagens observadas nesses lugares, a exemplo de: redução dos conflitos; melhor qualidade de vida; maior satisfação e sensação de garantia dos direitos de todos; maior recepção de segurança e de organização; e crescimento turístico (SEI, 2022).

Na Mesa Redonda I, intitulada *Os impactos socioambientais do turismo de aventura*, foram discutidos pontos positivos e negativos dos impactos do *kitesurf* entre os participantes, por intermédio de Hadassa Matos. Já no Painel II, Patrícia Claro e Luciana Machado, analistas da APA Delta do Parnaíba e da Resex do Delta, apresentaram as unidades de conservação geridas pelo ICMBio. Elas enfatizaram que o debate sobre o *kitesurf* e seus impactos ocorre em uma unidade de conservação federal e, portanto, os objetivos estabelecidos no Decreto de Criação dessas unidades devem ser considerados fundamentais para o planejamento da gestão da área (SEI, 2022).

Na Mesa Redonda II, foram elaboradas propostas e estratégias para o ordenamento do *kitesurf* no litoral piauiense, com base nas sugestões dos participantes do colóquio. No fim do evento, foi formada uma comissão com alguns representantes do evento que, conduzida pela Gestão da APA Delta do Parnaíba/ICMBio, realizou várias reuniões e oficinas com as comunidades locais para ouvir e levantar informações junto aos envolvidos, com o objetivo de construir a melhor proposta de ordenamento do *kitesurf* (SEI, 2022).

Com o término do colóquio, foram identificadas e estabelecidas as áreas destinadas aos praticantes de *kitesurf* (Figura 62), e a comissão reuniu-se em setembro de 2018 para apresentar os levantamentos realizados e ajustar os detalhes necessários para o trabalho (SEI, 2022). De acordo com Bel e Bosco, a partir desse momento, esperava-se um envolvimento maior das gestões municipais dos quatro municípios da região litorânea piauiense, para transformar os levantamentos em propostas de projetos de lei, respeitando as especificidades locais de cada cidade em relação à prática do esporte. Contudo, esse envolvimento não se concretizou, e as propostas de regulamentação não foram implementadas conforme se esperava.

Figura 62 – Áreas na Praia de Barra Grande – PI destinadas à prática de *kitesurf*



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Processo n.º 02123.002895/2018-93 (SEI, 2022).

Em setembro de 2021, em uma reunião entre instrutores de *kitesurf* de Barra Grande, membros da Capitania dos Portos, da Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia e da Procuradoria Geral do Município, foi proposto um pacto com os *kitesurfistas* (Figura 63). O escopo do pacto era regulamentar a entrada e a saída de *kites*, as áreas de banho e as zonas destinadas às escolas de *kitesurf* (Da Redação, 2021).

Figura 63 – Pacto para zoneamento da prática de *kitesurf*, estabelecido em setembro de 2021, em Barra Grande – PI



Fonte: Da Redação (2021).

A partir do pacto firmado, em setembro de 2021, a Prefeitura Municipal de Cajueiro da Praia instalou placas de sinalização nas praias de Barra Grande, indicando as *kite zones* ou zonas destinadas à prática de *kitesurf*⁸¹ (Marques, 2022a) (Figura 64).

⁸¹As placas de sinalização podem ser conferidas na Figura 63 desta tese.

Figura 64 – Kite zones em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Além dessas iniciativas, na Praia de Barra Grande, são os moradores locais que realizam o transporte dos turistas e de equipamentos de *kitesurf* das pousadas até a Lagoa Azul, utilizando carroças. Antes, eles iam de carro, *Hilux* ou moto, mas agora optam pela carroça, que causa menos impacto ambiental – como aos ninhos de tartarugas – e ainda gera renda para a comunidade (Figura 65).

Figura 65 – Transporte de *kitesurfistas* por moradores locais em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Cabe ressaltar que Bel tem se tornado uma figura fundamental na defesa dos direitos e dos deveres relacionados ao *kitesurf* em Barra Grande, sempre se empenhando em participar ativamente de quase todas as discussões que envolvem, direta ou indiretamente, a prática desse esporte no povoado.

Bel faz questão de estar presente em quase todos os eventos que discutem a prática de *kitesurf* em Barra Grande. No dia 14 de setembro de 2022, por exemplo, foi realizada uma reunião com representantes da ONG Comissão Ilha Ativa (CIA), organização que atua na APA Delta do Parnaíba. Nessa perspectiva, a CIA propõe, coordena e executa ações voltadas à melhoria das condições sociais, econômicas, culturais e ambientais da população local, com o objetivo de promover a participação ativa da comunidade como protagonista de sua própria história (CIA, 2019). Na ocasião, promoveu-se uma reunião com pescadores e marisqueiras de Barra Grande para apresentar e discutir a instalação de um parque eólico na região, o qual traria impactos para a comunidade local, incluindo a prática do *kitesurf* (Figura 66).

Figura 66 – Reunião entre representantes da CIA, pescadores e marisqueiras, na Colônia Z-6, em setembro de 2022, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

A reunião não contou com a presença de empresários do turismo, que alegaram desconhecimento sobre o assunto e a reunião. No entanto, a participação dos pescadores foi bastante significativa. A instrutora e sócia-proprietária da *Kite Escola Paraíso*, Bel, também esteve presente, sendo a única representante dos *kitesurfistas* do povoado, destacando-se como a única voz do esporte no evento.

Na reunião mencionada, ela assistiu à apresentação das representantes da CIA e posicionou-se contra a instalação do parque eólico na Praia de Barra Grande. Além de defender os interesses dos praticantes e dos empresários ligados ao esporte, Bel ressaltou a importância de preservar o bem-estar das populações locais que vivem na região há gerações, e a conservação da natureza, essencial para a identidade e para o desenvolvimento sustentável do povoado. Atualmente, Bel e Augusto Lima, proprietário da Barra *Kite School*, estão unindo-se a outros *kitesurfistas* do povoado para fundar a Associação dos *Kitesurfistas* de Barra Grande, conforme mencionado por Augusto Lima em sua entrevista.

Apesar da proposta do Parque Eólico em Barra Grande, não houve definições ou divulgação oficial sobre a instalação nem sobre as ações tomadas pela CIA em relação ao projeto. Assim, não foram apresentadas novas informações ou decisões concretas quanto ao andamento da proposta.

Em junho de 2024, os alunos do Projeto Vivo participaram da Semana do Meio Ambiente, promovida na Pousada BGK. O evento contou com uma programação diversificada, com atividades voltadas para a conscientização ambiental, a exemplo de mobilização para a limpeza da Praia de Barra Grande e de oficinas práticas sobre sustentabilidade. A iniciativa teve como intuito envolver instituições privadas e públicas, ONGs, associações e a comunidade local em ações voltadas para a promoção de um turismo mais sustentável na região (G7 Piauí, 2024).

A propósito, a educação ambiental é entendida como

os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999, p. 1).

De acordo com Dutra e Rosa (2024), atividades como essa demonstram que a prática de *kitesurf*, principalmente quando associada à educação ambiental, podem contribuir significativamente para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos em relação à natureza. Para Dutra (2024), essas atividades favorecem, inclusive, o desenvolvimento qualitativo dos desdobramentos ligados à prática de *kitesurf*, principalmente do turismo de aventura, que ocorre com maior frequência em Barra Grande.

Nessa lógica, a educação ambiental emerge como uma estratégia considerável para o desenvolvimento qualitativo do turismo em Barra Grande, mormente ao ser contextualizada nos diversos desdobramentos da prática de *kitesurf* no povoado. Essa abordagem favorece a

construção de uma consciência ambiental capaz de gerar novos princípios, valores e conceitos, impulsionando uma nova racionalidade produtiva e social no turismo de Barra Grande (Dutra, 2024).

O sucesso desse processo depende, em grande medida, da maneira como as pessoas percebem e se relacionam com o ambiente ao seu redor, reconhecendo a importância da sustentabilidade e da preservação dos recursos naturais para assegurar a continuidade e a qualidade do turismo na região (Dutra, 2024; Dutra; Rosa, 2024).

Apesar das implicações, ao longo dos anos, a prática de *kitesurf* em Barra Grande também contribuiu para valorizar o espaço praiano do povoado, gerando uma série de transformações, especialmente nos âmbitos social e econômico.

3.3.3 O *kitesurf* estabelece uma nova lógica de valorização do espaço praiano de Barra Grande

As práticas marítimas modernas, como as caminhadas na praia, os banhos de sol e de mar, têm aproximado diferentes segmentos da sociedade aos ambientes costeiros. Ao longo do século XX, a organização do espaço litorâneo revelou a convergência de dois processos socioespaciais: a urbanização e a valorização dos espaços à beira-mar. Essa transformação levou os habitantes urbanos a verem as praias não apenas como áreas para lazer temporário ou turismo, mas também como locais para moradia temporária – a vilegiatura marítima – ou, em alguns casos, para residência definitiva (Pereira, 2014).

Conforme o estudo de Pereira e Dantas (2019), a valorização sociocultural dos espaços litorâneos nos trópicos, inicialmente centrada em práticas marítimas mais convencionais, como os banhos de mar e de sol – com objetivos terapêuticos e recreativos –, evoluiu ao longo do tempo. Na contemporaneidade, essa valorização orienta-se para práticas de caráter esportivo, aquáticas e náuticas, destacando-se, especialmente, o *kitesurf*, que ganhou grande relevância como atividade marcante na valorização desses ambientes costeiros.

Com efeito, Pereira e Dantas (2019, p. 19) ratificam que a disseminação das práticas marítimas modernas se

reconfiguram, sobretudo em virtude dos fluxos de esportistas amadores, tanto municipalidades reconhecidamente bem estruturadas turisticamente, como alcançam novas destinações em estados e municipalidades em estruturação. Desta forma, a disseminação de práticas marítimas como o *kitesurfe* tem duplo efeito espacial: I) incrementa o *hall* de atividades e atrativos nas costas (polos) consolidados e receptivos a outras práticas marítimas modernas, como Salvador (Costa dos

Coqueiros) e Fortaleza (Costa Sol Poente); e II) insere vilarejos e novos balneários (Cajueiro da Praia no Piauí e Barreirinhas no Maranhão, por exemplo) a lógica de valorização dos espaços litorâneos, adicionando-os à rede de lugares urbanizados em virtude de práticas de lazer e dos fluxos de cidadãos originários de aglomerações urbanas de outras regiões e nacionalidades.

Em Barra Grande, o processo de valorização do espaço praiano foi impulsionado pelas práticas de lazer realizadas no mar e na beira-mar da praia do povoado, singularmente pela prática de *kitesurf*, que atraiu os esportistas e incrementou o *hall* de atividades e de atrativos locais, conforme indicado por Pereira e Dantas (2019).

A chegada de turistas e de *kitesurfistas* a Barra Grande, atraídos pelas condições ideais para a prática do esporte e pelas belezas naturais, trouxe consigo novas dinâmicas de desenvolvimento urbano. Por conseguinte, o povoado passou a ser não apenas um local de lazer e de turismo, mas também um espaço de moradia temporária, por meio da vilegiatura marítima, e até permanente, com novos moradores atraídos pelo crescimento da região. O *kitesurf*, em particular, tornou-se o elemento central dessa transformação, tanto como prática esportiva quanto como vetor econômico e social, remodelando a identidade do povoado e o papel dele na rede de destinos turísticos do Nordeste – brasileiros e internacionais.

Esse fenômeno foi particularmente perceptível na orla da praia, na rua da Praia e na rua Pontal da Barra, bem como nos arredores da Praça Nossa Senhora da Conceição. Tais áreas passaram a ser progressivamente valorizadas e urbanizadas, refletindo o impacto das práticas de lazer e de turismo, com destaque para o *kitesurf*. Isso porque esse esporte não apenas atraiu um número crescente de turistas, mas também impulsionou o desenvolvimento de novos equipamentos turísticos, notadamente empreendimentos comerciais e residenciais, com vistas a atender à crescente demanda de frequentadores do povoado.

A aquisição de terras em Barra Grande, por parte dos veranistas e dos empresários de fora do povoado, deu-se por intermédio dos próprios moradores locais, que vendiam seus terrenos ou parte deles (Ferreira, 2012), tornando as áreas da rua da Praia e da rua Pontal da Barra, principalmente, as regiões no povoado com maior predominância deles, seja por meio da vilegiatura marítima ou da abertura de estabelecimentos comerciais, como pousadas e escolas de ensino de *kitesurf*.

A chegada de novos investidores e de empresários a Barra Grande impulsionou a construção de pousadas, de restaurantes e de outras instalações comerciais, adaptando o povoado às novas necessidades de turistas e de moradores. Esse crescimento teve um impacto significativo na paisagem local e na dinâmica econômica da região.

Ferreira (2012) observou, na época em que estava em Barra Grande para realizar pesquisa de campo, que ainda havia moradores locais residindo nas proximidades das pousadas situadas na rua Pontal da Barra e na rua da praia – alguns dos quais chegaram a abrir seus próprios estabelecimentos turísticos. A referida autora sugere, inclusive – embora não tenha sido possível comprovar –, que os proprietários das pousadas adquiriram pequenos terrenos próximos à praia e foram expandindo suas propriedades em direção a ela ao longo dos anos (Ferreira, 2012).

Durante as observações diretas em Barra Grande, observou-se, em que pese ainda existirem moradores locais nas proximidades das pousadas situadas na rua Pontal da Barra e na da Praia, uma intensificação da presença do turismo, com o aumento de novos empreendimentos comerciais voltados para atender aos turistas. Além disso, muitos dos antigos moradores passaram a atuar diretamente no setor turístico, seja por meio de pousadas, de restaurantes ou de outros estabelecimentos. A expansão das propriedades em direção à praia, sugerida por Ferreira (2012), foi concretizada, com a aquisição de pequenos terrenos e a ampliação das propriedades ao longo da orla, refletindo a crescente valorização do espaço litorâneo.

Para compreensão do processo de valorização litorânea de Barra Grande, demonstra-se que as principais áreas do povoado onde o *kitesurf* passou a ser organizado e desenvolvido coincidem com aquelas em que o processo de urbanização ocorreu com maior intensidade ao longo dos anos (Figura 67).

Figura 67 – Processo de urbanização litorânea em Barra Grande – PI



Fonte: elaborada pelo autor, com base no *Google Maps* (2024).

Todavia, o processo de urbanização de Barra Grande passou a ser notório nos últimos anos em áreas distantes das áreas litorâneas do povoado. Uma vez que as áreas próximas à praia estão praticamente ocupadas e os terrenos disponíveis são muito caros, os brasileiros e os estrangeiros começaram a instalar-se e a construir estabelecimentos comerciais na região conhecida pelos nativos como *Borogodó*. Esse nome foi inspirado na cidade fictícia de Brogodó, da novela *Cordel Encantado*, exibida pela TV Globo em 2011 (Figura 68).

Figura 68 – Bairro Borogodó, em Barra Grande – PI



Fonte: elaborada pelo autor, com base no Google Maps (2024).

Lucia Cabrinha, em sua entrevista, explica a escolha do nome Borogodó.

O diabo desse nome, Borogodó! [risos] Mas dizem que é a Nova Barra Grande. Lembro do tempo em que a Globo tava passando uma novela que tinha um local chamado Brogodó. E aí o povo daqui começou a chamar aquelas bandas de Brogodó. É o Brogodó! Aí botaram o nome e pronto, né? E você sabe que o primeiro nome é o que fica. Tá lotado de casa e pousada lá agora. Tá maior que a própria Barra Grande! [risos] (Costa, 2022b, 41 m e 43 s).

Nos últimos anos, a crescente procura por Barra Grande, tanto por brasileiros quanto por estrangeiros, para moradia e instalação de empreendimentos turísticos, resultou em uma valorização significativa das terras na região. A prática de *kitesurf*, que impulsionou o turismo no povoado (Dutra, 2015), desempenhou um papel central nesse processo.

Esse aumento na demanda, alimentado pelo crescimento do turismo, intensificou a competição por propriedades e por espaços para novos negócios. Como resultado, os preços das terras dispararam, refletindo o interesse crescente em investir no local, seja para a construção de pousadas, de chalés ou até para a instalação de residências de veranistas e de turistas.

Para ter-se uma ideia da especulação imobiliária atualmente, em Barra Grande, os terrenos no povoado estão sendo comercializados por valores que oscilam entre R\$ 800,00

(oitocentos reais) e R\$ 1.200,00 (mil e duzentos reais), dependendo da localização e das características do terreno: quanto mais próximo do mar, mais caros custam.

Sobre esse assunto, Ferreira (2012) faz algumas considerações importantes. Em Barra Grande, muitos terrenos são disputados por diversos donos, com justificativas variadas, como a compra de antigos proprietários ou a posse de casas e de terras. A falta de regulação e de fiscalização levou à expansão informal dos terrenos, com invasões de ruas e de áreas de praia.

Inicialmente, a especulação imobiliária incentivou os moradores locais a venderem partes de seus terrenos, utilizando o dinheiro para melhorar suas casas ou adquirir bens, como motocicletas. No entanto, com a rápida valorização dos preços, tornou-se cada vez mais difícil para as famílias locais adquirirem terrenos, enquanto os forasteiros passaram a vê-los como um bom investimento. Outrossim, muitos proprietários preferem deixar suas casas fechadas e alugá-las para turistas, uma opção mais lucrativa do que alugar seus imóveis para moradores locais (Ferreira, 2012).

Outro aspecto relacionado à transformação de Barra Grande em um destino turístico diz respeito às relações econômicas e sociais estabelecidas ao longo dos anos devido a esse fenômeno no povoado. O crescimento do turismo e a crescente valorização imobiliária trouxeram mudanças significativas nas dinâmicas locais. Se por um lado, o aumento da procura por Barra Grande tem impulsionado desenvolvimento econômico, com a criação de novos empregos e a instalação de novos estabelecimentos comerciais, por outro, essas transformações têm gerado impactos na estrutura social da comunidade.

O influxo de turistas e de investidores externos têm ampliado disparidades econômicas entre os moradores locais e os novos moradores ou empreendedores, criando cenários em que nativos do povoado se veem cada vez mais distantes dos benefícios diretos do turismo. A valorização imobiliária tem tornado difícil para as famílias tradicionais adquirirem ou manterem terrenos na região, uma vez que os preços se elevaram bastante e muitas propriedades são compradas por forasteiros. Como consequência, o mercado imobiliário local tem sido dominado por investidores que visam ao lucro, com a construção de empreendimentos turísticos e a oferta de propriedades para veranistas, muitas vezes em detrimento da necessidade de moradia das famílias locais.

Além disso, essas transformações têm gerado mudanças nos padrões de consumo e nas relações sociais entre turistas e moradores. Embora o turismo tenha gerado novos fluxos de renda para a comunidade, esta não possui condições financeiras de frequentar os espaços criados para atender às demandas dos turistas que frequentam a região.

Para facilitar o acesso dos nativos aos espaços turísticos, alguns estabelecimentos em Barra Grande têm oferecido descontos em ingressos para festas, promoções em bebidas e alimentos, e isenção de taxas de *couvert* artístico. No entanto, muitos estabelecimentos ainda mantêm preços elevados, especialmente no setor de alimentação e de bebidas, o que acaba afastando os moradores, especialmente os nativos, desses locais.

Por cúmulo, “com a chegada do turismo, criou-se a Barra Grande dos ricos e a Barra Grande dos pobres, promovendo uma segregação social na localidade, e, como sempre, os pobres é que vão perdendo seu espaço e sua participação em detrimento à força dos grandes empresários” (Macêdo, 2011, p. 54).

A maioria da população de Barra Grande está desanimada com o desenvolvimento do turismo local, com alguns moradores já irritados e outros opostos ao turismo, denotando que o interesse pela atividade desapareceu – um sentimento mais forte entre adultos e idosos. A geração de empregos é desigual, com pessoas de cidades vizinhas, como Luís Correia e Parnaíba, sendo contratadas para funções gerenciais bem-remuneradas, enquanto os moradores locais ficam com cargos operacionais, cujos salários são muito mais baixos. Isso afeta a autoestima da comunidade, que se sente inferior e limitada em seu desenvolvimento profissional (Macêdo, 2011).

Ademais, os turistas, ao isolarem-se em hotéis ou em pousadas, não têm contato com os moradores, o que impede trocas culturais e não contribui para a economia local, já que não compram artesanato nem consomem a comida típica da região. Os pescadores afirmam que o peixe pescado em Barra Grande só é usado para consumo doméstico, pois os empreendimentos turísticos preferem comprar peixes do Ceará, fato que prejudica a economia local, porquanto impede o crescimento e a geração de empregos na comunidade (Macêdo, 2011).

Certamente, a transformação de Barra Grande em um destino turístico está diretamente relacionada às novas dinâmicas econômicas e sociais que surgiram ao longo do tempo, especialmente devido à prática de *kitesurf*. Apreende-se, portanto, que a popularização desse esporte atraiu turistas de diversas partes do mundo, resultando no fortalecimento da economia local, com o aumento do comércio e da oferta de serviços.

No entanto, surgiram desafios, como a adaptação da população local a esse novo contexto, a mudança no perfil das atividades econômicas e a oposição entre a preservação do modo de vida tradicional e as demandas do turismo crescente. Nesse processo de transformação, o *kitesurf* desempenhou um papel fundamental, trazendo tanto oportunidades quanto dificuldades para o povoado.

3.4 Barra Grande e sua configuração na atualidade, em virtude do enraizamento do *kitesurf*

3.4.1 Barra Grande destino nacional e internacional para a prática do *kitesurf*

A crescente procura por Barra Grande nas últimas décadas, tanto por brasileiros quanto por estrangeiros, para moradia e para instalação de estabelecimentos comerciais voltados ao turismo, está diretamente ligada à divulgação da região nos meios de comunicação. Atualmente, esses canais, como internet, TVs, jornais e revistas, desempenham um papel significativo na escolha do destino turístico, com turistas muitas vezes iniciando suas viagens com base nas imagens divulgadas, que moldam as percepções sobre os locais visitados.

A imagem de um destino, enquanto ferramenta estratégica de *marketing*, destaca suas características únicas e diferenciais. Em Barra Grande, a associação com o *kitesurf* tem se tornado cada vez mais visível, tanto no Brasil quanto no exterior, sendo um fator chave na atração de turistas, ao evidenciar os atrativos que tornam a região especial e acolhedora.

A promoção de Barra Grande, fortemente vinculada à imagem do *kitesurf* nos diversos meios de comunicação, é resultado de um esforço conjunto de empresários locais, que fazem parte de uma rede de influências e de colaborações. Esse trabalho tem sido essencial para o crescimento da região, com destaque para a participação de praticantes de *kitesurf*, incluindo nativos do povoado, que contribuem para a criação de uma forte simbologia em torno do esporte, com significados que ressoam profundamente na comunidade.

Isso posto,

o esporte é fruto da condição humana e da transformação da natureza pelo homem, ou seja, fruto do trabalho humano socialmente referenciado. Para sua existência foram necessárias implementações de códigos de linguagem próprios e modificações na própria estrutura social (Malina; Cesário, 2009, p. 29).

Com base nesse conceito, a significação do *kitesurf* em Barra Grande pode ser entendida em consonância com a forma como turistas e moradores assimilam essa experiência coletiva, que é generalizada e refletida ao longo do tempo. Essa assimilação é mediada por construções de significados promovidas pelos empresários do turismo local que, por meio de estratégias de *marketing*, ressignificam o esporte para posicionar o povoado como um destino turístico de destaque tanto no Brasil quanto no exterior.

Nesse processo, o *kitesurf* deixa de ser apenas uma prática esportiva enraizada no cotidiano local e se transforma em um atrativo comercial, criando um vínculo que reforça a lógica do mercado e a exploração do território ao destacar os recursos naturais e culturais da região, apesar de muitas vezes negligenciar as condições de vida da população nativa e as relações desta com o ambiente.

Para Lessa e Tonet (2008), a reprodução social é o processo pelo qual os atos singulares se sintetizam em tendências históricas que desembocaram na atual sociedade capitalista. Nesse contexto, os empresários do turismo em Barra Grande desempenharam um papel crucial na construção de significados e de sentidos em torno da prática de *kitesurf* que, embora inicialmente possa parecer ligada à valorização da cultura local, reflete uma lógica de mercantilização e de exploração do território, como refere Santos (2006).

A simbologia gerada em torno da prática de *kitesurf* em Barra Grande pode ser observada principalmente nas áreas próximas à orla do povoado, como a rua da praia, a rua Pontal da Barra e a região da Igreja Nossa Senhora da Conceição. Esses territórios têm sido os principais cenários do processo de urbanização do povoado, que segue em pleno desenvolvimento.

Alguns empresários das barracas localizadas na rua da praia passaram a associar seus serviços à imagem do *kitesurf*, utilizando essa estratégia para atrair turistas e destacar-se no mercado competitivo do turismo local. Na Barraca O Capucho, por exemplo, a figura de um *kitesurfista* é estampada nos cardápios do estabelecimento, enquanto na Barraca Bahamas, uma prancha de *surf* com a inscrição *Eu amo BG* é fincada na areia, complementada por imagens do pôr do sol e da prática de *kitesurf*. Esse cenário visual foi cuidadosamente criado para convidar os turistas a registrarem suas experiências e a tirarem fotos, reforçando ainda mais a conexão entre o turismo e o esporte em Barra Grande (Figura 69).

Figura 69 – Imagem das barracas de praia O Capucho e Bahamas, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Ainda na Barraca Bahamas, o bartender Alysson Olivindo criou um *drink* em homenagem ao *kitesurf*, chamado *Fim de tarde*. Preparado com *gin*, infusão de tangerina com manjeriço e espuma de gengibre, o *drink* é finalizado com um papel comestível decorado com o desenho do pôr do sol e a prática de *kitesurf*, ratificando a associação entre o esporte e a experiência vivida pelos turistas no povoado (Figura 70).

Figura 70 – *Drink Fim de tarde*, preparado na barraca Bahamas, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Consoante a perspectiva de Urry (1996), que realça a importância dos signos na construção do olhar do turista, podemos entender que os turistas não visitam Barra Grande apenas pela realidade concreta e objetiva do local, mas também pelas imagens e pelos símbolos que são projetados sobre o destino. A construção simbólica que se forma ao redor do ambiente molda as experiências e as percepções dos visitantes e, no caso de Barra Grande, essa imagem está fortemente associada ao *kitesurf*, um esporte que se tornou símbolo do destino.

Coriolano (2006) complementa essa ideia ao inserir o turismo na sociedade do consumo, tratando-o como uma mercadoria que atende às novas necessidades criadas pelo capitalismo. O *kitesurf*, nesse contexto, funciona como um símbolo que agrega valor ao turismo local, daí porque é promovido como parte da identidade de Barra Grande.

Essas estratégias de *marketing*, adotadas pelas barracas O Capucho e Bahamas, ao usarem o *kitesurf* como símbolo, não apenas promovem o esporte, mas igualmente atraem turistas que buscam uma experiência relacionada à prática e ao estilo de vida associado a esse esporte. Dessa forma, o *kitesurf* não é apenas uma prática esportiva, mas uma mercadoria simbólica que atrai turistas e contribui para a consolidação de Barra Grande como destino turístico desejado tanto no cenário nacional quanto no internacional.

Nessa direção, outros estabelecimentos comerciais em Barra Grande adotam estratégias de *marketing* distintas, mas utilizando o *kitesurf* como símbolo, cada um com uma abordagem única para atrair turistas e reforçar a identidade do local como destino ligado ao esporte.

Em julho de 2024, foi inaugurado o Bohan, um novo estabelecimento próximo às barracas de praia, na orla de Barra Grande, com o intuito de ampliar as opções de

entretenimento para os turistas. O local opera diariamente, seguindo o mesmo horário das demais barracas de praia, e oferece uma programação semanal que inclui apresentações de artistas locais e *DJs*. Além disso, dispõe de uma piscina e de uma *chef* especializada em pratos frescos, preparados com ingredientes locais, acompanhados de *drinks* e de bebidas refrescantes servidas por *bartenders*.

O Bohan também se destaca por contar com uma escola de *kitesurf*, em parceria com um instrutor da *Sea Point Kite School*, que frequentemente divulga suas atividades nos perfis de *Instagram* do estabelecimento. Um dos grandes diferenciais do Bohan é a instalação de uma guarderia exclusiva para o armazenamento dos equipamentos de *kitesurf*, oferecendo maior comodidade e praticidade aos praticantes do esporte (Figura 71).

Figura 71 – Alguns espaços do *Bohan*, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Algumas pousadas em Barra Grande também fazem referência ao *kitesurf* em seus nomes, como a própria BGK – Barra Grande *Kite* Camp, Vento do *Kite*, Pousada Aruna *Kite* e a Pousada Cabana *Kite*, refletindo a forte conexão da região com o esporte e sua influência no turismo local (Figura 72).

Figura 72 – Pousadas em Barra Grande – PI cujos nomes fazem alusão ao *kitesurf*



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Alguns estabelecimentos comerciais em Barra Grande, embora não mencionem o *kitesurf* diretamente em seus nomes, associam a imagem do esporte à identidade de seus negócios, ilustrando a prática do esporte nas fachadas e na decoração (Figura 73).

Figura 73 – Pousadas e estabelecimentos comerciais em Barra Grande – PI que associam a imagem do *kitesurf* à identidade de seus negócios



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Ao longo da rua Pontal da Barra e nas ruelas adjacentes, diversas lojas de artesanato oferecem aos turistas uma variedade de lembranças de Barra Grande, conhecidas como

souvenirs, dentre as quais podem escolher produtos que fazem referência direta à prática de *kitesurf*, como camisetas, bonés, chaveiros e quadros com imagens do esporte, ou artigos artesanais decorativos, feitos com materiais típicos da região, incluindo peças criadas pelos irmãos e *kitesurfistas*, Tom e Heliel Cabrinha.

Esses itens permitem aos turistas levarem para casa uma recordação atinente à experiência vivida no povoado, especialmente relacionada ao *kitesurf*. Algumas dessas lojas, inclusive, associam diretamente a imagem do esporte à identidade de seus negócios, criando um vínculo entre a prática e o comércio local (Figura 74).

Figura 74 – Lojas de artesanato e de *souvenirs* que remetem à prática de *kitesurf* em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

Dentro da Pousada BGK, localizada perto da beira-mar de Barra Grande, o turista dispõe da BGK Store, uma loja de *souvenirs* onde pode comprar lembranças relacionadas à experiência vivida no povoado, com foco especial no *kitesurf*. A loja oferece itens que facultam aos visitantes várias recordações do esporte e da região (Figura 75).

Figura 75 – BGK Store, em Barra Grande – PI



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

De 27 a 29 de junho, ocorreu a terceira Feira Literária de Barra Grande, no espaço em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição. O evento, que celebrou a literatura, a cultura e a comunidade local, contou com lançamentos de livros, rodas de conversa, atrações artísticas e culturais, além de uma exposição do ICMBio e do Projeto Tartarugas do Delta, entre outras atividades. A feira ofereceu acesso a materiais de leitura para crianças, jovens e membros da comunidade, promovendo a igualdade de oportunidades educacionais e incentivando o interesse pela cultura literária.

No *banner* oficial da feira, pendurado no palco principal do evento, a prática do *kitesurf* foi ilustrada no *slogan* oficial, representando a cultura esportiva do povoado. A imagem foi acompanhada pela logomarca da Pousada BGK, que também é uma referência importante na história do esporte na região (Figura 76).

Figura 76 – *Slogan* da terceira Feira Literária de Barra Grande, realizada em junho de 2024



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

O *kitesurf* também é retratado na música piauiense, que incorpora a prática do esporte em suas letras, refletindo o impacto cultural e social do *kitesurf* na região. Como exemplos, citam-se: *Filhos da Terra*, composta pelos irmãos Luke e Rick Werneck, e divulgada no YouTube em 2019; e *Barra Grande, O kite voou*, composta por Zé Roraima, com participação de Matias Legon e Danilo Carvalho, e divulgada no YouTube em 2023. Essa representação musical ajuda a consolidar ainda mais a identidade de Barra Grande como um destino turístico ligado ao esporte e ampliar sua visibilidade no cenário cultural local, nacional e internacional.

Considerando as diversas estratégias de *marketing* associadas à imagem do *kitesurf* adotadas por alguns empresários do turismo em Barra Grande, este pesquisador recorreu ao estudo de Silva e Perinotto (2016) que analisa a importância da imagem (imaginária) do destino turístico na Praia de Barra Grande, a fim de enriquecer as discussões sobre essa temática.

Os susoditos autores realizaram uma análise sobre a percepção dos turistas que visitavam Barra Grande e concluíram que a imagem do destino turístico é um fator essencial para a promoção do turismo na região. Ao planejar suas viagens, os turistas construíam uma imagem mental do local, muitas vezes idealizada, mas ainda assim, próxima da realidade. Guiados por essa percepção, buscavam vivenciar as experiências que aquela imagem do destino os motivava a procurar. Nesse contexto, a imagem desempenhou um papel crucial, tanto como fator motivador para a viagem quanto como elemento decisivo na escolha de Barra Grande como destino turístico (Silva; Perinotto, 2016).

Com presteza, as imagens atuam

como um poder invisível que o consumidor tem do produto e age de forma prescritiva na maneira como ele julga, relaciona e compra determinado objeto. Dessa maneira, as imagens são capazes de instigar na compra do produto de acordo com o que o consumidor deseja (Silva; Perinotto, 2016, p. 424).

No caso do turista, esse processo é antecipado: ele cria uma imagem mental do destino e do que espera vivenciar, buscando alcançar essas expectativas durante a viagem. Assim, as imagens desempenham um papel fundamental na atração e na experiência do turista, guiando as escolhas dele e influenciando a percepção que ele tem sobre o local (Silva; Perinotto, 2016)

Além disso, Silva e Perinotto (2016) identificaram os principais fatores que influenciaram a decisão dos turistas em escolher Barra Grande como destino turístico. Entre eles, destacaram-se a tranquilidade e as belezas naturais da região, características típicas do turismo de sol e praia que atraem a maioria dos visitantes. Outra atração relevante foi o turismo de aventura, com ênfase na prática de *kitesurf*, que se consolidou como um dos principais atrativos para os turistas que visitam o povoado.

Com base nesses dados, é possível inferir que as estratégias de *marketing* dos empresários do turismo em Barra Grande, voltadas principalmente para o lucro, combinam diferentes simbologias do povoado, como as características naturais, a tranquilidade local e a prática de *kitesurf*. Ao fazerem isso, buscam sobrelevar-se em um mercado turístico competitivo, atraindo turistas em busca de uma experiência única que mescla natureza, cultura local e esporte.

Essa abordagem permite que os empresários criem uma imagem forte e apelativa de Barra Grande, ao mesmo tempo que exploram o potencial comercial dos elementos naturais, culturais e esportivos do povoado para atrair um público diversificado. Esse processo é

amplificado sobremaneira na *internet*, por meio dos *sites* e dos perfis oficiais dos estabelecimentos comerciais, onde as imagens e os símbolos do destino são divulgados.

Além disso, a televisão exerce um papel significativo na promoção de Barra Grande, incentivando os telespectadores a pesquisarem mais sobre o local *on-line*, potencializando a divulgação do destino (Perinotto; Silva; Machado, 2016).

Em março de 2023, por exemplo, a equipe do Globo Repórter exibiu uma reportagem especial sobre o litoral piauiense, ressaltando as belezas naturais da região, incluindo a Praia de Barra Grande e os ventos alísios, que permitiram a prática de *kitesurf*, agora um símbolo da cultura local. O programa evidenciou, ainda, o papel essencial do Projeto Vivo, que tem sido imprescindível na descoberta de talentos esportivos em Barra Grande.

A reportagem deu destaque a duas figuras inspiradoras, Bia e Piçarrinha, cujas histórias de superação e de perseverança no *kitesurf* foram apresentadas como exemplos de como o esporte pode transformar vidas. Ambos foram mostrados como protagonistas de conquistas notáveis, contribuindo para colocar Barra Grande em evidência no cenário nacional do *kitesurf*.

A propósito, a televisão tem alcançado ainda mais visibilidade por meio da *internet*, sendo amplificada por plataformas como *Facebook* e *YouTube* (Perinotto; Silva; Machado, 2016). Com o apoio da *internet*, reportagens como a do Globo Repórter sobre o litoral piauiense, além de outras transmissões da TV brasileira, têm ganhado grande repercussão, com altos índices de acessos e de compartilhamentos nas redes sociais. Essa interatividade fortalece a divulgação de destinos como Barra Grande, ampliando o alcance e consolidando a imagem do local como um destino turístico atraente.

Isso deve-se, segundo Perinotto, Silva e Machado (2016), à facilidade de acesso à *internet* por meio de *smartphones* e *tablets*, o que permite às pessoas se conectarem a qualquer momento e em qualquer lugar. Esse acesso constante tem sido indispensável para a divulgação de destinos turísticos como Barra Grande, expandindo sua visibilidade e atraindo um número crescente de visitantes, à medida que as informações sobre o local são compartilhadas de forma rápida e abrangente nas redes sociais e nas plataformas digitais.

Além do *Facebook* e do *YouTube*, plataformas como *Instagram*, *TikTok*, *Twitter*, entre outras redes sociais, que permitem o compartilhamento de imagens, de vídeos e de mensagens, desempenham um papel primordial na promoção de Barra Grande como destino turístico. Essas redes, ao divulgarem o povoado e, especialmente, a prática do *kitesurf*, ajudam a criar uma narrativa coletiva e social sobre a localidade. Por meio de postagens e de interações, turistas e moradores constroem e compartilham suas experiências, fortalecendo a

imagem de Barra Grande e contribuindo para consolidá-la como um destino turístico desejado no cenário nacional e internacional.

Nessa conjuntura, os empresários do turismo local desempenham um papel medular na formação do imaginário coletivo sobre Barra Grande, que é alimentado e difundido principalmente pelo “boca a boca.” Esse processo de divulgação, considerado um dos principais meios de promoção do destino por este pesquisador, é constantemente reforçado pelos relatos e pelas experiências dos turistas que visitam a região.

Como visto, Barra Grande consolida-se como um destino ideal para a prática de *kitesurf*, enquanto fortalece sua identidade como um lugar único, acolhedor e encantador, especialmente para os praticantes do esporte, que encontram no povoado não apenas um cenário perfeito para a prática, mas também um povoado receptivo e vibrante.

3.4.2 Barra Grande, o melhor lugar para velejar

Algumas falas de *kitesurfistas* de Barra Grande foram separadas para demonstrar as conexões existentes com Barra Grande, precipuamente com o povoado e com a natureza local, quando estimulados a falar sobre a importância do *kitesurf* em suas vidas. Eis algumas dessas mensagens:

Eu sempre falei pro meu pai, minha missão nessa terra não é trazer filhos, é cuidar de outros filhos. Eu vou adotar filhos, e eu adotei muitos filhos aqui. **Eu tô feliz, eu adoro! E eu amo esse lugar, amo essa criançada, amo tudo daqui. Gosto, gosto de tudo.** Gosto do peixe, gosto da comida, gosto da criançada, gosto da escola, gosto dos professores, **gosto de todo mundo aqui** (Marques, 2022a, 1 h, 42 min 30 s, grifos nossos).

Eu não tenho preferência por lugares. O pessoal pergunta: Ah, qual o melhor lugar pra você velejar? E eu falo: É Barra Grande o que eu tô velejando, o que eu posso estar velejando. Por quê? Porque **cada lugar é peculiar, cada lugar tem sua beleza, sua característica.** Se não fosse assim, ninguém precisaria sair daqui e viajar pra outro canto — **meu lugar é perfeito, maravilhoso**, mas não é assim. Então, eu acho interessante isso. Acho que as pessoas têm que vir, têm que conhecer todos os lugares (Almeida, 2022, 1h, 12 min e 24 s, grifos nossos).

Meu Deus, o mar de Barra Grande é a coisa mais linda do mundo! Uma marezinha seca e um vento forte. **As melhores condições pra aprender o *kitesurf*.** Aqui também, poxa, o vento aqui é inexplicável, cara, **eu amo o vento daqui**, meu Deus! (Silva, 2022d, 57 min e 47 s, grifos nossos).

Eu já velejei em muitos lugares nesse mundo, **mas lugar melhor pra se velejar é Barra Grande! Os ventos aqui são perfeitos** e, na hora que a praia está flat, né? E ver o vento bombando. É só felicidade (Neto, 2022b, 56 min e 24 s, grifos nossos).

Ah, Barra Grande é perfeita pra se velejar. O melhor local do mundo é aqui! Uma praiazinha que não tem onda. Ela vai baixando, você consegue caminhar 1km,

entendeu? A água aqui na cintura, sem perigo nenhum. Pra criança, pra família, é muito bom, uma praia segura. Claro, a gente tem pedras também, mas as pedras ficam ali, em um canto (Costa, 2022a, 58 min e 21s, grifos nossos).

As falas desses *kitesurfistas*, que expressam fortes conexões afetivas com Barra Grande, exemplificam a relação descrita por Santos (2006) e Tuan (2012) entre o indivíduo e o lugar. Para Santos (2006, p. 314), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo [...] mas também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais [...]”, e cada pessoa atribui significados a determinado lugar com base em suas experiências particulares com ele (Santos, 2006).

Nesse sentido, a ideia de Tuan (2012) complementa a de Santos (2006), ao afirmar que o mundo de cada pessoa é moldado por suas experiências e influenciado por fatores como idade, sexo e estrutura social. Essa vivência, portanto, contribui para uma visão particular do ambiente, refletindo atitudes e valores próprios em relação ao lugar.

Aliás, Tuan (2012) enfatiza que os seres humanos tendem a ter uma visão etnocêntrica, supervalorizando o lugar onde vivem em comparação aos outros – comportamento que pode ser interpretado como uma forma de preservação cultural e afirmação de pertencimento. Assim, as percepções de um lugar não apenas dependem das características objetivas do ambiente, mas também das experiências subjetivas de cada pessoa, formando um elo entre esta e o espaço que ela habita.

Certo dia, durante uma conversa informal com dois *kitesurfistas* israelenses, que haviam chegado de Jericoacoara – CE e estavam hospedados em uma pousada em Barra Grande, perguntou-se sobre os motivos que os levaram a escolher o povoado para aproveitar as férias e praticar o esporte. Eles explicaram que em Israel, durante a temporada de ventos, as condições para o *kitesurf* ficam favoráveis apenas em um único dia da semana, quando as praias ficam lotadas de *kitesurfistas*, tornando a prática do esporte estressante.

Já no Brasil, especialmente em Barra Grande, os ventos são constantes, permitindo que velejem praticamente o dia inteiro, sem a presença de muitos *kitesurfistas* no mesmo espaço. Além disso, um deles ressaltou a energia das pessoas e do lugar, que tornam a estadia ainda mais agradável e particular.

Embora seja apenas um ponto de vista, essa informação ajuda a entender por que o *kitesurf* é tão popular no Brasil, especialmente no Nordeste, atraindo *kitesurfistas* de diversas partes do País e do mundo. Barra Grande, em particular, destaca-se como um dos principais destinos para a prática desse esporte, graças às condições ideais de vento constante, que sopram no local por cerca de seis meses, podendo estender-se por até nove ou dez meses,

dependendo do ano. Além disso, a atmosfera acolhedora da região torna a experiência singular e prazerosa para os *kitesurfistas*.

Outro ponto que merece ênfase para justificar Barra Grande como ponto ideal para a prática de *kitesurf* é a combinação das características naturais do povoado, que são únicas. A Praia de Barra Grande, como o próprio nome revela, possui uma extensa enseada em formato de arco aberto, com 4 km de costa litorânea, composta por praias arenosas. Nessa região, “ocorrem processos de difração de ondas estabelecendo mudanças na corrente costeira e a formação de barras paralelas no pós-praia, que são submersas na maré alta, apresentando largura de cerca de 500 m na maré baixa” (Silva; Lima, 2020, p. 29).

As marés são oscilações periódicas do nível do mar, causadas pela atração gravitacional exercida pelo Sol e pela Lua. Tais oscilações podem variar significativamente, em função da geografia da costa de cada região. Dentro dos ciclos das marés, distinguem-se dois principais momentos: a maré alta, ou preia-mar, quando o nível do mar atinge sua altura máxima; e a maré baixa, ou baixa-mar, quando o nível do mar atinge sua altura mínima. Normalmente, ocorrem duas marés-altas e duas marés-baixas por dia, pois enquanto a Lua eleva o nível da água no lado da Terra voltado para ela, também provoca um afastamento da Terra em relação à água no lado oposto (Tábua de Marés, 2023).

Na Praia de Barra Grande, durante a maré baixa, formam-se pequenas e grandes lagoas, e a paisagem revela bancos de areia e recifes de corais. Durante esse ciclo, é possível caminhar pelo mar por cerca de 500 m, conforme apontam Silva e Lima (2020), com a água variando da altura da linha do tornozelo à linha da cintura (Figura 77).

Figura 77 – Foto registrada da Praia de Barra Grande – PI, município de Cajueiro da Praia – PI, durante o ciclo da maré baixa



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

É nessas lagoas que o ensino de *kitesurf* se torna mais eficaz e seguro, pois tanto alunos quanto instrutores podem permanecer com os pés no fundo do mar durante as aulas, facilitando o aprendizado e proporcionando maior confiança durante o ensino. Por cúmulo, os *kitesurfistas* que já dominam o velejo também praticam o esporte durante o ciclo da maré baixa.

Quando a maré está alta na Praia de Barra Grande, o mar transforma-se em um vasto tapete de água, com poucas ondas. De acordo com Bel e Bosco, durante esse ciclo, os *kitesurfistas* do povoado costumam dizer que o mar “está *flat*”, ou seja, plano, ideal tanto para o ensino quanto para o velejo de *kitesurfistas* mais experientes, que costumam realizar manobras, como giros, saltos e voos (Figura 78).

Figura 78 – Foto registrada da Praia de Barra Grande – PI, município de Cajueiro da Praia – PI, durante o ciclo da maré alta



Fonte: arquivo pessoal do autor (2022).

Assim como os ciclos das marés, que apresentam certas características em Barra Grande, a incidência dos ventos no povoado também conta com particularidades locais. A incidência de ventos alísios na Região Nordeste do Brasil está diretamente relacionada à atuação da ZCIT, um dos sistemas meteorológicos mais importantes nos trópicos. Corroborando Ferreira e Mello (2005), a ZCIT é um sistema atmosférico que, juntamente com outros fenômenos de diferentes escalas (pequena, meso e grande), influencia o tempo e o clima da região.

Para os supracitados autores, a ZCIT pode ser definida como

uma banda de nuvens que circunda a faixa equatorial do globo terrestre, formada principalmente pela confluência dos ventos alísios do hemisfério norte com os ventos alísios do hemisfério sul, em baixos níveis (o choque entre eles faz com que o ar quente e úmido ascenda e provoque a formação das nuvens) baixas pressões, altas temperaturas da superfície do mar, intensa atividade convectiva e precipitação (Ferreira; Mello, 2005, p. 18).

Ainda de acordo com Ferreira e Mello (2005), quando os ventos alísios advindos do hemisfério norte se chocam com os ventos alísios provenientes do hemisfério sul, na Linha do Equador, eles divergem em direção aos trópicos, ao longo da faixa equatorial. Esses ventos incidem fortemente no litoral brasileiro, especialmente no Nordeste. Esse fenômeno, segundo

Paula (2013), resulta de uma dinâmica atmosférica de macroescala⁸². Quando os ventos alísios incidem no litoral nordestino, podem sofrer alterações na direção e na velocidade, dependendo da localidade, devido à ação das brisas terrestres. Para Paula (2013), isso é resultado das dinâmicas de mesoescala e de microescala.

Federova (2001) define as brisas como o resultado do aquecimento e do resfriamento diferenciais entre a terra e a água. Dito isso, as brisas podem ser classificadas como marítimas ou terrestres. Ferreira e Mello (2005) fornecem mais detalhes sobre o processo de formação dessas brisas.

Durante o dia o continente se aquece mais rapidamente que o oceano adjacente, fazendo com que a pressão sobre o continente seja mais baixa que sobre o oceano. Isto faz com que o vento à superfície sopre do oceano para o continente, vento esse denominado de brisa marítima. A brisa marítima chega a penetrar até 100 km para dentro do continente. No período da noite o continente perde calor mais rapidamente que o oceano, fazendo com que esse fique com temperaturas mais elevadas se comparadas às do continente. Dessa forma a pressão fica maior sobre o continente, fazendo com que o vento sopre do litoral para o oceano, vento esse chamado de brisa terrestre. A brisa terrestre também afeta até 100 km para dentro do mar (Ferreira; Mello, 2005, p. 23).

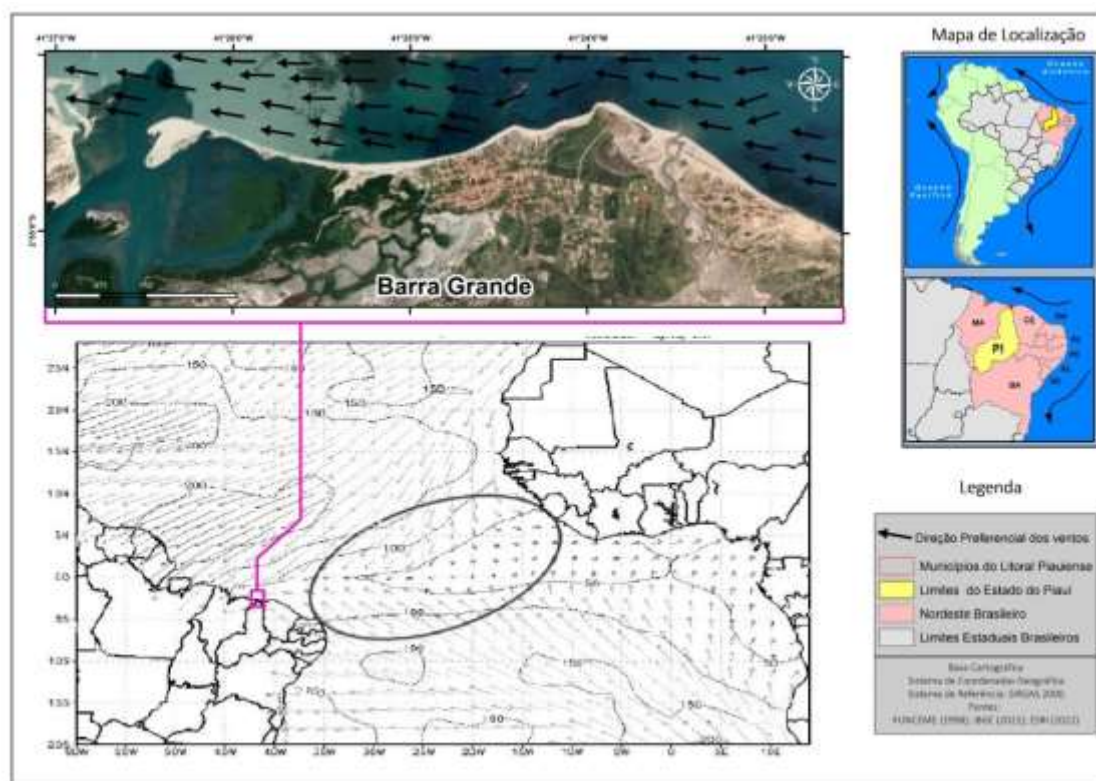
Para Varejão-Silva (2001), no Nordeste brasileiro, onde os ventos alísios predominam de forma intensa e constante ao longo do ano, as brisas, geralmente, apenas modificam de maneira leve a direção e a velocidade desses ventos, sendo pouco perceptíveis.

Considerando o exposto até aqui, buscou-se ilustrar a incidência de ventos alísios no Nordeste brasileiro, com foco no povoado de Barra Grande, a fim de evidenciar a direção preferencial dos ventos na região (Figura 79).

⁸²Paula (2013) utiliza as terminologias *macroescala*, *mesoescala* e *microescala* para descrever a interferência da ZCIT na dinâmica atmosférica do litoral piauiense, enquanto Ferreira e Mello (2005) utilizam os termos *grande*, *meso* e *pequena escala* para referirem-se à dinâmica atmosférica no Nordeste brasileiro. Vale destacar que embora os autores usem palavras diferentes, ambos se referem às mesmas dinâmicas da ZCIT, de maneira geral.

FERREIRA, A. G.; MELLO, N. G. da S. Principais sistemas atmosféricos atuantes sobre a Região Nordeste do Brasil e a influência dos Oceanos Pacífico e Atlântico no clima da Região. **Revista Brasileira de Climatologia**, Paraná, v. 1, p. 15-28, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistaabclima/article/view/25215>. Acesso em: 4 jun. 2023.

Figura 79 – Incidência de ventos alísios em Barra Grande – PI em função da ZCIT



Fonte: elaborada pelo autor, com base no *Google Maps* (2023).

Na entrevista com Bel e Bosco, foram utilizadas algumas terminologias para descrever a direção dos ventos alísios que incidem em Barra Grande. Eles também destacaram os melhores horários do dia para a prática de *kitesurf* e indicaram os tipos de ventos mais adequados e seguros para o velejo na praia do povoado.

Segundo eles, existem o “vento terral” (*offshore wind*), que sopra da terra em direção ao mar; o “vento maral” (*onshore wind*), que sopra do mar em direção à terra; e o “vento lateral”, que percorre de forma paralela à linha da costa de Barra Grande. Esse último pode ser subdividido em “vento terral lateral” (*side offshore wind*) e “vento maral lateral” (*side onshore wind*). Indícios do uso dessas terminologias e de suas definições foram encontradas no *site* da LKB Sports (2018a), permitindo ilustrar as direções relativas do vento utilizados por Bel e Bosco (Figura 80).

Figura 80 – Direções relativas do vento



Fonte: LKB Sports (2018a).

No entanto, não foram encontrados indícios na literatura que esclarecessem o uso dessas terminologias no *kitesurf*. Acredita-se, porém, que muitas delas tenham sido inicialmente adotadas por competidores americanos ou praticantes de *surf* e de *windsurf* nas décadas de 1970 e 1990, nos Estados Unidos. Com o tempo, essas expressões foram ressignificadas e passaram a ser amplamente utilizadas em outros esportes náuticos de prancha e de vela, como o *kitesurf*, à medida que praticantes de *surf* e *windsurf* migravam de uma modalidade para outra, assimilando e adaptando essas terminologias.

Durante sua entrevista, Bel forneceu mais detalhes sobre a incidência dos ventos alísios em Barra Grande, indicando os melhores horários e o tipo de vento mais adequado para a prática do esporte no povoado durante o segundo semestre do ano, período de maior incidência desses ventos na região.

Em Barra Grande incidem os ventos terral e o vento maral lateral. De manhã cedo, o vento em Barra Grande costuma entrar da terra para o mar, o que é chamado de vento “terral.” Esse tipo de vento não é aconselhável para a prática do *kitesurf*, nem mesmo para os profissionais. Somente se houver uma escola equipada com barcos de apoio para resgatar os praticantes, esse vento poderia ser considerado seguro, como acontece em algumas regiões da Europa, onde a estrutura de resgate é mais robusta. No entanto, essa estrutura tem um custo, e caso o resgate seja necessário, o praticante precisaria pagar por isso. Em Barra Grande essa infraestrutura de resgate não está disponível. Se um *kitesurista* ou aluno enfrentar algum problema no vento terral, o risco é que o praticante seja levado para alto-mar, o que, em caso de necessidade de ejeção do *kite*, pode resultar na perda do equipamento. E, como se sabe, os *kites* são caros. A situação muda por volta das 9h 30 ou 10h da manhã, quando o vento gira e passa a soprar do mar para a terra, que é o vento maral lateral. Esse vento é característico daqui. Ele é mais seguro, sendo considerado o melhor

tipo de vento para o *kitesurf*. O vento maral lateral em Barra Grande dura o dia todo e vai até a noite. Porém, no final da tarde, o vento volta a virar, retornando para o vento terral. O horário e a intensidade do vento também podem variar dependendo da época do ano. Por exemplo, em julho, houve uma situação em que o vento terral só virou para o maral lateral às 16h, o que é incomum. À medida que a temporada vai se aproximando, os ventos alísios tendem a se firmar e a se tornar mais fortes, com o vento maral entrando mais cedo, por volta das 8h 30 ou 9h. Com isso, as escolas de *kitesurf* ajustam seus horários de aulas, agendando períodos de duas horas com cada aluno, aproveitando os melhores momentos do vento para garantir a segurança e o desempenho dos praticantes (Marques, 2022a, 43 min 45 s).

Em Barra Grande, o vento predominante é o lateral maral, que se caracteriza pela segurança e pela constância. Esse tipo de vento é ideal para a prática *kitesurf*, tanto para *kitesurfistas* iniciantes quanto os mais experientes, pois a incidência dele sobre a costa praiana do povoado não lança o *kitesurfista* para fora ou para dentro do mar durante o velejo. Embora Barra Grande possua outras qualidades naturais que contribuem para a sua relevância turística, a característica local do vento é uma das principais que tornam o povoado o destino preferido dos *kitesurfistas* no litoral piauiense e nordestino. Esse fator tem sido fundamental para consolidá-lo como um dos mais importantes pontos de velejo de *kitesurf*, não apenas no Brasil, mas também no cenário mundial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como descrito no início desta tese, esta pesquisa é uma busca pessoal e acadêmica sobre a história do *kitesurf* em Barra Grande. Ela concretiza-se apresentando uma narrativa verossímil da trajetória desse esporte no povoado entre os anos 2000 e 2024.

Para compreender esse percurso, é fundamental destacar a inserção do *kitesurf* no contexto sócio-histórico de Barra Grande, que ocorreu no início dos anos 2000. Por volta de 2002, o instrutor de *kitesurf* Zé do Kite, natural de Ribeirão Preto – SP e residente em Jericoacoara – CE, foi convidado a visitar o litoral piauiense a trabalho. Durante essa visita, ele participou das gravações do quadro Caminhos da Aventura, transmitido no Esporte Espetacular da Rede Globo, entre 2002 e 2004, em Luís Correia – PI. Foi nesse período que Ariosto Ibiapina, natural de Parnaíba – PI, médico e entusiasta de esportes náuticos, convidou Zé do Kite a conhecer Barra Grande e a hospedar-se em sua casa de veraneio, a fim de avaliar as condições da praia para a prática de *kitesurf*.

Esse convite foi o ponto de partida para as primeiras práticas do esporte em Barra Grande por Zé do Kite. No entanto, Ariosto Ibiapina queria aprender o esporte com seu filho, Daniel Ibiapina, e seu sobrinho, Pedro Ibiapina. Assim, Zé do Kite assumiu a missão de ensiná-los, contando com a ajuda de amigos que trouxe de Jericoacoara, quais sejam Mário Carioca, Pepe e Sasha. Algumas crianças nativas do povoado, como Hélio Cabrinha, Antônio Costa, o Toim, e Francineldo Silva, o França – que ajudavam a montar e a desmontar os equipamentos de velejo durante as aulas de Zé do Kite – também acabaram aprendendo o esporte. Juntos, começaram a introduzir o *kitesurf* na região, marcando o início da prática do esporte em Barra Grande.

Com o passar dos anos, Zé do Kite começou a trazer *kitesurfistas*, especialmente estrangeiros, para velejar em Barra Grande, que até então era conhecida como um *secret point* entre os praticantes do esporte. Esses turistas hospedavam-se na casa de veraneio de Ariosto Ibiapina, o que fez com que o local fosse apelidado de *kite house*. Esse fluxo crescente de *kitesurfistas* não só contribuiu para a inserção do turismo de aventura no povoado, como também ajudou a consolidar a *kite house* como um local de referência para os praticantes do esporte.

Com uma visão empreendedora, Ariosto Ibiapina, que na época, identificou o potencial do esporte que começava a se popularizar no Brasil e no mundo, foi transformando seu terreno em Barra Grande – onde também estava localizada a *kite house* – na Pousada BGK. Esse empreendimento, que foi registrado oficialmente em 2007, foi inicialmente

voltado para atender às necessidades de hospedagem e de alimentação dos *kitesurfistas* que frequentavam o povoado, contribuindo para a constituição do esporte e o desenvolvimento do turismo na região.

Outras iniciativas empreendedoras igualmente desempenharam papel fundamental na constituição do *kitesurf* em Barra Grande. Em 2005, João Castelo Branco, o Bosco, fundou a *Kite Escola Paraíso*, a primeira escola de ensino de *kitesurf* do povoado. Embora não possuísse uma certificação formal de instrutor, a iniciativa foi pioneira no município, marcando o início da formalização do ensino do esporte, contribuindo para a estruturação e o crescimento da prática de *kitesurf* na região.

Entre 2007 e 2008, Barra Grande destacou-se no cenário do *kitesurf* brasileiro e internacional, ao revelar Hélio Cabrinha como o primeiro atleta profissional da modalidade no povoado e único piauiense a brilhar em competições, como o *Brasil Kite Tour* e o *Kite-Xtreme Brasil*. O desempenho do atleta projetou o povoado, consolidando a prática do esporte localmente, atraindo turistas e visitantes de diversas partes do Brasil e do mundo para praticar o *kitesurf* em Barra Grande. Além disso, Hélio Cabrinha tornou-se exemplo e inspiração para os moradores locais, incentivando muitos deles a interessarem-se e a dedicarem-se a esse esporte.

Algumas estratégias de *marketing* dos empresários do turismo de Barra Grande e dos *kitesurfistas*, alé de turistas que frequentavam o povoado, a exemplo do “boca-a-boca” e de postagens nos perfis de *Orkut* e de *Facebook*, desempenharam um papel fundamental na divulgação inicial de Barra Grande como destino ideal para a prática de *kitesurf* entre os anos de 2002 e 2008, período em que surgiram os primeiros indícios da chegada e da constituição do *kitesurf* no povoado.

A partir de 2008, o *kitesurf* consolidou-se em Barra Grande como um dos principais atrativos turísticos, impulsionado pelo esforço conjunto de moradores locais e de empreendedores do turismo locais e de outras regiões brasileiras e do mundo. Investimentos em infraestrutura e em equipamentos turísticos especializados atenderam às necessidades dos *kitesurfistas*, que já frequentavam o povoado antes desse período. Dentre as iniciativas pioneiras, destacam-se o Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande, que visava à criação de um calendário esportivo de *kitesurf* e a delimitação das áreas de prática na praia; a criação da *Doctor Kite* para reparos de pipas; e a instalação das escolas *Go Fly Kite School* e *BGKite School* para o ensino do esporte.

A prática do *kitesurf* também se popularizou entre as gerações mais jovens das famílias de pescadores em Barra Grande, por intermédio do ensino informal, a exemplo do

que aconteceu nas famílias Veras e Cabrinha. Em vez de seguir o ofício tradicional da pesca, esses jovens passaram a almejar tornarem-se *kitesurfistas* e empresários do esporte, com a possibilidade de abrir escolas de *kitesurf* ou serem atletas profissionais, transformando o esporte em uma oportunidade de mudança social e econômica.

Um marco para a popularização do *kitesurf* em Barra Grande foi a abertura do Projeto Vivo, em 2013, pelos sócios-proprietários da Kite Escola Paraíso. Esse projeto foi essencial para aproximar a juventude local do esporte, transformando-o de algo inicialmente visto como elitista, acessível apenas a um público restrito, em uma oportunidade acessível. Além disso, revelou uma nova geração de atletas, como Piçarrinha e Bia, que se sobressaíram nas principais competições nacionais e internacionais de *kitesurf*, alcançando pódios inclusive em etapas mundiais do esporte.

Outro aspecto importante que consolidou Barra Grande como destino turístico reconhecido no Brasil e no mundo foi a realização de torneios esportivos de caráter nacional e internacional no povoado, como as etapas do Circuito Brasileiro de *Kitesurf*, o Arena Kite Brasil, em 2013, e a etapa mundial do PKRA, em 2014. Esta, principalmente, teve um impacto significativo, porquanto atraiu *kitesurfistas* de renome internacional e colocou Barra Grande no cenário global do esporte.

Visando a melhorar a qualidade do ensino de *kitesurf* e a segurança dos turistas que aprendiam o esporte no povoado, seu ensino não-formal em Barra Grande profissionalizou-se, com a realização das primeiras clínicas de certificação de instrutores oferecidas pela ABK, a partir de 2015. A propósito, essas clínicas foram imprescindíveis na formação de proprietários e de instrutores de escolas de *kitesurf*, elevando a qualidade do ensino e incentivando a abertura de novas instituições escolares, como a Toim Kite School e a Barra Kite School. Dessa forma, Barra Grande também se tornou referência no ensino desse esporte, atraindo cada vez mais turistas e praticantes para o povoado.

Adicionalmente, a prática de *kitesurf* desempenhou um papel considerável na urbanização e na valorização da região litorânea, com o surgimento de novos empreendimentos turísticos, como pousadas, chalés, restaurantes, barracas de praia e segundas residências. Esse processo intensificou-se após 2010, com a crescente valorização das áreas próximas à praia, como as ruas da praia, a rua Pontal da Barra e os arredores da Igreja Nossa Senhora da Conceição. No fim da década de 2010, o processo de urbanização e de valorização estendeu-se para a hinterlândia do povoado, especialmente para o bairro Borogodó, impulsionado pela popularização do *kitesurf*.

Uma vez que o *kitesurf* exige uma infraestrutura mais qualificada do que outras atividades comuns na praia, criaram-se serviços especializados, como o *kite repair*, local destinado aos consertos e aos remendos de pipas, e guarderias para armazenar os equipamentos de velejo. Alguns empreendedores locais, ex-praticantes ou praticantes de *kitesurf*, passaram a oferecer esses serviços de forma personalizada, atraindo um público especializado, fortalecendo a economia local e aumentando a atratividade do povoado como destino turístico.

Tudo isso é resultado do esforço coletivo de empresários do turismo e de moradores locais, que enxergaram no *kitesurf* uma oportunidade de impulsionar a economia e tornar Barra Grande um destino turístico de destaque. Esse grupo teve um papel inescusável na criação de uma imagem forte associada ao esporte, utilizando-o como principal estratégia para promover a região. Ao apostar no *kitesurf*, conseguiram diferenciar Barra Grande de outras localidades litorâneas do Piauí, construindo uma identidade única e atraente para os turistas.

Essa estratégia não só gerou novas oportunidades de negócios, como também permitiu que diversos atores – desde os moradores locais até os empresários do turismo – se posicionassem no cenário competitivo, buscando conquistar uma fatia maior do crescente mercado turístico atraído pelo *kitesurf*, ampliando as possibilidades de desenvolvimento econômico e social no povoado.

Por outro lado, a prática do *kitesurf* em Barra Grande tem gerado uma série de implicações, tanto para os moradores locais quanto para o turismo e o meio ambiente. Embora o esporte tenha contribuído para o crescimento econômico da região, atraindo turistas e movimentando o comércio local, trouxe desafios relacionados à conservação ambiental e à convivência entre os praticantes e a comunidade. Isso porque a intensificação da prática pode resultar em acidentes com animais silvestres da região, como o peixe-boi-marinho e as tartarugas marinhas, além de representar riscos para banhistas e outros usuários da praia.

Barra Grande conta com um número significativo de escolas de *kitesurf* no povoado, o que permite que temas como educação ambiental, sustentabilidade e boas práticas no velejo sejam abordados de forma crítica e reflexiva pelos instrutores durante o ensino do esporte, especialmente quando aluno e instrutor estão juntos na beira-mar da Praia de Barra Grande.

Nessa perspectiva, a integração de uma abordagem crítica-reflexiva poderia ser incorporada ao processo de ensino, com os instrutores explorando as características locais e discutindo os impactos ambientais, as boas condutas de velejo e as práticas sustentáveis do *kitesurf*. Isso proporcionaria uma compreensão mais profunda do esporte e de seus efeitos na região. Ademais, ao promover a sensibilização e o engajamento dos alunos com questões

ambientais, boas práticas no velejo e respeito à segurança, os instrutores teriam a oportunidade de criar uma conexão emocional, incentivando comportamentos sustentáveis e a valorização da paisagem local.

A regulamentação das áreas de prática de *kitesurf* em Barra Grande, com uma fiscalização mais eficiente por parte da Capitania dos Portos do Piauí, do ICMBio de Parnaíba, da prefeitura municipal e até mesmo dos próprios *kitesurfistas*, é essencial para garantir a prática segura e sustentável do esporte.

Destarte, a atuação coordenada desses órgãos assegura o cumprimento de normas que protejam o meio ambiente, os praticantes e a comunidade local, minimizando impactos negativos, mantendo a conservação da fauna marinha e os ecossistemas costeiros. Além disso, a colaboração dos *kitesurfistas* é fundamental para criar uma cultura de responsabilidade, garantindo o respeito às regras e à segurança de todos, contribuindo para a conservação ambiental, o bem-estar dos praticantes e o respeito aos demais usuários da praia.

Atualmente, o *kitesurf* é o principal esporte praticado em Barra Grande, especialmente no segundo semestre do ano, quando os ventos da região litorânea do Piauí favorecem a atividade. Nesse período, o povoado torna-se um destino popular para turistas nacionais e internacionais que estão em busca das condições ideais para a prática do esporte. Assim, a temporada de *kitesurf* não só impulsiona o turismo local, como também posiciona Barra Grande como um dos maiores centros do esporte no Brasil e no mundo, gerando crescimento econômico e desenvolvimento para a região.

Em Barra Grande, as condições climáticas e geográficas são favoráveis à prática do *kitesurf*. A velocidade e a continuidade dos ventos marais laterais são características essenciais para o desenvolvimento do esporte, oferecendo cenários estáveis durante boa parte do ano. Outrossim, a temperatura das águas marinhas mantém-se confortável para a prática do esporte, enquanto as brisas constantes amenizam as temperaturas elevadas, criando um ambiente propício para os praticantes de *kitesurf*. Por sinal, essas condições naturais foram os fatores determinantes para a constituição e o enraizamento de Barra Grande como um destino turístico para o esporte.

Com a realização desta pesquisa, foi possível constatar como uma pacata vila de pescadores, ligada a práticas tradicionais, como a pesca e o comércio, que nas décadas de 1980 e 1990 passou a receber novos usuários da praia – como veranistas, excursionistas e turistas em busca de banhos de sol e de mar –, teve seu espaço praiano valorizado pelo fluxo de *kitesurfistas* provenientes de diversas localidades do Brasil e do mundo.

Esse processo inseriu o povoado na lógica de valorização dos espaços litorâneos, integrando-o à rede de destinos urbanizados, impulsionados pelas práticas de lazer e pelos fluxos de cidadãos originários de aglomerações urbanas de outras regiões e nacionalidades, tanto locais quanto globais.

Como limitações, destaca-se a recusa de algumas pessoas de Barra Grande, que poderiam contribuir significativamente com relatos sobre a história do *kitesurf* na região, além do desinteresse de outros que, embora tivessem marcado entrevistas, não compareceram. Além disso, percebeu-se que alguns entrevistados, apesar de sua importância no processo de constituição do esporte, optaram por não compartilhar suas versões dos fatos, possivelmente devido ao receio de que elas fossem contestadas. Isso é algo recorrente, pois cada grupo ou indivíduo constrói sua própria visão do lugar, o que leva a conflitos de versões e questionamentos sobre a veracidade das narrativas.

Reconhece-se que o caminho escolhido nesta tese não passou por toda parte, e esperamos que este estudo sirva de base para futuras investigações que aprofundem o *kitesurf* em suas múltiplas facetas, com ênfase nos aspectos históricos, ainda pouco explorados, não apenas em relação à Barra Grande, mas também destacando como o esporte se consolidou e se enraizou em diferentes localidades do Brasil e do mundo, ampliando a compreensão de sua relevância tanto em contextos locais quanto globais.

REFERÊNCIAS

- ABETA. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. **Kitesurf**. [s./d.]. Disponível em: <https://abeta.tur.br/atividade/kitesurfe/>. Acesso em: 13 maio 2022.
- ADRIÃO, D. G. da S. **Pescadores de sonhos: um olhar acerca da mudança nas relações de trabalho e na organização social entre as famílias dos pescadores diante do turismo balnear em Salinópolis – PA**. 2003. 264p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2003.
- ALCANTELADO, W. V. L. **A evolução do kitesurf e o papel do usuário na inovação tecnológica dos equipamentos**. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2009.
- ALMEIDA, J. A. S. de. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022.
- ALVES DOS SANTOS, O. A. Geo-history notes for the study of production of the beach space in Northeastern, Brazil. **Sociedade & Natureza**, v. 35, n. 1, 2023. DOI: 10.14393/SN-v35-2023-67680. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/67680>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- ANDRESEN, J.; JUNKER, T.; ANDRESEN, R.; LUITJENS, K.; KOPETSCH, C.; SCHEER, F. Das unterschätzte Verletzungsrisiko beim Kitesurfen im Freizeitsport - ein Spektrum schwerverletzter Sportler. **Sports Orthopaedics and Traumatology**, v. 38, p. 231-232, 2022. DOI 10.1016/j.orthtr.2022.02.069
- ANNENBERG, S. Litoral do Piauí. **Globo Repórter**. 24 mar. 2023. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11478730/?s=0s>. Acesso em: 26 ago. 2023.
- ARAÚJO, A. C. de; CAVALCANTI, L. M. B.; TASSITANO, R. M.; DE LACERDA, E. P.; TENÓRIO, M. C. M. Formação e atuação pedagógica no Programa Segundo Tempo: reflexões sobre o fazer cotidiano do professor. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 38, p. 40-58, 2012. DOI: 10.5007/2175-8042.2012v24n38p40. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2012v24n38p40>. Acesso em: 14 nov. 2024.
- ATTADEMO, F. L. N.; GOMES, G. L.; SILVA, F. J. de L.; MODEIRA, A. B.; FREIRE, A. C. da B.; SÁ-LEITÃO, H. C. de M. e S.; LUNA, F. de O. **Comportamento de peixes-bois**. Guia ilustrado - ICMBio. Brasília, DF: ICMBio, 2020.
- BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A. PRODETUR/NE. **Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste. Primeira fase**. Anexos do memorando do executor. Relatório Final de Projeto. dez. 2005. (Apresentado ao Banco Interamericano de Desenvolvimento). Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/291037185/Relatorio-Final-Prodetur-NE-I>. Acesso em: 23 maio 2023.

BARBOSA, A. G. P.; PERINOTTO, A. R. C. Trilha ecológica do cavalo-marinho: ecoturismo em Barra Grande/PI. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, v. 2, n. 1, 2011.

BAPTISTA, M. P. de C.; NASCIMENTO, F. de A. de S.; BAPTISTA, E. M. de C. Questões de litígio entre o Piauí e o Ceará: embates pela Vila de Amarração no litoral do Piauí (1880 – 1884). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 182, n. 485, p. 225-252, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/revista-eletronica/artigos-485/item/108721-questoes-de-litigio-entre-o-piaui-e-o-ceara.html>. Acesso em 15 de abr. 2024.

BARRA GRANDE NEWS. Entrevista com Dr Ariosto Ibiapina. 2017. Disponível em: https://soundcloud.com/user-618570926/entrevista-com-dr-ariostoibiapina?si=ff14bfc2b4ab4e9b95a8ce96083e79d4&utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing. 2018. Acesso em: 17 abr. 2023.

BARROS, J. D. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011. DOI: 10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p38

BAUMBACH, S.; STAWINSKI, T.; SCHMITZ, D.; SCHOENEBERG, C.; JÄGER, M.; WEDEMEYER, C.; KAUTHER, M. Influence of kitesurf equipment on injury rates. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v. 58, n. 10, p. 1482. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28738666/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BENI, M. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.

BERNEIRA, J. de O.; DOMINGUES, M. R.; MEDEIROS, M. A. de; VAGHETTI, C. A. O. Incidência e característica das lesões em praticantes de *kitesurf*. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 195-201, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-0037.2011v13n3p195>

BESSE, J. M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. **Espaço e Tempo (on-line)**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 241-252, 2014.

BEZERRA, M. A. A.; ARAÚJO, E. A. de. Reflexões epistemológicas no contexto do *Orkut*: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 50-66, abr. 2011.

BGK. Barra Grande *Kite Camp*. **Inspire conforto e magia e expire momentos únicos e especiais. BGK e seus mais de 10 anos de história**. [s./d.].

BGKITE SCHOOL. Barra Grande Kite. **Sobre nós**. [s./d.]. Disponível em: <https://bgk.com.br/br/escola-aula-kite-surf-barra-grande-piaui-brasil>. Acesso em: 1 jan. 2021.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; KELAB, T. **Wakeboard**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.425-426. Acesso em: 21 ago. 2023.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S. **Windsurf**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.427-428. Acesso em: 12 abr. 2022.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; VIGNE, J. A.; NAVARRO, P. **Surf. Surfe. Esportes radicais**. 2006. Disponível em: <https://listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. p.411-414. Acesso em: 21 ago. 2023.

BITENCOURT, V.; NAVARRO, P. In: DACOSTA, L. (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

BRAGA, S. de S.; GUZZI, A. Organização espacial da atividade turística no litoral piauiense. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, p. e20024, 2021.

BRASIL. **Anuário Estatístico de Turismo**: 2017. jan. 2018. v. 44, ano base 2016.

BRASIL. **Decreto s/nº, de 28 de agosto de 1996**. Dispõe sobre a criação da área de proteção ambiental delta do Parnaíba, nos estados do Piauí, Maranhão e Ceará, e dá outras providências. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior_a_2000/1996/Dnn4368.htm#:~:text=D ECRETO%20DE%2028%20DE%20AGOSTO,o%20que%20disp%C3%B5e%20o%20art. Acesso em: 1 jan. 2022.

BRASIL. **Lei n.º 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política da Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm. Acesso em: 2 set. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008**. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei no 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei no 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei no 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF, set 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm. Acesso em: 19 abr. 2023.

BRASIL. **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Segmentação. **Ecoturismo**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação-Geral de Segmentação. **Sol e praia**: orientações básicas. 2. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Nacional de Políticas de Turismo. Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico. Coordenação Geral de Segmentação. **Turismo de aventura**: orientações básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2010c.

BRASIL. Ministério de Turismo. **Anuário Estatístico de Turismo**: 2017. v. 44, ano base 2016, jan. 2018.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo. Marcos conceituais**. 2010d. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-publicacoes/segmentacao-do-turismo>. Acesso em: 9 out. 2022.

BRKITE. *DUOTONE - kite evo d/lab 2024*. 2024a. Disponível em: https://www.brkite.com/kitesurf/kites/duotone-kite-evo-dlab-2024?variant_id=19381. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRKITE. *DUOTONE - prancha bidirecional soleil concept blue 2024*. 2024b. Disponível em: https://www.brkite.com/pranchas/bidirecional/duotone-prancha-bidirecional-soleil-concept-blue-2024?variant_id=19281. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRKITE. *DUOTONE - barra kitesurf click bar quad control 2021/2022*. 2024c. Disponível em: https://www.brkite.com/kitesurf/barras/duotone-barra-kitesurf-click-bar-quad-control-20212022?variant_id=19097. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRKITE. *ION - trapézio masculino riot curv 14 2023 dark amber*. 2024d. Disponível em: https://www.brkite.com/trapezios/cintura-masculino/ion-trapezio-masculino-riot-curv-14-2023-dark-amber?variant_id=19063. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRKITE. *DUOTONE - bomba*. 2024e. Disponível em: <https://www.brkite.com/kitesurf/bomba/duotone-bomba-para-kitesurf-pump-l>. Acesso em: 15 nov. 2024.

BROCKX, M.; SEMENIUK, V. Coastal geoheritage: encompassing physical, chemical, and biological processes, landforms, and other geological features in the coastal zone. **Journal of the Royal Society of Western Australia**, Perth, Australia, n. 92, p. 243-260, 2009.

CABRINHA, M. E. de B. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022.

CABRINHA. **Origins**. [s./d.]. Disponível em: <https://www.cabrinha.com/pages/about-cabrinha>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CAJUEIRO DA PRAIA. **Decreto n.º 24, de 23 de junho de 2021**. Regulamenta a Lei Complementar n.º 200, de 14 de outubro de 2009, que dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do município de Cajueiro da Praia e dá outras providências. 2021.

CAJUEIRO DA PRAIA. Governo Municipal. **História de Cajueiro da Praia**. (s./d.). Disponível em: <https://cajueirodapraia.pi.gov.br/cidade>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CAJUEIRO DA PRAIA. **Lei Complementar n.º 200, de 14 de outubro de 2009**. Dispõe sobre a Política de Meio Ambiente do Município de Cajueiro da Praia e dá outras providências. 2009a.

CAJUEIRO DA PRAIA. **Lei Complementar n.º 203, de 14 de outubro de 2009**. Dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no Município de Cajueiro da Praia e dá outras providências. 2009b.

CAJUEIRO DA PRAIA. **Lei Municipal n.º 397, de 28 de abril de 2021**. Dispõe sobre o uso e a ocupação do solo urbano no Município de Cajueiro da Praia e dá outras providências. 2009c.

CAJUEIRO DA PRAIA. **Lei n.º 181, de 15 de outubro de 2008**. Institui o Plano Diretor do Município de Cajueiro da Praia. 2008.

CALLOIS, R. **Man, play and games**. New York: Schocken Books, 1979.

CAMINHOS DA AVENTURA. Memória Globo. **Esporte Espetacular**. 9 nov. 2023. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/telejornais-e-programas/esporte-espetacular/aventura/noticia/caminhos-da-aventura.ghtml>. Acesso em: 18 dez. 2023.

CARABALLO, I.; GONZÁLEZ-MONTESINOS, J.; CASADO-RODRÍGUEZ, F.; GUTIERREZ-MANZANEDO, J. *Performance Analysis in Olympic Sailors of the Formula Kite Class Using GPS. Sensors (Basel, Switzerland)*, v. 21, n. 2, p. 574, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/s21020574>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1424-8220/21/2/574>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CARVALHO, S. M. S. **Possibilidades e limitações do desenvolvimento sustentável no município de Cajueiro da Praia (PI)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, 2010.

CHARTIER, R. O mundo como representação. In: CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 61-78.

CIA. Comissão Ilha Ativa. Comissão de Ordenamento do *Kitesurf* Apa Delta do Parnaíba. 2019. Disponível em: <https://www.comissaoilhaativa.org.br/2019/09/comissao-de-ordenamento-do-kitesurfapa-delta-do-parnaiba/#:~:text=Desde%20modo%2C%20ICMBio%20e%20Sebrae,na%20APA%20Delta%20do%20Parna%C3%ADba>. Acesso em: 1 set. 2023.

CLAVAL, P. Conclusion. In: PERON, F.; RIEUCAU, J. (org.). **La maritimité aujourd'hui**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1996.

CNPJ BIZ. **Barra Grande Kite Camp LTDA - 09.211.537/0001-75**. [s./d.]. Disponível em: <https://cnpj.biz/09211537000175>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CNPJ BIZ. **Kite Escola Paraíso J B Castello Branco Neto 07.318.735/0001-07**. [s./d.]. Disponível em: <https://cnpj.biz/07318735000107>. Acesso em: 1 nov. 2023.

CBVELA. Confederação Brasileira de Vela e Motor. **Kitesurf**. [s./d.]. Disponível em: <http://www.cbvela.org.br/>. Acesso em: 14 jan. 2021. Essa referência não está no texto? Tem que retirar da lista de siglas

CONSULTA PÚBLICA CNPJ. **Rede sim**. 2024. Disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

CORBIN, A. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORREA, S. M. de S. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 17, n. 1, p. 165-184, jan. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/8RfxNPhcDS9XkQFkZBTMcGJ/#>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, M. F. R. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, v. 14, n. 28, p. 168-187, jan./jun. 2014.

CORIOLO, L. N. M. T. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. In: GERAIGES DE LEMOS, A. I.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (org.). **América Latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. Disponível em: <https://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/21coriol.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

COSTA, A. N. da. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022a.

COSTA, L. M. C. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022b.

COSTA, J. N. da. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022c.

COSTA, A. S. **Turismo e desenvolvimento sustentável em Barra Grande – Cajueiro da Praia (PI)**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

CUNHA, J. M. A.; IBIAPINA, M. M.; SANTOS, F. F.; ROCHA, R. R. N.; SILVEIRA JÚNIOR, J. G. da S. Turismo (in)sustentável em Barra Grande (PI): conflitos, impactos, desigualdade e exclusão social. **Revista Geografar**, v. 11, n. 1, p. 152-173, 2016.

CUNHA, J. M. A.; SILVA, M. V. O turismo global em Barra Grande (PI): novos processos socioculturais, multifuncionalidade e pluriatividade no espaço rural. **Capa**, v. 11, n. 2, 2018.

DANTAS, E. W. C.; ALVES, L. da S. F. **Nordeste turístico e políticas de ordenamento do território**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2016.

DANTAS, E. W. C. Cidades litorâneas marítimas tropicais: construção da segunda metade do século XX, fato no século XXI. In: SILVA, J. B. da; LIMA, L. C.; DANTAS, E. W. C. (org.). **Panorama da geografia brasileira 2**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 79-89.

DANTAS, E. W. C. **Mar à vista**: estudo da maritimidade em Fortaleza. 3. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

DANTAS, E. W. C. **Maritimidade nos trópicos**. Fortaleza: Edições UFC, 2019. 151 p. (Coleção estudos geográficos).

DANTAS, E. W. C. O mar e o marítimo nos Trópicos. **GEOUSP Espaço e Tempo (on-line)**, São Paulo, Brasil, v. 8, n. 1, p. 63-76, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2004.123871. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/123871>. Acesso em: 11 abr. 2024.

DANTAS, E. W. C.; PEREIRA, A. Q.; PANIZA, A. Urbanização litorânea e vilegiatura marítima nas metrópoles nordestinas brasileiras. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 5, p. 14-34, 2008.

DA REDAÇÃO. Parceiros fazem pacto para tornar lei zoneamento do *kitesurf* em Barra Grande. **Redação@cidadeverde.com**. 2021. Disponível em: <https://cidadeverde.com/blogdascidades/115445/parceiros-fazem-pacto-para-tornar-lei-zoneamento-do-kitesurf-em-barra-grande>. Acesso em: 11 set. 2023.

DELUMEAU, J. **La peur em Occident, XVI ème - XXIIIème siècles**. Paris: Fayard, 1978.

DIALETHOS. **Dani Monteiro**. 2024. Disponível em: <https://www.dialethoseventos.com.br/palestrante/1479/dani-monteiro>. Acesso em: 23 out. 2023.

DIAS, C. A. G. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/922>. Acesso em: 19 out. 2023.

DIAS, C. M. M. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022.

DICIO. Dicionário *on-line* de Português. **Excursionistas**. 2023a. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/excursionistas/>. Acesso em: 24 maio 2023.

DICIO. Dicionário *on-line* de Português. **Hidrofólio**. 2023b. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hidroflio/#:~:text=Significado%20de%20Hidrof%C3%B3lio&text=Placa%20ou%20nadadeira%20submersa%2C%20presa,Hidro%20%2B%20f%C3%B3lio>. Acesso em: 18 maio 2023.

DICIO. Dicionário *on-line* de Português. **Risco**. 2023d. Disponível em: Disponível em: <https://www.dicio.com.br/risco/>. Acesso em: 24 maio 2023.

DICIO. Dicionário *on-line* de Português. **Veranista**. 2023c. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/veranista/>. Acesso em: 24 maio 2023.

DUTRA, A. da S. Apontamentos para tornar a prática de *kitesurf* mais sustentável em barra grande, município de Cajueiro da Praia, litoral do Estado do Piauí. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA)**, v. 19, n. 8, p. 362-379, 2024. DOI: 10.34024/revbea.2024.v19.16410. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/16410>. Acesso em: 10 out. 2024.

DUTRA, A. da S. **A Praia de Barra Grande, Cajueiro da Praia – Piauí**: de colônia de pescadores ao desenvolvimento do turismo induzido pela prática do *Kitesurf*. 124 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria) – Universidade Vale do Itajaí, UNIVALI, Balneário Camboriú, SC, 2015.

DUTRA, A. da S.; ROSA, M. C. A prática do *Kitesurf* no litoral piauiense e suas implicações sobre este patrimônio natural. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.53474. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/53474>. Acesso em: 2 dez. 2024.

DUTRA, A. da S.; ROSA, M. C. Produção científica brasileira sobre *kitesurf* em Barra Grande, município de Cajueiro da Praia – PI, Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 6, p. e28811629083, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i6.29083. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/29083>. Acesso em: 14 set. 2022.

DUTRA, A. da S.; SILVA, E. T. da; SANTOS, N. M. B. V. **O Plano Estratégico Turístico da praia de Barra Grande – Piauí (PI) / Brasil: melhorias a partir da análise de um modelo sistêmico**. 2014. In: SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 11. Anais... 2014. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/115.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2022.

DUT, R.; DONMEZ, G.; KAYMAKOGLU, M.; TALMAC, M.; ISIK, A.; BAYRAKTAR, B. Analysis of joint range of motion, balance and injury among kitesurfers: a cross-sectional study. **Spor Hekimliği Dergisi**, v. 55, n. 2, p. 122-130, 2020. Disponível em: <https://journalofsportsmedicine.org/abstract/540/eng>. Acesso em: 1 abr. 2022.

ELIAS, N. **La civilisation des mœurs**. Paris: Calmann-Levy, 1973.

EQUIPE 180. Médicos denunciam acidentes envolvendo *Kitesurf* e banhistas no litoral do Piauí. Notícias. **180 graus**. 2019. Disponível em: <https://180graus.com/noticias/medicos-denunciam-acidentes-envolvendo-kitesurf-e-banhistas-no-litoral-do-piaui/>. Acesso: 12 ago. 2023.

EXADAKTYLOS, A. K; SCLABAS GM; BLAKE I; MCCORMICK G; SWEMMER K; ERASMUS P. The kick with the kite: an analysis of kite surfing related off shore rescue missions in Cape Town, South Africa. **Br J Sports Med**, v. 39, (5 e26), p. 270-74, 2005.

FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FEDOROVA, N. **Meteorologia sinótica**. Editora e Gráfica Universitária-UFPel, 2001. v. 2. 242 p.

FERREIRA, A. G.; MELLO, N. G. da S. Principais sistemas atmosféricos atuantes sobre a Região Nordeste do Brasil e a influência dos Oceanos Pacífico e Atlântico no clima da Região. **Revista Brasileira de Climatologia**, Paraná, v. 1, p. 15-28, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistaabclima/article/view/25215>. Acesso em: 4 jun. 2023.

FERRON, A.; C. F. T. M.; FRANCISQUETI-FERRON, F. V.; SÁ, F. de; KANO, H. T.; EUTROPIO, F.; JACOBSEN, B.; CUNHA, E.; MORETO, F.; BURINI, R. Incidência de lesões em praticantes de *kitesurf* na grande Vitória, Espírito Santo. **RBPfEX - Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 15, n. 100, p. 754-761, 2022. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/view/2238>. Acesso em: 2 abr. 2022.

FERREIRA, D. C. G. **A invenção de Barra Grande**: construção, transformação e conflitos de um destino turístico no litoral do Piauí. 2012. 168 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

FILHO, J. C. da S. **Pequena história do Piauí**. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1986.

FREITAS, S. T.; PAMPLIN, P. A. Z.; LEGAT, J.; FOGAÇA, F. H. dos S.; BARROS, R. F. M. de B. *et al.* Conhecimento tradicional das marisqueiras de Barra Grande, área de proteção ambiental do delta do Rio Parnaíba, Piauí, Brasil. **Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 2, maio 2012.

GÂNDARA, J.; GIMENES, M. H.; MASCARENHAS, R. Reflexões sobre o turismo gastronômico na perspectiva da sociedade dos sonhos. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. (org.). **Segmentação do mercado turístico – estudos, produtos e perspectivas**. Barueri: Manole, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Editora LTC, 2008.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOHN, M. da G. Educação não formal: direitos e aprendizagens dos cidadãos (ãs) em tempos do coronavírus. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 7, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3259>. Acesso em: 1 out. 2022.

GOHN, M. da G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em educação [on-line], v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006. ISSN 1809-4465. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>

GOKITE. **Comprimento da linha de kitesurf e comportamento do kite**: linhas longas ou curtas? 2021. Disponível em: <https://gokite.com.br/noticia/comprimento-da-linha-de-kitesurf-e-comportamento-do-kite-linhas-longas-ou-curtas/122>. Acesso em: 11 jun. 2022.

GOMES, C. L. **Fruí vita**: a alquimia do lazer. Ponta Grossa, PR: Atena, 2023.

GOMES, C. L. Lazer, estudos do lazer e geopolítica do conhecimento. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 1-25, set. 2011.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 3-20, jan./abr. 2014.

GOOGLE MAPS. 10 R. Jose Soares Veras: Pousada do Muálem. 2022.

Disponível em: https://www.google.com/maps/@-2.9103475,41.4111895,3a,75y,190.43h,90t/data=!3m7!1e1!3m5!1sVV9OoN20eF1SrQ0cexf_Pw!2e0!6shhttps:%2F%2Fstreetviewpixelspa.googleapis.com%2Fv1%2Fthumbnail%3Fpanoid%3DVV9OoN20eF1SrQ0cexf_Pw%26cb_client%3Dmaps_sv.share%26w%3D900%26h%3D600%26yaw%3D190.43011382816195%26pitch%3D0%26thumbfov%3D90!7i16384!8i8192?coh=205410&entry=ttu. Acesso em: 6 jul. 2022.

GRIMAULT, O.; GUILLODO, Y.; DUBRANA, F. Traumatologie et accidentologie du Kitesurf en Bretagne. **Journal de Traumatologie Du Sport**, v. 24, n. 1, p. 42, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jts.2007.01.031>

G7 PIAUÍ. Semana do Meio Ambiente em Barra Grande promove turismo sustentável e engaja a comunidade local. Disponível em:

<https://bgk.com.br/semana-do-meio-ambiente-em-barra-grande-promove-turismo-sustentavel-e-engaja-a-comunidade-local/>. Acesso em: 11 out. 2024.

HUIZINGA, J. *Homo Ludens*. Boston: Beacon Press, 1955.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Cidades**: Cajueiro da Praia. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/cajueiro-da-praia/panorama>. Acesso em: 6 nov. 2024.

IBIAPINA. Ariosto Monte Fontes. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Apa Delta do Parnaíba**. 2022b. Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/unidades-de-biomas/marinho/lista-de-ucs/apa-delta-do-parnaiba>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de manejo da área de proteção ambiental Delta do Parnaíba**. Brasília, DF, 2020a.

IKA. International Kiteboarding Association. **O que é o IKA**. Disponível em: <https://www.kiteclasses.org/about/what-is-the-ika>. Acesso em: 17 abr. 2020.

IKO. **Por que não usamos linhas de 70 metros?** 2018. Disponível em: <https://www.ikointl.com/pt-br/blog/por-que-n%C3%A3o-usamos-linhas-de-70-metros>. Acesso em: 12 set. 2023.

INFOPÉDIA. **Teqball**. 2025. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/teqball>. Acesso em: 15 jan. 2023.

INSTAGRAM. **hanryquecabrinha**. 2022a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CioOnZSsqc/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

INSTAGRAM. **biakitebg**. 2022b. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ce_L5rPAMte/?img_index=1. Acesso em: 11 mar. 2023.

INSTAGRAM. **biakitebg**. 2022c. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CfCejhOA6jr/?img_index=1. Acesso em: 11 mar. 2023.

INSTAGRAM. **biakitebg**. 2022d. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CiFeYYDg7FJ/?img_index=1. Acesso em: 11 mar. 2023.

INSTAGRAM. **hanryque_hc**. 2021. Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CQYwZ0eg--A/?img_index=1. Acesso em: 16 jun. 2023.

INSTAGRAM. **hanryquecabrinha**. 2023a. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CxY1iTcAITC/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

INSTAGRAM. **hanryquecabrinha**. 2023b. Disponível em:
<https://www.instagram.com/hanryquecabrinhaoficial/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

INSTAGRAM. **Manoel Piçarrinha**. 2022e. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/Cj3Ju8JoS5m/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

INSTAGRAM. **Projeto vivo**. [s.d.]. Disponível em:
<https://www.instagram.com/projetovivokitesurf/>. Acesso em: 6 jan. 2023.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Glossário**. 2024. Disponível em:
<https://mapaosc.ipea.gov.br/glossario>. Acesso em: 26 ago. 2023.

JARDIM, M.; DI PIRES, L. O *Instagram* como dispositivo de construção de mercado nas redes sociais: a intimidade distinta como variável central junto aos influenciadores de fitness. **Revista Brasileira de Sociologia - RBS**, v. 10, n. 24, p. 144-175, 2022. DOI: 10.20336/rbs.855. Disponível em: <https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/855>. Acesso em: 28 out. 2024.

JOHNSON, M.; SUMMERS, J. R. **Marketing esportivo**. Cengage CTP, 2008.

JORNAL DA PARNAÍBA. **Criador de ostras abastece pousadas de Barra Grande**. 2015. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2015/02/criador-de-ostras-abastece-pousadas-de.html>. Acesso em: 14 abr. 2023.

JORNAL DA PARNAÍBA. **Feira de artesanato em Barra Grande superou as expectativas**. 2014. Disponível em: <https://www.jornaldaparnaiba.com/2014/09/feira-de-artesanato-em-barra-grande.html>. Acesso em: 2 jun. 2023.

KIMMEYER, M.; FRANK, S.; RENTSCHLER, V. *et al.* Vom surfbrett in die psychiatrie – fallbericht eines patienten mit adhäsiver kapsulite und kurzzeitiger glukokortikoidtherapie. **Obere Extremität**, v. 18, p. 45-48 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11678-022-00694-9>

KITE ESCOLA PARAÍSO. **Quem somos**. 2022. Disponível em:
<https://kiteschoolbarragrande.com/quem-somos/>. Acesso em: 11 mar. 2022.

KRISTEN, K.; KRÖNER, A. Orthopädische checkliste: kitesurfing/kiteboarding – Surfen mit Lenkdrachen. **Sportorthopädie-Sporttraumatologie**, v. 18, n. 3, p. 204-205, 2002.

Disponível em: [https://rnp-](https://rnp-primho.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1078_0949_328X_00100)

[primho.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1078_0949_328X_00100](https://rnp-primho.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1078_0949_328X_00100). Acesso em: 1 abr. 2022.

LE BRETON, D. Ambivalências do risco. **Sociologias**, [S. l.], v. 21, n. 52, p. 34-48, 2019.

DOI: 10.1590/15174522-93505. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/15174522-93505>. Acesso em: 2 abr. 2024.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LIMA, J. A. dos S. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022a.

LIMA, E. A. de. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022b.

LIMA, J. E. M. de. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022c.

LKB SPORTS. **Local kiteboarding. As diferentes condições de vento para o velejo**. jun. 2018a. Disponível em: <https://lkbsports.com/news/as-diferentes-condicoes-de-vento-para-o-velejo/>. Acesso em: 13 set. 2022.

LKB SPORTS. **Local kiteboarding. Kiteboarding ou kitesurf?** 2018b. Disponível em: <https://lkbsports.com/news/kiteboard-ou-kitesurf/>. Abril 2018a. Acesso em: 14 set. 2022.

LKB SPORTS. **Local kiteboarding. Os diferentes tipos de pranchas no kitesurf**. maio 2018b. Disponível em: <https://loalkiteboarding.com/news/os-diferentes-tipos-de-pranchas-no-kitesurf/>. Acesso em: 12 set. 2022.

LKB SPORTS. **Os diferentes tipos de kite**. maio 2018c. Disponível em: <https://loalkiteboarding.com/news/os-diferentes-tipos-de-kite/>. Acesso em: 12 set. 2022.

LBK SPORTS. **10 dicas para um velejo seguro**. 2019. Disponível em: <https://lkbsports.com/news/10-dicas-para-um-velejo-seguro/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LOPES, F. R. A. As dinâmicas socioespaciais em Barra Grande - PI: um estudo introdutório do turismo e comunidade local. **Revista FSA**, Teresina, v. 9, n. 1, jan./jul. 2012.

LOSSI, R. Roots: evolution of the infatable kite. **The Kiteboarder Magazine**, v. 9, n. 4. ago. 2013. Disponível em: <https://www.thekiteboarder.com/2013/08/15/roots-the-history-of-the-inflatable-kite/>. Acesso em: 17 ago. 2022.

LUCENA, A. B.; SILVA, P. P. C. da; BRASILEIRO, M. D. S. A prática do *kitesurf* e o Universo da Preservação Ambiental. **Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, 2013. DOI: 10.35699/1981-3171.2013.678. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/678> . Acesso em: 11 abr. 2020.

MACÊDO, E. M. **O turismo na Praia Grande de Barra Grande – PI: impactos e contribuições ao desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2011.

MACHADO, M. T.; COERTJENS, M. **Kitesurf: mecanismos de lesão e marcadores bioquímicos**, v. 30, p. 31-39, 2011. DOI: <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol9n30.1412>

MALINA, A.; CESARIO, S. **Esporte: fator de integração e inclusão social?** Campo Grande: UFMS, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

MARQUES, I. D. L. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022a.

MARQUES, M. Turismo, modos de vida e transformações espaciais: o caso de Barra Grande – PI. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2022b.

MARTINS, M. **Zoneamento das praias do Piauí será discutido em Colóquio**. abr. 2018. Disponível em: <http://www.pi.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/PI/zoneamento-nas-praias-do-piaui-sera-discutido-em-coloquio,a069145d181c2610VgnVCM1000004c00210aRCRD>. Acesso em: 4 abr. 2020.

MATOS, A. P. de. **A relevância de um projeto social esportivo para crianças em situação de risco e vulnerabilidade**. Florianópolis: Repositório institucional da UFSC, 2017.

MEIO NEWS.com. **Circuito Mundial de Kiteboard vai agitar litoral piauiense**. 2007b. Disponível em: <https://www.meionews.com/noticias/circuito-mundial-de-kiteboard-vai-agitar-litoral-piauiense-29707>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MEIO NEWS.com. **Hélio Cabrinha é revelação no kitesurf do Piauí**. 2007a. Disponível em: <https://www.meionews.com/noticias/helio-cabrinha-e-revelacao-no-kitesurf-do-piaui-29652>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MELLO, A. da S.; SCHNEIDER, O.; SANTOS, W. dos; VOTRE S. J.; FERREIRA NETO, A. Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. **Movimento**, v. 17, n. 2, p. 175-193, 2011. DOI: 10.22456/1982-8918.17527. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/17527>. Acesso em: 27 out. 2024.

MELO, M. P. Políticas sociais de esporte e lazer, sociedade civil e teoria de estado: a defesa da radicalidade Gramsciana. **Motrivivência**, ano 24, n. 38, jun. 2012.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, v. 17, n. 4, 2008.

MINAYO, M. C. de S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016. (Série manuais acadêmicos).

MORAES, A. C. R. Beira do mar, lugar comum? A valorização e a valorização dos espaços litorâneos. **Paisagens ambientes**: ensaios, São Paulo, n. 10, p. 51-69, dez. 1997.

MORAES, A. C. R. **Contribuições para a gestão da zona costeira do Brasil**: elementos para uma geografia do litoral brasileiro. São Paulo: Annablume, 2007.
Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/001834365>. Acesso em: 4 maio 2023.

NACIONES UNIDAS. UNWTO. **Recomendaciones internacionales para estadísticas de turismo**. Madrid; Nueva York: Naciones Unidas, 2008.

NAISH. **This is your moment**. 2023. Disponível em:
https://www.naishkites.com/about/?_ga=2.151680185.1277541680.1663163383-1500128198.1661026371. Acesso em: 11 ago. 2023.

NETO, A. **Luis Correa & Cajueiro da Praia**: Executivo e Legislativo. Teresina: Geração 70, 2006.

NETO, J. B. C. B. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022a.

NETO, M. S. dos S. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022b.

NICKEL, C.; ZERNIAL, O.; MUSAHL, V.; HANSEN, U.; ZANTOP, T.; PETERSEN, W. A prospective study of kitesurfing injuries. **The American Journal of Sports Medicine**, v. 32, n. 4, p. 921-927, 2004. DOI:<https://doi.org/10.1177/0363546503262162>

NUNES, O. **Pesquisas para a história do Piauí**. 2. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

OFFERHAUS, C.; LEUTHEUSER, S.; DOMMERS, C.; SHAFIZADEH, S. O cuneiforme medial bipartido – uma causa rara de dor no meio do pé: relato de caso e revisão da literatura. **Ortopedia do Pé e Tornozelo**, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.1177/24730114221127192

ONG PROJETO VIVO. **Sobre nós**. 2022. Disponível em:
<https://projetovivokitesurf.wordpress.com/sobre-nos/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ONG PROJETO VIVO. **Litoral do Piauí tem atletas com grande potencial para competir no Campeonato Brasileiro de Kitesurf este ano**. 2015. Disponível em:
<https://projetovivokitesurf.wordpress.com/2015/08/03/litoral-do-piaui-tem-atletas-com-grande-potencial-para-competir-no-campeonato-brasileiro-de-kitesurf-este-ano/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

PAIVA, F. S. L. de. **Ciência e poder simbólico do CBCE**. Vitória: UFSE, 1994.

PAIVA, M. das G. de M. V. Análise do Programa de Desenvolvimento do Turismo do Nordeste (Prodetur/NE) na perspectiva do planejamento estratégico. **Revista de Administração Pública**, v. 44, n. 2, p. 197-213, mar. 2010.

PAULA, J. E. de A. **Dinâmica morfológica da planície costeira do Estado do Piauí**: evolução, comportamento dos processos costeiros e a variação da linha de costa. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/17672>. Acesso em: 11 set. 2022.

PEGASUS. **Lista de equipamentos de kitesurf**: quais equipamentos são necessários para o kitesurf? 2022. Disponível em: <https://www.flypgs.com/en/extreme-sports/kitesurfing>. Acesso em: 23 set. 2022.

PEREIRA, A. Q. **A urbanização vai à praia**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Dos banhos de mar aos esportes nas zonas de praia e no mar. **Sociedade & Natureza**, v. 31, 2019. DOI: 10.14393/SN-v31-n1-2019-46981. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/46981>. Acesso em: 14 set. 2022.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C.; GOMES, I. R. **Lazer na praia**: segunda residência e imobiliário turístico no Nordeste. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

PEREIRA, A. Q.; DANTAS, E. W. C. Veraneio marítimo na metrópole: o caso de Aquiraz, Ceará-Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n. 2, p. 93-106, dez. 2008.

PEREIRA, A. Q. Vilegiatura: do modelo clássico às características contemporâneas. In: FIGUEIREDO, S. L.; AZEVEDO, F. F.; NÓBREGA, W. R. M. (org.). **Perspectivas contemporâneas de análise em turismo**. Belém: NAEA, 2015.

PERINOTTO, A.; SILVA, D.; MACHADO, N. Televisão, internet e turismo: estudo de caso do quadro “tô de folga” do Jornal Hoje na localidade Barra Grande/PI. **Turismo: estudos e práticas (RTEP/UERN)**, v. 5, p. 129, 2016. Disponível em: <https://geplat.com/rtep/index.php/tourism/article/view/92>. Acesso em: 16 jun. 2024.

PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma velha-nova história, nuevo mundo, mundos nuevos. **Debates**. jan. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>. Acesso em: 14 set. 2022.

PESSÔA, F. da S. **Urbanização, segundas residências e turismo na zona costeira do Piauí**. 2020. 339 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

PETERSEN, W.; HANSEN, U.; ZERNIAL, O.; NICKEL, C.; PRYMKA, M. Verletzungsmechanismen und Verletzungsprävention beim Kitesurfen. **Sportverletzung, Sportschaden**, v. 16, n. 3, p. 115-121, 2002. Disponível em: <https://www.thieme-connect.com/products/ejournals/abstract/10.1055/s-2002-34751>. Acesso em: 1 abr. 2022.

PIAUIENSE termina brasileiro de *kitesurf* em terceiro. **Cidadeverde.com**. 2008. Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/29028/piauiense-termina-brasileiro-de-kitesurf-em-terceiro#google_vignette. Acesso em: 16 ago.2022.

PIAUÍ. Prefeitura Municipal de Parnaíba. Gabinete do Prefeito. **Ofício n.º 161/2017, de 3 de agosto de 2017**. Parnaíba, 2017.

PODCAST. Entrevista com Dr. Ariosto Ibiapina. [Locução de]: Sozane Jales. **Barra Grande News**. 2018. Disponível em: <https://soundcloud.com/user-618570926/entrevista-com-dr-ariosto-ibiapina>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PORTAL G1 PI. **Aeroporto de Barra Grande, em Cajueiro da Praia, é concluído; pista recebe aviões com até 40 passageiros**. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2023/12/07/aeroporto-de-barra-grande-em-cajueiro-da-praia-e-concluido-pista-recebe-avioes-com-ate-40-passageiros.ghhtml>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PORTAL G1 PI. **Moradores colocam estacas em praia para impedir tráfego de veículos**. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/02/moradores-colocam-estacas-em-praia-para-impedir-trafego-de-veiculos.html#:~:text=Os%20moradores%20de%20Cajueiro%20de,vindos%20de%20Macap%C3%A1%20para%20Cajueiro>. 2016. Acesso em: 11 out. 2023.

POSTO de Saúde de Barra Grande. **Relatório Consolidado da Situação do Território**. 2023. Relatório consultado no Posto de Saúde de Barra Grande, 12 jun. 2024.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAJUEIRO DA PRAIA. **Relatório final do Plano Diretor**: município de Cajueiro da Praia – PI. Cajueiro da Praia: Technum Consultoria, 2008.

PROJETO VIVO. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=380184838830401&set=a.273754122806807>. Acesso em: 20 jan. 2024.

RODRIGUES, M. A. A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade**: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). 2006. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO-UFGM). 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-6XTGT2>. Acesso em: 26 mai. 2023.

RODRIGUES, E. B. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022.

ROSA, M. C. Festa na cultura. In: ROSA, M. C. (org.). **Festa, lazer e cultura**. Campinas: Papirus, 2002. p. 11-41.

SANTANA, W. M. de; MAGALHÃES NETO, M. O.; SANTANA, E. M. de; COSTA, A. L. da; LOPES, S. B.; SILVA, R. N. da; NASCIMENTO, M. N. P. do. Pesquisa e conservação de tartarugas marinhas no estado do Piauí, Nordeste do Brasil. In: CORREIA, J. M. de S.; SANTOS, E. M. dos; MOURA, G. J. B. de. **Conservação de tartarugas marinhas no Nordeste do Brasil**: pesquisas, desafios e perspectivas. Recife: EDUFRPE, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. (Coleção espaço, território e paisagem).

SANTOS, M. **O lugar e o cotidiano. A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, M. P. dos. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

SANTOS, O. A. A. DOS. Apontamentos geo-históricos para o estudo da produção do espaço praiano no Nordeste do Brasil. **Sociedade & Natureza**, v. 35, p. e67680, 2023.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009.

SCHEIBE, E.; LIGNITZ, E.; HINZ, P.; SCHEIBE, R. Kitesurfen: eine neue trendsportart, doch nicht ohne gefahren. **Rechtsmedizin**, Berlin, Germany, v. 19, n. 3, p. 145, 2009.

Disponível em: [https://rnp-](https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1007_s00194_009_0597_0)

[primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1007_s00194_009_0597_0](https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_crossref_primary_10_1007_s00194_009_0597_0). Acesso em: 1 abr. 2022.

SCIFONI, S. **A construção do patrimônio natural**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Plano Estratégico do Turismo de Barra Grande – Piauí 2008-2013**. Teresina: Ventura & Ventura Consultores, 2008.

SEBRAE. **Rota das Emoções: atrativos e resultados para o trade**. 2023. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/rota-das-emocoes-atrativos-e-resultados-para-o-trade,e53806de0bbe6810VgnVCM1000001b00320aRCRD#:~:text=A%20Rota%20das%20Emo%C3%A7%C3%B5es%20surgiu,assim%2C%20mais%20oportunidades%20aos%20empreendedores>. Acesso em: 20 out. 2023.

SECRETARIA ESTADUAL DE TURISMO. **Plano Diretor Participativo. Produto I: caracterização da situação atual do município de Cajueiro da Praia- PI**. Cajueiro da Praia, PI: Technum Consultoria, 2008.

SEI. ICMBio. **Processo de n.º 02123.002895/2018-93**. 2022. Disponível em: https://sei.icmbio.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=usuario_externo_logar&id_orgao_acesso_externo=0. Acesso em: 15 jul. 2022.

SENLOR, J. Cory roeseler: coming fullcircle. **The Kiteboarder magazine**, 2006.

SETUR. Secretaria de Turismo do Estado do Piauí. **Sobre a SETUR**. 2023. Disponível em: <https://turismo.pi.gov.br/sobre-a-setur/>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SILVA, C. H. S.; LIMA, I. M. de M. F. Litoral do estado do Piauí: proposta de compartimentação. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 21, n. 1, 2020. DOI: 10.20502/rbg.v21i1.1459. Disponível em: <https://rbgeomorfologia.org.br/rbg/article/view/1459>. Acesso em: 7 jan. 2024.

SILVA, M. D. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022a.

SILVA, H. C. da. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022b.

SILVA, L. G. da. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022c.

SILVA, M. B. dos S. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia: Piauí**, 2022d.

SILVA, M. L. da; PERINOTTO, A. R. C. A imagem do destino turístico como ferramenta de diferenciação e promoção do turismo: caso de Barra Grande/PI – Brasil. **PASOS Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 14, n. 2, 2016. DOI: 10.25145/j.pasos.2016.14.027. Disponível em: <https://ojsull.webs.ull.es/index.php/Revista/article/view/762>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SILVA, M. M. M. **O turismo nas ondas do litoral e das políticas públicas do Piauí**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belo Horizonte: UFMG, 2013.

SILVERMAN, G. **The secrets of word-of-mouth marketing**: how to trigger exponential sales through runaway word of mouth. New York: AMACOM, 2011.

SOUSA, R. da S. **Etnobotânica e Etnozoologia de comunidades pesqueiras da Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba, Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, 2010.

SOUSA, R. dos S. **Zoneamento geoecológico do complexo fluviomarinho dos rios Cardoso/Camurupim e porção costeira adjacente, litoral leste piauiense**. 2019. 153 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49257/3/2019_tese_rssousa.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

STOEHR, J.; CHAPPELL, A.; DUMANIAN, G. Kiteboarding induced abdominal wall pain: intercostal neuroma versus Anterior Cutaneous Nerve Entrapment (ACNES). Plastic and reconstructive surgery. **Global Open**, v. 9, n. 3, p. E3487, 2021. Disponível em:

https://journals.lww.com/prsgo/Fulltext/2021/03000/Kiteboarding_Induced_Abdominal_Wall_Pain_.14.aspx. Acesso em: 1 abr. 2022.

STRATEGIA CONSULTORIA TURÍSTICA. SETUR-PI, 2024 – Secretaria de Turismo do Estado do Piauí. **Plano estratégico de marketing turístico do Piauí**. Santo André, SP, abr. 2024.

SURDI, A. C.; MARQUES, D. A. P.; MELO, J. P. de; KUNZ, E. O brincar e o “se-movimentar” da criança como manifestação artística. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 225-234, 2016. DOI: 10.35699/1981-3171.2016.1293. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1293>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SYRÉ, S.; KRISTEN, K.; HUMENBERGER, M. Paris 2024 – Kitesurfen wird olympisch. **Sportorthopädie-Sporttraumatologie**, v. 36, n. 1, p. 20-25, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.orthtr.2020.02.006>

SZYMSKI, D.; ACHENBACH, L.; SIEBENTRITT, M.; SIMONI, K.; KUNER, N.; PFEIFER, C.; FEHSKE, K. Injury Epidemiology of 626 Athletes in Surfing, Wind Surfing and Kite Surfing. **Open Access Journal of Sports Medicine**, v. 12, p. 99-107, 2021. DOI: <https://doi.org/10.2147/OAJSM.S316642>

TÁBUA DE MARÉS. **As marés**. 2023. Disponível em: <https://tabuademares.com/mares>. Acesso em: 3 out. 2023.

TITO. **Médico e monstro dos mares**: a vida do homem que trouxe o *kite* ao Piauí. 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/pi/noticia/2014/09/o-medico-e-o-monstro-dos-mares-o-homem-que-trouxe-o-kite-para-o-pi.html> Acesso em: 2 jun. 2023.

TRAVASSOS, C. G. P.; VIDAL, C. L. G. Como as marcas utilizam o esporte para ganhar visibilidade. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 7, p. 70382-70401, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n7-288. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/32817>. Acesso em: 28 nov. 2023.

TREMEA, V. W.; GOMES, L. E.; LOSS, J. F. Descrição do comportamento da força do kite em relação ao seu posicionamento e ao deslocamento da barra de controle. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 3, p. 715-732, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-32892011000300013>

TRIBUNA DA PARNAÍBA. **Piauiense leva o Piauí ao pódio no Mundial jovem de kite em Barra Grande**. 2017. Disponível em: <https://www.tribunadeparnaiba.com/2017/12/piauiense-podio-no-mundial/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

TUAN, Y-F. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

URRY, J. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

VAKINHA. Mundial *kitesurf* GKA 2022 *freestyle*. Disponível em: <https://www.vakinha.com.br/vaquinha/mundial-kitesurf-gka-2022-freestyle>. Acesso em: 13 jul. 2023.

VAREJÃO-SILVA, M. A. **Meteorologia e climatologia**. 2. ed. PAX Gráfica e Editora Ltda, 2001. 532 p.

VERAS, C. da S. 2022. [Entrevista cedida a] André da Silva Dutra. **Barra Grande, Cajueiro da Praia**: Piauí, 2022.

VERCRUYSEN, F.; BLIN, N.; L'HUILLIER, D.; BRISSWALTER, J. Assessment of physiological demand in kitesurfing. **European Journal of Applied Physiology**, v. 105, n. 1, p. 103-109, 2009. Disponível em: https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_proquest_miscellaneous_6680435. Acesso em: 1 abr. 2022.

VEYNE, P. M. **1930 - Como se escreve a história. Foucault revoluciona a história**. Trad. de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998. 285 p.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 3 set. 2022.

WEGENER, F.; WEGNER, M.; WEISS, N. External auditory exostoses in wind-dependent water sports participants: German wind- and kitesurfers. **European Archives of Oto-rhinolaryngology**, v. 279, n. 5, p. 2353-2361, 2022.

WIESNER, W.; KUNYSZ, P. Risk management in kitesurfing as a basic condition of effective learning and safe swimming. **Polish Hyperbaric Research**, Gdynia, v. 64, n. 3, p. 55-67, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2478/phr-2018-0019>

WORLD SAILING. **O que é world sailing?** 2022. Disponível em: <https://www.sailing.org/inside-world-sailing/organisation/world-sailing/about-us/>. Acesso em: 1 abr. 2022.

WSB. *Water Sports Brazil*. **Sobre a WSB**. 2024. Disponível em: <https://www.wsb.com.br/institucional/sobre-a-wsb.html>. Acesso em: 22 maio 2024.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezado (a),

Convidamos o (a) Senhor (a) a participar da pesquisa intitulada “**As tramas do kitesurf em Barra Grande – PI (2000 – 2020): bons ventos para voar**”. A pesquisa é de responsabilidade principal do pesquisador André da Silva Dutra, portador do RG 1.527.383, aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Lazer-PPGIEL, vinculado à Escola de Educação Física e Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EEFFTO, da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, sob orientação da pesquisadora Dra. Maria Cristina Rosa, Professora do PPGIEL.

A pesquisa é socialmente relevante por contribuir para as discussões acadêmicas atuais em torno do *kitesurf*, evidenciando-o como elemento formador do contexto social, cultural, político, econômico, entre outros, da Praia de Barra Grande. Outrossim, esta pesquisa pode servir de base para futuras investigações científicas e ações institucionais voltadas à legalização e valorização dessa prática em outras localidades e instituições, formais e não formais.

Por gentileza, leia com atenção e calma as informações e termos abaixo, aproveitando para esclarecer suas dúvidas, refletir, consultar, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo (a) antes da concessão do seu consentimento livre e esclarecido:

1. **Objetivo Geral da pesquisa:** conhecer as tramas do *kitesurf* na Praia de Barra Grande, localizada no município de Cajueiro da Praia, litoral do estado do Piauí, entre os anos de 2000 e 2020.
2. **Objetivos específicos da pesquisa:** **a)** Identificar o processo de inserção do *kitesurf* no contexto sócio-histórico de Barra Grande; **b)** Investigar o processo de indução do desenvolvimento do turismo pelo *kitesurf* em Barra Grande, sob diferentes manifestações e vivências culturais lúdicas contextualizadas; **c)** Descrever as relações e desconexões da prática do *kitesurf* em Barra Grande com a natureza, moradores locais e Turismo; **d)** Revelar o processo de configuração do *kitesurf* em Barra Grande, na atualidade, enquanto variedade esportiva e de lazer.
3. **Sobre o método utilizado:** será realizada uma única entrevista no formato presencial, na Praia de Barra Grande, com perguntas previstas em um roteiro em local, data e

horário acordados entre o período de 2 de maio a 30 de junho de 2022. A entrevista será realizada pelo pesquisador Me. André da Silva Dutra no tempo máximo de 1 hora e gravada por aplicativos de celular *android*, similar ou da sua preferência. Caso contrário, a entrevista poderá ser realizada em ambiente virtual, utilizando os programas *Teams*, *Zoom* ou *Skype* para o mesmo período e gravada pelo programa utilizado. Havendo a necessidade poderá ser agendada uma nova entrevista. Após o término das entrevistas suas informações serão de conhecimento, a princípio, dos Pesquisadores Me. André da Silva Dutra e Dra. Maria Cristina, comprometem-se em manter ampla e completa descrição das informações prestadas durante toda condução da pesquisa, bem como lhe mantendo informado sobre os passos da mesma. Será garantido ao (a) Senhor (a) o direito à assistência e indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa (conforme a resolução CONEP 510).

4. Também terá livre acesso aos achados da pesquisa (fatos ou informações encontrados pelo pesquisador no decorrer da pesquisa) que considere relevante. Após sua conclusão as gravações, fotografias e filmagens da entrevista serão armazenadas por 5 anos na Secretaria do PPGIEL, sala de número 10, situada no Prédio da Escola de Educação Física, Fisioterapia Terapia Ocupacional da UFMG, localizada na Av. Antônio Carlos, número 6627 – Campus UFMG – Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 31270-901.
5. **Riscos da pesquisa:** O (A) Senhor (a) pode sofrer um eventual desconforto emocional ao responder algumas perguntas e não permitir que suas informações sejam divulgadas. Pode sentir-se desconfortável com o instrumento tecnológico de gravação utilizado nas entrevistas, podendo sugerir outro instrumento de gravação. Ademais, pode recusar a participar de uma nova entrevista caso os pesquisadores percebam a ausência de informações importantes na primeira entrevista. A inclusão de mais participantes no roteiro das entrevistas pode interferir no cronograma das entrevistas inicialmente previsto. O recorte temporal definido nesta proposição (2000 a 2020) pode ser reconstruído durante as entrevistas. O (a) Senhor (a) recusar a entrevista presencial e preferir a entrevista virtual, em função do atual e do futuro contexto pandêmica do Sars-CoV-2, causador da *Covid-19*, *que pode acentuar a pandemia no Brasil, por meio da contaminação por novas variantes*.
6. **Benefícios do participante:** Não haverá benefícios diretos ao (à) Senhor (a). A sua participação nesta pesquisa trará benefícios à comunidade acadêmica e à sociedade, uma vez que objetiva conhecer as tramas do *kitesurf* em Barra Grande de forma a

reconhecer sua potencialidade, importância e necessidade, como prática de lazer, que ao longo dos anos, influencia a configuração histórica, cultural, social, política, entre outras.

7. **Seus direitos como voluntário, de recusa e desistência:** O (A) Senhor (a), como voluntário, pode recusar a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa sem qualquer penalização ou prejuízo ao tratamento a que está sendo submetido nesta instituição. É importante que o (a) Senhor (a) saiba que esta pesquisa está vinculada ao Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da UFMG, que é o órgão institucional da UFMG que visa proteger o bem-estar dos indivíduos participantes em pesquisas realizadas no âmbito da Universidade. Assim sendo, por se tratar de uma pesquisa de natureza histotográfica, as gravações, fotografias, filmagens, imagens, dentre outros dados do participante oriundos da sua entrevista não serão confidenciais, obedecendo a Resolução do CNS de N.º 510 de 7 de abril de 2016, que permite que os participantes sejam identificados, desde que autorizem a divulgação dos seus dados. Estas informações e dados serão divulgados para fins científicos e de publicações acadêmicas e pedagógicas possíveis, quer sejam na mídia impressa nacional e internacional (artigos, livros, catálogos, revistas, jornais, entre outros), em favor dos pesquisadores da pesquisa especificados no item 3, acima.
8. **Ressarcimento e indenização:** O (A) Senhor (a) não terá qualquer tipo de despesa para participar da pesquisa e não receberá remuneração por sua participação. Cabe destacar que as despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade.
9. **Das vias deste Termo:** Este instrumento será assinado em duas vias, uma para o participante da pesquisa e outra para o pesquisador, contendo a assinatura das duas partes e datado no momento da assinatura.
10. **Dúvidas e esclarecimentos:** Em qualquer etapa do estudo o (a) Senhor (a) terá acesso aos pesquisadores desta pesquisa. O principal investigador é o pesquisador Me. André da Silva Dutra. O (A) Senhor (a) pode contatá-lo através do telefone: (86) 98834-7249 ou pelo e-mail: andredutrinha_3@ifma.edu.br. Se preferir pode contatar a pesquisadora orientadora Dra. Maria Cristina Rosa por meio do telefone (31) 98830-6820 ou pelo e-mail: m.crosa@hotmail. Pode contatar também, em casos de dúvidas de aspecto ético, o COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG, Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar – Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail:

coop@prpq.ufmg.br. Telefone: (31) 3409-4592, no horário de atendimento: 09:00 h às 11:00 / 14:00 h às 16:00 h.

Declaração do (a) participante:

Eu, _____li ou alguém leu para mim as informações contidas neste documento antes de assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Declaro que compreendi a natureza e objetivos da presente pesquisa do qual concordei em participar como voluntário, estando livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade. Declaro também que fui devidamente informado (a) sobre seus objetivos, método utilizado e riscos. Assim como dos benefícios de participante voluntário, de recusa e desistência; sobre o ressarcimento e indenizações; das vias deste Termo e das dúvidas e esclarecimentos. Portanto, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo na condição de entrevistado.

Local, _____ de _____ de 2022

Participante

André da Silva Dutra
Pesquisador principal

Dra. Maria Cristina Rosa
Orientadora

APÊNDICE B – Termo de cessão de direito de uso de imagem

Eu, _____,
 CPF _____, RG _____, depois de conhecer e entender a natureza da presente pesquisa, objetivos, método utilizado; benefícios como participante voluntário, de recusa e desistência; ressarcimento e indenizações; dúvidas e esclarecimentos, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minhas gravações, fotografias, filmagem, imagens, dentre outros, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, os pesquisadores Me. André da Silva Dutra e Dra. Maria Cristina Rosa, do projeto de pesquisa intitulado “**As tramas do kitesurf em Barra Grande – PI (2000 – 2020): bons ventos para voar**” a realizar os registros (gravações, fotografias, filmagem, imagens, dentre outros) que se façam necessárias durante a realização da entrevista sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, **LIBERO** a utilização desses dados (gravações, fotografias, filmagens, imagens, dentre outros) para fins científicos e de publicações acadêmicas e pedagógicas possíveis, quer sejam na mídia impressa nacional e internacional (artigos, livros, catálogos, revistas, jornais, entre outros), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados.

Por ser a expressão da minha vontade assino a presente autorização, cedendo, a título gratuito, todos os direitos autorais decorrentes da entrevista por mim fornecidos, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei 9160/98 (Lei dos Direitos Autorais).

Local, _____ de _____ de 2022

 Participante

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista semiestruturada

Designação dos Blocos	Objetivos Específicos	Formulário de Questões
A - Motivação do participante	Motivar o participante para sua entrevista; explicitar os fundamentos legais e objetivos da entrevista; garantir a confidencialidade e riscos da pesquisa; solicitar autorização para o registo de áudio da entrevista, registros fotográficos e cessão de documentos.	Como você conheceu a Praia de Barra Grande? Por quê? Me explica quais motivos te levaram a escolher Barra Grande como local de moradia/trabalho e visitação turística? Me conta um pouco mais da sua história e relação com Barra Grande?
B – Constituição do <i>kitesurf</i> em Barra Grande	Identificar e analisar o processo de inserção do <i>kitesurf</i> no contexto sócio-histórico de Barra Grande.	Como e quando ocorreram as primeiras práticas de <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Por quais motivos e por quem o <i>kitesurf</i> foi praticado inicialmente em Barra Grande? Você se lembra o período, especificadamente em que o <i>kitesurf</i> passou a ser praticado em Barra Grande? Alguém da localidade (nativo) auxiliava os primeiros praticantes de <i>kitesurf</i> em Barra Grande?
C – Enraizamento do <i>kitesurf</i> em Barra Grande	Discutir os principais fatores que contribuíram para o processo de enraizamento do <i>kitesurf</i> em Barra Grande e a valorização do seu espaço litorâneo ao longo dos anos.	Quando o <i>kitesurf</i> foi inserido em Barra Grande, se lembra quais eram as práticas de lazer feitas na região da praia e do mar? Pode contar como era o turismo antes da inserção do <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Quais as principais mudanças na localidade pode descrever após inserção do <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Quando e como ocorreram os primeiros torneios e eventos de <i>kitesurf</i> em

D – As implicações do <i>kitesurf</i> em Barra Grande F – O <i>kitesurf</i> na atualidade	Abordar as implicações da prática do <i>kitesurf</i> em Barra Grande relacionadas ao turismo, a natureza, aos moradores locais e os animais silvestres que ocorrem na região. Descortinar e examinar como Barra Grande está configurada na atualidade em detrimento da inserção e enraizamento do <i>kitesurf</i>.	Barra Grande? Quem planeja, organiza e promove os eventos e torneios esportivos de <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Quando o <i>kitesurf</i> foi inserido em Barra Grande quais os principais conflitos na localidade você percebeu? E atualmente? Qual a sua opinião sobre a o <i>kitesurf</i> para Barra Grande? Como surgiu sua escola de <i>kitesurf</i>? Quais os equipamentos do esporte disponíveis? Eles são onerosos? Como ocorre o ensino do <i>kitesurf</i> em sua escola?
F – Detalhes pessoais e profissionais do participante	Conhecer detalhes sobre a vida pessoal e profissional do participante em Barra Grande.	Como você obtém lucro financeiro com o <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Quanto você ganha mensalmente com o <i>kitesurf</i> em Barra Grande? Em que período do ano Barra Grande recebe um maior número de <i>kitesurfistas</i>? Porque os ventos alísios que incidem em Barra Grande favorecem o local como ideal para a prática do <i>kitesurf</i>? Gostaria de acrescentar algo sobre o <i>kitesurf</i> em Barra Grande que não foi perguntado nesta entrevista?

APÊNDICE D – Arte da capa



Fonte: arquivo pessoal do autor (2024).

A capa desta tese foi concebida por Igor Maciel, ex-aluno do PPGIEL, em 2025. Ao conhecer parte da minha pesquisa, o artista conseguiu capturar e sintetizar de forma única as minhas conexões com o mar de Barra Grande.

Desde a primeira vez que estive em Barra Grande, em 1995, senti-me totalmente envolvido pela natureza única daquele lugar, embora nunca tenha permanecido tanto tempo ali, conhecendo as paisagens e permitindo que elas me tocassem. Também conheci muitas pessoas, com as quais criei amizades que cultivo com muito carinho. Em Barra Grande,

estamos conectados com a natureza, com as pessoas e, principalmente, com os animais, em uma energia inexplicável que nos envolve, deixando-nos completamente apaixonados.

O momento de maior conexão com esse lugar é quando me sento à beira da praia para assistir ao pôr do sol. É um remédio diário de felicidade: sentir o vento; o cheiro do mar; o som das ondas quebrando na areia; o som peculiar das palmeiras dos coqueiros; as pessoas passando, rindo e brincando. Tudo isso cria uma sensação de paz e plenitude que me envolve profundamente.

A pessoa sentada, vendo o pôr do sol na capa desta tese, sou eu. Dali, observo a prática de *kitesurf* com respeito e admiração. O mar é um *mix* de tradição e de modernidade; de trabalho e lazer; de dúvidas e de certezas; de começos e de fins. A canga sobre a qual estou sentado tem um cajueiro, símbolo do município de Cajueiro da Praia, e ao meu lado, estão os meus melhores amigos em Barra Grande: dois cachorros caramelos. Um deles, que está atrás de mim, em posição de alerta, é a Vitória; e deitado em meu colo está o Cachiorro, aproveitando o meu carinho. Esses cães são os mascotes do povoado, e todos, desde os moradores locais até os turistas, cuidam deles e oferecem amor.

Falando de amor, esse é o verdadeiro sentimento que tenho por tudo o que existe em Barra Grande. Essa capa representa todo o meu amor por ti, minha amada Barra Grande. Muito obrigado!